

LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS - LIBRAS III

Prof.^ª Rosemeri Bernieri de Souza



2019

1ª Edição



Copyright © UNIASSELVI 2019

Elaboração:

Prof.^a Rosemeri Bernieri de Souza

Revisão, Diagramação e Produção:

Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI

Ficha catalográfica elaborada na fonte pela Biblioteca Dante Alighieri

UNIASSELVI – Indaial.

SO729I

Souza, Rosemeri Bernieri de

Língua brasileira de sinais - Libras III. / Rosemeri Bernieri de Souza.
– Indaial: UNIASSELVI, 2019.

263 p.; il.

ISBN 978-85-515-0292-1

1. Língua brasileira de sinais. - Brasil. II. Centro Universitário Leonardo
Da Vinci.

CDD 419

APRESENTAÇÃO

Prezado acadêmico!

É com imenso prazer que apresentamos a você a disciplina de Língua Brasileira de Sinais – Libras III.

Este livro foi formulado com base em estudos recentes e tradicionais, tendo como objetivo apresentar as orientações teóricas e metodológicas que permitirão aprofundar o conhecimento acerca dos aspectos espaciais, icônicos e as representações mentais relacionados a ambos. A Libras é uma língua que se destaca pela sua modalidade cinésico-visual que, como toda língua natural, tem estrutura linguística e discursiva, muitas vezes ligadas ao aspecto representacional, específico da competência humana de lidar com traços cognitivos linguisticamente.

Segundo Rinfret (2009), há pelo menos três particularidades que distinguem as línguas sinalizadas das línguas orais:

1. Os articuladores que são usados nas suas produções;
2. O uso do espaço;
3. O caráter icônico.

Este material, portanto, abordará esses fenômenos, evidenciando os aspectos gramaticais da Libras, sempre reservando seções com explicações mais práticas sobre os fenômenos estudados.

Devido à extensão deste livro, asseguramos que não há, no Brasil, nenhuma gramática que condense tão profundamente os dois últimos aspectos, uma vez que serão vislumbradas diferentes teorias realizadas em língua inglesa, francesa e portuguesa, que trazem exemplos de diferentes línguas de sinais, cujas ocorrências serão exemplificadas em Libras.

A partir dessas assertivas, este livro será assim dividido:

Na Unidade 1, será feita uma revisão e aprofundamento na questão do uso de espaço em dois parâmetros da Libras: o ponto de articulação e o movimento. Serão abordados os aspectos pragmáticos do uso do espaço real concreto e topográfico. O espaço de sinalização será explicado, relacionando-o à noção de *mise-en-scène*, ou seja, de colocar vários elementos, como na montagem de um cenário, dentro da limitação desse espaço. Serão expostas

informações fundamentais sobre o funcionamento da conceitualização do espaço em Libras, comparando-a com a que é feita em línguas orais. Também serão aprofundadas as questões de espacialização sintática e a categorização semântica nas projeções espaciais, por fim serão esmiuçadas as noções de espaço token, de espaço sub-rogado e da troca de papéis.

Na Unidade 2, serão abordadas as funções dos classificadores na descrição de eventos, de formas e tamanhos de objetos de mundo, bem como trazer o entendimento das construções de transferências, lembrando a teoria de Cuxac (1997b, 2000, 2001) e estendendo sua análise segundo o trabalho de Sallandre (2001). Para isso, será retomada a explicação dos processos ditos de grande iconicidade e de como os diversos tipos de transferências se relacionam entre si. Após uma abordagem mais global, as categorias de transferências e classificadores serão rediscutidas sob um ponto de vista mais crítico. Essa medida visa simplificar a explicação, sem, no entanto, deixar de abranger os diversos aspectos envolvidos.

Na Unidade 3, a visualidade da língua de sinais será observada sob vários aspectos mais ligados à percepção e à expressão motriz humana, passando para a discussão da semiótica e da gramática visual. Num segundo momento, serão abordadas as construções imagéticas, quando serão investigados os planos, esquemas, perspectivas, direções e trajetórias, abordando as técnicas e habilidades em descrição visual, bem como as transcrições de elementos icônicos. Enfim, discutindo as concepções de língua e gramática, será abordada a noção de gramática reflexiva, de modo que ela abranja os seus fenômenos espaciais e icônicos da Libras, revisitando alguns níveis linguísticos e pondo-os em evidência em análises baseadas no uso.

Desejamos a você um bom estudo!

Prof.^a Rosemeri Bernieri de Souza



Você já me conhece das outras disciplinas? Não? É calouro? Enfim, tanto para você que está chegando agora à UNIASSELVI quanto para você que já é veterano, há novidades em nosso material.

Na Educação a Distância, o livro impresso, entregue a todos os acadêmicos desde 2005, é o material base da disciplina. A partir de 2017, nossos livros estão de visual novo, com um formato mais prático, que cabe na bolsa e facilita a leitura.

O conteúdo continua na íntegra, mas a estrutura interna foi aperfeiçoada com nova diagramação no texto, aproveitando ao máximo o espaço da página, o que também contribui para diminuir a extração de árvores para produção de folhas de papel, por exemplo.

Assim, a UNIASSELVI, preocupando-se com o impacto de nossas ações sobre o ambiente, apresenta também este livro no formato digital. Assim, você, acadêmico, tem a possibilidade de estudá-lo com versatilidade nas telas do celular, tablet ou computador.

Eu mesmo, UNI, ganhei um novo layout, você me verá frequentemente e surgirei para apresentar dicas de vídeos e outras fontes de conhecimento que complementam o assunto em questão.

Todos esses ajustes foram pensados a partir de relatos que recebemos nas pesquisas institucionais sobre os materiais impressos, para que você, nossa maior prioridade, possa continuar seus estudos com um material de qualidade.

Aproveito o momento para convidá-lo para um bate-papo sobre o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes – ENADE.

Bons estudos!



BATE SOBRE O PAPO ENADE!



Olá, acadêmico!

Você já ouviu falar sobre o **ENADE**?

Se ainda não ouviu falar nada sobre o ENADE, agora você receberá algumas informações sobre o tema.

Ouviu falar? Ótimo, este informativo reforçará o que você já sabe e poderá lhe trazer novidades.



Vamos lá!

Qual é o significado da expressão ENADE?

EXAME NACIONAL DE DESEMPENHO DOS ESTUDANTES

Em algum momento de sua vida acadêmica você precisará fazer a prova ENADE.



Que prova é essa?

É **obrigatória**, organizada pelo INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

Quem determina que esta prova é obrigatória... O **MEC – Ministério da Educação**.

O objetivo do MEC com esta prova é o de avaliar seu desempenho acadêmico assim como a qualidade do seu curso.



Fique atento! Quem não participa da prova fica impedido de se formar e não pode retirar o diploma de conclusão do curso até regularizar sua situação junto ao MEC.

Não se preocupe porque a partir de hoje nós estaremos auxiliando você nesta caminhada.

Você receberá outros informativos como este, complementando as orientações e esclarecendo suas dúvidas.



Você tem uma trilha de aprendizagem do ENADE, receberá e-mails, SMS, seu tutor e os profissionais do polo também estarão orientados.

Participará de webconferências entre outras tantas atividades para que esteja preparado para #mandar bem na prova ENADE.

Nós aqui no NEAD e também a equipe no polo estamos com você para vencermos este desafio.

Conte sempre com a gente, para juntos mandarmos bem no ENADE!



SUMÁRIO

UNIDADE 1 – O ESPAÇO DO PONTO DE VISTA LINGÜÍSTICO E TOPOGRÁFICO.....	1
TÓPICO 1 – O USO DO ESPAÇO REAL CONCRETO E TOPOGRÁFICO EM LIBRAS.....	3
1 INTRODUÇÃO.....	3
2 ESPAÇO CINESIOLÓGICO (FONOLÓGICO) – OS PONTOS DE ARTICULAÇÃO E O MOVIMENTO.....	6
2.1 PONTO DE ARTICULAÇÃO (PA).....	8
2.2 MOVIMENTO (M).....	10
3 ESPAÇO REAL CONCRETO E TOPOGRÁFICO.....	11
4 ESPAÇO DE SINALIZAÇÃO.....	14
5 CENARIZAÇÃO (MISE-EN-SCÈNE).....	18
6 GERENCIANDO O ESPAÇO SINALIZADO NA GRAVAÇÃO DE VIDEORREGISTROS	20
RESUMO DO TÓPICO 1.....	25
AUTOATIVIDADE.....	27
TÓPICO 2 – SEMÂNTICA E SINTAXE ESPACIAL.....	29
1 INTRODUÇÃO.....	29
2 O ESPAÇO SIMBÓLICO PARA REFERENTES AUSENTES.....	31
3 OS MODOS DE CONCEITUALIZAR DAS DIFERENTES LÍNGUAS.....	34
4 ESPACIALIZAÇÃO DAS RELAÇÕES SINTÁTICAS.....	38
5 A DIREÇÃO DO OLHAR NO ESPAÇO DISCURSIVO.....	43
6 AS CONSTRUÇÕES DE SENTIDO NO ESPAÇO.....	46
RESUMO DO TÓPICO 2.....	51
AUTOATIVIDADE.....	52
TÓPICO 3 – OS ESPAÇOS MENTAIS EM LIBRAS.....	53
1 INTRODUÇÃO.....	53
2 OS ESPAÇOS MENTAIS.....	55
3 ESPAÇO TOKEN.....	57
4 ESPAÇO SUB-ROGADO.....	60
5 ROLE SHIFT (TROCA DE PAPÉIS).....	63
6 ANÁLISE DA MESCLAGEM ENTRE OS ESPAÇOS.....	66
LEITURA COMPLEMENTAR.....	69
RESUMO DO TÓPICO 3.....	77
AUTOATIVIDADE.....	78
UNIDADE 2 – O PAPEL DOS CLASSIFICADORES E DAS TRANSFERÊNCIAS NA LÍNGUA DE SINAIS.....	81
TÓPICO 1 – OS CLASSIFICADORES E SUAS CARACTERÍSTICAS.....	83
1 INTRODUÇÃO.....	83
2 CLASSIFICADORES NAS LÍNGUAS FALADAS.....	85
3 CLASSIFICADORES NAS LÍNGUAS SINALIZADAS.....	90

4 CONFIGURAÇÕES CLASSIFICADORAS (METONÍMICAS)	95
5 TIPOLOGIA DOS CLASSIFICADORES NA LIBRAS	100
6 ANÁLISE DOS CLASSIFICADORES EM CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS.....	102
RESUMO DO TÓPICO 1.....	106
AUTOATIVIDADE	107
TÓPICO 2 – TRANSFERÊNCIAS E FENÔMENOS ICÔNICOS EM LÍNGUA DE SINAIS	109
1 INTRODUÇÃO	109
2 ICONICIDADE EM LÍNGUA DE SINAIS.....	112
3 REVISANDO A TEORIA DAS ESTRUTURAS DE GRANDE ICONICIDADE	115
4 TRANSFERÊNCIAS DE FORMA E TAMANHO (TF)	118
5 TRANSFERÊNCIAS DE SITUAÇÃO (TS) E DE PESSOA (TP)	120
6 MESCLAGEM DE TRANSFERÊNCIAS	124
RESUMO DO TÓPICO 2.....	130
AUTOATIVIDADE	131
TÓPICO 3 – DESDOBRAMENTOS DAS TIPOLOGIAS.....	133
1 INTRODUÇÃO	133
2 OUTROS TIPOS DE TRANSFERÊNCIAS	135
3 CLASSIFICADORES DESCRITIVOS, ESPECIFICADORES E TRANSFERÊNCIAS DE FORMA E TAMANHO E DE SITUAÇÃO.....	139
4 SUB-ROGADO, TRANSFERÊNCIA DE PESSOA, CLASSIFICADORES DE CORPO	142
5 ASPECTOS NÃO MANUAIS NOS NÍVEIS LINGUÍSTICOS E DISCURSIVOS.....	144
6 EXPRESSÃO MANUAL, EXPRESSÃO CORPORAL E EXPRESSÃO FACIAL	150
LEITURA COMPLEMENTAR.....	155
RESUMO DO TÓPICO 3.....	161
AUTOATIVIDADE	162
UNIDADE 3 – VISUALIDADE, DESCRIÇÃO IMAGÉTICA E LÍNGUA DE SINAIS.....	165
TÓPICO 1 – POR UMA SEMIÓTICA DA VISUALIDADE NA LIBRAS	167
1 INTRODUÇÃO	167
2 SEMIÓTICA E LINGUÍSTICA COGNITIVA.....	169
3 SISTEMA SENSORIAL E PSICOMOTRICIDADE.....	172
4 PERCEPÇÃO VISUAL.....	175
5 TEORIA DA GESTALT.....	179
6 ONOMÁSTICA EM LIBRAS	183
RESUMO DO TÓPICO 1.....	188
AUTOATIVIDADE	190
TÓPICO 2 – OS PRINCÍPIOS IMAGÉTICOS DA LIBRAS	191
1 INTRODUÇÃO	191
2 FIGURAS, PLANOS, ESPESSURA, SIMETRIA, DIAGRAMAS E DIMENSÕES	193
3 PERSPECTIVAS, DIREÇÕES, TRAJETÓRIAS E MOVIMENTO	199
4 PERCEPÇÃO IMAGÉTICA POR OUVINTES	203
5 COMPREENSÃO E PRODUÇÃO SINALIZADA POR OUVINTES.....	207
6 TÉCNICAS E HABILIDADES EM DESCRIÇÃO VISUAL.....	211
RESUMO DO TÓPICO 2.....	216
AUTOATIVIDADE	217

TÓPICO 3 – GRAMÁTICA, COGNIÇÃO E USO.....	221
1 INTRODUÇÃO.....	221
2 CONCEPÇÕES DE LÍNGUA E GRAMÁTICA	222
3 PENSAMENTO VISUAL	225
4 GRAMÁTICA REFLEXIVA DA LIBRAS	229
5 ANÁLISE LINGUÍSTICA COM BASE NO USO	233
6 TECNOLOGIA A SERVIÇO DA LÍNGUA DE SINAIS	237
LEITURA COMPLEMENTAR.....	242
RESUMO DO TÓPICO 3.....	246
AUTOATIVIDADE	247
REFERÊNCIAS	251

O ESPAÇO DO PONTO DE VISTA LINGUÍSTICO E TOPOGRÁFICO

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

A partir do estudo desta unidade, você deverá ser capaz de:

- explorar o espaço do ponto de vista linguístico e topográfico;
- discutir os diversos tipos de espaços (paramétricos, discursivos, representacionais);
- compreender como é delimitado o espaço de sinalização;
- comparar a Libras à competência de montar um cenário;
- aprender a gerenciar o espaço para fins de criação de videorregistros;
- estudar a semântica e a sintaxe espacial;
- analisar construções semânticas e sintáticas;
- problematizar a capacidade de conceitualização das línguas;
- refletir sobre as diferentes funções do uso da direção do olhar;
- entender o conceito de espaços mentais em língua de sinais;
- compreender o que é o espaço token;
- conhecer o funcionamento do espaço sub-rogado;
- problematizar a construção de sentido no uso do espaço;
- diferenciar o espaço sub-rogado do fenômeno de role shift;
- vislumbrar a mesclagem dos espaços mentais.

PLANO DE ESTUDOS

Esta unidade está dividida em três tópicos. No decorrer da unidade, você encontrará autoatividades com o objetivo de reforçar o conteúdo apresentado.

TÓPICO 1 – O USO DO ESPAÇO REAL CONCRETO E TOPOGRÁFICO EM LIBRAS

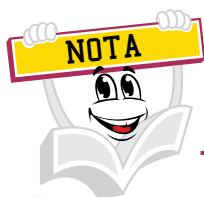
TÓPICO 2 – SEMÂNTICA E SINTAXE ESPACIAL

TÓPICO 3 – OS ESPAÇOS MENTAIS EM LIBRAS

O USO DO ESPAÇO REAL CONCRETO E TOPOGRÁFICO EM LIBRAS

1 INTRODUÇÃO

A modalidade cinésico-visual explora, como elemento gramatical, a tridimensionalidade do espaço, aspecto este que exerce um papel importante na estrutura das línguas de sinais. Diferentemente das línguas faladas, as relações morfossintáticas, semânticas e pragmáticas da língua de sinais são estabelecidas no espaço. Isso se dá porque esses aspectos gramaticais podem ser veiculados simultaneamente no ato discursivo sinalizado (RINFRET, 2009; QUER; STEINBACH, 2015).

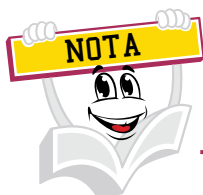


Lembre-se: O termo "cinésico-visual", anteriormente citado, caracteriza a modalidade linguística da Língua de Sinais (LS), em contraposição à modalidade oral-auditiva das línguas faladas. Esse termo corresponde a outros termos empregados por outros autores, tais quais: gesto-visual e espaço-visual. Essa distinção nada mais é do que uma perspectiva diferente sobre o modo de percepção e produção da Língua de Sinais, ou seja, a percepção é visual e sua produção se dá por movimentos do corpo, face, membros superiores e mãos, que caracterizam os aspectos envolvidos na composição de sinais e na articulação discursiva.

Mas não é somente o espaço discursivo e o espaço linguístico que entram em questão quando estamos engajados num diálogo sinalizado e isso não é diferente nas interações que envolvem dois usuários de língua falada, pois, quando duas ou mais pessoas conversam, é preciso que cada uma ocupe diferentes espaços físicos. A massa corporal de uma pessoa ocupa um espaço que é denominado de espaço real (concreto), que poderíamos denominar o espaço do contexto pragmático. Cada pessoa ocupa apenas um espaço físico que, por sua vez, não pode ser ocupado por mais de uma pessoa ou objeto ao mesmo tempo, trata-se de uma lei natural, teorizada pela física, ou seja, o princípio da impenetrabilidade em que dois corpos não podem ocupar o mesmo espaço ao mesmo tempo.

Entretanto, o espaço real, assim como alguns elementos discursivos de uso do espaço, pode ser abstraído, caracterizando-se, portanto, em um espaço mental, cujos princípios estão associados ao uso do espaço topográfico, que se refere ao uso de porções do espaço físico que são ativadas no momento da sinalização, seja na presença ou ausência dos referentes naquele dado contexto.

Em se tratando do espaço discursivo, ou seja, o espaço de enunciação em dado contexto pragmático, os referentes são distribuídos e posicionados em pontos delimitados no ambiente, seguindo uma lógica da organização no mundo real, uma espécie de mapeamento mental, portanto, uma abstração. É nesse sentido que a língua de sinais segue um princípio de cenarização, ou seja, ela permite organizar todo um cenário na tentativa de mapear as relações entre os referentes bem como suas posições e deslocamentos, conforme as representações abstraídas do mundo real. Essa possibilidade está estritamente ligada à visualidade da língua de sinais, logo, trata-se de um efeito de modalidade típico das línguas cinsico-visuais.



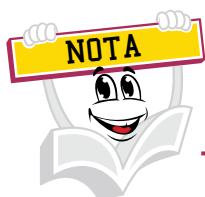
Pragmática é o ramo da Linguística que estuda o uso concreto da língua pelos falantes e sinalizantes nos mais variados contextos de uso. Diferentemente da Semântica e da Sintaxe, a Pragmática vai além da significação, dando especial atenção aos dados extralingüísticos, importando-se, assim, com a comunicação e o funcionamento da língua entre os falantes e sinalizantes. Além disso, preocupa-se com os processos de inferência, ou seja, tudo o que pode ser depreendido do contexto de fala ou sinalização, uma vez que muitas vezes as informações estão implícitas, não são ditas, mas são compreendidas pela análise do conhecimento anterior compartilhado pelos usuários ou na situação de fala ou sinalização que eles se encontram.

Já no nível linguístico, usamos porções do corpo nas quais articulamos os sinais, trata-se do uso de pontos específicos chamados de pontos de articulação. Quando executadas, as configurações de mãos se direcionam a alguns locais, podendo ou não ter contato com o corpo. Em muitos casos, podem ser considerados como traços que distinguem significados, entrando, assim, no nível cinesiológico (equivalente ao fonológico). Nesse nível, o corpo do sinalizante é um corpo abstraído. Em outras palavras, do mesmo modo que os pulmões, língua, lábios, e outros órgãos que estão envolvidos em atividades como a respiração e a alimentação, podem ser solicitados e abstraídos para produzir a fala, os membros superiores, tronco, cabeça, mãos e rosto, que executam diversas tarefas, são também abstraídos para produzir sinais.

Geralmente o uso do espaço pode estar associado a direções do olhar, apontações ou deslocamentos manuais de pontos a outros. Esses recursos manuais e não manuais são usados para recuperar os referentes, segundo a posição que lhes foi circunscrita em determinado ponto do espaço ou ainda descrever espacialmente os movimentos dos referentes de pontos de origem a pontos-alvo.

Quando articulados, os sinais ocupam um espaço delimitado de, em média, 50 cm de cada lateral do corpo, no eixo horizontal, e de 20 cm acima do topo da cabeça a 10 cm abaixo da linha da cintura. Trata-se do espaço de sinalização, ou seja, o espaço linguisticamente adotado e circunscrito para a realização dos sinais, logo, um espaço abstraído do ambiente físico e corpóreo para ceder lugar ao discurso sinalizado.

Vale ressaltar que a captação das frequências visuais da língua de sinais só pode ser feita em imagens dinâmicas por meio de videoregistro, sendo que esse uso tecnológico requer alguns cuidados. Para isso, é necessário seguir certas regras de postura e posição corporal, além da altura e distância entre o sinalizante e a filmadora, entramos, assim, numa parte técnica que pode ter várias funções: traduções de textos escritos para a língua de sinais; entrevistas, criação de corpus ou quaisquer produções que envolvem a Libras oral.



O termo oral se refere ao modo de comunicação não escrita que pode estar relacionada tanto à fala quanto à sinalização, ou seja, a modalidade oral é realizada quando uma pessoa usa uma expressão linguística verbal nas interações do dia a dia (palestra, conversa, aula etc.) ou por meio de registro (da fala por gravador de voz ou aparato audiovisual ou da sinalização por meio de vídeo).

Em resumo, foram mencionadas todas as possibilidades de uso do espaço, desde topográficos, discursivos e técnicos, tudo isso a serviço da descrição funcional do uso linguístico da língua de sinais. Pretende-se, assim, neste primeiro tópico, explicar detalhadamente cada uso, partindo de noções mais concretas para as mais abstratas.

Nesses termos introdutórios, prepara-se o caminho para a compreensão do tema deste tópico “Explorando o espaço do ponto de vista linguístico e topográfico”, cujos objetivos serão:

- lembrar os pontos de articulação na composição dos sinais;
- esclarecer a respeito do uso do espaço real concreto;

- aprofundar o tema sobre o espaço de sinalização;
- abordar o aspecto de cenarização, também chamado de mise-en-scène [mizãcn], na língua de sinais;
- apresentar algumas regras técnicas de uso do espaço para filmagens.

2 ESPAÇO CINESIOLÓGICO (FONOLÓGICO) – OS PONTOS DE ARTICULAÇÃO E O MOVIMENTO

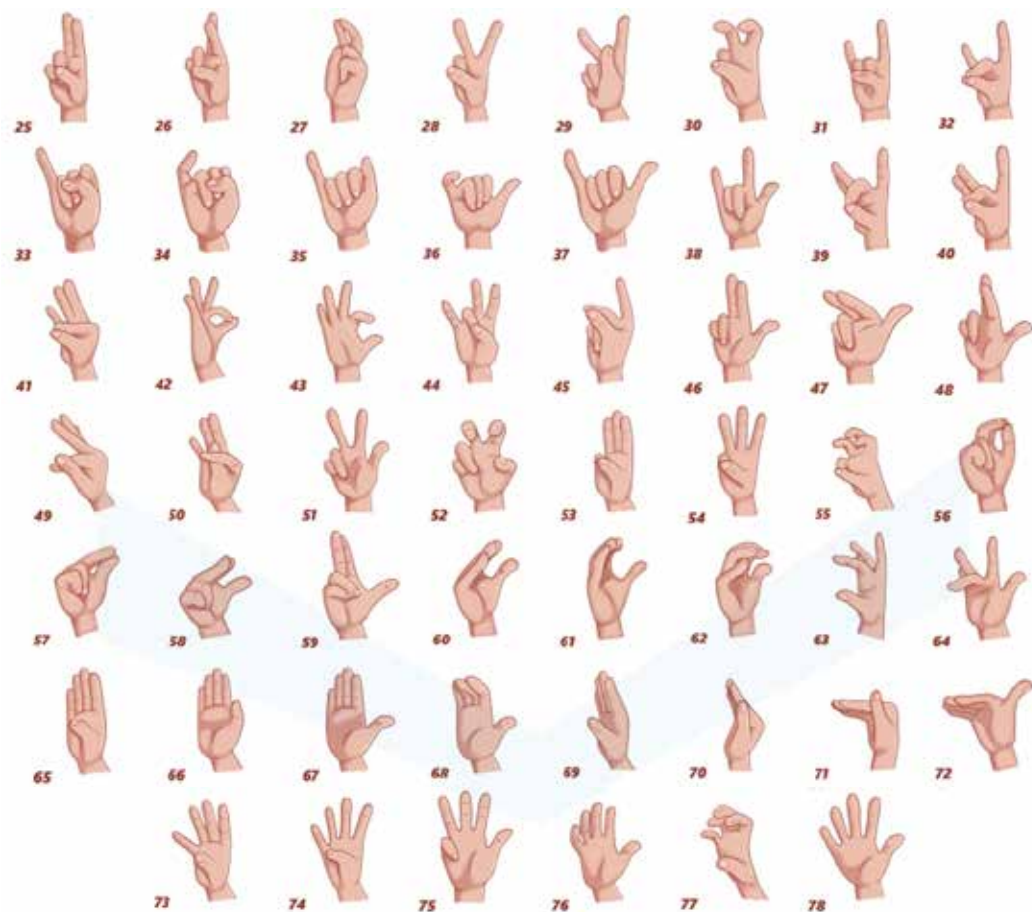
Antes de falar dos pontos de articulação, um dos parâmetros de composição de sinais, vamos recordar quais são os outros elementos cinesiológicos envolvidos no processo de criação lexical (sinais). A nossa exposição não seguirá a ordem canônica de apresentação dos parâmetros que os livros geralmente figuram, pois deixaremos os parâmetros que nos interessam para o final desta seção, que são o ponto de articulação e o movimento.

A configuração de mão (CM)

São as formas que a(s) mão(s) adotará(ão) na execução de determinado sinal e são produzidas pela seleção específica dos dedos. A Figura 1 a seguir apresenta 78 CMs que compõem o inventário lexical da Libras, mas esse conjunto pode sofrer alterações, haja vista que a língua está constantemente se atualizando no uso e nas práticas sociais dos usuários. Algumas são mais recorrentes, outras, porém, como no caso da CM nº 27, estão presentes em neologismos, geralmente gírias, que, devido a sua dificuldade de articulação, provavelmente não será produtiva na criação de novos sinais.

FIGURA 1 – INVENTÁRIO DAS CONFIGURAÇÕES DE MÃO DA LIBRAS





FONTE: <<https://www.facebook.com/498038583575342photos/a.506936599352207.1073741830.498038583575342/1817323854980135/?type=3>>. Acesso em: 31 jul. 2018.

A Orientação da Palma (OP)

Restringidas pela possibilidade de articulação, elas somam o total de seis posições: para cima, para baixo, para frente, para trás, para o lado de dentro e para o lado de fora (possível apenas quando o polegar é virado para baixo).

Expressões faciais

Segundo Ferreira-Brito e Langevin (1995), as expressões não-manuais podem ser articuladas por quatro membros do corpo: a. rosto; b. cabeça; c. rosto e cabeça; d. tronco.

Quais sejam:

a. rosto

sobrancelhas franzidas / levantadas
olhos arregalados / apertados
lance de olhos / olhar fixo
bochecha inflada / contraída
lábios contraídos / separados
nariz franzido

b. cabeça

balanceamento para frente e para trás (sim)
balanceamento para os lados (não)
flexão (inclinação para frente)
hiperextensão (inclinação para trás)

c. rosto e cabeça

cabeça projetada para a frente, olhos levemente cerrados, sobrancelhas franzidas
cabeça projetada para trás e olhos arregalados

d. tronco

inclinação para frente / para trás
inclinação à direita / à esquerda

Daqui em diante, serão tratados mais precisamente o objeto de estudo desta seção, que é o espaço empregado nos parâmetros do ponto de articulação e do movimento.

2.1 PONTO DE ARTICULAÇÃO (PA)

Segundo Ferreira-Brito e Langevin (1995), para a Libras, o corpo está dividido em quatro pontos principais, possuindo, todos, suas subdivisões. Acompanhe a descrição e a Figura 2 a seguir:

a. Cabeça

topo, testa, rosto, parte superior do rosto, parte inferior do rosto, orelha, olhos, nariz, boca, bochechas, queixo.

b. Tronco

pESCOÇO, ombro, busto, estômago, cintura, braços, antebraços, cotovelo, pulso.

c. Mão

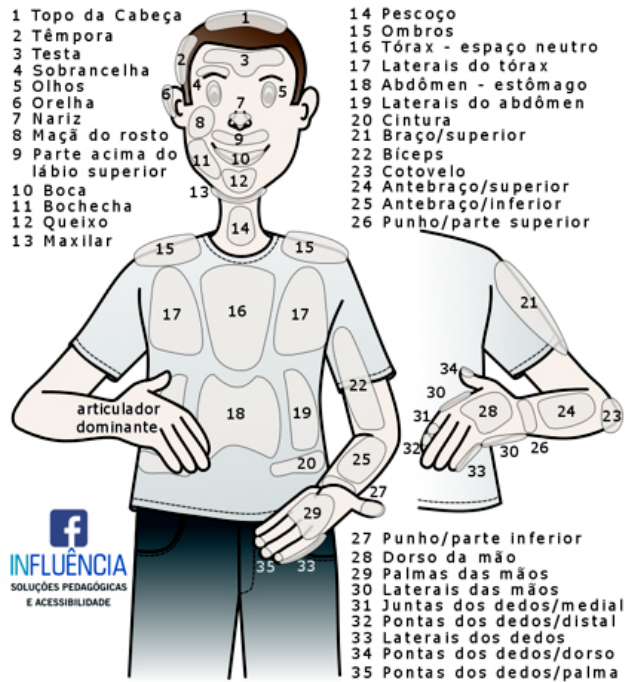
palma, costas, lado indicador, lado dedo mínimo, dedos, ponta dos dedos, dedo mínimo, anular, médio, indicador, polegar.

d. Espaço neutro

Os autores não acrescentaram subdivisões deste ponto, mas pode-se indicar: centro, lado esquerdo, lado direito, lado superior, lado inferior, espaço anterior, espaço posterior. Veja o inventário abaixo que, embora mais limitado que o inventário das CMs, não é exaustivo, pois, como foi dito anteriormente, a língua é dinâmica e pode sofrer variações.

FIGURA 2 – INVENTÁRIO DOS PONTOS DE ARTICULAÇÃO EM LÍNGUA DE SINAIS

PONTOS DE ARTICULAÇÃO EM LIBRAS



FONTE: <<https://www.facebook.com/498038583575342/photos/a.506936599352207/1866277563418097/?type=3&theater>>. Acesso em: 3 dez. 2018.

AUTOATIVIDADE



Com base nas descrições dos pontos de articulação de Ferreira-Brito e Langevin (1995), identifique na Figura 2 as subdivisões que foram acrescentadas à imagem e que não constam na lista dos autores.

Veja que neste parâmetro, o corpo é subdividido em áreas (espaços) em que são articulados os sinais. Assim, pode-se dizer que é uma forma de uso espacial, mais intrínseca à cinética/cinesiologia (fonética/fonologia) da Libras, ou seja, ligada aos elementos articulatórios mínimos dos sinais (os cines – correspondentes aos fones da língua falada) e aos traços distintivos com significado (cinemas – correspondentes aos fonemas da língua falada). Como exemplo de cinemas temos que alguns pontos de articulação poderão ser importantes para a distinção de significados, como é o caso do exemplo clássico do par mínimo SÁBADO e APRENDER, cujo PA é o único parâmetro que se altera, sendo responsável por informar dois conceitos diferentes.

2.2 MOVIMENTO (M)

Os movimentos se materializam por mudanças simples ou complexas dos articuladores principais (mãos e braços). Eles podem se realizar nas seguintes situações:

- a. quando um mesmo sinal modifica sua configuração inicial, por exemplo dos dedos, como no sinal NAMORAR.
- b. quando um mesmo sinal possui duas orientações da palma, na altura da mão, como no sinal SIM, ou do cotovelo, como no sinal JANELA.
- c. quando um sinal apresenta mudança na trajetória, como no sinal ADULTO, que inicia numa altura e finaliza um pouco acima.
- d. quando o sinal é executado desenhando uma forma ou contorno, como no sinal ALTO (pessoa) que apresenta um movimento helicoidal, ou seja, ele descreve uma forma (em caracol) e também uma direção.

Como é possível verificar, alguns desses movimentos são condicionados pelas mudanças do ponto de articulação e mudança de orientação da palma. Há também os movimentos direcionais que são importantes para a classe de verbos direcionais, como o caso de PERGUNTAR, RESPONDER, DAR, e também para a classe de verbos espaciais, tais como, IR, COLOCAR, VIAJAR.

Isso significa dizer que o movimento também lida com porções do espaço de sinalização de forma bem diversificada, o que será exposto à medida que avançarmos nas descrições sobre outros usos de espaço. Serão tratados a seguir aspectos mais amplos e diversos do uso do espaço, agora saindo do eixo central de referência, que é o corpo do sinalizante, para outros tipos de usos.

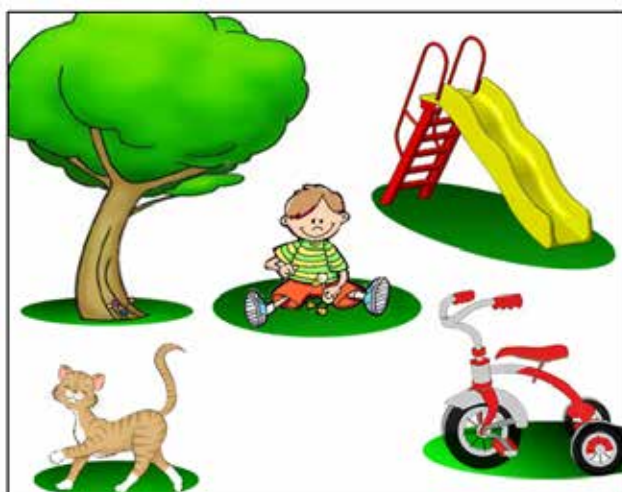
3 ESPAÇO REAL CONCRETO E TOPOGRÁFICO

A noção de espaço real concreto e topográfico tem relação ao espaço que os objetos e seres, animados ou inanimados ocupam no mundo físico. É deste ponto de vista que serão tratadas as relações entre espaço, apreensão do espaço e o uso do espaço concreto em situação de diálogo sinalizado neste momento, mas mais à frente veremos que essas noções podem ser tratadas de forma abstrata. Isso acontece porque todas as nossas experiências concretas se transformam em representações mentais, por isso automatizamos muitas informações, haja vista que conservamos traços de nossas experiências em nossa mente.

Veja a Figura 3, ela apresenta vários objetos de mundo, fabricados pelo homem ou próprios da natureza (uma árvore, um menino, um gato, um triciclo, um escorregador). Um ser humano ocupa a parte central da figura e ao seu lado estão dispostos os elementos que compõem o cenário. Veja que, abaixo deles, há porções de grama que foram assim ilustradas para dar a ideia de que todos esses artefatos, seres e elementos da natureza ocupam um espaço específico. Trata-se de um princípio da lei da física em que dois corpos (coisas que possuem massa e volume) não ocupam o mesmo espaço ao mesmo tempo. Imagine que se o menino subisse na árvore, ele pode até estar em contiguidade, ou seja, muito próximo como uma sequência, mas não iria ocupar o espaço da árvore, ele iria ocupar outro espaço acima dela, pois ambos são impenetráveis.

Em Libras isso pode ser ilustrado com muita facilidade, basta fazer o sinal ÁRVORE em uma mão e com a outra mão configurada em 5 (cinco) representar o menino subindo pelo tronco e se acomodando na copa da árvore. Em português essa simultaneidade não é possível porque há apenas um articulador e ele é interno, assim, as relações são estabelecidas linearmente, ou seja, na fala o aspecto visual não aparece senão em nossas representações mentais.

FIGURA 3 – A DISPOSIÇÃO DAS COISAS NO ESPAÇO FÍSICO



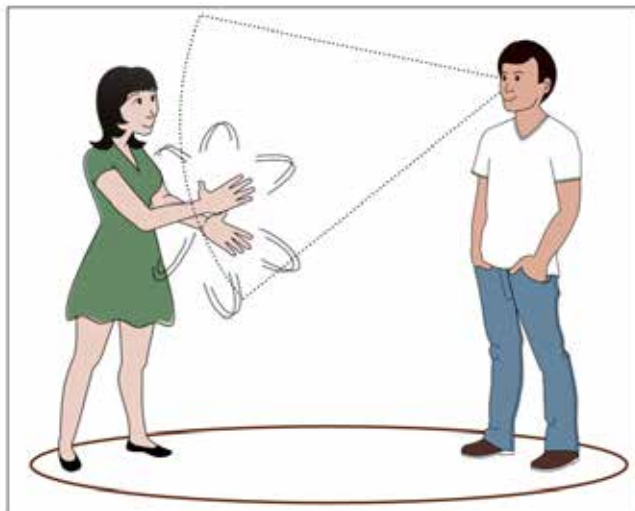
FONTE: Adaptado de <<https://www.freepik.com/free-photos-vectors/trees-cartoon>>. Acesso em: 3 dez. 2018.

É essa característica da Libras e de outras línguas de sinais que leva alguns autores a dizer que ela tem grande potencial à cênarização, assunto que será abordado ainda nesta unidade. Por enquanto vamos nos concentrar na questão do espaço real, agora abordando o lugar que é usado para desenvolver uma conversa face a face.

Tanto em uma conversa sinalizada como em uma conversa falada, os interlocutores estão dispostos frente a frente. A diferença entre ambas é que, mesmo que um interlocutor vire as costas para a pessoa que está falando, as ondas sonoras chegarão aos seus ouvidos, porém, em língua de sinais isso não é possível. A questão é que numa conversa os interlocutores devem estar dispostos de forma que eles possam se ver (em Libras) ou até onde for possível escutar a voz (na fala), de todo modo, essas pessoas ocupam um espaço, um espaço real. Mesmo virtualmente, por telefone ou webcam, ainda assim, é preciso ocupar um espaço.

Na Figura 4, dois sinalizantes estão ocupando um espaço específico que está representado pelo contorno marrom (elipse) abaixo deles. Eles estão frente a frente de modo que o seu campo de visão permita ver a sinalização um do outro, mas ocupam espaços diametralmente opostos que caracterizam dois locus (lugares) concretos. Trata-se do espaço real concreto que tem relação com o aspecto pragmático de uso linguístico, mas o espaço físico está sempre ligado ao homem, em situações discursivas e não discursivas.

FIGURA 4 – DISPOSIÇÃO DOS SINALIZANTES NO ESPAÇO FÍSICO



FONTE: A autora.

Esse recorte da situação linguística, da fala ou da sinalização em ato, ilustra apenas um dos aspectos envolvidos numa conversa, mas os interlocutores geralmente não estão num espaço isolado, eles estão inseridos num contexto. Segundo os estudos em psicomotricidade (BUENO, 1998), a estruturação espacial é parte integrante da nossa vida, assim, o nosso corpo está ligado ao espaço e ao tempo, ou seja, toda nossa percepção do mundo é uma percepção espacial na qual o corpo é o termo de referência. A Libras, devido sua estruturação espacial, ilustra isso muito bem.

Você já ouviu falar em topografia? Provavelmente você já viu pessoas, geralmente em pares, com um objeto sustentado por um tripé, pelo qual um dos especialistas olha, enquanto o outro fica numa certa distância, com uma espécie de barra métrica, não é mesmo? Trata-se de especialistas que avaliam e descrevem a qualidade, dimensões e especificações do lugar (topos no grego). Pois todos os seres humanos são de certa forma especialistas em topografia, haja vista que, na interação com o espaço, criamos relações entre nosso corpo e as coisas e pessoas que nos cercam.



Vale lembrar o estudo realizado em surdos com lesões no cérebro (HICKOK; BELLUGI; KLIMA, 2002), que demonstrou que alguns pacientes perdiam a capacidade de usar devidamente o espaço para se situar no mundo físico, outros perdiam a referência espacial na língua de sinais. Isso demonstra que nosso cérebro é capaz de lidar com dois tipos de espacialização, uma linguística e outra topográfica. Essas capacidades podem ser perdidas dependendo do local em que a lesão foi mais significativa.

Veja a Figura 5, note a disposição do cômodo da casa ou apartamento. O ser humano não se dá conta em como é complexa nossa relação com o mundo físico. Mas esse entendimento fica mais claro quando presenciamos uma pessoa que perdeu a visão e consegue, mesmo assim, de forma compensatória, se orientar no espaço. A Libras, por sua especificidade visual e espacial permite entendermos e desenvolvermos com mais propriedade as técnicas de orientação espacial, ou em outras palavras, orientação topográfica.

FIGURA 5 – PLANTA DE APARTAMENTO



FONTE: <<https://www.vivadecora.com.br/revista/projetos-para-casas-pequenas/>>. Acesso em: 7 dez. 2018.

Em outras seções, vamos ver como as relações topográficas podem servir a propósitos linguísticos da Libras, sobretudo quando um espaço mental real se torna um produto da concepção que o falante/sinalizante tem do espaço físico de um evento narrativo, por exemplo (ANCHIETA, 2017). Nesse sentido, o espaço topográfico pode ser, segundo Rinfret (2009, p. 19), “uma transposição do espaço real que permite esquematizar de modo detalhado uma situação espacial”. Antes disso vamos estudar o espaço de sinalização.

4 ESPAÇO DE SINALIZAÇÃO

Como você viu na Figura 4, a Libras exige que os interlocutores fiquem frente a frente, em posições que permitam abranger o campo de visão dos participantes de uma conversa. Mas isso não é tudo, pois é necessário prestar atenção em como usar o espaço adequadamente, a fim de favorecer uma visualização confortável para a pessoa que está recebendo os enunciados sinalizados.



Quando você estiver na condição de receptor, não fixe o olhar nas mãos do sinalizante. Se você for surdo fluente certamente já sabe disso, mas é preciso saber explicar essa estratégia para o seu aluno ouvinte. Se você é ouvinte, aproveite a dica.

Olhe sempre para o rosto do sinalizante, menos na hora da soletração, isso permitirá ter um apanhado geral de tudo o que está acontecendo dentro do espaço de sinalização. Usamos uma habilidade parecida na leitura, pois a parte central do olho, a fóvea, é que permite ver os caracteres, em número aproximado de nove letras, quatro de um lado e quatro do outro da letra que está sendo fixada. Com a aprendizagem e uso da Libras, a percepção visual muda, permitindo a ampliação da visão periférica. Trata-se de uma habilidade que é preciso desenvolver.

Agora observe a Figura 6, ela mostra qual é o espaço que deve ser usado na hora de sinalizar e o campo que a visão do receptor percebe mais confortavelmente. Qualquer produção fora desse espaço exige uma atenção extra da parte do receptor, reduzindo a concentração. Além disso, numa conversa formal é aconselhável respeitar ainda mais essa delimitação. As narrativas de estórias geralmente avançam esses limites, mas essa é uma outra história que será abordada quando o assunto for cenarização.

FIGURA 6 – ESPAÇO DE SINALIZAÇÃO



FONTE: <<http://sourds.waliceo.fr/actualites/informations/comprendre-grammaire-lsf>>. Acesso em: 7 dez. 2018.

Na Figura 6, elipses informam as dimensões do espaço a ser usado na produção de enunciados, delimitando, verticalmente, uma dimensão que vai acima do topo da cabeça até a altura levemente abaixo da cintura. Se imaginarmos essa imagem observada de frente e numa perspectiva horizontal, a medida de base deve ser proporcional aos antebraços abertos (isso é possível colando os cotovelos na lateral do corpo, abrindo os braços com as palmas voltadas para a frente). Todavia, por se tratar de uma língua tridimensional, a Libras emprega também o espaço à frente do corpo, caracterizado como espaço neutro. Sua dimensão não vai além do antebraço estendido como ilustra a Figura 6.



Guarde bem essa informação, pois em qualquer texto que você lerá, esse sintagma “espaço de sinalização” vai aparecer com frequência, pois ele é imprescindível para a descrição de qualquer língua de sinais, pois é nele que serão realizados todos os aspectos gramaticais e discursivos das línguas de sinais.

O espaço de sinalização, então, pode ser definido como a área tridimensional circunscrita por uma linha imaginária onde os enunciados serão realizados. Nessa delimitação, o corpo do enunciador é tomado como referência. A dimensão empregada permite produzir, confortavelmente, de acordo com as limitações fisiológicas (movimento do corpo, elevação dos articuladores etc.), e proporciona uma recepção também confortável pelo interlocutor, pois não passa de seu campo de percepção visual. Esse espaço pode ser transgredido em narrativas que contam as ações de um personagem, na linguagem coloquial ou ainda na linguagem poética. Ou seja, a língua de sinais licencia alguns usos dependendo da função do discurso.

Para reforçar o que foi dito, o quadro a seguir apresenta uma explicação mais clara. Ela foi extraída de uma página na internet e traduzida do inglês para o português pela autora.

QUADRO 1 – DETALHES SOBRE O USO DO ESPAÇO DE SINALIZAÇÃO

Espaço de sinalização: produção e recepção

Quando uma pessoa surda sinaliza em língua de sinais, em que área dessa gravura o ouvinte geralmente se concentra?



Especificamente, nas mãos? Abaixo do rosto? Nos olhos? Na boca? Normalmente, os alunos da ASL no primeiro dia de aula na "ASL 101" presumem que seja "nas mãos". A maioria deles fica surpresa com a resposta equivocada.



Na verdade, o receptor geralmente se concentra na área da luz desta ilustração: a área do rosto. O receptor pode deslocar da área focal em direção à área periférica (por exemplo, para se concentrar na soletração). Com a prática, um ouvinte poderá eventualmente "estender" ou "ampliar" sua área focal.



A área iluminada geralmente é a linha de limite máxima, dentro da qual um enunciador cinésico-visual sinaliza. O rosto e o tórax são as áreas mais utilizadas na produção sinalizada.

FONTE: <<https://www.handspeak.com/study/index.php?id=126>>. Acesso em: 7 dez. 2018.

Assim, vamos passar para o tema da cenarização que tem a ver com a questão dos aspectos anteriormente discutidos.

5 CENARIZAÇÃO (MISE-EN-SCÈNE)

Agora vamos discutir o conceito de “cenarização” ou “encenação” em língua de sinais, mas antes vejamos uma definição. Segundo o dicionário virtual de sinônimos (disponível em: <https://www.significados.com.br/mise-en-scene/>):

Mise en scène é uma expressão francesa que está relacionada com **encenação** ou o **posicionamento de uma cena**. O *mise en scène* também está relacionado com a **direção** ou **produção** de um filme ou peça de teatro.

Esta expressão surgiu desde as apresentações das peças teatrais clássicas na França, no século XIX, para definir o movimento dos personagens pelo cenário e o posicionamento dos objetos no palco.

Também pode ser considerado *mise en scène* tudo aquilo que aparece no enquadramento, como por exemplo: atores, iluminação, decoração, adereços, figurino, etc. (SIGNIFICADOS, 2019, s.p.).

O conceito de *mise-en-scène* é muito adequado para falar do uso do espaço em língua de sinais. Você lembra da frase que foi empregada para descrever a ação dos profissionais em topografia? Vamos lembrá-la:

Você já ouviu falar em topografia? Provavelmente você já viu pessoas, geralmente em pares, com um objeto sustentado por um tripé, pelo qual um dos especialistas olha, enquanto o outro fica numa certa distância, com uma espécie de barra métrica que será usada como referência, não é mesmo?

Sem dúvida na sua mente, caso você já tenha experienciado tal cena, foram aparecendo representações do aparelho, dos comportamentos dos profissionais, de suas ações e relações espaciais, do lugar onde ocorreu o evento. Ou seja, em qualquer língua é possível fazer descrições desse tipo, não somente pelo seu potencial descritivo, mas principalmente porque as pessoas conseguem fazer recortes das experiências percepto-práticas em representações mentais, relacionando-as com as expressões linguísticas. Veja a Figura 7 para ter uma ideia do que está descrito anteriormente.

FIGURA 7 – PROFISSIONAIS USANDO TOPÓGRAFO



FONTE: <<https://www.gillot-geometre-craponne-69.com/topographie1.php>>. Acesso em: 7 dez. 2018.

Agora pense como você deveria dispor os elementos da ilustração ou a descrição escrita em Português para a Libras. Provavelmente, você teria que distribuir todos os elementos e os agentes no espaço de sinalização, fazer uso de classificadores (veremos mais adiante), de deslocamentos espaciais, fazer uso do corpo para representar a ação de olhar no topógrafo ou de segurar o bastão. Enfim, você deveria compor um cenário, exatamente como se fosse uma peça de teatro, só que usando todos os recursos da Libras, ou seja, fazer uma encenação.

Há versões diferentes que tratam desse tema, uma se encontra em Novak (2005), assim definido por Quadros e Souza (2008, p. 176) ao discorrer sobre os efeitos de modalidade no campo dos estudos de tradução e interpretação.

Novak (2005) apresenta outro efeito de modalidade, porque, o texto em Português tem uma relação temporal e espacial apresentada linearmente, enquanto as Línguas de Sinais apresentam características quadridimensionais, pois utilizam o espaço e o tempo “encarnado” no corpo do tradutor/ator e expressam, por meio do espaço e dos movimentos, relações temporais e espaciais quase como uma encenação, mas em forma de uma língua.

Cuxac (2000) atribui esse potencial descritivo da cenarização ao aspecto fortemente icônico da modalidade da Libras, o qual será investigado com mais profundidade ainda neste livro. O autor declara que a língua de sinais tem duas vias: a lexical e a das estruturas icônicas. Ele explica o segundo princípio dizendo que a língua de sinais tem o potencial de “dizer mostrando” ou “dizer ilustrando”, ou seja, é uma característica da modalidade “dar a ver” o enunciado.

Entretanto, Philippe Séro-Guillaume (2008, p. 187), que também analisa o tema no âmbito dos estudos da tradução, vai dar sua contribuição, dizendo que, “organizar um cenário não consiste em descrever, de modo realista, um evento vivido, mas em imaginar uma cena que condensa o sentido”.

Abordando os dois últimos autores, Pointurier-Pournin (2014, p. 226) declara que “a cenarização permite ao intérprete de representar no espaço de sinalização uma parte do discurso falado, sem seguir os elementos do enunciado palavra por palavra, mas procurando representar visualmente o seu conteúdo”. A autora arrisca mesmo a dizer que há dois tipos de cenarização: a cenarização induzida e a cenarização por composição. A primeira teria um sentido mais ilustrativo, pois apenas introduziria os elementos já presentes no texto de origem e o outro mais metafórico como representar um conceito, por exemplo, como explicar o processo de “ovulação”.

Mais adiante, serão dadas mais informações a respeito da capacidade de montar um cenário e quais os elementos que o compõem. Veremos que, efetivamente, alguns dos efeitos de modalidade, ou seja, as diferenças de ordem estrutural entre Português e Libras não são senão restrições ou possibilidades relativas ao modo de articulação e recepção de ambas as línguas. É uma

característica humana lidar com essas diferenças e usar os recursos linguísticos disponíveis para tal. Não se trata de habilidade que seria possível em uma língua e impossível em outra. Trata-se do que o canal articulatório permite enunciar. Para explicar o processo de ovulação em Português talvez fosse necessário um complemento visual para ficar claro. Assim como para explicar o que é um “cataclisma” em Libras, fosse necessário criar uma metáfora explicativa do conceito. Ou seja, cada língua tem sua especificidade, mas todas conseguem lidar de uma forma ou de outra com as dificuldades de falar de um fenômeno do mundo.

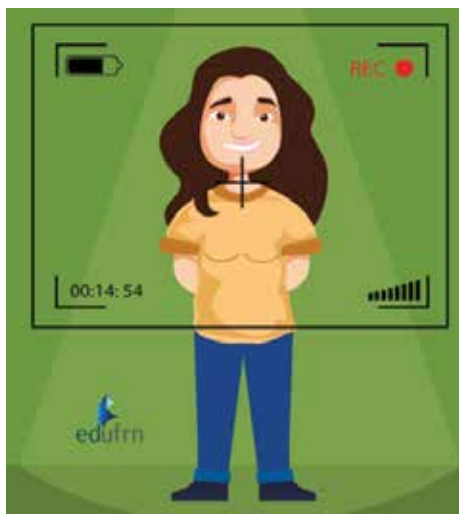
6 GERENCIANDO O ESPAÇO SINALIZADO NA GRAVAÇÃO DE VIDEORREGISTROS

Nessa era digital, saber manusear uma câmera é muito importante, uma vez que muito material escrito está sendo substituído por recursos videografados. Para a Libras isso é ainda mais importante, pois ainda não há uma escrita de língua de sinais totalmente testada e difundida, justamente porque um sistema escrito não consegue colocar em evidência os aspectos espaciais, os movimentos, os deslocamentos de agentes no espaço, entre outros.

Já faz parte da experiência de professores de Libras se depararem com vídeos produzidos por alunos, cuja baixa qualidade dificulta até mesmo a correção do trabalho. Não há a intenção aqui de exigir que cada aluno seja um técnico em filmagens, mas seguir umas regras básicas sempre é importante, principalmente porque iremos fazer atividades filmadas ainda nesta unidade.

Mesmo que o aparelho usado não seja de boa qualidade, uma iluminação adequada com um fundo neutro já resolve bastante. Vamos ver rapidamente cinco regras principais para fazer uma boa filmagem para a sua atividade. A Figura 8 apresenta todos os pontos que vamos discutir: o enquadramento, a estabilidade da câmera, a iluminação, o plano de fundo (visual e sonoro) e ainda questões sobre vestimenta, adereços e cabelo, fundamentais para a qualidade estética do trabalho.

FIGURA 8 – ENQUADRAMENTO DA CÂMERA



FONTE: Simião (2017)

No enquadramento, o sinalizante precisa estar ao centro, deixando uma margem de pelo menos 15 centímetros acima da cabeça. Alguns sinais são realizados no topo da cabeça que exigem um pouco mais de espaço. O mesmo acontece na altura da cintura, o ideal é que se deixe a mesma margem abaixo dessa linha. Isso porque, dependendo do tipo de texto a ser sinalizado, pode haver necessidade de um pouco mais de espaço (narrativas e poemas em Libras, geralmente precisam de uma atenção especial.)

Muitas pessoas gravam vídeos com o celular, cuja tela se apresenta na vertical, com possibilidade de virar na horizontal. A segunda opção não é adequada, pois na hora de postar o vídeo, ele fica virado, dificultando a visualização. Infelizmente, a posição vertical oferece pouca margem nas laterais e, dependendo do sinal, a imagem fica cortada. Prefira, assim, deixar um pouco mais de margem no alto e abaixo para solucionar o problema. Veja um problema desse tipo na Figura 9.

FIGURA 9 – PROBLEMAS DE ENQUADRAMENTO



FONTE: <<https://www.youtube.com/watch?v=2sk-Zvx4WDQ>>. Acesso em: 7 mar. 2019.

Ainda na questão enquadramento, é preciso salientar um ponto muito importante: a estabilidade da câmera. Geralmente, quando as pessoas começam a filmar, elas solicitam a ajuda de outra pessoa para segurar a câmera ou o celular. Quem está filmando não percebe que está balançando o aparelho, com isso os vídeos ficam tremidos e instáveis, tirando a atenção do espectador. Nesse caso, um tripé, mesmo de confecção caseira, pode ajudar.

Com relação à iluminação, escolha lugares com boa luminosidade, de preferência que haja uma janela com a luz do dia logo atrás da pessoa que filma. Essa dica pode solucionar esse problema que influencia grandemente na qualidade da imagem. Ou seja, esse cuidado especial pode trazer melhorias a sua gravação.

O plano de fundo também é um quesito de suma importância, pois é preciso dosar as informações visuais que podem competir umas com as outras. Prefira tons neutros e discretos e que faça um contraste com sua pele e sua roupa. Quando for necessário colocar imagens, prefira ou gravar os vídeos separadamente, sobrepondo a imagem do sinalizante sobre o fundo (o que exigirá programas de edição e competências técnicas específicas) ou então, escolha um fundo neutro, gravando na sequência a imagem do local que se deseja mostrar, ou seja, as duas imagens devem ser apresentadas em momentos distintos. Na Figura 10, há um exemplo desse tipo. Veja que, embora haja uma boa resolução da imagem e uma boa iluminação, os elementos competem entre si, há o que se chama de “poluição visual”.

Outro ponto importante se refere às informações sonoras, que são dispensáveis na gravação em Libras. Procure ambientes silenciosos. Se você for surdo, certifique-se de que as vizinhas ou os vizinhos não estejam no corredor discutindo assuntos pessoais. O ideal seria retirar o áudio em um editor de vídeos, mas se isso não for possível, preste atenção nos ruídos e barulhos externos que podem tirar a atenção do espectador ouvinte.

Outro ponto essencial é a escolha do vestuário, acessórios e o penteado. Simião (2017, p. 7) nos orienta, dizendo que

Em linhas gerais, as cores da vestimenta, da pele e do cabelo do intérprete precisam ser contrastantes entre si e em relação à cor de fundo da janela ou da tela. Isso garante uma boa visualização dos sinais por parte do telespectador e contribui para a qualidade do material. Pessoas com pele clara podem utilizar tons mais escuros, como azul marinho, grafite, preto e marrom. Peles morenas e negras, por sua vez, pedem cores mais claras, como creme, bege, azul claro e salmão.



O material anteriormente citado foi muito bem elaborado pela equipe técnica da Universidade Federal do Rio grande do Norte. Ele contém várias dicas para filmagens, então não deixe de consultá-lo. Ele está disponível em:
<https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/22344/1/Gravacao%20de%20Materiais%20em%20LIBRAS%20na%20SEDIS%20-%20UFRN%28Livro%20digital%29.pdf>.

Para encerrar, acrescentamos a Figura 10, que tem um exemplo de problema de contraste entre fundo, vestimenta e cor da pele do sinalizante.

FIGURA 10 – PROBLEMAS COM CONTRASTE ENTRE OS ELEMENTOS



FONTE: <<https://www.youtube.com/watch?v=UNGtMgd4e7o>>. Acesso em: 7 mar. 2019.

Perceba como os diferentes elementos se camuflam no cenário, desarmonizando a composição como um todo. Dê preferência a camisas de cor única e que contrastam com a pele, como foi orientado por Simião e seus colaboradores (2017). Observe o fundo, nesse caso, uma janela à parte, sobreposta sobre a imagem do ambiente seria mais indicada, ou então a filmagem sequenciada como orientado anteriormente.

Com essa exposição mais técnica, encerramos o primeiro tópico da primeira unidade. O próximo tópico aprofundará a noção de espaços mentais que é muito útil para entender como a língua tem uma relação direta com os aspectos cognitivos da mente humana.

RESUMO DO TÓPICO 1

Neste tópico, você aprendeu que:

- O uso do espaço é uma das diferenças mais marcantes da Libras em relação à Língua Portuguesa. De fato, o uso do espaço consiste em um aspecto bastante complexo da modalidade cinésico-visual. Ou seja, a Libras explora o espaço quadrimensional para expressar enunciados verbais e essa é uma habilidade que exige muita prática.
- Não é somente o espaço linguístico e discursivo que está em questão numa conversa sinalizada, é importante ter ciência de que os fatores como o ambiente e o espaço real concreto que os interagentes ocupam desempenham um papel essencial para a compreensão de um enunciado sinalizado.
- Os seres humanos lidam como que instintivamente com as relações espaciais. Mas, para compreender a Libras, é preciso conhecer essa competência natural para ter um entendimento maior de como isso é explorado linguisticamente. Trata-se do conhecimento topográfico e de como isso pode ser internalizado a fim de ser recuperado como traços cognitivos abstratos para produzir enunciados sinalizados.
- Os pontos de articulação e o movimento podem exigir o uso de espaços específicos, ancorados ao corpo do sinalizante ou no espaço neutro à frente dele. O primeiro parâmetro se refere ao plano cinesiológico, portando mais ligado às unidades mínimas que compõem os sinais, já o segundo parâmetro pode tanto estar ligado às unidades mínimas como com questões semânticas e aos tipos e aspecto dos verbos.
- O espaço de sinalização é uma noção muito importante para a Libras. Trata-se da área que delimita onde os sinais geralmente acontecem. Não se trata de um caráter estrito, pois dependendo da função do texto, a língua licencia a ultrapassagem desse limite. Mas basicamente é o espaço que, verticalmente, envolve o limite que vai do topo da cabeça até uma linha levemente abaixo da cintura e horizontalmente, o espaço necessário que possibilite uma articulação sem cortes laterais.
- A Libras, assim como outras línguas de sinais, usa do recurso de cenarização que tem como objetivo descrever no espaço a posição que os agentes ocupam, o seu deslocamento de um ponto a outro, a relação de distância entre eles, o local que ocupam e as ações que produzem.

- A criação de vídeos em língua de sinais se torna problemática se não forem observados alguns critérios básicos que beneficiarão na qualidade do produto final. Para tal, não são necessários um bom equipamento e uma competência super profissional. Uma atenção especial quanto à posição, estabilidade e lugar de instalação da câmera pode ser de grande ajuda. Além disso, é muito importante observar o contraste entre o plano de fundo, a vestimenta e a cor da pele. Enfim, a Libras exige determinadas questões técnicas ligadas à visualidade que muitas vezes não são relevantes para filmagens de falantes do Português.



Questão única - Como já havia sido anunciado, vamos trabalhar com tratamento de vídeos. Assim, essa atividade é dividida em duas partes:

- 1) análise de vídeos
- 2) filmagem descritiva

Para a execução da primeira parte, escolha vídeos de Libras na internet que apresentem qualquer um dos problemas técnicos citados na seção 6. Faça uma captura de tela e cole-a em arquivo word ou pdf, explicando o que não está correto. Ou se você for surdo, faça um vídeo explicativo em Libras.

Paralelamente, você deverá gravar um vídeo descrevendo a imagem já utilizada na seção 5. Lembre-se de compor o cenário e dar ação aos agentes. Para o arquivo ficar mais leve, é recomendável baixá-lo no YouTube, enviando apenas o link. Se você não quiser que outras pessoas vejam o vídeo, escolha a opção “não listada”, assim somente quem tiver o link poderá visualizar. Atenção para não deixar em modo “privado”, pois o professor não poderá abrir. Também cuide para não enviar o link de edição, mas copie o link que o YouTube disponibiliza assim que o vídeo termina de carregar.



Mas não se preocupe, você poderá solicitar a ajuda de um colega ou ainda aproveitar o encontro presencial para tirar as dúvidas com seu tutor. O ideal é que você assista a bastantes vídeos com atores surdos narrando eventos, situações e pessoas.

Uma informação importante é que você não precisa ser fluente em Libras para fazer essa atividade, você pode usar gestos. O objetivo é colocá-lo frente à situação de composição de um cenário (isso ficará cada vez mais claro na sequência de nosso estudo), será observada, contudo, a qualidade da gravação.

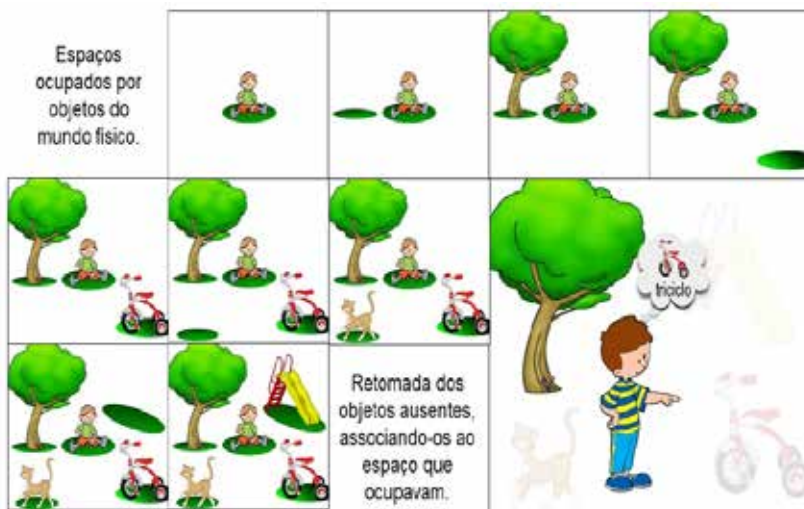
SEMÂNTICA E SINTAXE ESPACIAL

1 INTRODUÇÃO

A semântica e a sintaxe são níveis gramaticais muito importantes para a estrutura das línguas. Por isso, este tópico será dedicado a esses níveis linguísticos, analisando a língua de sinais e fazendo comparações com as línguas faladas, quando necessário.

Na língua de sinais, e na fala por meio de gestos, é totalmente aceitável indicar referentes presentes no espaço do contexto discursivo, em Libras também é possível atribuir, simbolicamente, um locus para indicar referentes ausentes. Isso é viável porque a língua, por se tratar de um sistema de signos, pode atribuir a qualquer elemento uma determinada significação, afinal “nada é um signo, a menos que interpretado como um signo” (PEIRCE, 1931, s/p.). Desse modo, uma porção de espaço pode ser atribuída a um referente, que pode ser atualizado no discurso por meio de diferentes recursos.

FIGURA 11 – APONTAÇÃO A REFERENTE AUSENTE



FONTE: Adaptado de <<https://www.freepik.com/free-photos-vectors/trees-cartoon>>. Acesso em: 3 dez. 2018.

No último quadro da Figura 11 foi usado um recurso para recuperar o signo “triciclo”. Mas a retomada de um espaço anteriormente conferido a um referente pode ser feita de várias maneiras: por um apontamento ao locus, onde anteriormente havia sido produzido um sinal (nome); pode também ser recuperado por um movimento do tronco que se volta levemente para o locus que fora marcado; ou ainda pode ser realizado pelo direcionamento do olhar. Em outras palavras, há articuladores manuais e não-manuais ativos em língua de sinais (o tronco, as mãos, os olhos), enquanto que nas línguas faladas apenas os lábios e a língua é que são ativos.

Essas possibilidades dão características únicas à língua de sinais, por isso alguns pesquisadores, como Meier (2002), acreditam que a modalidade pode exercer certas pressões sobre a estrutura de uma língua, ao que chamou “efeitos de modalidade”. Mesmo sendo uma evidência, isso não descarta o fato de que qualquer língua tem modos de conceitualizar o espaço seja por elementos como as preposições e os verbos de movimento do Português, tais como “sair”, “voltar”, “chegar”, “viajar”, que implicam a noção de deslocamento de um ponto x para um ponto y, seja por relações espaciais como ocorre na língua de sinais, cujo deslocamento está implicado no movimento visível de um ponto x para outro ponto y do espaço pelo articulador. Isso confere à Libras a possibilidade de construir relações sintáticas e algumas funcionalidades semânticas espacialmente.

Mas não é só isso que marca a diferença entre Libras e Português. Com efeito, como afirma Rinfret (2009), a associação espacial desempenha um papel muito importante em uma língua de sinais, porque ela reflete a coerência das estruturas do discurso. Assim como em Português as concordâncias marcam a coesão de um texto, na Libras são as relações espaciais bem realizadas e recuperadas que definem a coesão entre os elementos e a função que exercem no enunciado.

Essas estratégias são tanto manifestações linguísticas como fazem parte do aspecto discursivo, tendo fortes implicações de traços cognitivos na produção sinalizada, alguns chamados de espaços mentais que, segundo Liddell (1995), são de três tipos:

- i) o espaço real mental, que se trata de uma representação de elementos que foram mapeados do ambiente físico;
- ii) o espaço representativo, em que referentes ausentes ou temas são dispostos em determinados pontos do espaço discursivo;
- iii) o espaço substitutivo, no qual o referente é incorporado para reproduzir suas ações em sua proporção aproximativa.



Os termos usualmente adotados em Português são: ii) espaço *token* e iii) espaço sub-rogado, traduzindo *token space* e *surrogate space*, respectivamente. Entretanto, a ideia de substituição, na tradução livre de Rinfret, é bem informativa para a compreensão do conceito. Entretanto, iremos adotar as expressões que são usadas na literatura brasileira.

Outro termo interessante é a troca de papéis, denominado *role shift* em inglês. Esse é um fenômeno que marca a alternância de turnos de conversação entre dois personagens. Ela é realizada pela leve inclinação do corpo ora à esquerda, ora à direita, às vezes associadas com direção do olhar.

Os objetivos do tópico serão:

- compreender o uso do espaço para referentes ausentes;
- discutir os modos de conceitualização das línguas faladas e sinalizadas;
- estudar as relações espaciais em construções sintáticas;
- investigar o papel da direção do olhar para recuperar referentes;
- analisar construções sintáticas e semânticas.

2 O ESPAÇO SIMBÓLICO PARA REFERENTES AUSENTES

O signo, segundo Charles Sanders Peirce, é “algo que, sob certo aspecto ou de algum modo, representa alguma coisa para alguém” (1971, p. 94). O signo, sendo uma manifestação cultural, é fortemente marcado pela convenção social. É essa convenção que faz de um elemento linguístico ter um valor simbólico.

O termo simbólico se remete, então, a um gesto, um sinal, um elemento gráfico, um objeto (como a cruz que representa o cristianismo), ou seja, tudo o que está representando um conceito, uma ideia. Veja que esse significante, nas palavras de Saussure, pode ser algo material ou imaterial, mas necessita se tornar uma abstração capaz de se distanciar daquilo que representa.

Quando estamos usando as convenções da escrita e nos deparamos com a palavra “árvore” temos dois tipos de elementos simbólicos em jogo: a palavra escrita está no lugar da palavra falada, e ambas, palavra escrita e palavra falada, conduzem ao mesmo significado, ou seja, “[...] planta que possui um caule lenhoso, denominado tronco [...] composta por raiz, caule, ramos, flores e folhas” (C. S. Peirce). Veja que, embora existam inúmeras variedades de árvores, é apenas um pequeno signo com valor simbólico, que pode ser escrito, falado, desenhado ou sinalizado, que vai dar conta desse conceito.

Assim, é preciso deixar claro que o sinal representado pela Figura 12 não representa o objeto concreto que vemos no mundo, mas o seu conceito, a sua ideia. Logo, esta imagem está no lugar do conceito de árvore, tendo assim, um valor simbólico.

FIGURA 12 – SINAL DE ÁRVORE



FONTE: <<http://bebefaismoisigne.com/?cat=4&paged=4>>. Acesso em: 9 dez. 2018.

Mas o nível de abstração pode ser ainda maior quando, por convenção de um grupo, torna-se possível designar a uma porção do espaço sinalizado um referente qualquer. A diferença é que um mesmo ponto no espaço pode vir a representar quantos referentes foram ali atribuídos ao longo de uma conversa sinalizada. Todavia, é preciso marcar a coerência e a coesão textual sinalizada, atualizando esse espaço com o referente atribuído, ou seja, informando, por um sinal (nome) o que aquele locus está representando naquele momento preciso, naquele enunciado específico.

A Figura 13 apresenta uma sinalizante que ativou anteriormente um espaço a sua direita, designando-o por RAPOSA, e um espaço a sua esquerda, atribuído a SAPO. O fato de eles estarem transparentes significa que eles não estão presentes, mas, no contexto da sequência enunciativa, há traços de lembrança que fazem com que a apontação se remeta aos significados corretos.

FIGURA 13 – RECUPERANDO REFERENTE AUSENTE POR APONTAÇÃO



FONTE: <<https://itunes.apple.com/fr/book/animais-emmovimento/id605083781?mt=1>>.
Acesso em: 20 maio 2018.

Seria considerada falta de coesão se, no momento de reativação do espaço, ela trocasse as posições dos referentes, ou seja, ao designar anteriormente o espaço a sua direita como RAPOSA, posteriormente indicasse o espaço, explicando que o animal ali representado mora na lagoa.

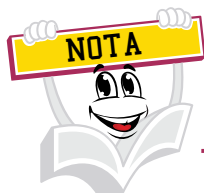
Vale ressaltar que, como foi dito anteriormente na introdução, as porções de espaço designadas a referentes podem ser recuperadas de várias maneiras. Veremos isso com mais atenção na seção 4 do tópico 3, onde será tratado o tema sobre “espaço token” que é justamente o nome dado ao fenômeno de recuperação de referentes ausentes marcados no espaço.

Como é possível depreender, as línguas possuem um potencial simbólico incrível, mas para isso é preciso seguir algumas convenções, ou seja, é preciso que seja compartilhado sócio e culturalmente. Por exemplo, a atribuição do espaço à direita ou à esquerda do sinalizante não significa que ele esteja falando que ele tinha um sapo e uma raposa ali com ele, pois os animais não estão presentes, mas sim os signos que representam seus conceitos, do mesmo modo, se for preciso traduzir a figura para o Português, não é preciso dizer: “A raposa está à direita e o sapo está à esquerda da mulher”. Isso seria fazer uma tradução palavra por palavra, desconsiderando o nível de abstração que tem o corpo da sinalizante e os elementos que ela dispôs no cenário.

Esta seção está somente introduzindo uma discussão bem maior que será aprofundada a seguir. Para isso contaremos com as condensações da pesquisa de Rinfret (2009), com as quais os temas ficarão, certamente, mais claros.

3 OS MODOS DE CONCEITUALIZAR DAS DIFERENTES LÍNGUAS

Meier, Kearsy e Quinto-Pozos (2002) e Meier (2002) foram os primeiros a falar dos efeitos de modalidade sobre as estruturas das línguas. Assim, eles estabeleciam as diferenças e semelhanças entre línguas faladas e sinalizadas. Mas, considerando os efeitos de superfície de uma modalidade cinésico-visual sobre a estrutura das línguas de sinais, tem-se, inerentes a elas, a possibilidade de marcar as relações entre os elementos: o português o faz de forma linear, marcadas pela posição dos constituintes na sentença, a Libras o faz situando os elementos em pontos específicos do espaço, que pode ser realizada simultaneamente (usando um classificador de pessoa de um lado e realizando a ação verbal de outro ou sequencialmente (forma canônica), como na apontação falando de dois referentes, um após o outro.



As reflexões a seguir tomarão como base a tese de doutorado de Julie Rinfret, defendida no Departamento de Linguística da Universidade de Quebec em Montreal, em 2009. Rinfret realizou um trabalho fenomenal de análise e comparação de teorias sobre conceitualização que seria quase impossível falar do assunto sem citar grandes partes de sua argumentação. Assim, o texto a seguir pode ser considerado uma adaptação traduzida do francês, com trechos integrais que serão colocados em forma de citação.

Nas palavras de Rinfret (2009, p. 4),

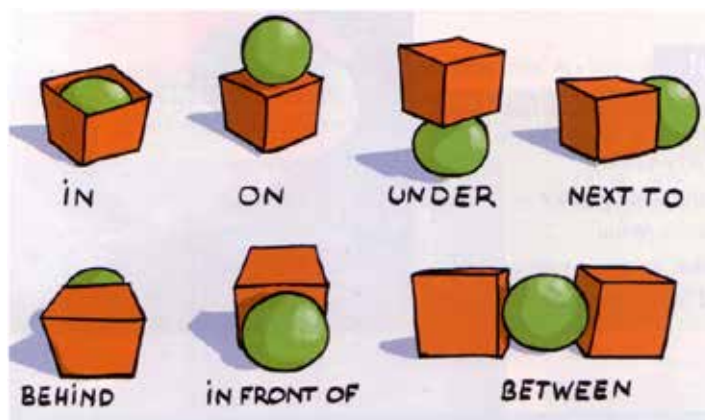
Meier (2002) defende que as línguas de sinais podem ser diferenciadas das línguas faladas devido a características específicas da modalidade, pela qual cada uma é produzida e percebida. Essas características específicas podem ser reagrupadas em três domínios principais, que representam os efeitos possíveis da modalidade sobre a estrutura linguística das línguas de sinais. A primeira característica concerne as propriedades dos articuladores de cada modalidade. A segunda característica se refere às diferentes propriedades de cada um dos sistemas perceptuais. Finalmente, a terceira característica se refere ao potencial dos elementos icônicos e das representações indexicais no sistema visuo-espacial.

Trazendo a discussão da noção de efeitos de modalidade desenvolvidos por Meier (2002) e Meier e seus colaboradores (2002), Rinfret (2009, p. 9) passa a comparar modos de conceitualização de línguas faladas e sinalizadas, afirmando que, embora a modalidade produza efeitos sobre a estrutura das línguas, o potencial conceptual é igual a todas elas, porém, de maneiras diferentes. Segundo ela, “pouco importa a modalidade, as línguas têm a possibilidade de dar conta das representações espaciais por diferentes meios gramaticais”.

Citando os trabalhos de Talmy (2000, 2003), um dos proponentes da teoria dos espaços mentais, Rinfret (2009, p. 9) traz exemplos de como as línguas faladas fazem uso de certas categorias gramaticais que permitem codificar as estruturas espaciais. Trata-se das preposições e dos verbos de movimento, além disso, afirma que “os falantes de línguas orais têm a possibilidade de usar os gestos paralinguísticos a fim de tornar visível alguns esquemas espaciais”.

Você lembra das aulas de inglês sobre preposições, não é mesmo? Veja a Figura 14 para recordar.

FIGURA 14 – AS PREPOSIÇÕES DO INGLÊS




FONTE: <<https://www.englishfromatoz.com/blog/prepositions-of-place>>. Acesso em: 7 mar. 2019.

Você se deu conta de que as mesmas conceitualizações de “*in*”, “*on*”, “*under*”, “*next to*”, “*behind*”, “*in front of*” e “*between*” podem ser designadas respectivamente por “dentro”, “sobre”, “debaixo”, “perto”, “atrás”, “na frente” e “entre” em Português? E que esses mesmos conceitos podem ser designados em Libras pelas posições espaciais dos referentes realizados pelos articuladores principais simultaneamente? Ou seja, as três línguas possuem uma mesma capacidade de conceitualizar, apenas a forma ou estratégia é que muda.

Nas sentenças:

- 1) O carro está passando sobre o viaduto.
- 2) O carro está passando por baixo do viaduto.

Essas noções de localizações espaciais das preposições são marcadas em Libras pela mudança de posição do articulador principal configurado no classificador  “carro” que será colocado em 1) sobre o braço de apoio que representa a ponte e em 2) o classificador do articulador ativo passará embaixo do braço de apoio.

Em português e inglês, as preposições transmitem a noção de espacialidade, assim como alguns verbos ditos de movimento (SAIR, VIAJAR, VOLTAR, PULAR, entre outros). Acompanhe o raciocínio.

“Voltar de” (o verbo marca o movimento de alguém que estava em lugar x, foi para lugar y e agora está de retorno ao local x) Por exemplo: Janaína voltou da França (tem algo implícito na frase escrita, pois não informa onde o enunciador se encontra, necessitando de informações pragmáticas que indiquem de onde esse enunciador fala, se do Brasil, do Japão). Em Libras ou em Português, quando em contexto real de uso linguístico, essa implicatura não é possível, uma vez que o enunciador necessariamente ocupa um lugar específico, um espaço real concreto de enunciação.

O verbo “ir” indica um movimento em trajeto oposto ao do verbo voltar. Entretanto, se usado na frase escrita: “Ela viajou de Florianópolis a São Luís”, agora os locais estão bem explicitados, mas o que está implícito é o pronome “ela”. Isso seria novamente resolvido pelo contexto textual, ou pragmático, se na fala real.

Num enunciado sinalizado, seria necessário estabelecer três pontos: um ancorado ao corpo do sinalizante que se refere a um nome ou ao sinal de MULHER, ou ainda o sinal de PESSOA, para não, necessariamente, informar o gênero. Os outros dois pontos espaciais concernem FLORIANÓPOLIS e SÃO LUÍS. Contudo, há duas formas diferentes que carregam o conceito de viajar: um elemento lexical de baixa motivação e outro elemento com classificador (Y). Isso porque na representação mental de um residente do sul do Brasil está evidente que, por se tratar de uma grande distância que separa as duas capitais, o modo de transporte mais rápido é o avião. Assim, temos que, em Libras, é possível transmitir simultaneamente que “pessoa^{sinal_ancorado} Florianópolis^{locus1} viajar de avião^{classificador_Y_deslocado} São Luís^{locus2} (ver exemplo na sequência de imagens). Enquanto que em português seria necessário dizer que “uma pessoa viajou de Florianópolis a São Luís de avião”.

FIGURA 15 – EXEMPLO DE SENTENÇA EM LIBRAS



FONTE: Canal de Ricardo Barros. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Y9p-ghas0YM>>. Acesso em: 29 jan. 2019.

Perceba que, em Libras, todas as informações espaciais estão explícitas no movimento do articulador que é deslocado de um ponto a outro, enquanto que no português essas informações estão implícitas nos conceitos que as preposições e o verbo carregam. Veja a conclusão de Rinfret (2009, p. 9):

As línguas de sinais não utilizam as mesmas estratégias linguísticas para esquematizar as relações espaciais; a utilização do espaço discursivo permite gramaticalizar as relações entre os elementos do discurso. Algumas relações são abstratas (por exemplo a relação entre um verbo e seus argumentos), enquanto que outras são mais concretas (por exemplo a descrição de um cenário espacial). A utilização gramatical do espaço nas línguas de sinais parece, assim, permitir uma representação “física” das relações contidas no nosso sistema conceitual.

Outra reflexão toma como base a concepção de Travaglia (2004), que defende que o texto narrativo do tipo história se caracteriza pela inserção de situações no tempo e pela não simultaneidade dessas situações, tendo que imprimir ao texto a sequencialização e a ordenação dos acontecimentos. Ou seja, ele parece se basear na ordem sintática linear que os elementos possuem na frase do Português, falado ou escrito. Entretanto, se num conto de fadas depara-se com uma frase do tipo: “Os trabalhadores cultivavam o campo, enquanto a princesa dormia na sua casa”. Embora os elementos estejam dispostos sequencialmente, o advérbio “enquanto” conceitualiza duas ações que ocorrem ao mesmo tempo em espaços distintos, logo ações de acontecimentos simultâneos.

Em Libras, essa conceitualização é marcada pela cenarização e exploração espacial. Ou seja, de um lado apresenta os trabalhadores e do outro a princesa, correspondendo às ações de cada um a porção onde anteriormente haviam sido nominalizados. Muitas vezes é possível marcar essa simultaneidade guardando um sinal congelado com uma mão enquanto que realiza sinais de outra referência com o outro articulador ativo. Esse fenômeno foi denominado ‘boia’ por Liddell (2003).

FIGURA 16 – EXEMPLO DO FENÔMENO ‘BOIA’



FONTE: <<https://www.youtube.com/watch?v=LkoqwbELUR0>>. Acesso em: 1º jan. 2019.

Na Figura 15 é possível ver a mão esquerda com parte do sinal CASA que ficou congelado, enquanto isso a mão ativa realiza outros sinais, no caso da imagem, o verbo TER.

Em conclusão, mesmo que as línguas de sinais não possuam as mesmas unidades gramaticais como as preposições ou as conjunções, ela permite a categorização de espaço e tempo por meio das relações espaciais e pela cenarização simultânea. Ou seja,

[...] existe nas línguas faladas e nas línguas de sinais um conjunto de elementos que permitem representar e distinguir de modo refinado e variado situações espaciais (Talmy, 2003). Uma situação espacial é um evento no qual alguns objetos ou entidades estão em movimento ou estão localizados em relação a outros objetos ou entidades no espaço (RINFRET, 2009, p. 9).

Isso indica que há ainda muita pesquisa a ser realizada na compreensão dos efeitos de modalidade das línguas intermodais e como as estruturas são constrangidas a determinadas construções devido a essa diferença. Vamos aprofundar a questão do espaço para estabelecer as relações sintáticas em Libras.

4 ESPACIALIZAÇÃO DAS RELAÇÕES SINTÁTICAS

Na seção 3 do primeiro tópico, abordou-se a questão do uso do espaço topográfico e agora vamos aprofundar como essa noção é fundamental para determinar as relações sintáticas de alguns verbos.

Alguns autores fazem distinção entre a utilização sintática e topográfica, porém Liddell (1990, 1995) e Engberg-Pedersen (1993, 2003) rejeitam essa distinção. Para os autores, as relações espaciais fazem parte de um espaço semanticamente motivado e topograficamente organizado (RINFRET, 2009).

Antes de entrar nesse detalhe, vamos rever os tipos de verbos em língua de sinais. Confira-os na rápida definição de Correa (2007), baseado em Quadros (1997):

Verbos plenos: são verbos não flexionados em pessoa e número e não utilizam afixos locativos. Alguns deles podem flexionar-se em aspecto. Exemplos desta classe em LSB são os verbos CONHECER, AMAR, APRENDER.

Verbos com concordância: também não utilizam afixos locativos, mas são flexionados em pessoa, número e aspecto. DAR, ENVIAR, PERGUNTAR são exemplos desta categoria.

Verbos espaciais: são verbos que tomam afixos locativos. Dentre os exemplos estão os verbos VIAJAR, IR, CHEGAR.

Segundo Quadros, Pizzio e Rezende (2009), há também os verbos chamados de manuais, que são assim denominados, pois simulam a apreensão de objetos de mundo que incorporam as ações de manuseio de determinado objeto, aparelho ou ser animado. São exemplos de verbos manuais: VARRER, ESPREMER-LARANJA, LIXAR-UNHA, entre outros.

De todos os verbos descritos, pelo menos três deles precisam, em diferentes graus, associar espacialmente um referente a um lugar, denominado locus, no espaço discursivo. Mas antes vamos rever como é realizada a marcação pronominal para referentes presentes e ausentes, visto que isso é muito pertinente sob o ponto de vista gramatical.

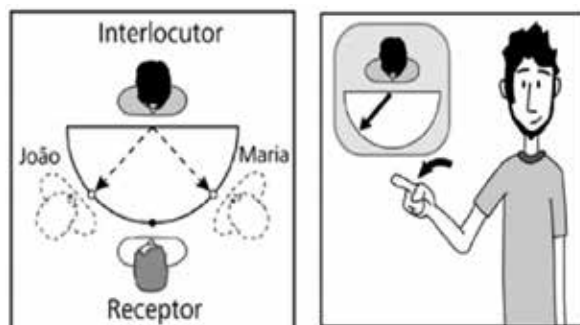
FIGURA 17 – MARCAÇÕES PRONOMINAIS COM REFERENTES PRESENTES (EU, VOCÊ)



FONTE: Lillo-Martin e Klima (1990 *apud* QUADROS; PIZZIO; REZENDE, 2009, p. 4)

Na Figura 16, é possível identificar a marcação para referentes presentes em que as apontações e marcações são feitas em direção aos interlocutores presentes. Traços dessas mesmas posições podem ser retidos para designar referentes ausentes. Veja na Figura 17, como se dá a marcação, no caso, o receptor continua presente, mas há duas posições marcando referentes ausentes (ilustrado pelo pontilhado). Importante notar que, ao se referir à terceira pessoa que está ausente (ele ou ela), o olhar do sinalizante permanece fixo no receptor, mas sua apontação se dirige à esquerda ou à direita, de acordo como se convencionou usar o espaço.

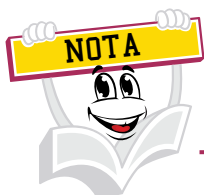
FIGURA 18 – MARCAÇÕES PRONOMINAIS COM REFERENTES AUSENTES (ELE/ELA)



FONTE: Lillo-Martin e Klima (1990 *apud* QUADROS; PIZZIO; REZENDE, 2009, p. 4)

A associação dos verbos de concordância aos locus designados a referentes ausentes se dá de uma forma semelhante, caso o discurso esteja em primeira pessoa (por exemplo, ‘eu perguntei a ela’). Assim, o sinalizante, após ter designado os locus dos objetos discursivos (Maria e João), pode recuperá-los de várias formas, tais como: o uso de apontação; a direção do olhar ou simplesmente a realização de um verbo direcional, classificador ou espacial.

Note que o locus do referente Maria se encontra à esquerda do sinalizante e o locus do lado direito foi atribuído ao João e que o olhar do sinalizante (o enunciador) mantém-se sempre orientado ao receptor.



Na seção 5 do próximo tópico, serão aprofundadas informações sobre o role shift (troca de papéis), que é o nome de um fenômeno muito semelhante, mas que está mais associado ao aspecto narrativo do discurso em terceira pessoa e, nesse caso, o corpo do sinalizante se volta para os espaços designados aos referentes, ocasião em que há a ruptura do olhar do narrador com o interlocutor. Por enquanto, vamos tentar compreender melhor a questão dos verbos de concordância, também chamados de verbos direcionais, os verbos espaciais e alguns verbos manuais que envolvem locativos como argumentos, visto que todos têm em comum o uso do espaço.

Para Quadros e Karnopp (2004), alguns verbos concordam com o sujeito, com o objeto direto ou indireto da sentença, por meio de uma relação entre pontos estabelecidos no espaço e os argumentos que podem estar associados ao verbo.

Quando o sujeito é a primeira pessoa do discurso (eu), o verbo parte do corpo do sinalizante em direção a um espaço delimitado, como no exemplo da Figura 19, que pode ser transcrito “Eu te dou (algo)/ eu te entrego (algo)”.

FIGURA 19 – VERBO DAR/ENTREGAR DE PRIMEIRA PARA SEGUNDA PESSOA



FONTE: Ferreira (2013, p. 48)

Já se o sujeito for a segunda pessoa do discurso, a direção é invertida, ou seja, o movimento do verbo parte do espaço neutro para o corpo do sinalizante: “Você me dá (algo)/ Você me entrega (algo)”, como mostra a Figura 20.

FIGURA 20 – VERBO DAR/ENTREGAR DE SEGUNDA PARA PRIMEIRA PESSOA



FONTE: Ferreira (2013, p. 48)

A Figura 21 apresenta o verbo dar/entregar flexionado em terceira pessoa, considerando que o sujeito (ele ou ela) está marcado em um ponto do espaço (ponto a) que está à direita da sinalizante e o objeto indireto (ele ou ela) que está no lado esquerdo (ponto b), podendo ser traduzido como ele(a) entregou (algo) para ela(e). Incorporado ao verbo está o objeto direto que deve ter sido lexicalizado anteriormente, pois quem entrega, entrega alguma coisa a alguém, por exemplo: As chaves, ele entregou para ela.

FIGURA 21 – VERBO DAR/ENTREGAR DE TERCEIRA PARA TERCEIRA PESSOA



FONTE: Quadros e Karnopp (2004, p. 42)

Perceba que o verbo chegar também, por se tratar de um verbo espacial, inicia-se no espaço neutro (em frente ao tórax do sinalizante), deslocando-se para um ponto do espaço, como mostra a Figura 22.

FIGURA 22 – VERBO ESPACIAL CHEGAR



FONTE: Capovilla e Raphael (2001, p. 398)

Entretanto, esse verbo, por ser intransitivo, não traz informações incorporadas a ele, necessitando especificar quem chegou (sujeito) e, opcionalmente, onde (complemento).

Semelhantemente, o verbo manual “COLOCAR” incorpora o objeto direto e é realizado por um deslocamento espacial em direção a um locativo que incorpora um objeto indireto, por exemplo: “Ele coloca (algo – objeto direto) em (algum lugar – objeto indireto)”, como mostra a Figura 23.

FIGURA 23 – VERBO MANUAL COLOCAR



FONTE: Ferreira (2013, p. 46)

Perceba que a compreensão do que está sendo colocado e o lugar onde é colocado deve ter sido anteriormente lexicalizado, esse algo é um bolo (o objeto direto incorporado na forma da mão) e o lugar em que está sendo colocado é o forno (o objeto indireto cujo locus pode ou não lhe ter sido anteriormente estabelecido).

Vimos aqui que a Libras apresenta uma sintaxe espacial, dependendo do verbo em questão. Por isso, o uso do espaço é uma habilidade muito importante a ser desenvolvida, pois, quando mal-empregado, pode comprometer a compreensão. Na seção 6, veremos como se dá a relação sintática e semântica, ainda salientando a importância do espaço na gramática da Libras, enquanto isso, vamos entender como o espaço designado a um referente pode ser retomado pela direção do olhar, contemplando as funções que ela exerce nos aspectos lexicais, gramaticais, discursivos e literários.

5 A DIREÇÃO DO OLHAR NO ESPAÇO DISCURSIVO

A direção do olhar é um elemento muito importante para a gramática espacial da Libras. Segundo Sutton-Spence e Woll (1999), há pelo menos sete funções da direção do olhar em Língua de Sinais Britânica:

1. marcação de contraste lexical (como BOSS e GOD, que são pares mínimos que diferem apenas na direção do olhar);
2. apontar um referente ou traçar seu movimento;
3. para indicar uma mudança de papel (*role shift*);
4. distinguir questões genuínas de pseudoquestões;
5. para indicar tomada de turno de conversação em diálogos;
6. para transmitir informações temporais (o olhar é dirigido diferentemente ao se falar de passado, presente e futuro);
7. relevantes também para a sinalização poética (cf. KANEKO; MESCH, 2013).

É importante ressaltar que em Libras parece não haver um par mínimo como indicado no item 1, porém é certo que o sinal DEUS é geralmente acompanhado da direção do olhar, como mostra a Figura 24.

FIGURA 24 – O SINAL DEUS



FONTE: <<https://www.youtube.com/watch?v=AUK5LuYQ9Fw>>. Acesso em: 7 mar. 2019.

Conforme Risler (2014, p. 7), o uso do olhar pode ser operado por estabelecimentos de direção e rupturas, que geralmente são combinados com o movimento manual, mas, sobretudo, ele é altamente relevante para a concordância de verbos direcionais-espaciais. Ela diz que:

A ruptura da direção do olhar marca uma saída do espaço da referência compartilhada. Caracteriza um espaço relacional ou sintático. O olhar em um local contribui para a construção espacial sintática. A direção do olhar é um marcador espacial, combinado com o movimento manual. Os trabalhos de Thompson et al. (2006) para a ASL (American Sign Language), Hansen (2007) para a DGS (German Sign Language), Risler (2002 e 2006) ou Fusellier-Souza (2004) para a LSF e Meurant (2008) para a LSF (Língua de Sinais Francesa da Bélgica) mostram que a concordância verbal, nos verbos de deslocamento ou nos verbos direcionais, é governada pelo olhar. O predicado inscreve uma relação espacial entre argumentos. A passagem de elementos próximos ao interlocutor para um olhar localizado tem a função de gramaticalizar o espaço. A direção do olhar torna possível distinguir entre as referências nominais, que resultam de um movimento manual com um olhar compartilhado, e os predicados que o movimento manual e um olhar-apontação relacionam em pontos do espaço.

Portanto, a direção do olhar pode se realizar de modo isolado, relacionada às marcações verbo-direcionais e/ou às marcações corporais discursivas na recuperação referencial. Vamos, assim, concentrar esforços em compreender esses empregos.

Tang e Sze (2002) descrevem a importância do direcionamento do olhar para a determinação do espaço em que um referente está associado. Muitas vezes, o olhar acompanha a direção em que o verbo é articulado, conforme a Figura 25, em que o verbo direcional VER é acompanhado da direção do olhar que está voltada para o mesmo locus à esquerda.

FIGURA 25 – DIREÇÃO DO OLHAR ACOMPANHANDO A DIREÇÃO DO VERBO VER



FONTE: <<https://www.youtube.com/watch?v=Kx3JV2UuXFE>>. Acesso em: 7 mar. 2019.

A Figura 25 mostra que olhar do narrador está associado à direção do verbo VER, mas também à incorporação de uma personagem, portanto, no âmbito discursivo. Ambos, direção verbal e direção do olhar remetem a um referente já anteriormente vinculado ao espaço para o qual se voltam. O olhar também pode acompanhar a trajetória de um verbo direcional, como no caso do verbo DAR/ ENTREGAR, como ilustra a Figura 21 anteriormente apresentada, portanto, a direção do olhar é importante no nível sintático.

Campello (2008) revela a importância da direção do olhar para o processo que chama de transferência de localização, ou seja, quando um referente, representado por determinada configuração de mão, é deslocado de sua posição inicial para uma posição final, trajetória essa que geralmente é acompanhada pela direção do olhar. Veja o exemplo na sequência da Figura 26, em que um grilo é percebido de duas perspectivas: do narrador e da personagem.

FIGURA 26 – DIREÇÃO DO OLHAR ACOMPANHANDO A TRANSFERÊNCIA DE LOCALIZAÇÃO DE UM REFERENTE



FONTE: <<https://www.youtube.com/watch?v=Kx3JV2UuXFE>>. Acesso em: 7 mar. 2019.

Veja, na primeira sequência, que o olhar segue o deslocamento do referente GRILLO ao longo do enunciado. Na sequência 2 também, entretanto, trata-se do olhar da personagem FLOR que vê o grilo se aproximar dela. Perceba como o corpo de sinalizante se curva para trás, caracterizando uma narração tridimensional em que o corpo narra em primeira pessoa as expressões da personagem, apoiada por classificador (as pernas do grilo) que usa o espaço para marcar a aproximação de um referente ao outro.

Mas, como defende Kaneko e Mesch (2013), a direção do olhar exerce várias funções na poética da língua de sinais. A Figura 27 apresenta exemplos desse uso.

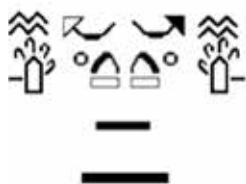
FIGURA 27 – DIREÇÃO DO OLHAR EM POÉTICA



FLOR -
DESABROCHAR _(CL)



FLOR -
DESABROCHAR _(CL)



MUITAS-FLORES-
DESABROCHANDO _(CL)

FONTE: Barros (2015, p. 61)

Como é possível verificar, as direções do olhar, apresentadas na sequência da Figura 25, parecem colocar em evidência o fenômeno de desabrochar de flores, focalizando cada detalhe do processo.

Concluindo essa seção, pode-se dizer que saber usar a direção do olhar para recuperar referentes no espaço ou marcar distinções discursivas é muito importante para o desenvolvimento da fluência em língua de sinais. Na próxima seção vamos ver como espaço e direção do olhar podem estar associados para a recuperação do sentido semântico da Libras.

6 AS CONSTRUÇÕES DE SENTIDO NO ESPAÇO

Um mesmo sinal pode ser produzido em pontos diferentes do espaço, gerando novos significados. Assim, o espaço tem um papel relevante na construção do sentido da sentença, por isso está também relacionado a questões semânticas, morfológicas e sintáticas. Um exemplo típico no nível morfológico é a marcação de plural e coletivo, que pode ser evidenciado na repetição do sinal ÁRVORE no exemplo da Figura 28.

FIGURA 28 – REPETIÇÃO DO SINAL ÁRVORE GERA UM NOVO SINAL: FLORESTA



FONTE: <<https://www.youtube.com/watch?v=Kx3JV2UuXFE>>. Acesso em: 7 mar. 2019

Perceba que não é somente a repetição que está envolvida na ampliação semântica do sinal *ÁRVORE*, mas movimentos, deslocamentos dos articuladores principais e do corpo, a repetição pelos articuladores esquerdo e direito e expressões faciais. Os olhos estão cerrados como se o narrador contemplasse ‘a perder de vista’ e o olhar não segue o sinal, mas está sempre ‘olhando além’ no espaço neutro, à esquerda do articulador. Essas mudanças do sinal convencional estão relacionadas à dimensão morfológica. Assim, a incorporação de movimentos indica marcação de plural (*ÁRVORES*) ou a criação de um substantivo coletivo (*FLORESTA*).

As repetições também podem estar relacionadas à flexão de verbos, como é possível visualizar na Figura 29.

FIGURA 29 – REPETIÇÃO VERBAL DO VERBO DAR/ENTREGAR (MÚLTIPLOS)



FONTE: Quadros e Karnopp (2004, p. 120)

A esse respeito, salienta Ferreira (2013, p. 44), ao dizer que

Conforme Pizzo (2006), a direcionalidade na sinalização dos verbos com concordância representa as relações semânticas, uma vez que a orientação da mão é voltada para o objeto da sentença, o que estaria associado à marcação de Caso. Nas palavras de Meier et al (2006), os verbos de concordância “codificam o papel sintático dos argumentos, como as características de pessoa e número através da direção do movimento das mãos e posição das palmas”.

Vale salientar que essas repetições e movimentos necessitam do espaço para se realizarem, assim, pode-se dizer que os pontos estabelecidos são porções de espaço semantizado. Veja outros exemplos de construção de significado a partir do espaço e da repetição do sinal.

FIGURA 30 – REPETIÇÃO DO SINAL CASA GERA “CORTIÇO”



FONTE: <<https://www.youtube.com/watch?v=LkoqwbELUR0>>. Acesso em: 1º jan. 2019.

Observe na Figura 30 que ocorre o mesmo fenômeno descrito no exemplo do sinal ÁRVORE, ou seja, da repetição do sinal CASA há uma ampliação semântica para o conceito de “casas que servem de habitação coletiva”, um CORTIÇO. Perceba que o olhar do narrador é dirigido para o espectador, entretanto, sua direção pode ser importante veiculador de outros significados, observe o exemplo a seguir.

FIGURA 31 – UMA CASA AO LADO DA OUTRA



FONTE: <<https://www.youtube.com/watch?v=LkoqwbELUR0>>. Acesso em: 1º jan. 2019.

Note que antes de o narrador situar a casa ao lado, ele antecipa a construção semântica dirigindo o olhar à esquerda do sinal para somente então repetir o sinal naquele espaço. Esse olhar é que diferencia o significado da sentença, ou seja, não se trata do plural CASAS, mas de uma sentença “uma casa ao lado da outra”.

Um novo significado pode ser acrescentado, a exemplo da Figura 32, em que parte do sinal CASA é mantida pela mão de apoio (não-ativa), enquanto que a outra realiza o sinal ATRÁS, gerando a sentença “atrás da casa”.

FIGURA 32 – ATRÁS DA CASA



FONTE: <<https://www.youtube.com/watch?v=LkoqwbELUR0>>. Acesso em: 1º jan. 2019.

Entretanto, quando o sinal não permite a manutenção de uma de suas partes ou quando mais de um sinal é realizado, a construção é modificada, como no exemplo da Figura 33.

FIGURA 33 – AO LADO DOS ESTABELECIMENTOS



FONTE: <<https://www.youtube.com/watch?v=LkoqwbELUR0>>. Acesso em: 1º jan. 2019.

Os sinais LOJA e BAR são sinalizados para então expressar que, ao lado desses estabelecimentos há uma área. Assim, a mão de apoio cria uma divisão em configuração classificadora vertical separando os dois estabelecimentos de algo que será narrado a seguir. O olhar está dirigido a esse lugar, permitindo a compreensão de que “ao lado da loja e do bar há uma área”.

Novamente é preciso reforçar que todas essas estratégias linguísticas e discursivas exploram o espaço de sinalização, cujas porções são semantizadas para a construção do significado. Com isso, chegamos ao final do tópico 2, que se trata de um preparo para o tema do próximo tópico. Este abordará os aspectos cognitivos que são inerentes a esses usos gramaticais do espaço sinalizado.

RESUMO DO TÓPICO 2

Neste tópico, você aprendeu que:

- A semântica e a sintaxe espacial são níveis gramaticais muito importantes para a estrutura da Libras, uma vez que os referentes ausentes podem estar estabelecidos em porções do espaço de sinalização, recuperáveis por meio de diferentes estratégias.
- Assim, pode-se dizer que construções simbólicas do espaço permitem recuperar referentes anteriormente mencionados e designados a ocupar determinada localização ao longo do enunciado ou do discurso. Nisso consiste a abstração de elementos concretos, tais como o corpo do sinalizante, o espaço, as indicações gestuais, a serviço da construção do significado no uso linguístico.
- Somado a isso, a linguagem verbal permite a conceitualização que são próprias a cada língua, uma vez que ela se constrói de representações sociais e culturais. Para discutir essa questão, foi abordada a teoria dos efeitos de modalidade (MEIER, 2002), que, de certa forma, é reducionista e não explica senão os aspectos periféricos da articulação linguística, haja vista que todas as línguas possuem formas diferentes de conceitualizar o mundo, independentemente da modalidade empregada.
- O fenômeno que Liddell (2003) chama de “boia” se torna possível porque os articuladores principais das línguas de sinais permitem a produção simultânea de sinais diferentes, ou seja, quando um sinal é realizado, todo ou uma parte dele pode permanecer congelada pelo articulador passivo enquanto o articulador ativo realiza outros sinais. Mas, devido a limitações articulatórias, nem todo o sinal pode ser congelado, assim como nem todos os sinais podem ser produzidos com uma única mão.
- As relações entre os elementos verbais e nominais da Libras se dão pela semantização do espaço e pela organização topográfica dele, isso porque o espaço faz parte da gramática dessa língua, uma vez que porções dele são atribuídas a referentes distintos, que verbos direcionais e espaciais exploram essas porções, a fim de estabelecer a concordância entre os componentes sintáticos e que o uso adequado dessas porções permite a construção do significado.
- A direção do olhar faz parte da gramática da Libras que desempenha as funções de recuperação referencial, de evidenciação de fenômenos linguísticos e poéticos, nas transferências de localização de um referente que se desloca no espaço sinalizado, na complementaridade dos verbos direcionais que podem assumir a perspectiva do narrador ou de uma personagem e de marcação de contraste lexical.



1 Escolha um ou mais vídeos em Libras e extraia:

- a) Um exemplo de uso do espaço numa construção sintática;
- b) Um uso de direção do olhar que recupere um referente ou que antecipe a construção de uma referência;
- c) Uma repetição de sinal que se caracteriza na mudança do significado original.

Faça um print do exemplo, recorte e coloque em arquivo word ou pdf. Não esqueça de colocar a fonte e indicar o timecode de onde foi retirado o exemplo.

Bom trabalho!

OS ESPAÇOS MENTAIS EM LIBRAS

1 INTRODUÇÃO

Chegamos ao terceiro tópico da primeira unidade, percorremos até aqui um longo trajeto em busca da compreensão do uso topográfico, semântico e sintático do espaço. Neste momento, estamos em condições de olhar o nosso objeto de estudo “a gramática espacial” do ponto de vista cognitivo, fazendo a ponte entre os processos de apreensão visual do mundo, de representação mental e de sua manifestação por meio da linguagem verbal. Segundo McCleary e Viotti (2011, p. 295):

Para explicar o funcionamento de pronomes e verbos indicadores no discurso da língua de sinais americana, Liddell (2003a) propõe uma análise em termos da teoria de espaços mentais de Fauconnier (1997) e da teoria de integração de espaços mentais, de Fauconnier e Turner (2002). Pronomes e verbos indicadores apontam para entidades que podem pertencer ao espaço real, ou a entidades que pertencem a espaços mentais fictícios. Espaço real, segundo Liddell, é o espaço mental construído a partir de nossa experiência sensorio-perceptual da situação corrente, e a partir de nosso conhecimento de mundo. Trata-se da conceitualização do contexto de enunciação, incluindo as conceitualizações das pessoas, dos objetos e do espaço à nossa volta. É um espaço intersubjetivo, visto que os interlocutores assumem que suas versões particulares do espaço real são mutuamente coerentes. Os espaços mentais fictícios criados durante uma contação mapeiam, no espaço real – assim compondo espaços *integrados* –, os espaços dos eventos sendo narrados, isto é, os espaços mentais que correspondem à conceitualização do *mundo da história* (OAKLEY, 1998, p. 329), com seus ambientes, participantes, objetos e ações.

Você provavelmente deve recordar de discussões sobre a relação entre fatos inatos e adquiridos na construção do conhecimento empírico e linguístico, ou seja, sobre como o desenvolvimento humano depende de fatores internos e externos e de como a língua é uma forma de mediação entre os estados da consciência (percepção, categorizações, representações mentais) e os fatos socioculturais (LURIA, 1987).

Esta parte do livro será de suma importância para o entendimento da memória semântica voltada à aquisição bilíngue bimodal, mas isso não tem a ver somente com a modalidade cinésico-visual, visto que Fauconnier (1997) e Fauconnier e Turner (2002) não fazem distinção da modalidade ao defenderem uma teoria dos espaços mentais e da integração de vários espaços nas expressões linguísticas.

Vale ressaltar que as concepções aqui adotadas se referem a abstrações, por isso na introdução da unidade, e principalmente no tópico 1, foi sugerida a distinção entre espaço real concreto e espaço real (abstrato). O primeiro se refere ao espaço físico e palpável, o segundo é uma representação mental que possui traços do primeiro, em outras palavras, trata-se de uma abstração da experiência espacial concreta no intuito de recuperá-la e expressá-la por meio da linguagem verbal. Por isso, a forma de apreensão do mundo (visual ou auditiva, para citar as duas principais vias) vai interferir na qualidade das representações mentais que se faz desse mundo e, conseqüentemente, vai ser materializado diferentemente dependendo da modalidade linguística, como foi visto na seção que tratou da conceitualização.

Quando Liddell, adotando a teoria de Fauconnier e Turner, refere-se a espaço real em língua de sinais, ele se refere a um espaço fictício que possui traços de experiências concretas ou convenções (simbolização) baseadas em fenômenos reais, ou seja, uma representação mental. Vale lembrar que para Dworzak (2004, p. 11), “originalmente um ‘saber’ existiria materialmente como uma realidade ‘neuronal’, como realização neurofisiológica em um ou muitos cérebros antes de ser estabilizado, codificado, graças à linguagem e à escrita”, logo, a interação linguageira só é possível quando aspectos linguísticos e cognitivos são partilhados social e culturalmente.

A teoria dos espaços mentais nasce na Linguística Cognitiva que, segundo Ferrari (2014, p. 13), é uma nova vertente, cujo termo

[...] foi inicialmente adotado por um grupo particular de estudiosos, entre os quais se destacam George Lakoff, Ronald Langacker, Leonard Talmy, Charles Fillmore e Gilles Fauconnier, cuja vasta experiência de pesquisa em Semântica Gerativa motivou crescente insatisfação com o papel da Semântica/Pragmática no modelo. Esses autores concordavam fundamentalmente com o matiz cognitivista da teoria gerativa, mas passaram a buscar um viés teórico capaz de dar conta das relações entre sintaxe e semântica, investigando especialmente as relações entre forma e significado na teoria linguística.

Basicamente, a perspectiva da Teoria dos espaços mentais considera que as expressões linguísticas não se referem diretamente ao mundo concreto, real ou ao mundo criativo da imaginação, mas são representações na mente dos falantes e sinalizantes. Portanto, quando nos exprimimos verbalmente, não estamos fazendo menção a referentes, mas evocamos instruções enviesadas pela nossa percepção e conhecimento de mundo configuradas em conceitos,

logo, a expressão linguística carrega um potencial de significado que pode ser atualizado no discurso e no contexto de uso. Desse modo, criamos, manipulamos e sobrepomos constantemente espaços mentais ao longo de nossas interações discursivas (ABRANTES, 2011).

De fato, essa questão dos espaços mentais se torna cada vez mais evidente com as línguas de sinais e, se durante muito tempo elas foram julgadas muito concretas e pantomímicas, agora elas podem servir de parâmetro para a compreensão da capacidade humana da linguagem verbal, uma vez que, em comparação com as línguas orais, pode-se trazer exemplos concretos de que as línguas são constructos culturais que possuem um vínculo direto com a forma de perceber, categorizar e conceitualizar experiências.

Com vistas ao aprofundamento dessas e outras questões, os objetivos do tópico serão:

- compreender o campo de estudo sobre os espaços mentais;
- aprofundar o conceito de espaço token na recuperação de referentes ou “temas discursivos”;
- refletir sobre o espaço sub-rogado que se dá pela incorporação de personagens;
- esclarecer o *role-shift* na retomada dos turnos de conversação;
- discutir a possibilidade de mesclagem dos espaços mentais proporcionado pela simultaneidade da língua de sinais.

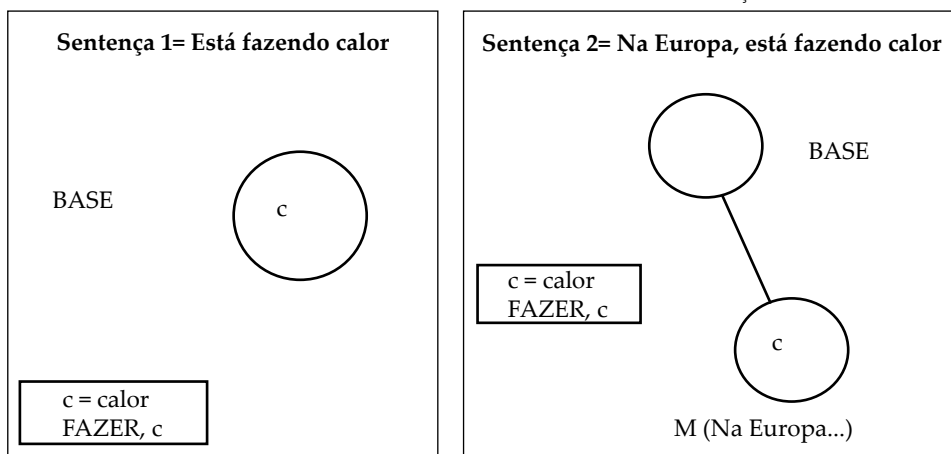
2 OS ESPAÇOS MENTAIS

Quando nos expressamos sobre acontecimentos, experiências, fatos e situações, evocamos muitos conhecimentos associados que devem também fazer parte da bagagem cognitiva de nosso interlocutor, de outro modo, a comunicação humana pode ser fonte de várias incompreensões, ambiguidades e redundâncias. Na verdade, quando debatemos um tema, precisamos sempre ter consciência de quem é o nosso interlocutor e se ele compartilha os mesmos conhecimentos, necessitando ativar espaços mentais comuns para se fazer compreendido. Mas o que são espaços mentais? Para responder a essa questão, vamos entender o que diz a teoria para então trazermos exemplos práticos. Segundo Ferrari (2014, p. 109),

A Teoria dos espaços mentais (Fauconnier 1994, 1997) propõe que espaços mentais são criados à medida que o discurso se desenvolve. Tais espaços são domínios conceptuais que contêm representações parciais de entidades e relações em um cenário percebido, imaginado ou lembrado. Assim, o espaço que ancora o discurso na situação comunicativa imediata (falante, ouvinte(s), lugar e momento da enunciação) é a BASE. A partir da BASE, outros espaços são normalmente criados para alocar informações que extrapolam o contexto imediato: falamos de passado e do futuro, de lugares distantes, de hipóteses, de arte e literatura e também de cenários que só existem em nossa imaginação.

Segundo essa teoria, a percepção humana tem, portanto, a capacidade de fazer mapeamentos do mundo, dos quais cria representações e processa significados que podem ser ativados quando pensamos, agimos ou interagimos verbalmente (MCCLEARY; VIOTTI, 2014). De fato, no seio dessa teoria os espaços mentais são domínios conceituais que representam informações mais abrangentes, provindas do ambiente físico e da experiência, que foram fracionadas. Assim, as línguas, por meio de indicadores de espaços geográfico (na Itália), temporal (na década de 1980), condicionais (se chover), de representação (naquele filme), descritores (redonda e alta), entre outros, acionam e constroem espaços mentais.

FIGURA 34 – EXEMPLOS ILUSTRADOS DE SENTENÇAS



FONTE: Ferrari (2012, p. 112-113)

A sentença 1 aciona uma informação que está associada ao contexto imediato, uma vez que não há outras informações a recuperar, logo, o espaço de referência é a base, o aqui e agora em que a sentença é enunciada. Entretanto, na sentença 2, aciona-se uma nova informação, um novo espaço, assim, a expressão “na Europa” serve de moldura referencial para a informação de que é na Europa que faz calor e não em outro lugar.

A possibilidade de externalizar esse conhecimento mental não está condicionada a uma determinada língua ou uma modalidade, por isso, Liddell (1996, 2000, 2003) valeu-se dessa concepção para refletir a gramática das línguas sinalizadas. Para o autor, na língua de sinais há três espaços mentais que são ativados ao longo de uma interação discursiva: O espaço real, o espaço token e o espaço sub-rogado. O primeiro será definido nesta seção, enquanto que os outros dois serão discutidos em suas próprias seções.

Sobre o espaço real, leia a explicação contida no quadro a seguir:

QUADRO 2 – OS ESPAÇOS MENTAIS SEGUNDO MCCLEARY E VIOTTI

Ao analisar discursos em ASL valendo-se da teoria de integração de espaços mentais, Liddell (2003) propõe um espaço mental cuja função é semelhante à do espaço semiótico de comunicação. Na proposta de Liddell, esse espaço se denomina 'espaço real'. O espaço real é construído a partir de nossa experiência sensorio--perceptual imediata da situação em que o ato comunicativo está acontecendo, combinada com nosso conhecimento de mundo. Embora Liddell não seja explícito a esse respeito, o espaço real pode ser considerado o espaço mental que abrange a conceitualização do contexto de enunciação. Como tal, a nosso ver, ele deve ser considerado um espaço intersubjetivo, que tem, como uma de suas características primárias, a assunção, por parte de cada participante do ato de comunicação, de que sua concepção do espaço real é mutuamente compatível com a concepção que os demais participantes têm desse espaço.

FONTE: McCleary e Viotti (2014, p. 128)

Vale ressaltar que, quando foi discutido o espaço real concreto e topográfico, antecipou-se que esses poderiam ser abstraídos para dar conta da gramática espacial da Libras. Cumpre, então, salientar que o espaço real, segundo a concepção de Liddell, não se refere ao espaço concreto, mas se remete a traços perceptuais deste que podem ser representados por descrições ou esquemas verbais ou não-verbais. Tomemos como exemplo o trabalho da cartografia que, pela observação, busca abstrair, em proporções reduzidas, as características, organização, distribuição e fronteiras de uma superfície ou de um ambiente físico. Desse modo, ela representa os traços mais salientes e significativos que permitem dar uma ideia de como essa superfície ou ambiente é em uma dimensão fracionada da realidade. Assim, também nosso aparato cognitivo permite recuperar informações e criar representações de mundo que são total ou parcialmente inferenciáveis por meio da língua. Vejamos o que acontece com o espaço token, a seguir.

3 ESPAÇO TOKEN

No espaço token, a posição do corpo, os articuladores e a direção do olhar são índices que apontam para referentes não presentes, ou seja, objetos discursivos aos quais são atribuídas determinadas porções do espaço. Há pelo menos seis maneiras de recuperar o referente discursivo na porção de espaço a ele designada:

- i) a direção do olhar;
- ii) o uso de um sinal de apontação, como pode ser vista na Figura 13 no tópico 2 e na Figura 36 a seguir;

- iii) a soletração manual do nome de uma entidade, objeto ou tema discursivo (pessoa, coisa ou assunto);
- iv) um sinal ou sinais do objeto ou tema discursivo;
- v) a direção ou inclinação do tronco para um e outro lado, como pode ser vista na Figura 35;
- vi) o uso de classificador representando um objeto discursivo.

Vale ressaltar que esses recursos podem estar combinados, assim, a direção do olhar pode acompanhar a apontação, como na Figura 36; a soletração pode ser seguida da nominalização por um sinal; a orientação ou inclinação do corpo que geralmente é complementada com qualquer um dos recursos citados, entre outras possibilidades de combinações.

FIGURA 35 – POSIÇÕES QUE O CORPO E OS ARTICULADORES ASSUMEM NO ESPAÇO TOKEN



FONTE: <<https://www.youtube.com/watch?v=qLn5cCwbJnU>>. Acesso em: 7 mar. 2019.

Na Figura 35, temos uma sequência textual argumentativa em que o enunciador discute sobre dois tipos de aprendizagem de língua estrangeira ou segunda língua (o sinal BILÍNGUE é usado), em que uma contraposição referente ao julgamento de valor que cada tipo recebe. Para isso, ele posiciona seu corpo, ora para a esquerda, ora para a direita, referenciando, respectivamente um bilinguismo prestigiado (chique) e outro, situado no lado oposto, um bilinguismo desvalorizado, depreciado (brega). Perceba que a recuperação desses espaços se dá apenas com a rotação do tronco acompanhada dos sinais que explicam cada tipo de bilinguismo.

É importante ressaltar que o objeto discursivo “aprendizagem bilíngue” não ocupa um espaço na vida real, pois não se trata de uma entidade que possui uma existência física. Isso significa que o espaço é realmente mental e discursivo e que o recurso utilizado faz parte da gramática espacial da Libras.

Como foi visto anteriormente, uma forma de resgatar os referentes é pela apontação, como mostra a Figura 13 anteriormente apresentada.



A Figura 13, vista no tópico 2, apresenta um exemplo de espaço token, cujos referentes são recuperados por apontação e direção do olhar. Novamente, embora os animais existam no mundo objetivo real, as porções de espaço a eles atribuídas não se referem a lugares que eles realmente ocuparam numa experiência real, como se trata de um discurso narrativo, o recorte refere-se a uma sequência imaginada, fictícia. Em outras palavras, trata-se de uma referência discursiva que não foi mapeada de eventos reais, mas construídas e convencionadas a fim de dar coesão à narrativa sinalizada.

Veja a discussão sobre a Figura 36 logo a seguir.

FIGURA 36 – DISCURSO ARGUMENTATIVO COM ESPAÇO TOKEN COM APONTAÇÃO



FONTE: <<https://www.youtube.com/watch?v=of5U7ODseQ>>. Acesso em: 7 mar. 2019.

Na Figura 36, há outra sequência de texto sinalizado argumentativo em que o enunciador separa dois espaços, um à sua esquerda e outro à sua direita para relatar especificidades de um “mundo surdo” e de “um mundo ouvinte”, os quais recupera por apontação. Novamente, não se trata de dois seres que existem no mundo físico e que são ali representados, como o sapo e a raposa da Figura 13, nem se refere a um tópico discursivo sobre duas visões de mundo, como o valor atribuído aos dois tipos de bilinguismo. Ele se refere a um tópico discursivo comparativo entre duas culturas que existem, sim, no mundo real, mas que de forma nenhuma poderiam ser contidas no espaço imediato, ou seja, trata-se de uma estratégia discursiva.

Resumindo com as palavras de Araújo (2016, p. 1166),

No espaço *token*, a sinalização ocorre em âmbito mais limitado fisicamente do que o utilizado no espaço real ou no sub-rogado, uma vez que o campo em que se quer indicar e representar os elementos da narrativa fica com seu tamanho reduzido. O espaço que o *token* preenche é limitado ao tamanho do ambiente físico à frente do sinalizante, no qual as mãos se localizam durante a realização dos sinais.

É importante salientar que o espaço *token* parece ser um recurso mais apropriado para textos argumentativos sinalizados em que se comparam dois temas, dois lugares ou duas entidades, em que se contrapõem duas concepções ou ainda quando, na perspectiva do narrador, fala-se de dois personagens. Um outro tipo de espaço mental é usado quando a perspectiva não é do narrador, mas do próprio personagem ou pessoa, que se realiza pela narração do discurso de outrem. Esse tipo de recurso espacial mental será discutido na próxima seção.

4 ESPAÇO SUB-ROGADO

O termo sub-rogado pode ser definido como ‘substituto’ e ocorre no caso em que um enunciador relata o discurso de uma pessoa ou um narrador investe-se das ações e repete os enunciados de uma personagem. Para exemplificar a primeira situação, um rapaz que conta ao seu amigo como sua mãe o repreendeu após certo incidente, representando as expressões faciais, entonações (da voz em língua falada ou do corpo em língua sinalizada) e as palavras por ela empregadas. Acompanhe a explicação contida no quadro a seguir:

QUADRO 3 – O ESPAÇO SUB-ROGADO SEGUNDO BOLGUERONI E VIOTTI

Esse espaço mental sub-rogado explica, de maneira elegante, um fenômeno comum nos discursos das línguas sinalizadas, conhecido na literatura como *ação construída*. A ação construída é a demonstração, por meio de movimentos e posturas corporais e faciais, das ações de uma personagem como percebidas e conceitualizadas por um narrador. Apesar de ações construídas serem comuns e notáveis nas línguas sinalizadas, elas acontecem também com frequência em discursos de língua oral. Imaginemos uma situação em que alguém está contando uma história e diz o seguinte:

7. O menino entrou na sala escura pé-ante-pé para não fazer barulho, caminhando agachado para não ser visto pela janela.

Imaginemos agora que, ao produzir esse enunciado, o |narrador| curve seu tronco para frente como quando alguém se abaixa, mova levemente seu tronco para frente como quando alguém caminha lentamente, e faça uma expressão facial sorrateira, como a de quem está fazendo algo escondido. Com seu corpo, o |narrador| está gestual e mimeticamente demonstrando as ações da personagem do menino. Esse é um exemplo de ação construída, em que o |narrador| age como um sub-rogado do |menino|.

FONTE: Bolgueroni e Viotti (2013, p. 23-24)

Observe a Figura 37 e imagine como poderiam ser construídas as ações das duas personagens ilustradas.

FIGURA 37 – DESENHO USADO COMO ESTÍMULO PARA NARRAÇÃO DE HISTÓRIAS



FONTE: Guitteny (2006, p. 273)

A descrição de imagens pode ser associada às experiências de mundo da pessoa que descreve. Na imagem, há um urso feroz pronto a atacar um caçador, arma em punho, que surpreso olha para trás na direção do animal. Esse estímulo pode ser usado para a contação de história e, assim, pode contar com a criatividade do narrador em evidenciar as ações e enunciados das personagens. Cumpre ao narrador, então, dar movimento ao plano dimensional do desenho, a fim de transmitir uma sequência de ações e discursos das personagens. No caso, haveria as possibilidades de narrar:

- i) que o urso apanhou o caçador que, sem a possibilidade de escapar, foi totalmente ferido pelo animal;
- ii) que o caçador, apavorado, saiu correndo, sendo perseguido pelo animal;
- iii) que o caçador reagiu a tempo e, com sua arma, atingiu letalmente o animal.
- n) outras possibilidades...

A contação de história pode apresentar mais ou menos detalhes quando acompanhadas de ilustrações. Observe as Figuras 38 e 39.

FIGURA 38 – PERSONAGEM DE UMA HISTÓRIA NARRADA, COM SUPORTE VISUAL



FONTE: Acervo da autora com ilustração adaptada de Maier (1969, p. 3) e imagem do colaborador surdo prof. Deonísio Schmitt (UFSC).

FIGURA 39 – PERSONAGEM DE UMA HISTÓRIA NARRADA, COM SUPORTE VISUAL



FONTE: Adaptada de Maier (1969, p. 5) e imagem do colaborador surdo prof. Deonísio Schmitt (UFSC).

Perceba que os estímulos das ilustrações (Figuras 38 e 39) exigiram o uso do espaço sub-rogado, assim, como o estímulo da Figura 37 também exigiria. Isso se dá pelo fato de o narrador necessitar representar as ações das personagens, ou seja, ser um substituto, incorporando-as. Vale ressaltar que, algumas incorporações são motivadas, outras imaginadas e que os estímulos podem ser imagens ou textos, conforme as três possibilidades interpretativas feitas para o estímulo da Figura 37.

Veremos, na próxima seção, um recurso muito usado em línguas de sinais que se refere à troca de turnos de conversação entre personagens ou pessoas, o *role-shift* (troca de papéis). É necessária muita atenção para não confundir com a noção de espaços mentais token e sub-rogado, e como ele pode estar associado ao uso de verbos com concordância.

5 ROLE SHIFT (TROCA DE PAPÉIS)

No Tópico 2, vimos que os verbos de concordância exploram o uso do espaço, dirigindo-se a determinados locus aos quais estão associados os argumentos (sujeito e objeto), fazendo, assim, com que o(s) articulador(es) seja(m) direcionado(s) a esses locus. No entanto, muitas vezes os verbos de concordância aparecem na composição de sequências de discursos reportados ou discursos de citação, ou seja, na narração do discurso de outrem. Veja no quadro a seguir um exemplo de discurso reportado direto, dado o contexto em que a moradora de um prédio e o porteiro conversam.

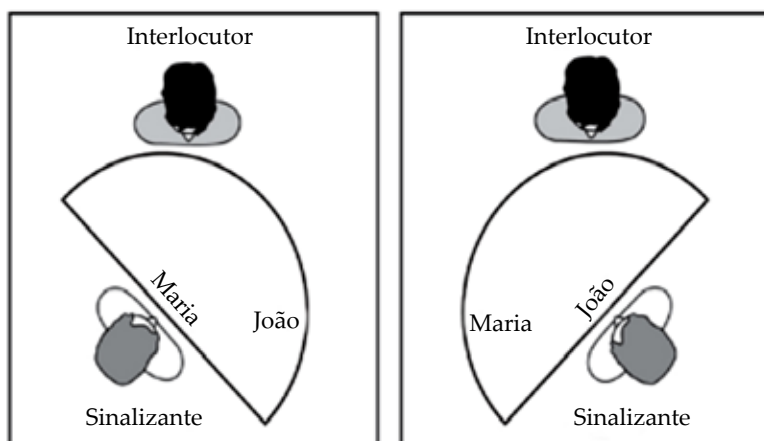
- O carteiro já entregou as correspondências?
- Ainda não. Alguém me avisou que ele está atrasado hoje.
- Você pode me chamar quando chegar minha encomenda?
- Certamente que sim.

As principais características do discurso direto é a citação exata das falas das personagens ou enunciadore, sem participação do narrador. Fala essa que na escrita sempre vem precedida por travessão ou entre aspas. O mesmo excerto dialógico pode ser reportado em discurso indireto:

A moradora perguntou ao porteiro se o carteiro já havia entregado as correspondências. Ele respondeu que ainda não havia passado e que alguém tinha lhe avisado de que haveria atrasos naquele dia. A mulher, então, solicitou que a chamasse quando sua encomenda chegasse. O homem respondeu que certamente a chamaria.

O discurso reportado direto em língua de sinais, que se realiza por meio de sub-rogados (ou por transferências de pessoa, assunto já abordado em outro livro, mas que será retomado na próxima unidade), é marcada pela incorporação das personagens, cujos enunciados serão citados em turnos diferentes pela rotação do corpo de um lado e de outro, como mostra a Figura 40. A rotação, portanto, equivale ao travessão na escrita.

FIGURA 40 – POSIÇÕES QUE O CORPO E O ARTICULADOR ASSUMEM NO DISCURSO REPORTADO



FONTE: Lillo-Martin e Klima (1990 *apud* QUADROS; PIZZIO; REZENDE, 2009, p. 4)

Por isso, é importante esclarecer que muitas vezes o *role-shift* pode ocorrer com o espaço mental sub-rogado em ocasiões em que é preciso marcar as trocas de turnos do diálogo entre as personagens. Quando isso acontece, o corpo do narrador assume os personagens, dirigindo-se levemente em direção aos locus a eles atribuídos, executando o verbo direcional que, juntamente com o corpo, é dirigido à outra pessoa do discurso, dessa vez, o olhar do narrador também está direcionado a esse locus e não ao receptor. Observe a Figura 41 e acompanhe a explicação a seguir.

FIGURA 41 – POSIÇÕES QUE O CORPO E O ARTICULADOR ASSUMEM NO DISCURSO REPORTADO



FONTE: A autora.

A posição ao centro indica a perspectiva do enunciador ou do narrador, as posições à direita e à esquerda estão relacionadas à troca de papéis ou turnos discursivos, quando o olhar do narrador ou enunciador rompe com o do receptor, trata-se de uma incorporação, um discurso reportado direto, quando o olhar do narrador ou enunciador se mantém na direção do receptor, trata-se do discurso do próprio narrador ou enunciador ou ainda do narrador em discurso indireto, assim, a terceira pessoa é citada no modo convencional, como foi visto na seção que discutiu a marcação pronominal.

Discursos indiretos em língua de sinais são menos recorrentes, mas podem ser realizados por meio de classificadores. O que ocorre com mais frequência é o discurso indireto livre, em que o narrador troca rapidamente de perspectivas, rompendo o olhar com o receptor muito rapidamente.

Para complementar, o *role-shift* pode não ser tão marcado como acontece com a rotação do corpo, pois é possível marcar o turno de conversação com a leve orientação da cabeça acompanhada ou não de expressões faciais. Além disso, nem todas as rotações corporais são *role shift* ou sub-rogados, lembre-se do espaço token que também faz uso desse recurso. Em outras palavras, o *role-shift* só acontece quando se está reportando as falas ou ações de duas ou mais personagens e que ele pode estar associado à incorporação ou apenas à narração da conversa entre duas pessoas, sem incorporação.

Parece confuso, não é mesmo? Não se preocupe, pois à medida que você for aprendendo e refletindo sobre a Libras, saberá distinguir as estratégias, os recursos e os usos discursivos. Na próxima seção, vamos ver como os espaços

mentais são mesclados no uso linguístico e na próxima unidade muita coisa do que foi vista aqui será problematizada sob outra perspectiva. O objetivo é lhe fornecer as diferentes visões dos mesmos fenômenos, conduzindo-o a tirar suas próprias conclusões e escolher aquela que lhe parece mais adequada.

6 ANÁLISE DA MESCLAGEM ENTRE OS ESPAÇOS

Embora os espaços mentais real, token e sub-rogado tenham sido discutidos separadamente, geralmente eles ocorrem concomitante ou alternadamente nos discursos sinalizados. Observe a Figura 42 e acompanhe o raciocínio que será exposto em seguida.

FIGURA 42 – ESTÍMULO ILUSTRATIVO PARA NARRAÇÃO DE EVENTOS SINALIZADOS



FONTE: <https://www.clipartmax.com/middle/m2i8K9m2d3A0K9K9_cartoon-chocolate-bar-cartoon-snack-bar-dove-chocolate-evil-chocolate-bar/> e <https://pt.kisspng.com/kisspng-kb4z1s/>>.
Acesso em: 7 mar. 2019.

A Figura 42 serve de estímulo para construções com sub-rogados, visto que as ações das duas personagens podem ser incorporadas pelo narrador. Observe na Figura 43, uma possível interpretação para essa ilustração.

FIGURA 43 – INTERPRETAÇÃO DE ILUSTRAÇÃO COM SUB-ROGADO



FONTE: Guitteny (2006, p. 274)

Nota-se, na sequência interpretativa, as representações do “monstro chocolate” e do “rapaz apavorado” intercaladas por um verbo direcional (VER), juntamente com a rotação da cabeça e do olhar para o locus em que se encontra mentalmente o monstro. Fato curioso é que esse tipo de representação pode e de fato serviu para interpretar a ilustração anteriormente apresentada (o urso



e o caçador) na Figura 37, e não a ilustração da Figura 43. Outro fato curioso é que essa interpretação foi dada inicialmente para a língua de sinais francesa, ou seja, parece haver uma certa convenção em narrar determinados acontecimentos e que esse tipo de representação precisa de um contexto do enunciado para recuperar adequadamente os objetos discursivos.

De fato, isso acontece porque há certos aspectos da faculdade humana que não são somente culturais, nem específicos a surdos ou ouvintes, mas fazem parte de todo um aparato biológico que permite perceber o mundo, dar-lhe sentido, abstrai-lo, armazená-lo cognitivamente para depois expressá-lo verbalmente.

Mas voltemos ao assunto da mesclagem, pois, observando mais atentamente a Figura 42, podemos perceber que vários elementos foram mesclados e vários espaços criados em apenas uma sequência. Basicamente temos dois sub-rogados, um verbo direcional que está voltado para a primeira personagem, portanto, um token, associado a um narrador em discurso indireto livre, uma vez que seu corpo não se volta completamente e que no seu articulador esquerdo está configurado um classificador (que retoma a forma da espingarda) na imagem do centro, somando, então, três espaços mentais: um espaço token, dois espaços sub-rogados e dois espaços reais (traços mentais da posição das personagens percebidos na ilustração).



Na verdade, somente na imagem do centro, é possível recuperar essa mesclagem. A direção do verbo transitivo direto indica que há alguém que vê alguma coisa no seu lado direito (sujeito+verbo+objeto), o referente pode ser recuperado como alguém que porta um objeto na mão esquerda, a ocorrência do verbo VER implica a existência de um narrador onisciente. Em suma, somente nessa imagem pode-se inferir a mesclagem de espaço real, token (a direção do verbo VER e do olhar) e sub-rogado. Essa análise corrobora com o que já evidenciou Araújo (2016, p. 1170) quando concluiu que

Os dados mostram que ocorrem mudanças de espaços e evidenciam que o momento da passagem de um espaço para outro é marcado por características significativas, tais como: inclinação do corpo, direção do olhar, expressões não manuais, giro do ângulo do corpo e outros, que têm função gramatical na construção das unidades significativas da enunciação. Essas marcas assinalam desde a referência pronominal em um discurso indireto até a enunciação em discurso direto de um personagem ou outro, a mudança entre o personagem e o narrador.

Com isso, encerra-se aqui a Unidade 1. Espera-se que esse assunto tenha interessado você. Bons estudos!

LEITURA COMPLEMENTAR**TRADUÇÃO DE LITERATURA INFANTIL PARA LIBRAS: ENTRE
A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS E O USO DOS RECURSOS
LINGUÍSTICOS**

Eixo temático: Metodologias para implementar
a tradução de/para a língua de sinais

Neiva de Aquino Albres
Universidade Federal de São Carlos – UFSCAR

Resumo: O objetivo deste trabalho foi apresentar um estudo sobre a tradução de literatura infantil do Livro “O homem que amava caixas” de português para Libras. A proposta deste estudo, então, foi verificar: quais elementos linguísticos e não linguísticos apresentados no livro motivaram o tradutor ao construir suas enunciações em Libras. Foi realizado a partir da teoria enunciativo/discursiva de Bakhtin/Volochinov (1992) e da teoria de espaços mentais de Lidell (2003). Pesquisa de natureza analítico-descritiva, utilizamos uma metodologia em que o pesquisador pela exotopia é o próprio sujeito analisado. Duas categorias de análise emergiram dos dados: a) sinal-nome e b) incorporação. Foi possível verificar que o intérprete não traduz apenas o texto, mas incorpora os personagens, os faz ter voz (pela direção do olhar, pela pantomima) e integra seus enunciados com as imagens (ilustrações) do livro.

Palavras-chave: tradução para Libras, tradução de literatura infantil, espaços mentais.

Introdução

A História “O homem que amava caixas”, de Stephen Michael King, é mais que uma história de amor. Esta é uma obra universal e atemporal, justificando o grande volume de traduções, adaptações, uso pedagógico e montagens teatrais que dela foram produzidas.

O autor do livro era surdo e ilustrador do próprio material que escrevera. O livro trata do relacionamento entre pai e filho, mais precisamente sobre a dificuldade de comunicação. No processo de tradução é importante compreender o autor da obra e seu contexto.

Quando consideramos que na tradução literária, além de processo criativo e intelectual, ocorre em um contexto histórico e social específico, após ser transplantada de um outro contexto histórico e social específico, fica claro que duas línguas, duas culturas e duas sociedades estão aí envolvidas, ensejando para o pesquisador a oportunidade de cotejar os dois ‘produtos’, [...] e que ‘ajustes’ culturais foram eventualmente feitos; enfim, uma investigação da fortuna literária dos autores e obras, das fontes e influências (ALEGRO, s.d, p. 7).

Questões são colocadas: Qual o impacto dos sistemas culturais e linguísticos sobre a tradução? Qual o impacto do sistema semiótico sobre aquilo que é traduzido? Como a tradução de texto com imagens é usada dentro do sistema linguístico da Libras?

Ao pesquisador de estudos da tradução, esses são questionamentos que interessam, especialmente agora que a população surda até então marginalizada começa ter acesso à histórias, à literatura, ao produto cultural registrado em livros traduzidos para Libras por meio de livros acessíveis, ou seja, em Livros digitais (vídeo em Libras).

O referencial teórico que embasou este trabalho está pautado sob uma ótica contemporânea, no qual entende-se “traduzir” como “interpretar”, “recriar”. Combinar pontos da teoria enunciativo-discursiva de Bakhtin/Volochinov (1992) com a teoria de espaços mentais que diz respeito à referência de pessoa (LIDELL, 2003 e MOREIRA, 2006) se fez importante neste trabalho.

A língua não tem “contornos absolutamente claros” e é por isso que a concepção de uma tradução, na qual o tradutor deve apenas transferir o significado, sem nele interferir, é utópica. Segundo Arrojo (2000, p. 40), “é impossível resgatar integralmente as intenções e o universo de um autor, exatamente porque essas intenções e esse universo serão sempre, inevitavelmente, nossa visão daquilo que possam ter sido”.

Há questões fundamentais de construção de sentido que perpassam a tradução. É fundamental esclarecer que o papel do intérprete não se reduz a verter de uma língua para outra.

[...] o tradutor-intérprete atua na fronteira entre os sentidos da língua de origem e da língua alvo, com os processos de interpretação relacionando-se com o contexto no qual o signo é formado. O sentido do enunciado é construído na interação verbal, e é atualizado no contato com outros sentidos, na relação estabelecida entre interlocutores. A interpretação é um processo ativo, que procede de sentidos que se encontram, existindo, apenas, na relação entre sentidos, como um elo numa cadeia de sentidos. Pode-se dizer assim que a interpretação se revela na multiplicidade de sentidos existentes (LACERDA, 2000, p. 6).

O processo de comunicação procede de alguém e se dirige para alguém, tem duas faces. É necessário um locutor dono de parte da palavra e um interlocutor, um ouvinte potencial – dono da outra parte da palavra, estando então, a palavra, em uma zona fronteira. Essa palavra é determinada pelas relações sociais e não dispensa uma expressão ideológica (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1992).

A tradução deve ser satisfatória aos seus diversos participantes. Para Bakhtin/Volochinov (1992) deve-se estar atento “a interação dinâmica dessas duas dimensões, o discurso a transmitir e aquele que serve para transmiti-lo” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1992, p. 148). Assim, o tradutor está neste espaço fronteiro, ele constrói sentidos próprios sobre o discurso e o produz em outra língua, sendo neste momento um novo enunciador carregado por sua subjetividade e historicidade.

Para a teoria de espaços mentais as entidades conceituais são criadas no discurso com a integração de espaços mentais¹, o discurso é criado e compreendido por meio de redes de espaços mentais. O enunciador introduz elementos e coloca em relações estes elementos (MOREIRA, 2006).

Segundo Liddel (2003 apud Moreira 2007) os espaços mentais podem ser de dois tipos: os ancorados na realidade e representados como parte do contexto de enunciação (*grounded*) - remete-se a entidades do ambiente físico imediato, e os que não são representados como sendo parte do contexto de enunciação (*non-grounded*).

Moreira (2007) considera que didaticamente os espaços mentais podem ser explicados a partir da seguinte distinção: Espaço mental real, Espaço mental *token* e Espaço mental *subrogado*.

O espaço mental real é a sinalização com base nos espaços físicos visíveis e sempre na perspectiva do sinalizador. Não está relacionado apenas às pessoas presentes ao redor do sinalizador, pode ser construído também com coisas ou pessoas ausentes. Então, o espaço mental real de um tempo atrás pode permanecer na mente dos interlocutores em outro momento de conversação. As entidades podem estar “presentes” no espaço físico sob a forma de uma representação mental, associada a um local nesse espaço.

Assim, o espaço real é um mapeamento cognitivo do espaço físico que rodeia o sinalizador. Moreira (2007) esclarece que:

Em alguns casos, eles apontam para pontos específicos do espaço real (em frente ou ao redor do seu corpo) que não correspondem a pessoas ou coisas efetivamente presentes no ambiente físico de sinalização. O espaço mental real usado nas sinalizações abarca também entidades de outros espaços mentais. Uma característica importante dessa representação espacial de entidades de diferentes espaços mentais é o fato de as entidades as quais se quer referir estarem sempre, de alguma maneira, presentificadas e poderem ser apontadas por sinais como os pronomes (MOREIRA, 2007. p. 46).

O espaço mental *token* é um espaço integrado, em que as coisas das quais se quer falar são representadas sob a forma de um ponto fixo no espaço físico. As entidades *tokens* são invisíveis (apenas pontos associados a alguma representação mental) e são integradas ao espaço mental real (MOREIRA, 2007, p. 47).

Obs: Espaços mentais são mecanismos de instauração da pessoa no discurso, estão relacionados a particularidades discursivas onde referentes dos sinais de apontamento são projetados ao redor do corpo do sinalizador. Lidell (2003) define a integração de espaços mentais como uma operação cognitiva geral que combina ou mistura espaços mentais diferentes, para criar algum significado.

Já no espaço mental *sub-rogado*, segundo Liddell (2003, p. 159), os sinalizadores podem assumir o papel de qualquer participante da situação narrada e sinalizar como se fossem eles. Essas entidades criadas pelo sinalizador são entidades sub-rogadas, ou seja, são representações mentais em tamanho natural, que assumem posições realistas, por serem incorporadas pelo próprio sinalizador.

Metodologia

A pesquisa foi desenvolvida no intuito de analisar a tradução de obra literária de português para a Libras. Sendo, portanto, uma pesquisa de natureza analítico-descritiva. Selecionamos a obra “O homem que amava caixas” de autoria de Stephen Michael King editada no Brasil pela Brinquebook e traduzida por Neiva de Aquino Albres.

A análise foi realizada a partir de uma metodologia exotópica em que o pesquisador se coloca como observador de sua própria produção discursiva (BAKHTIN, 2010).



Foi realizada também a *decupagem* (descrição detalhada da sequência de espaços mentais, da movimentação do corpo do sinalizador, da direção do olhar confrontando à ilustração do livro) da tradução para língua gestual-visual. A partir dos dados, pudemos proceder à análise da tradução da obra. Identificamos as estratégias utilizadas, as semelhanças e modificações entre as obras e os recursos linguísticos empregados.

A análise foi realizada a partir da teoria enunciativo/discursiva construída por Bakhtin/Volochinov (1992) e a teoria de espaços mentais de Lidell (2003).

Resultados e discussão

Resguardando o limite de espaço que nos coube para uma reflexão a respeito da tradução de literatura infantil, pretendemos aqui registrar de forma breve algumas considerações envolvendo as relações entre língua e imagem para construção da enunciação em livro traduzido para a Libras. Desenvolvemos duas categorias de análise: a) nomes próprios, e b) incorporação.

Os textos analisados consistem de textos reais e a cada novo leitor, a cada nova leitura se transformam em um novo texto. Mas, a forma como o tradutor em seu trabalho construiu sentidos sobre o texto fonte e o materializou em texto alvo (filmagens das traduções) nos servem de dados para serem analisados a luz da teoria enunciativo/discursiva e dos espaços mentais.

a) Nomes próprios

O livro comporta dois personagens que não têm nome, mas que no decorrer do livro são chamados por “homem” e “filho”. Na comunidade surda, as pessoas e personagens têm nome-sinal, numa perspectiva literária a tradutora fez opção por dar um nome-sinal aos personagens.

Nome próprio do personagem no texto fonte	Nome próprio do personagem no texto alvo
 <p>homem</p>	
 <p>filho</p>	

Aguilera (2008) afirma que “um nome significativo tem um papel na história, e não traduzi-lo é suprir parte da função para qual o mesmo foi criado”, personagens apresentam conceitos abstratos, apresentam uma identidade que deve ser transmitida na língua a ser traduzida.

Esta opção pode ser compreendida como uma estratégia para manter as questões culturais da comunidade de destino e ao mesmo tempo torná-lo mais compreensível à criança surda.

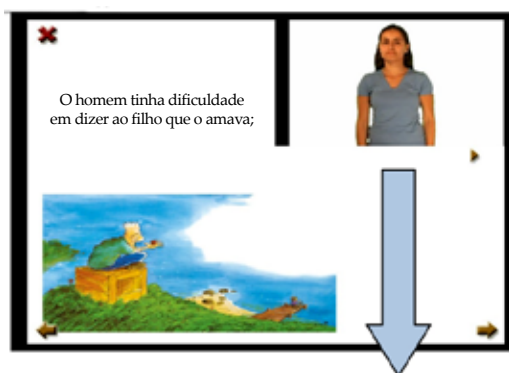
Considerando tal especificidade da comunidade alvo (público leitor - criança surda) a tradutora criou sinais a partir de características físicas. Pesquisadores indicam ser mais comum o uso de sinais de nome descritivo, pela escolha de uma característica proeminente da pessoa, fazendo uso então da metonímia, do que os descritivos misturados ou os tipos arbitrários (WILCOX, WILCOX & JARQUE, 2003).

Em ambos os casos, a tradutora optou por acrescentar a explicação diluída no meio da sinalização, inserindo que este era o sinal do personagem, para situar o leitor, como uma forma de apresentação de que o homem tem este sinal e o filho este sinal.

b) Incorporação

Em nenhuma parte do texto fonte ocorre a enunciação de algum dos personagens, não há registro na escrita de uso de discurso direto. Todavia, em muitos trechos a tradutora produz a enunciação do personagem, motivada pela imagem (ilustração) que compõe o livro.


Trecho 1:



No espaço do mundo real (imagem do livro), há um homem segurando uma caixa e olhando para seu filho distante, como se olhasse por meio dela. A tradução é feita por princípios de identificação, o que permite ligar dois objetos de espaços mentais diferentes, o espaço real e espaço subrogado. Este processo cognitivo de integração é chamado de *blendings*.



Sequência da sinalização apresentada na tradução (trecho 1)

O sinal 1() é um “construtor de espaço mental”, pois o homem já é apresentado na sinalização segurando algo em sua mão esquerda, ou seja, se projeta um novo espaço, dado também pela imagem revelada na mesma página do livro, um espaço assentado na realidade visual do material traduzido. Cada um (texto e imagem) tem seus próprios elementos e suas próprias relações proposicionais. Sendo o tradutor de literatura infantil um enunciador destas duas fontes.

Constatamos que o intérprete não traduz apenas o texto, mas incorpora os personagens, os faz ter voz e incorpora os espaços mentais construídos pelas imagens do livro.


Trecho 2:



No trecho 2, do sinal 1 ao 3 o olhar do tradutor está direcionado para o leitor (interlocutor), assumindo a voz do narrador. Do sinal 4 ao 6 o olhar está direcionado ao castelo que o personagem (incorporado) está construindo. No sinal 4 e 5 apesar de incorporar o “Homem” os sinais manuais correspondem ao texto escrito na língua fonte “fazer castelos”.






Sequência da sinalização apresentada na tradução

Todavia, no sinal 6 () o tradutor toma como fonte de inspiração para a movimentação do corpo o espaço físico construído na imagem (ilustração) que compõe o livro. Além disso, o tradutor constrói por si só (subjetivamente) o sentido de que o pai (homem) fica feliz ao construir um brinquedo para seu filho, produzindo expressão facial de esforço no sinal 3, de surpresa no sinal 4 e de satisfação/felicidade no sinal 6.

Para Bakhtin/Volochinov (1992) “as enunciações constituem a substancia real da língua e que a elas está reservada a função criativa na língua” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1992, p. 122). O tradutor como mediador e enunciador da palavra outrora dita em uma língua faz uso de seu estoque linguístico e criativo para o dizer em outra língua. Passa, então a ser um enunciador.

A tradutora neste trecho usa o espaço mental *token*, uso de sinal de apontamento seguido de orientação do olhar e expressão facial (4 a 6) que indica o espaço mental *subrogado* (incorporação).

Tanto no sinal () (*token*) quanto no sinal 6 () () (*subrogado*)

o tradutor usa o corpo na mesma posição do que foi apresentado na ilustração do livro.

Assim o pronome (ele) é indicado para o lado esquerdo e atrás do sinalizador, logo depois a entidade incorporada sai deste espaço mental construído e se integra à continuidade da história tendo uma relação direta com a imagem (ilustração) que aparece no livro.

Este cuidado é fundamental para que ocorra uma integração entre a imagem (ilustração) do livro e a tradução que é apresentada na mesma página. Moreira (2007) indica que a incorporação pode ser expressa por um sinal de apontação, seguido de expressão facial e direção do olhar que indiquem a entidade incorporada. Assim o fez a tradutora.

A tradutora, por vezes, se distanciou do original, pois foi recriando em conformidade com as imagens (ilustrações) da obra literária infantil. Além do tratamento dado à história, o aspecto visual também condiz com a característica linguística das línguas de sinais sendo recorrente o uso do discurso direto, mesmo que o original não o tenha feito.

Conclusão

Este trabalho pretendeu chamar atenção para as ressonâncias ideológicas nas escolhas que definiram a tradução. Constatamos que o grau de autonomia dos textos traduzidos foi alta e determinado, em grande parte, pela integração dos espaços mentais com base nas ilustrações do livro.

A literatura infantil registrada em material impresso composto também por imagens (ilustrações) é fonte rica a ser incorporado na enunciação em Libras construída pelo tradutor.

Há vários outros aspectos que podem ser explorados em uma análise futura desse mesmo livro traduzido. Este trabalho confirmou o pressuposto de que toda tradução é uma recriação e que os diversos resultados são de ordem ideológica e subjetiva fazendo uso das condições linguísticas que a própria língua proporciona ao tradutor.

FONTE: <http://www.congressotils.com.br/anais/anais/tils2012_metodologias_traducao_albres.pdf> Acesso em: 7 mar. 2019

RESUMO DO TÓPICO 3

Neste tópico, você aprendeu que:

- O cérebro humano tem a capacidade de abstrair as informações espaciais que lhes chegam através da percepção, criando representações mentais. Uma vez mapeadas, as experiências são fracionadas e lhes são atribuídos sentidos. Por intermédio de indicadores linguísticos, esses traços são acionados e permitem a construção de espaços mentais.
- Com base na teoria dos espaços mentais de Fauconnier e Turner, Liddell defende sua teoria dos espaços mentais das línguas de sinais. Para ele, há três espaços mentais que são construídos ao longo do discurso: o espaço mental real, o espaço mental token e o espaço mental sub-rogado.
- O espaço real mental não é se refere ao ambiente físico palpável, mas é um espaço mental conceitualizado, ou seja, intersubjetivo. Portanto, foi marcada a distinção com o espaço real concreto e o espaço topográfico, uma vez que esses fazem parte do contexto do enunciado do ambiente imediato.
- O espaço token é criado para recuperar objetos, temas, locais e entidades discursivas em espaços previamente determinados para esses elementos discursivos. Há de se considerar que o espaço token parece ser um recurso mais recorrente em textos argumentativos e expositivos. São várias as estratégias de recuperação de referentes discursivos no espaço: apontação, soletração, atribuição de um sinal ou de um classificador, a rotação do corpo ou ainda a direção do olhar em espaços específicos.
- O espaço mental sub-rogado é acionado no discurso direto, ou seja, quando o narrador cita o enunciado das personagens. Para isso, o narrador incorpora as ações e o discurso das personagens. A ativação deste espaço é mais frequente nas narrativas de histórias ou de eventos.
- O *role-shift*, também chamado de troca de papéis, é um recurso que se realiza pela rotação do corpo, a fim de marcar a troca de turnos de conversação sinalizada. Ou seja, sempre que houver a narração de fatos em que duas pessoas ou personagens dialogam, o corpo ou mesmo somente a cabeça marcará a vez da sinalização de um enunciador ou personagem para o outro.
- Os três espaços mentais podem ser mesclados, haja vista que as sequências discursivas apresentam mudanças e a passagem de um espaço a outro. Além disso, outros elementos como verbos direcionais e classificadores podem associar-se aos espaços mentais na construção da significação.



Questão única - No livro de Libras II foram retirados vários exemplos da história do Pequeno Príncipe narrada em Libras, disponível em: <https://youtu.be/foMiwFIVHCc>. Observe a sequência de ilustrações, interpretando-as e explicando-as, tomando como base as discussões contidas nos três tópicos. Retire exemplos do fenômeno de boia, de espaço token, de espaço sub-rogado, de verbo direcional, de role-shift e direção do olhar, destacando se a perspectiva é do narrador ou do personagem ou de ambos.



Figura 1. Timecode 00:44:35.

Figura 2. Timecode 00:07:34.



Figura 3. Timecode 01:40:30 -38.



Figura 4. *Timecode* 00:07:16.



Figura 5. *Timecode* 00:44:53.

O PAPEL DOS CLASSIFICADORES E DAS TRANSFERÊNCIAS NA LÍNGUA DE SINAIS

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

A partir do estudo desta unidade, você deverá ser capaz de:

- problematizar a teoria dos classificadores;
- discutir a noção de classificadores nas línguas faladas;
- conhecer as configurações classificadoras metonímicas da Libras;
- aprender a perceber as características salientes de objetos e seres animados;
- analisar classificadores em construções discursivas;
- discutir os processos icônicos em língua de sinais;
- aprofundar as noções de transferência de forma e tamanho, de situação e de pessoa;
- refletir sobre estratégias de transferências com classificadores;
- reconhecer a mesclagem de transferências;
- citar os desdobramentos de outros tipos de transferências;
- repensar a tipologia dos classificadores;
- reavaliar as noções de classificadores descritivos e especificadores e as transferências de forma e tamanho;
- rever as noções de classificadores corporais, sub-rogado e transferência de pessoa;
- apresentar uma nova proposta tipológica para os elementos icônicos;
- abordar os componentes não manuais no nível linguístico e discursivo em Libras.

PLANO DE ESTUDOS

Esta unidade está dividida em três tópicos. No decorrer da unidade você encontrará autoatividades com o objetivo de reforçar o conteúdo apresentado.

TÓPICO 1 – OS CLASSIFICADORES E SUAS CARACTERÍSTICAS

TÓPICO 2 – TRANSFERÊNCIAS E FENÔMENOS ICÔNICOS EM LÍNGUA DE SINAIS

TÓPICO 3 – DESDOBRAMENTOS DAS TIPOLOGIAS

OS CLASSIFICADORES E SUAS CARACTERÍSTICAS

1 INTRODUÇÃO

A noção de elementos nominais ou verbais classificadores nasce a partir de estudos de línguas consideradas classificadoras, amplamente estudadas nas línguas faladas por vários autores (AIKHENVALD, 2000; ALLAN, 1977, 2001; CRAIG, 1986; DENNY, J., 1986; DIXON, 1982, 1986; DOWNING, 1986; LAKOFF, 1986; TAI, J.; CHAO, 1990, 1994). Mas essa noção também foi abordada em diversos estudos das línguas de sinais (SCHEMBRI, 2003; SUPALLA, 1982, 1986; FELIPE, 2002 [2007]; BERNARDINO, 2012). Carneiro (2016, p. 119) discute essa convergência nas seguintes palavras:

Segundo Duncan (2003) e Schembri (2003), os estudos sobre línguas sinalizadas são recentes, e a emergência repentina de pesquisas nessa área da linguística, criou a necessidade urgente de nomear fenômenos que eram observados durante a descrição das línguas de sinais. O mais adequado, naquele momento, foi lançar mão de termos já usados na descrição das línguas orais. E, de acordo com os autores, este parece ser o caso dos classificadores.

De fato, dada a necessidade de provar que a língua de sinais é uma língua natural, essa aproximação teórica foi necessária. Entretanto, a partir do momento que as pesquisas se consolidaram e o estatuto das línguas sinalizadas se modificou frente à ciência linguística, novas reflexões passaram a ser feitas, no intuito de concluir se determinados conceitos criados no âmbito das línguas faladas se aplicam ou não às línguas cinésico-visuais. É o que se pretende fazer neste tópico em relação aos classificadores, uma vez que as configurações de mão, em determinado contexto do enunciado (sentença), apresentam a qualidade de parâmetros classificadores e assemelham-se fortemente aos gestos que os ouvintes usam junto à fala. Em outras palavras, fala e gestos podem aparecer numa mesma sequência enunciativa. Portanto, os gestos podem, nas palavras de Correa (2007, p. 4), substituir, acrescentar e reforçar a informação transmitida pelo signo verbal, assim, signo verbal e signo gestual cooperam para o propósito comunicativo.

Com efeito, a ciência linguística, durante muito tempo, recusou-se a admitir a importância dos gestos na construção do significado nas práticas discursivas e esses estudos ficaram mais concentrados em outras áreas do conhecimento, como Psicologia e Antropologia, sendo abordados por diversos autores (SLOBIN, 1980; MCNEILL, 1992, 2005; KENDON, 1972, 1980; BIRDWHISTHELL, 1952, 1970; ECO, 1976; RECTOR; TRINTA, 1985). No entanto, os gestos e o caráter icônico foram apagados das análises das línguas de sinais, fato discutido por autores da área (LEITE, 2008; MCCLEARY; VIOTTI, 2011; LIDDELL, 2003). Assim, numa tentativa de convergência, alguns autores admitem a ideia de que há gestos complementares nas línguas sinalizadas (CORREA, 2007; CARNEIRO, 2012), todavia, as fronteiras que separam gestos e sinais são muito efêmeras, pelo simples fato de que ocorrem na mesma modalidade.

Efetivamente, há um tempo seria problemático assumir que as línguas de sinais permitem a complementaridade de gestos, visto que elas eram comparadas à mímica e à pantomima, gerando preconceitos e mitos. Porém, à medida que os gestos passam a ser cada vez mais estudados no âmbito das práticas comunicativas humanas das línguas faladas, é possível novamente observar o objeto gestual dentro de uma perspectiva complementar também nas práticas comunicativas sinalizadas.

Antes de abordarmos essa questão, vamos discutir um exemplo de gestos complementares à fala que Carneiro apresentou em sua dissertação de mestrado (2012), parte da qual foi convertida em artigo (2016). Ele ilustra a sua discussão com capturas de vídeo de uma entrevista em que a jornalista Sonia Bridi explica ao entrevistador Jô Soares como foi árdua a sua proeza de escalar o Monte Kilimanjaro. Observe a sequência apresentada na Figura 1.

FIGURA 1 – JORNALISTA EXPLICANDO SUA SUBIDA NO MONTE USANDO GESTOS



FONTE: <<https://globoplay.globo.com/v/1367228/>>. Timecode 00:12:37-42. Acesso em: 26 mar. 2019.

Na sequência, a jornalista apresenta uma configuração de mão que representa o Monte Kilimanjaro, com a outra mão ela traça o percurso que deve ser feito em zigue-zague até chegar ao pico. Vemos, assim, que ao utilizar essas estratégias gestuais, ela ativa espaços mentais que envolvem um local (o monte) e uma ação (subir o monte), que precisa ser feito de modo particular (em zigue-zague).

A partir dessa breve análise, podemos fazer inferências com a teoria dos espaços mentais, que foi discutida na primeira unidade. Esse exemplo é útil para repensarmos que o ser humano é capaz de ativar um processo cognitivo ancorado no universo perceptivo-prático de suas experiências, as quais organiza conceitualmente por meio de um processo que Cuxac (2001) chama de iconicização, assunto também discutido por Fusellier-Souza (2001) no contexto dos surdos isolados. Além do mais, é possível verificar que a estratégia utilizada pela ouvinte é muito semelhante aos elementos chamados de classificadores nas línguas de sinais, como veremos ainda neste tópico.

No intuito de entender as possíveis convergências das abordagens citadas, buscaremos a compreensão do tema classificadores, definindo os seguintes objetivos:

- trazer informações sobre classificação nominal e verbal de línguas orais classificadoras;
- identificar as configurações classificadoras;
- entender os tipos de construções com classificadores na Libras;
- problematizar o conceito de classificadores nas línguas de sinais;
- comparar alguns classificadores com gestos utilizados na fala;
- investigar o emprego de configurações classificadores a partir de dados reais.

2 CLASSIFICADORES NAS LÍNGUAS FALADAS

“Classificadores”, como o próprio nome indica, são elementos que classificam e especificam determinado aspecto de uma entidade designada por um nome. Entretanto, há muitas controvérsias com relação ao fenômeno, uma vez que algumas línguas impõem dificuldades na identificação de determinadas partículas que acompanham nomes e verbos. Além disso, os usos de “classificadores” são muito variáveis em algumas línguas, como é o caso do Chinês (SCHMALTZ, 2005).

Segundo Allan (1997, p. 285 *apud* FELIPE, 2007 [2002], p. 3), os classificadores podem ser definidos por dois critérios importantes:

- a) eles se realizam como morfemas na estrutura de superfície sob condições específicas;
- b) eles têm significado, já que os classificadores denotam alguma característica saliente ou imputada a uma entidade que é referida por um nome.

Então, é plausível afirmar que um classificador é um afixo ou pedaço de palavra que se encaixa ou acompanha um nome ou verbo para dar informações sobre a relação significado-função e a classe a que se refere esse nome ou verbo. Os classificadores têm significado, já que eles mostram ou apontam alguma característica saliente de um objeto de mundo que é referido por um nome.

Segundo Allan (2001), os classificadores em línguas orais podem estar inseridos em oito categorias diferentes: material (constituição), função, forma, consistência, tamanho, locação, arranjo e quantia. Para Schmaltz (2005, p. 22):

O autor atribui a natureza das noções semânticas à operação de princípios cognitivos (ALLAN, 1977). Assim, concentra-se nas propriedades inerentes de uma classe que todos (ou, no mínimo, a maioria) os membros participam e fornece uma lista exaustiva de características semânticas, as quais servem como base, para a classificação nas línguas naturais. Ele ilustra a recorrência de características particulares, em diferentes línguas, embasado na faculdade perceptual humana; explicitamente tratando as classes de nomes como categorias embasadas cognitivamente.

Essa citação corrobora com a reflexão feita na introdução deste tópico, indo de encontro ao fato de que a categorização dos objetos de mundo é uma capacidade humana que conduz à conceitualização. As línguas revelam, na verdade, apenas a ponta do iceberg da lógica perceptual e cognitiva de determinado grupo cultural (LAKOFF, 1980), por isso, muitos pesquisadores se debruçaram sobre algumas delas, a fim de compreender como se dá o processo de categorização nominal. Vejamos alguns exemplos, conforme as categorias de Allan (2001).

1. Material (constituição)

Essa categoria engloba seres animados (pessoas e animais) e inanimados (árvores, objetos de madeira etc.). Por exemplo, o classificador de pessoa do Chinês [一个人 san-gè ren, três-CL pessoa], em que *gè* é um classificador genérico de pessoa, descrito por Li e Thompson (1981) e o classificador de objetos de madeira da língua Hup do nordeste da Amazônia, estudado por Epps (2009, p. 10).

g'íg=b'ah 'arco' (lançar.flecha = madeira.fendida)

hǎy'=b'ah 'remo' (remo = madeira partida)

2. Função

Alguns classificadores se juntam ao nome para indicar a utilidade dos objetos de mundo. O exemplo adotado se encontra em Schmaltz (2005, p. 100). Perceba que o elemento em **negrito** pode designar ‘meios de transporte marítimo’:

a) 一艘船	b) 一艘货轮	c) 一艘军舰	d) 一艘快艇
yì sōu chuán	yì sōu huòlún	yì sōu jūnjiàn	yì sōu kuàitǐng
um-CL barco "um barco"	um-CL navio cargueiro "um navio cargueiro"	um-CL belonave "uma belonave"	um-CL lancha "uma lancha"

3. Forma

Essa categoria pode ser subdividida em objetos longos, planos e arredondados (que podem ser em uma, duas ou três dimensões) e pode se associar com outras categorias, como consistência, textura etc. Os exemplos a seguir, da língua Maimaindê (EBERHARD, 2016, p. 6) e do Chinês (SCHMALTZ, 2005, p. 120) mostram classificadores que dão características como ‘alongado’ e ‘redondo’, respectivamente, aos nomes que acompanham. Observe os termos em **negrito**:

hiuti- k^hat? -tu	ih- kalo -tu
árvore-Cl.-alongado	correr-Cl.plano
tronco de árvore/graveto	coisa plana que corre (veículo)
一颗珠子	一颗蛋
yì kē zhūzi	yì kē dàn
um-CL pérola	um-CL ovo
"uma pérola"	"um ovo"

4. Consistência

Essa categoria pode ser subdividida em: flexível, rígido e não definido. Pode estar associada à forma e ao material. Os exemplos foram retirados de Eberhard (2016, p. 6):

toh-a-ja-tu abelha-GEN-CLN.LÍQUIDO-SNF mel	nahon-sa-tu água-CLN.LÍQUIDO-SNF chicha/ qualquer bebida adocicada em geral
--	--

5. Tamanho

Essa categoria pode ser subdividida em: grande/pequeno, fino/grosso, estreito/largo e está associada à forma. O primeiro exemplo é da língua Paresi, que foi investigada por Brandão (2016, p. 278), e o segundo é da língua Kana, apresentado por Cândido (2003, p. 208):

		txini-tse				‘gato’	
		onça-CLF.pequeno					
i	núú					‘rato pequeno’	
dimin	rato						
zii	i	ká	núú			‘um pequeno rato’	
um	dimin.	class:genérico	rato				

As partículas ‘tse’ e ‘i’ significam ‘pequeno’, a primeira modificando o nome e a segunda especificando o grau do substantivo que a antecede.

6. Locação, locativo ou localização

Algumas línguas apresentam classificadores nominais que ficam embutidos em expressões locativas que, obrigatoriamente, acompanham nomes em muitos contextos enunciativos. O exemplo da língua Maimandê relaciona um lugar com o referente. Conforme os dados de Eberhard (2016, p. 4), a partícula “t^h” parece exercer a função de locativo, como na expressão na-t^h-tu (dele-lugar-SNF) “o lugar dele”. Veja o uso em outros contextos enunciativos:

ta-t^h in-tu
deitar-CLN.CASA-SNF

na-jau-t^h a-tu
3Ps-ficar-CLN.LUGAR-SNF

“No lugar (casa) onde ele está deitado” “Lugar (não especificado) onde ele / está ficando”

7. Arranjo

Segundo Felipe (2002), essa categoria relaciona objetos que são dispostos de uma maneira específica, entretanto, não se apresenta apenas nas línguas classificadoras, mas pode estar incorporada a um verbo derivado, alterando o significado do verbo ou nome do qual derivou. Os exemplos que a autora traz são os verbos enrolar (dar forma de rolo), empilhar (colocar uns sobre os outros,

enfileirar (dispor em fila), amontoar (dispor em monte) etc. Observe que os sufixos se agregam a determinado radical, a fim de criar um novo sentido, o de organização e arranjo.

8. Quantia

Em algumas línguas, o plural é expresso por meio de classificadores, usados como numerais, na forma substantivo número-classificador. Por exemplo, a língua Ponapeen (REHG, 1981, p. 130 *apud* GRINEVALD, 1999, p. 111).

pwihk riemen
porco 2 + CL animado "dois porcos"
tuhke rioapwoat
arvore 2 + CL comprida "duas árvores"

Perceba que, neste caso, o afixo dependente (ligado à palavra) "ri" significa "dois", mas há outras línguas que classificam de outras maneiras mais específicas, como é o caso do Chinês que relaciona uma quantidade, dividindo-a em coleção, volume, peso e tempo. Observe os exemplos que foram retirados de Schmaltz (2005, p. 30):

Unidades de classes coletivas:

队 duì, "time, pelotão": 一队兵 yí duì bīng

"um pelotão de soldados"

双 shuāng, "par": 一双鞋 yí shuāng xié

"um par de sapatos"

Unidades relacionadas com a quantidade de tempo:

阵 zhèn, "período": 一阵风 yí zhèn fēng

"um período de vento" ou "uma ventania"

À primeira vista parece que todas as categorias se referem aos aspectos dos objetos de mundo concretos, mas em determinadas línguas há uma extensão do significado em construções metafóricas, tais como o exemplo de Eberhard (2016, p. 11):

natoʔ-sa kãn-hã
 qual-CLN.LÍQUIDO descer-INTERR
 “Qual líquido está descendo (rio abaixo)?” OU “Quais são as novidades?”

No exemplo, o classificador que designa coisas líquidas ou também coisas que se propagam ou dispersam facilmente, como é o caso do gás, da fala e do som, pode transmitir metaforicamente o sentido de “fluir”, de “correr”, de “se propagar”, como é o caso dos acontecimentos novos (as novidades) do dia a dia.

Esperamos que, com essa breve explanação, você consiga entender um pouco do funcionamento de classificação nominal que determinadas línguas faladas adotam. Vamos ver, na próxima seção, como o fenômeno de classificação é concebido para a língua de sinais.


3 CLASSIFICADORES NAS LÍNGUAS SINALIZADAS

A língua de sinais categoriza os objetos de mundo por meio de um processo metonímico, ou seja, pega partes para representar mentalmente o todo (FARIA-NASCIMENTO, 2009). Veja a figura e acompanhe a discussão a seguir.

FIGURA 2 – PESSOA DESFILANDO



FONTE: Carneiro (2016, p. 123)

Na Figura 2, temos um sinal lexical padrão que é seguido pela composição com os dois articuladores principais. O antebraço esquerdo serve de apoio à mão direita que executa uma configuração em , com as extremidades dos dedos voltadas para baixo, deslocando-se no articulador de apoio e executando movimentos de alternância dos dedos. Temos assim, três tipos de informações que podem ser ativadas: um lugar ('passarela'), um ser animado ('modelo') e a realização de uma ação ('desfile'). O significado "modelo bonito(a) desfilando" só pode ser ativado porque o nosso conhecimento de mundo associa 'bonita' + 'pessoa' + 'andar' + 'passarela' a *frames*, conforme a teoria de Lakoff (2001). Mas o que é um *frame*? Antes de continuar a leitura é importante que você não pense em um elefante. Se você, apesar de ter recebido a instrução, pensou em um elefante, você provavelmente está concentrado na leitura.

Essa é a estratégia que Lakoff (2001) utiliza para dar início as suas aulas, quando entra no assunto sobre *frames*. O autor explica:

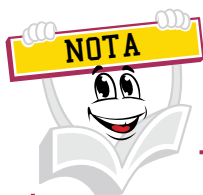
Quando eu explico o acionamento de *frames*, em Berkeley, em Ciência Cognitiva 101, a primeira coisa que faço é dar um exercício aos meus alunos. O exercício é: Não pense em um elefante! Faça o que fizer, não pense em um elefante. Nunca encontrei um aluno que seja capaz de não pensar em um elefante. Eu nunca encontrei um aluno que seja capaz de fazer isso. Cada palavra, assim como "elefante", evoca um *frame*, que pode ser uma imagem ou outros tipos de conhecimento (LAKOFF, 2001 *apud* DUQUE, 2015, p. 28).


No exemplo da sequência da Figura 2, os elementos indexadores remetem a *frames* que, conforme Duque (2015, p. 26):

[...] são mecanismos cognitivos através dos quais organizamos pensamentos, ideias e visões de mundo. Novas informações só ganham sentido se forem integradas a *frames* construídos por meio da interação ou do discurso. À medida em que a estruturação e o acionamento desses padrões cognitivos ocorrem inconscientemente, cabe às ciências da cognição explicitá-los.

Para a Linguística Cognitiva, em especial, essa explicitação se ancora na linguagem, ou seja, o processo cognitivo de construção do sentido tem início no reconhecimento dos indexadores linguísticos que vão sendo apresentados sucessivamente no discurso.

Mas os indexadores classificadores de 'pessoa' + 'andar' + 'passarela' são diferentes do indexador BONIT@ porque o seu significado deve ser construído ao longo do discurso e é justamente orientado pelos signos que os acompanham.



Doravante, para fins de compreensão, os sinais lexicais serão convencionados por letras em caixa alta, como é o caso de BONIT@. A arroba significa que não está especificado o gênero masculino ou feminino. Os indexadores que, por enquanto, chamaremos de classificadores, no caso, a configuração de mão em , serão anotados com as siglas CL, os outros indexadores, que são apenas compreendidos dentro de um contexto do enunciado, serão anotados entre aspas simples ' ' porque, como veremos, eles podem mudar de significado conforme os outros signos que os acompanham. Já a indicação genérica será colocada entre os símbolos < > e as possíveis interpretações entre aspas duplas " ".


Para entender que o significado do CL  e o indexador 'articulador estendido que serve de suporte' só podem acionar sentidos motivados pelos outros indexadores que o antecedem, troquemos o sinal BONIT@ por PESSOA e o movimento de deslocar e intercalar os dedos mais retilíneo e seguro por um movimento em zigue-zague e titubeante. O que acontece é que outros frames serão ativados. Provavelmente, o significado será 'alguém cambaleia/ anda cambaleando na rua'. Isso significa que o articulador de apoio, que representa <superfície plana e longa>, agora pode ser interpretado como 'rua'. Veja o mesmo articulador servindo como base do sinal SAPO, na Figura 3.

FIGURA 3 – SINAL DE SAPO EM LIBRAS




FONTE: Acervo da autora com imagem do colaborador surdo prof. Deonísio Schmitt (UFSC)

No exemplo da figura anterior, o antebraço estendido não tem significado, pois ele faz parte da composição paramétrica do sinal. Trata-se de um signo de grande iconicidade, porque o CL e o movimento em saltos podem remeter ao conceito 'anfíbio que se locomove com a impulsão de seus membros traseiros'.

Diz-se que pode remeter porque, apesar de ser icônico, ou seja, mesmo que apresente traços que remetem ao referente de mundo, o sinal não é transparente, pois uma pessoa que não conhece Libras talvez não chegue ao conceito que ele geralmente veicula na comunidade que conhece convencionalmente o significado desse signo. Essa discussão será retomada no próximo tópico.

Portanto, um classificador em língua de sinais, como concebe-se neste livro, trata-se de uma configuração manual que se assemelha a um fonema/morfema, cujo significado é construído no contexto do enunciado. Alguns classificadores manuais remetem a um significado mais satisfatoriamente estável, como é o caso

de , que geralmente remete à parte inferior do corpo humano, ou seja, os membros inferiores. No entanto, outros CLs são mais genéricos.

Se compararmos com os classificadores das línguas faladas, conforme os exemplos anteriormente descritos, podemos inferir que os elementos classificadores de um e outro não representam o mesmo fenômeno. Isso porque os afixos ou pedaços de palavra que são unidos aos nomes em línguas faladas parecem ter um significado mais estável, embora ainda variável. Observe o exemplo a seguir, retirado de Schmalz (2005, p. 124):

一把锤子	一把叉子
<i>yì bǎ chuǐzi</i>	<i>yì bǎ chāzi</i>
um-CL martelo	um-CL garfo
“um martelo”	“um garfo”

De acordo com o exemplo, martelo e garfo em Chinês são representados na escrita pelos ideogramas 锤子 e 叉子, mas podem também ser transcritos num código mais simplificado como *chuǐzi* e *chāzi*. Então, o que faz o elemento em negrito que acompanha os nomes nas duas construções? Pois bem, embora eles pareçam ter o significado de ‘objetos que são manipuláveis ou manuseados pelas mãos’, dentro da nossa concepção linguística ocidental parece que o elemento em negrito é totalmente descartável para a compreensão, entretanto, parece essencial para os falantes da língua em questão, pois, no exemplo de Schmalz (2005), ele aparece em 20 construções.

Entretanto, a Libras tem classificadores que se comportam como os que aparecem nas línguas predicativas, cujo radical do verbo se modifica de acordo com as características salientes das entidades que são representadas na posição de argumentos desse verbo, como por exemplo, os verbos de movimento ou localização em Navajo (HOIJER, 1945), e verbos classificadores em outras línguas Athapaskan (cf. PIZZIO *et al.*, 2009; FELIPE, 2002). Observe os exemplos a seguir, em que o radical recebe afixos que podem ser considerados como CLs porque remetem a consistência e espessura dos referentes de mundo:

níjool
 dar Cl. matéria não compacta (tufo)
 'dê-me o feno'

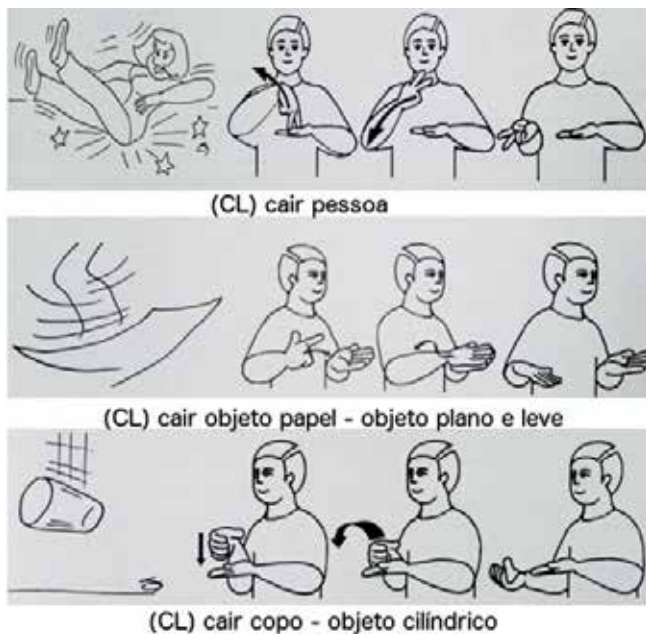
nítijh
 dar Cl. objeto fino
 'dê-me o cigarro'

FONTE: <<http://enacademic.com/dic.nsf/enwiki/2452838>>. Acesso em: 26 mar. 2019.

Neste caso, temos um fenômeno diferente do exemplo de CL do Chinês anteriormente discutido, porque nitidamente não podemos tirar o afixo da raiz verbal, pois o significado depende dele. Mas é importante notar que os afixos ainda assim são opacos quanto ao significado, uma vez que <matéria não compacta> e <objeto fino> são muito genéricos e dependentes do contexto do enunciado. Uma vez mais chama-se a atenção para as convenções sociais, pois, de fato, os verbos devem ser assim estabilizados e seus significados estão mais cristalizados socialmente.




Vale, entretanto, fazer um paralelo com o funcionamento do verbo CAIR em Libras, como mostra a Figura 4.

FIGURA 4 – VERBO CAIR EM LIBRAS



FONTE: Capovilla, Raphael e Maurício (2013, p. 606-607)



Compare as três imagens e identifique o traço que denota a ação de cair. Certamente, o traço comum é o deslocamento do articulador ativo em movimento que representa uma queda. Esse é o traço referencial ou espaço mental que está associado ao conceito do verbo que, em Português, é representado graficamente pela palavra 'cair'.

Com efeito, o verbo cair em Libras parece se comportar como o verbo dar em Navajo, ou seja, CLs são afixadas ao traço <movimento de queda> e esses elementos precisam, forçosamente adotar os traços mais salientes do referente de mundo. Na primeira imagem da sequência, temos o CL , na segunda o CL  e na terceira o CL . Do mesmo modo que em Navajo, o sentido só será atingido no contexto do enunciado. No caso da segunda imagem, o sinal PAPEL foi antecipadamente declarado, na terceira pode-se apenas inferir que um <objeto cilíndrico> caiu e a primeira imagem representa uma sequência discursiva mais estabilizada, porém não há a possibilidade de recuperar se essa pessoa é mulher, criança ou João, haja vista que o paciente da ação não está especificado.

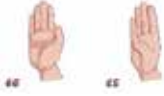





Precisamos encerrar essa seção por aqui, contudo outras seções a seguir esclarecerão mais a respeito dos classificadores em língua de sinais.




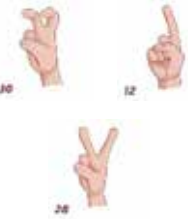
4 CONFIGURAÇÕES CLASSIFICADORAS (METONÍMICAS)














Nesta seção serão apresentadas as configurações classificadoras mais usadas para descrições e na composição de enunciados, não se trata de uma lista extensiva, mas pode ajudar você a entender que algumas configurações de mãos,

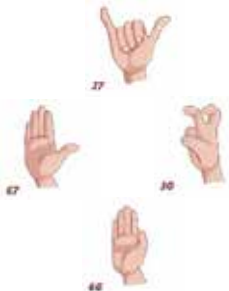
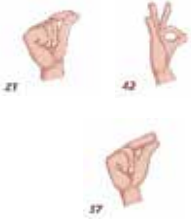




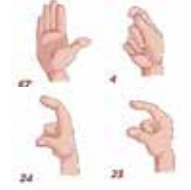
como o caso de  e , podem representar letras do alfabeto (no caso a letra I e a letra B, respectivamente), podem ser apenas configurações paramétricas sem significado que compõem sinais (como PREGUIÇA e ADVERTIR, respectivamente) ou ainda podem ser morfemas que possuem significado como <fino> e <plano>, respectivamente. Acompanhe o quadro a seguir.

QUADRO 1 – CATEGORIAS DE CONFIGURAÇÕES CLASSIFICADORAS

CATEGORIA DE INANIMADOS (Descrição da forma e tamanho)		
Categoria	CM	Exemplos de emprego
Plano		MESA-PLANA TELHADO-RETO PORTA-ARMÁRIO-RETA
Plano com ângulo		CAIXA
Espessura fina (cilíndrico ou não)		LÂMINA-FERRO LIVRO-FINO ALIANÇA-FINA
Espessura média		LIVRO-MÉDIO ALIANÇA-MÉDIA
Espessura grossa		LIVRO-GROSSO BORDA-GROSSA
Espessura grossa e densa		ESPESSURA-MESA
Cilíndrico Fino		BARRA-FERRO-CONSTRUÇÃO FIO-DENTAL
Cilíndrico Médio		CABO-VASSOURA CANO
Cilíndrico Grosso		LUMINÁRIA-ARREDONDADA CANECA-COPO
Redondo médio a grande		BOLA-GRANDE (tipo vôlei) BOLA-MÉDIA (tipo tênis)

Retângulo		RÉGUA FAIXA-TESTA FAIXA-CABELO
Quadrado		PORTA-RETRATO CAIXA-CD QUADRO
Largura		MEDIDA DE ALGUMA COISA (desenha-se o tamanho no espaço) MEDIDA DE ALGUMA COISA GRANDE
Dimensões (altura e tamanho)		HOMEM-ALTO HOMEM-BAIXINHO OBJETO GRANDE ou PEQUENO Dimensões proporcionais
Côncavo		COLHER
CATEGORIA DE ANIMADOS (descrição de parte do corpo)		
Categoria	CM	Exemplos de emprego
Humano – 1 pessoa		PESSOA-CAMINHANDO PESSOA-PASSEANDO PESSOA-CAINDO PESSOA-DEITADA PESSOA-PARADA

Humano – 2 pessoas		<p>Variantes do exemplo anterior com incorporação de número</p>
Humano – 3 pessoas		
Humano – 4 pessoas		
Humano – 5 pessoas ou mais		
Animal (patas)	<p>  (animais de grande porte)     (animais em geral, especialmente, de pequeno porte)  (aves ou inseto em geral) </p>	<p>ELEFANTE-ANDANDO</p> <p>CACHORRO-ANDANDO GATO-ANDANDO SAPO-PULANDO, COELHO-PULANDO</p> <p>AVES-ANDANDO GRILO SALTANDO</p>
Animal (corpo)	    	<p>PEIXE-NADANDO GOLFINHO-NADANDO JACARÉ-RASTEJANDO COBRA-RASTEJANDO LESMA-RASTEJANDO</p>
Animal (asas)		<p>BORBOLETA-VOANDO PÁSSARO-VOANDO</p>

Veículos em geral		AVIÃO-LOCOMOVENDO-SE TREM-LOCOMOVENDO-SE CARRO-LOCOMOVENDO-SE CAMINHÃO-LOCOMOVENDO-SE MOTO-LOCOMOVENDO-SE BICICLETA-LOCOMOVENDO-SE
CATEGORIA DE VERBOS DE PREENSÃO ou MANUSEIO		
Categoria	CM	Exemplos de emprego
Preensão de objetos de espessura fina (cilíndrico ou não)		PINCELAR PEGAR-FOLHA PEGAR-LÁPIS
Preensão de objetos de espessura média		PEGAR-LIVRO
Preensão de objetos cilíndricos		PASSAR-ROUPA PINTAR-COM-ROLO COZINHAR VARRER
Preensão de objetos largos		PEGAR-CELULAR PASSAR-ESCOVA-SAPATO
Preensão de objetos redondos		PEGAR-BOLA
Manuseio de objetos planos, redondos, quadrados ou retangulares		SEGURAR PRATO (sobre a palma) SEGURAR PRATO (pelas bordas) SEGURAR UM CD SEGURAR BISCOITO

FONTE: Adaptado de Pizzio *et al.* (2009, p. 16-19) que, por sua vez, se basearam em Sandler e Lillo-Martin (2006), Supalla (1982) e Ferreira-Brito (1995)

Após essa lista de configurações classificadoras, passemos a discutir a tipologia dos classificadores na Libras, fornecendo exemplos de como compor vários tipos de enunciados.

5 TIPOLOGIA DOS CLASSIFICADORES NA LIBRAS

Para iniciar esta seção, vamos comparar a definição de classificador para a língua sinalizada dada anteriormente e a definição de Faria-Nascimento (2009, p. 116), que diz que se trata de:

[...] uma unidade 'morfêmico-lexical' simples com unidade semântico-sintática complexa. Em outras palavras, um tipo de morfema livre com grande informação semântica e que, por isso, representa ora um sintagma nominal, ora um sintagma verbal com alto poder de ajuste pragmático. Apesar das controvérsias, não se tem dúvida de que os CLs são constituintes com função gramatical.

As controvérsias as quais ela menciona se referem às diversas nomenclaturas utilizadas até hoje para designar esse tipo de indexador linguístico, chamado classificador. Entretanto, não é somente a denominação do fenômeno de classificação em si que parece problemática, mas também as tentativas de organizar as tipologias (uma ordem taxonômica), uma vez que as existentes se baseiam nas tipologias de classificadores das línguas faladas e insistem em pensar o fenômeno via comparação com a gramática das línguas faladas, ou seja, via transposição prescritiva/descritiva e tradutória. O mais adequado nos parece seguir um raciocínio diferente, mas, antes disso, leia a seguir o resumo que Felipe (2002, p. 7-8) fez da classificação de Supalla (1986):

Na tipologia e morfologia dos Classificadores da ASL de Supalla (1986), pesquisa que sistematiza seus trabalhos anteriores e que tem sido ponto de referência para vários pesquisadores, os classificadores foram divididos em:

- a) **Especificadores de tamanho e forma:** são configurações de mãos que representam vários aspectos do referente. Esses classificadores foram subdivididos em especificadores de tamanho e forma estáticos (SASSes): objetos longos, redondos etc.; e especificadores de tamanho e forma em traço: a mão, movendo-se no espaço, traça as linhas do referente em duas ou três dimensões;
- b) **Classificador semântico:** são configurações de mãos que representam os referentes enquanto categorias semânticas: classificadores de objetos com pernas (pessoa, cachorro, aranha etc.); classificadores de objetos horizontais, verticais etc.;
- c) **Classificador corpo:** todo o corpo do emissor pode ser usado para representar seres animados, sendo esta classe uma marca de concordância nominal;

- d) Classificador parte do corpo:** a mão ou alguma outra parte do corpo do emissor é usada para representar uma parte do corpo de referente. A parte do corpo é uma localização. Este tipo de classificador foi dividido em: especificadores de tamanho e forma de parte do corpo (dentes na boca, listras de um tigre) e classificadores dos membros (mãos e antebraço; pernas e pé);
- e) Classificador instrumento:** uma representação mimética ou visual-geométrica do instrumento mostra o objeto sendo manipulado, mas este não é diretamente referido. Este tipo foi subdividido em: classificador mão como instrumento – usados para contrastar os vários meios que a mão interage com objetos sólidos de tamanho e formato diferentes; classificadores ferramenta – usados para operar ferramentas manualmente;
- f) Morfemas para outras propriedades de classes de nomes:** usados para mostrar consistência e textura (líquido, gasoso, macio etc.); integridade física (quebrado, espedaçado etc.); quantidade (coleção, muitas pessoas etc.); posição relativa (uma pessoa acima de outra, status etc.)

Relacionando esses classificadores com verbos de movimento e de localização, Supalla (1986) apresenta a raiz desses verbos como sendo formada por: um pequeno número de **movimentos** possíveis (existência, localização ou movimento); um pequeno número de **paths** (linear, arco e círculo); um **morfema classificador** (mão ou outra parte do corpo, configurando uma forma particular e localizada em um lugar particular e orientada ao longo de um path) e relações locativas entre o nome central (objeto que move – tema) e o secundário (o objeto fundo). A forma da mão nesses verbos refere-se à classe do objeto que está envolvido no evento. Os morfemas internos destes verbos seriam o morfema classificador, o movimento e os pontos básicos e os externos seriam a flexão de número e aspecto.

Na sequência de seu texto, que resume as classes formadas por Supalla (1986), FELIPE (2002) descarta, com razão, os classificadores semânticos da lista, haja vista que todos os tipos de CL são unidades semânticas. Ela, então, sugere uma análise seguindo princípios estruturais formais.

Igualmente, problematiza os especificadores de tamanho e forma, citando o exemplo de traçados de formas geométricas no espaço sinalizado, designando-os como itens lexicais. Já em relação aos classificadores de corpo e partes do corpo, Felipe argumenta que também não se trata de CL, mas itens lexicais, uma vez que em Libras, ao se falar do nariz, da boca, dos olhos, por exemplo, toca-se essas partes ou sugere-se o contorno com o indicador sobre as áreas designadas.

Os classificadores instrumentais também foram alvo de rejeição porque, segundo a autora (FELIPE, 2002, p. 11), “ocorrem, na verdade, dois processos diferentes na formação de verbos que possuem configurações de mãos que representam mimética ou iconicamente o objeto, enquanto instrumento, ou a forma de se pegar um objeto”.

Felipe (2002, p. 12), depois de fazer uma triagem, concluiu que:

Após estas reflexões, retirando o que impropriamente foi considerado classificador, ficam somente algumas configurações de mãos que, sendo morfemas, serão consideradas nesta pesquisa como sendo desinências de gênero. Assim, nas línguas de sinais, tomando como exemplo a LIBRAS, há um sistema complexo de desinências que estabelece as flexões verbais.

A autora passa, assim, a descrever a flexão verbal em Libras, dividindo-a em: flexão número-pessoal, flexão para locativos e flexão de gênero. Porém, essas categorias não serão discutidas aqui por duas razões: 1) a perspectiva adotada tenta buscar semelhanças nas pesquisas de classificadores das línguas faladas que são muito controversas e possuem uma grande variabilidade e 2) há uma tentativa constante de inserir as análises dos processos icônicos da língua de sinais em descrições e formalidades que dificultam a compreensão e confundem a real função dos classificadores que, simplificando, são configurações de mão que, pelo fato de guardar traços dos referentes de mundo, são providas de traços de significação que serão compreendidos no contexto enunciativo.

Finalizando essa seção, vale ressaltar que Pizzio *et al.* (2009) também criaram uma nova tipologia, listando as seguintes categorias: classificadores descritivos; classificadores especificadores; classificadores de plural; classificadores instrumentais e classificadores de corpo. As autoras ilustram cada categoria com imagens e glosas (transcrição) em português, mas sem suporte visual dinâmico fica difícil compreender a adoção dos CLs em usos concretos. Vamos aproveitar outras seções para fornecer exemplos e refletir sobre as tipologias aqui abordadas.

6 ANÁLISE DOS CLASSIFICADORES EM CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS

Como foi possível verificar, o tema sobre classificadores se tornou complexo frente às diversas e divergentes visões que foram sendo adotadas, sobretudo pelo fato de tentar encaixar as análises da língua de sinais nos arcabouços teóricos das línguas faladas que primam, principalmente, as concepções estruturais. Essa perspectiva não é adotada aqui, pois um dos objetivos deste livro é fornecer subsídios para a aprendizagem e a reflexão da Libras a partir de exemplos reais de uso. Observe a Figura 5:

FIGURA 5 – DESCRIÇÃO <VÁRIOS SAPOS ESPALHADOS>



FONTE: Acervo da autora com ilustração adaptada de Meier (1969, p. 23) e imagem do colaborador surdo prof. Deonísio Schmitt (UFSC).


Na sequência, temos o sinal SAPO, seguido de um CL com a configuração em  que é repetido em diferentes pontos do espaço de sinalização. Podemos analisar essa sequência em três aspectos: um descritivo, um distribucional e outro pluralizador, que poderíamos associar com as categorias anteriormente abordadas: a de arranjo (ALLAN, 1977), a descritiva e a de plural (PIZZIO *et al.*, 2009). Entretanto, entendemos que o plural e o arranjo não estão no CL, mas na repetição desse CL no espaço, assim, não consideramos que haja CL de plural, nem CL de arranjo e que todas as CL são, de certo modo, descritivas. A sequência nos leva a um sintagma nominal que poderíamos traduzir como “Atrás do tronco, (havia) muitos sapos espalhados”. O tronco é representado pelo antebraço de apoio mantido com função de boia. O plural é marcado também pela expressão facial (bochechas infladas e lábios arredondados), a distribuição é não compacta, pois as repetições envolvem o uso de um espaço mais abrangente. Veja outro exemplo na Figura 6.

FIGURA 6 – ESPAÇO SUB-ROGADO <O MENINO SE SEGURA NOS GALHOS>



FONTE: Acervo da autora com ilustração adaptada de Meier (1969, p. 14) e imagem do colaborador surdo prof. Deonísio Schmitt (UFSC).

Este exemplo apresenta um CL de preensão configurado em e um sub-rogado, ou seja, uma incorporação de personagem. É bem verdade que essa configuração parece ter relações mais diretas com a categoria instrumental (PIZZIO *et al.*, 2009), entretanto, nem sempre ele se aplica ao manuseio de objetos, como comprova o exemplo. Por isso, uma categoria chamada de preensão e manuseio seria mais adequada, uma vez que é somente no contexto do enunciado e pragmático que será possível construir o significado. Um exemplo disso é que esse mesmo CL pode ser usado para “martelar”. É o movimento e a tensão colocada nele que permitirá a compreensão, logo, a ação verbal pode ser inferida mais pelo movimento do que pelo CL propriamente dito. Vejamos outros exemplos nas Figuras 7 e 8.

FIGURA 7 – DESCRIÇÃO DE FORMAS VOLÁTEIS




FONTE: <<https://youtu.be/LkoqwbELUR0>>. Acesso em: 1º jan. 2019.

FIGURA 8 – DESCRIÇÃO DE FORMAS VOLÁTEIS



FONTE: <http://tvines.org.br/?page_id=16711. *Timecode* 00:01:44 a 00:02:00>. Acesso em: 14 ago. 2018.

Os exemplos das Figuras 7 e 8 apresentam variações de um mesmo CL que, devido à abertura dos dedos das mãos, configuradas em , descrevem fenômenos menos concretos. Você se arrisca a atribuir um significado sem conhecer o contexto do enunciado? Se esse CL fosse incluído na tipologia de Allan (1977), ele estaria na categoria consistência, já na tipologia de Pizzio *et al.* (2009) se trata de um especificador. Entretanto, esses exemplos já foram suficientes para perceber que é problemático inserir esses CLs em categorias fechadas, visto que uma mesma forma pode participar de várias construções discursivas.

No próximo tópico, vamos retomar um assunto que já foi abordado em outro livro, a noção de transferências teorizada por Cuxac (2000, 2001). Seremos capazes, então, de entender os mesmos fenômenos sob outra ótica.

RESUMO DO TÓPICO 1

Neste tópico, você aprendeu que:

- Os ouvintes usam, muitas vezes, formas manuais para esclarecer a descrição de fatos e experiências que estão explicando oralmente. De fato, os gestos ficaram fora das análises linguísticas e comunicativas da ciência linguística e isso não foi diferente nem com as línguas de sinais, na época em que se buscava provar que eram línguas naturais, com isso, o aspecto icônico da língua foi ofuscado.
- Vários autores se debruçaram no estudo dos classificadores em línguas faladas e sinalizadas, porém o assunto ainda é controverso. Embora haja um consenso em considerá-los como elementos que classificam e especificam determinado aspecto de uma entidade designada por um nome, as categorias são muito variáveis de uma língua para outra.
- A abordagem dos *frames* (LAKOFF, 2001) são úteis para mostrar que indexadores linguísticos ativam espaços mentais com os quais é possível construir o significado. Isso porque a significação é construída socialmente, a partir de convenções e de informações cognitivas compartilhadas. O sentido, porém, é atualizado nas relações discursivas e pelos estímulos do contexto da enunciação.
- Nas línguas de sinais, há partículas chamadas de classificadoras que tomam a forma de uma configuração manual que possui alguns traços de referentes de mundo. Por isso, algumas configurações classificadoras são mais específicas e remetem a um significado mais estável, outras, porém, são mais genéricas e totalmente dependentes do contexto do enunciado.
- Alguns verbos de línguas predicativas, como a língua Navajo, permitem afixos classificadores que modificam o radical, conforme as características salientes das entidades que eles representam. O mesmo ocorre com alguns verbos da Libras, como o verbo CAIR, uma vez que precisa incorporar ao movimento de queda uma configuração classificadora que carregue os traços do objeto de mundo.
- A tipologia dos classificadores também é um assunto bem controverso, uma vez que o mesmo fenômeno é concebido e descrito de inúmeras maneiras. Na seção 5, foram apresentadas algumas dessas classificações, geralmente tomando como base estudos de pesquisadores da Língua de Sinais Americana.
- No entanto, com poucos exemplos foi possível mostrar que a divisão por categorias é problemática, haja vista que os elementos são muito genéricos e opacos. Com isso, foi defendido que as configurações classificadoras geralmente não remetem a um único contexto do enunciado e a um único significado. Elas podem, contudo, participar de construções discursivas das mais variadas e é um fenômeno muito produtivo nas línguas de sinais.



De acordo com o que foi exposto neste tópico e tomando como base os tipos de configurações classificadoras, observe as figuras a seguir, filmando ou fotografando em Libras conforme os enunciados.

- 1 Com movimentos e classificador adequado, indique as direções listadas ao lado da figura.



- à direita
- à esquerda
- à frente
- de ré
- lado a lado
- um atrás do outro

FONTE: <<http://omurtlak50.blogspot.com/2012/01/car-driving-parking-games.html>>
Acesso em: 26 mar. 2019.

- 2 Usando os classificadores e movimentos adequados, represente o acidente e o seu resultado.



FONTE: <<http://clipart-library.com/clipart/8cG6pdR6i.htm>>. Acesso em: 26 mar. 2019.

TRANSFERÊNCIAS E FENÔMENOS ICÔNICOS EM LÍNGUA DE SINAIS

1 INTRODUÇÃO

Até a década de 1960, as pesquisas centraram-se nos estudos das línguas faladas. A partir dessa década, Stokoe (1960), pela primeira vez, mostra ao grande público que a língua de sinais é passível de ser analisada (decomposta em parâmetros). Essa irrupção da língua de sinais no seio da ciência linguística abalou as matrizes epistemológicas e teóricas da área. Devido à crença na supremacia da fala, houve resistência em aceitar o status de língua natural das línguas sinalizadas (ARAÚJO, 2016).

Segundo Ferreira-Brito (1995), a modalidade da língua de sinais afeta as teorias linguísticas em pelo menos quatro pontos: os preceitos teóricos sobre a linguagem verbal humana; os aspectos paralinguísticos que foram retirados da análise das línguas orais e a noção de arbitrariedade e linearidade; a necessidade de abranger análises linguísticas de uma modalidade diferente da oral-auditiva; a neutralidade da pesquisa linguística que não pode omitir as problemáticas que abrangem aspectos políticos, sociais, de uso linguístico e educacionais.

A partir dos anos 1980, os estudos desenvolvidos nos Estados Unidos passam a influenciar as pesquisas em Libras aqui no Brasil (QUADROS, 1997; FERREIRA-BRITO, 1995; QUADROS; KARNOPP, 2004), buscou-se, assim, comparar a modalidade sinalizada à modalidade falada, pautando-se na visão de compatibilidade a fim de identificar as semelhanças entre Libras e Português. A perspectiva adotada era de cunho estruturalista e gerativista, ou seja, focavam, sobretudo, as análises dos níveis linguísticos: fonética/fonologia, morfologia e sintaxe.

Assim que as línguas de sinais foram ganhando espaço numa teoria linguística mais geral, Meier (2002) levanta a questão de que a modalidade pode exercer certas pressões sobre a estrutura de uma língua, criando a noção de “efeitos de modalidade”. Marcariam, assim, as distinções entre fala e sinalização: os sistemas articulatórios, os sistemas perceptuais, a maior incidência dos aspectos icônicos e elementos indexicais estabelecidos no espaço das línguas de sinais e, por fim, sua “juventude”, sua simultaneidade e sua origem baseada no sistema gestual.


Fundamentando-se nesse conceito de efeitos de modalidade, criou-se a visão diferenciada que culminou em uma Linguística das línguas de sinais. Cuxac (1993; 1997b; 2000; 2001) é um dos autores franceses que mais defende a independência das análises dessas línguas. A sua teoria contrapõe as análises realizadas na Linguística estrutural apresentando os vários estudos motivadores dessa mudança de perspectiva, tais como (cf. CUXAC, 2001, p. 2): 1) a volta do referente nas análises da prototipicidade das categorizações, conduzidos por Rosch (1978) e da iconicidade diagramática em sintaxe das línguas orais, realizados por Seiler (1983) e Haiman (1985); 2) a hipótese de uma ancoragem perceptivo-prática da linguagem no domínio visual-espacial de Langacker (1987, 1991) e Desclés (1991), no âmbito visual-espacial e proprioceptiva de Talmy (1983) e na pesquisa actancial e morfodinâmica de Thom (1972, 1980), Widgen (1982) e Petitot (1985, 1991) e no domínio da corporalidade e das fontes de metaforizações conceituais de Lakoff e Johnson (1985) e Lakoff (1997). Em paralelo, outros três tipos de pesquisas descentralizaram o foco dos aspectos linguísticos das línguas faladas, abrangendo a comunicação não verbal, em particular nos subdomínios da gestualidade conversacional de Calbris e Porcher (1989), da fonética da gestualidade e do estudo das coarticulações profundas entre gestos vocais, faciais e corporais de Fónagy (1983) e Guaïtella (1991); o campo da semiótica da imagem do grupo Mμ (1992) e as pesquisas sobre as representações relevantes do universo psíquico da neuroimagem em psicologia cognitiva, desenvolvidas por Paivio (1986), Kosslyn (1980) e Denis (1989). Enfim, cumpre acrescentar os aportes teóricos sobre os espaços mentais, desenvolvidos no seio da Linguística Cognitiva que, como foi visto, influenciam a forma de se investigar as línguas sinalizadas e as línguas faladas.

Portanto, ao se fazer uma análise mais ampla, segundo Araujo (2016), é possível encontrar evidências convergentes que podem embasar a defesa de uma Linguística bimodal, unificando as áreas, mas atentando sempre para os efeitos de cada modalidade. Isso implica ter consciência de que as línguas, por meio de seus signos, exprimem conceitualizações que dependerão da qualidade do signo, ou seja, se ele é visual ou sonoro, haja vista que as modalidades vão impor os modos de articulação que lhes são características.

Brevemente, é importante salientar que as propriedades icônicas das línguas de sinais estão numa fronteira entre aspectos linguísticos e aspectos gestuais e que isso de nenhum modo fere sua integridade de língua natural, assim como os gestos que são produzidos com a língua falada também não a desqualificam dessa natureza. Lembre-se do exemplo da Figura 1:



que ilustrou a estratégia visual da jornalista ao mostrar como foi a escalada do Monte Kilimanjaro. Depois de ter estudado o tema sobre classificadores, você pode verificar que as configurações que ela usa tem propriedades classificadoras.

Ela usa a mão de apoio para representar o monte em  e, com a mão ativa em



, ela descreve o trajeto, recurso este muito produtivo em língua de sinais.

Correa (2007), em sua dissertação de mestrado, fez um estudo sobre a complementaridade dos gestos na língua de sinais, adotando os arcabouços teóricos de McNeill (1992), Kendon (2000, 2004) e Rector; Trinta (1985). A autora resume em forma de tópicos as concepções de McNeill sobre os gestos coarticulados com a fala (2007, p. 40):

1. gestos ocorrem somente durante a fala. Apenas os emblemas e as pantomimas podem expressar algo sem discurso. Em 100 horas de narrativas registradas, McNeill identificou que 90% de todos os gestos são produzidos em enunciados falados;
2. gestos e fala são semântica e pragmaticamente co-expressivos, ou seja, os gestos transmitem significados relacionados ao que está sendo falado e possuem a mesma função pragmática no discurso;
3. gestos e fala são sincrônicos, isto é, ambos ocorrem no mesmo espaço temporal;
4. gestos e fala se desenvolvem juntos nas crianças. A progressão dos gestos acompanha a progressão da fala nas crianças;
5. gestos e discurso são interrompidos juntos na afasia.

Vistos por esses ângulos e esclarecidos pelos exemplos, os gestos podem ser compreendidos como indexadores que também têm o potencial de evocar o conhecimento de mundo dos interagentes discursivos, assim como os indexadores da língua falada.

Mas em língua de sinais, alguns indexadores gestuais se tornam cada vez mais refinados e acabam sendo convencionados e gramaticalizados, outros, porém, continuam em sua qualidade primitiva e são solicitados para cumprir propósitos discursivos específicos.

Os autores que pesquisaram a ocorrência de gestos nas produções sinalizadas e faladas foram Klima e Bellugi (1979), Kendon (1988), McNeill (1992), Emmorey (1999), Goldin-Meadow (2003), voltados para a Língua de Sinais Americana e a autora anteriormente citada, Correa (2007), para a Libras.

Com efeito, esses estudos apontam para uma evidência: gestos fazem parte da bagagem cultural de vários grupos humanos. Eles transitam nas práticas comunicativas humanas de forma mais ou menos livre, segundo as convenções e valores culturais. Gestos complementares à fala parecem estar mais presentes nas narrativas e descrições de fatos, coisas e acontecimentos, justamente lá onde os processos icônicos são mais solicitados. Do mesmo modo, nas línguas de

sinais faz-se mais uso de recursos icônicos nas instâncias narrativas e descritivas. Essa constatação levou Correa a colocar gestos pantomímicos e icônicos em seu protocolo de análise, e, numa revisita ao seu trabalho, podemos inferir que eles se referem aos mesmos fenômenos que hoje adotam a etiqueta de sub-rogados, classificadores e transferências.

Este tópico, assim como o anterior, prepara para uma reflexão mais acentuada que será feita no último tópico. Na verdade, é preciso repensar as propostas e análises para criar um modelo tipológico e conceitual que dê conta de todos os fenômenos espaciais e icônicos das línguas sinalizadas.

Orientado por essas concepções, este tópico tratará dos seguintes temas:

- refletir sobre a iconicidade das línguas de sinais;
- revisar a teoria de grande iconicidade proposta por Cuxac;
- compreender como se constroem as transferências de forma e tamanho;
- entender as transferências de pessoa e de situação;
- analisar construções de transferências duplas e triplas.

2 ICONICIDADE EM LÍNGUA DE SINAIS

Como vimos em outras oportunidades, interpretações equivocadas a respeito da noção de arbitrariedade do signo levaram os pesquisadores a empreender investigações da língua de sinais dentro de uma perspectiva de compatibilidade com as línguas faladas, por isso, durante muito tempo o caráter icônico das línguas de sinais foi ignorado (BOLGUERONI; VIOTTI, 2013; LEITE, 2008; LIDDELL, 2003; MCCLEARY; VIOTTI, 2011; CARNEIRO, 2016).

Entretanto, ao se investigar as línguas sinalizadas sob outra perspectiva, houve quem defendesse o total afastamento dos postulados teóricos das línguas faladas, buscando a independência das pesquisas em língua de sinais. Como vimos anteriormente, na França, Cuxac (1993; 2000; 2001) foi o mais veemente defensor da emergência de uma linguística própria à língua de sinais que pudesse levar em conta os processos icônicos.

Para o autor (1993), o referente foi excluído da reflexão saussuriana sobre o signo, por isso, as palavras mais fortemente icônicas das línguas faladas, como as onomatopéias, foram ofuscadas pela noção de arbitrariedade. Entretanto, entende que:

Definir, a priori, a iconicidade pelo elo de semelhança entre signos linguísticos e referentes [...], é assumir o risco de voltar a uma epistemologia pré-estrutural para a qual a língua se apresenta como um “saco de palavras” que visa falar de um universo pré-codificado feito de coisas prontas (CUXAC, 1993, p. 1).



Com efeito, ele assume que é preciso ter cuidado para não extrapolar a noção de iconicidade, evitando o erro de acreditar que tudo esteja dado e seja totalmente compreensível, transparente. Assim, não é possível conceber a oposição arbitrariedade x iconicidade, mas estabelecer graus de referencialidade e opacidade que dependem parcialmente da modalidade das línguas.

De fato, as representações visuais são potencialmente mais propensas à motivação. Segundo Voghel (2016, p. 18):

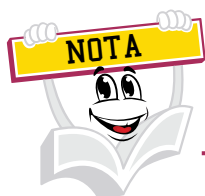
O caráter visual da língua de sinais e a possibilidade de mover os articuladores no espaço e de dar-lhes uma certa forma permitem representar aspectos mais icônicos e mais perto da representação conceitual do referente, em particular os aspectos espaciais do referente, como sua forma, seu tamanho, sua localização, seu movimento ou ainda sua ação [...].

Östling, Börstell e Courteaux (2018), buscando identificar a motivação icônica na localização de sinais convencionais, analisaram 120.000 vídeos de 31 línguas de sinais diferentes. Os dados foram retirados do site Spreadthesign e analisados por processamento automático computadorizado, a fim de identificar o local em que os sinais eram articulados. Assim, tentaram vislumbrar se essa motivação era compartilhada em todas as línguas de sinais. Como era esperado, os autores identificaram fortes tendências a localizações com motivações icônicas diretas ou metafóricas. Assim, sinais como OUVIR, TER FOME, PENSAR, AMOR são produzidos sobre as orelhas, a barriga, a cabeça e o peito, respectivamente. Esse estudo comprova que não é somente a configuração de mão que possui propriedades icônicas, mas outros parâmetros também podem receber motivação do referente.

Acompanhe o raciocínio sobre motivações icônicas, diretas ou metafóricas, associadas aos parâmetros:

- algumas configurações de mão incorporam formas (CLs) que recuperam traços salientes, outrora mapeados na relação física ou representativa dos organismos com os referentes. Parecem fazer parte do nível das unidades mínimas (cinesiográficas) [ para copo,  para tesoura, possuindo traços salientes de objetos físicos, ou seja, +manipulação de objeto cilíndrico e + forma parcial do objeto, respectivamente];
- algumas localizações dirigidas às partes do corpo, que estão implicadas em determinadas percepções, ações, sensações e processos, possuem motivação icônica. Também estão no nível cinesiográfico, possuindo traço de + localização corporal [CHEIRAR, FALAR, TER PENA, APRENDER];
- alguns sinais adotam orientações da mão que se voltam a locativos, retidos a partir da relação dos organismos com o espaço e com artefatos culturais e práticas no mundo. Parecem ser complementos verbais, por isso, estão mais relacionados ao nível sintático [PINTAR <o rosto>, <a parede>; ESCREVER <no

- caderno>, <no quadro>], ou seja, o complemento está implícito na orientação do signo verbal, quando voltado para baixo compreendem superfícies como cadernos e folhas, se voltados para frente compreendem quadros e paredes; se voltados para o corpo, compreendem as partes que estão simultaneamente envolvidas na ação, como rosto, cabelo, unhas;
- alguns movimentos remetem, direta ou metaforicamente, a processos e ações, outrora mapeados nas práticas e atividades dos organismos no mundo [CAIR; DESENVOLVER, NADAR]. Eles fazem parte do aspecto semântico e morfológico;
 - a qualidade da força, tensão, repetição e extensão dos movimentos também podem ser motivados de acordo com a percepção e vivência dos organismos em situações ou ações específicas. Parecem estar relacionadas a processos morfológicos e à aspectualidade [<correr rapidamente>, <escovar freneticamente>, <chover forte>];
 - expressões faciais podem ser icônicas no sentido de que revelam as emoções ou os efeitos sentimentais experienciados pelo organismo [TRISTE, FELIZ, PULAR <de alegria>, CORRER <apavorado>], podem, assim, estar envolvidos no nível lexical em concordância conceitual, como complementos verbais e predicativos <João pulava alegremente>; <João corria e estava apavorado>, geralmente com sub-rogados.



Vale ressaltar que todos esses processos ocorrem simultaneamente, o objetivo aqui foi de colocar uma lupa, parâmetro por parâmetro, mas eles realmente não ocorrem isolados. Pense agora no todo com a sentença “João, enfadado, cortou lentamente a cortina”.

- Se há alguém que corta alguma coisa, precisamos de um agente: neste caso, o João. Ele pode ser introduzido por um sinal, uma soletração ou simplesmente ser recuperado do texto enunciativo.
- Se há algo a ser cortado, que geralmente é feito de tecido como a cortina, precisamos de um instrumento: uma tesoura. Ela será indexada pela forma da mão em V.
- Se alguém realiza a ação de cortar, precisa-se acrescentar um movimento: o abrir e fechar dos dedos e um deslocamento no espaço para fornecer a informação de que a ação está se desenvolvendo.
- Se alguém está desempenhando algo sem ânimo, é útil acrescentar uma expressão facial que concorde com o seu estado de espírito.
- Se alguém está executando lentamente uma ação, é necessário controlar a velocidade do movimento, diminuindo-a e aplicando menos energia na sua execução (menos tensão).
- Locativos serão modificados em duas situações diferentes: se a cortina estiver em vias de confecção, sobre uma superfície de corte ou se estiver fixada na parede e precise ser ajustada, por exemplo, a barra que está longa demais. Isso levará a uma mudança na orientação da mão, contralateral no primeiro caso e voltada para baixo, no segundo.

Você percebeu? Os indexadores presentes no exemplo ativam vários espaços mentais e a iconicidade abrange vários aspectos e não somente o classificador envolvido. Porém, o conhecimento linguístico é apenas uma parte do saber que temos armazenado em nossa memória. Toda a “bagagem” que acumulamos ao longo de nossa experiência e nossa ação no mundo é muito importante para o processamento do significado nas interações discursivas.

Cada elemento da sentença anterior funciona como instruções para abrir os compartilhamentos de nosso saber, a diferença é que, enquanto na fala um signo vem após o outro, exigindo mais tempo de processamento, na língua de sinais, devido à simultaneidade, essa computação é mais rápida.

A reflexão anterior sugere a possibilidade de adotar a explicação dos níveis linguísticos mais específicos dos estudos estruturais realizados na Linguística moderna aos estudos da língua sinalizadas, sem, no entanto, descartar sua especificidade.

A partir das análises da língua de sinais, o campo dos estudos semânticos pode ser enriquecido com a incorporação das análises dos indexadores icônicos (metonímicos ou metafóricos), ou seja, que apontam para referentes físicos e processuais do mundo, na construção do significado. Pode, assim, ser feito um paralelo com gestualidade presente nas sequências discursivas faladas, defendendo a existência de uma linguística bimodal.

Vamos defender essa perspectiva com mais profundidade no último tópico. Para não demorar nesta seção, passemos à revisão da teoria de Cuxac, aprofundando as nossas reflexões.

3 REVISANDO A TEORIA DAS ESTRUTURAS DE GRANDE ICONICIDADE

Cuxac (2001) entende que as estratégias icônicas são empregadas com propósitos comunicativos. Ele usa o exemplo dos congressos internacionais onde se encontram surdos de comunidades linguísticas de todos os cantos do mundo e de como rapidamente eles abandonam os léxicos de suas respectivas línguas de sinais, a fim de se comunicarem num registro de base icônica comum para todas essas línguas. É exatamente esse sistema que ele passa a discutir, dividindo-o em três níveis: iconicidade de primeira, de segunda e terceira ordem.

Na iconicidade de primeira ordem, estão envolvidos os elementos que o autor chama de descritivos. Esses elementos são produzidos com muita frequência nas narrativas, em um vai e vem entre formas icônicas e o léxico padrão.

- **Descritivos e especificadores.** Os descritivos se organizam na sucessão de elementos mínimos chamados de especificadores de forma e tamanho. Esses elementos são compostos por uma configuração de mão que remetem a forma de base, um movimento, orientações da mão, de uma localização, que pode ser o corpo ou o espaço neutro.

Note que, enquanto que para outros autores, a ênfase está no ‘classificador’, na teoria de Cuxac esse elemento é apenas mais um parâmetro concatenado com outros parâmetros, a descrição está no conjunto e não somente na forma adotada pela mão. Os classificadores, que também são chamados especificadores, fazem parte de um inventário heterogêneo de configurações de mãos agrupadas segundo sua base referencial.

- **Transferências situacionais.** De uma perspectiva vista a distância, configura-se por meio de um especificador que reproduz, iconicamente, o deslocamento de um agente do processo enunciativo em relação a um locativo estável, no espaço de sinalização. Geralmente, ambas as mãos estão atuantes no processo, uma servindo de suporte e outra desenvolvendo a ação. É por meio dessa estratégia que é possível ativar mais de um espaço mental por vez simultaneamente, o que não é possível em língua falada.
- **Transferências pessoais.** Essas estruturas, que são também chamadas de subrogados, como foi estudado anteriormente, realizam-se pela incorporação do agente do processo enunciativo, humano ou animal mais frequentemente. O narrador assume o papel da pessoa ou personagem que está “citando”.

Na iconicidade de segunda ordem, o vocabulário padrão é afetado por um processo metonímico, uma vez que a parte mais saliente do referente discursivo vale por sua totalidade. Veja o exemplo dos sinais em Língua de Sinais de Quebec – LSQ (iguais aos da Libras, com exceção do sinal VACA que em Libras é realizado com apenas uma mão).

FIGURA 9 – SINAIS DA LÍNGUA DE SINAIS DE QUEBEC/CA: VACA; ÁRVORE, BICICLETA



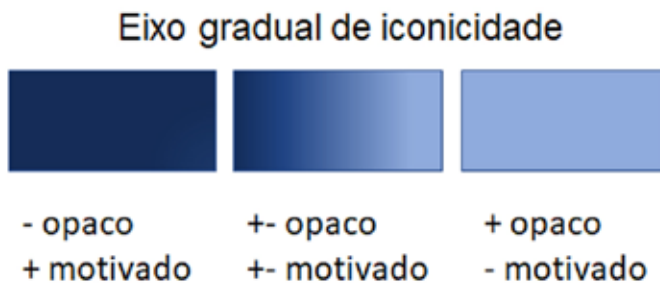
FONTE: Voghel (2016, p. 19)

Perceba que os dois primeiros apresentam características na forma e o terceiro remete ao processo de pedalar. Trata-se apenas de uma parte do referente para representar o todo. Já a iconicidade de alguns verbos e nomes é metafórica e geralmente enviesada pelos saberes e crenças culturais. Por exemplo, os sinais que representam atividades mentais como [pensar], [saber], [imaginar], [acreditar], [sonhar] se localizam no nível do crânio; os sinais que envolvem sentimentos, como [gostar/não gostar], [ter prazer], [sentir], [amar/amor], [orgulho], [ódio] se localizam no nível do peito (perto do coração).

- Na iconicidade de terceira ordem são agrupados elementos que não se encaixam nas duas categorias anteriores: direção do olhar, indicando vagueza de pensamento; meneamento da cabeça (sim e não); a repetição de determinados sinais para marcação de plural; a oposição verbo-nominal pela ampliação do movimento ou pela repetição curta e rápida; os apontamentos com valor locativo, anafórico, referencial ou dêitico.

É importante notar que, da passagem dos signos de primeira para segunda e terceira ordem, há uma graduação que vai do menos opaco para o mais opaco, ou seja, cuja recuperação de sentido dos traços referenciais passa de mais para menos evidente. O significante pode, assim, ser portador de propriedades conceituais que facilitam o acesso ao significado mais naturalmente, conforme sua colocação no eixo gradual de iconicidade.

FIGURA 10 – A ICONICIDADE DO MAIS MOTIVADO PARA O MENOS MOTIVADO



FONTE: A autora

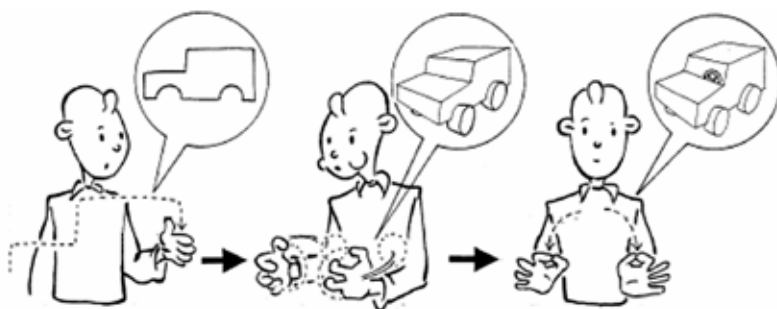
Os níveis de opacidade dependerão do número de traços motivados que os indexadores possuem em relação aos referentes de mundo. Vamos discutir mais essa questão quando serão aprofundados os três tipos de transferências defendidas por Cuxac (2001), o que será feito a partir da próxima seção.

4 TRANSFERÊNCIAS DE FORMA E TAMANHO (TF)

Como já foi anteriormente discutido, Cuxac (1993) concebe três tipos de categorias icônicas: os descritivos e especificadores que, já em 2001, o autor renomeia como transferências de forma e tamanho; as transferências de situação e as transferências de pessoa. Todas essas categorias, segundo o autor, estão inseridas numa iconicidade de primeira ordem.




Veja um exemplo na Figura 11 e acompanhe a discussão.

FIGURA 11 – TRANSFERÊNCIAS DE FORMA E TAMANHO COM DESCRITIVOS E ESPECIFICADORES



FONTE: Guitteny (2006, p. 138)

Nesta categoria, as configurações de mão assumem o papel de classificadores que apresentam traços mais ou menos motivados pelos referentes que indexam. Porém, elas são completamente dependentes da sua relação com outras unidades ou ainda do contexto de enunciação para a construção do significado.

Caso os balõezinhos não estivessem acompanhando a descrição, dificilmente se chegaria a uma inferência válida sobre o referente envolvido. O que poderíamos apreender é que a mão em  executa o contorno de uma forma específica, que as mãos em  remetem a algo redondo de pequena proporção e que as mãos em  descrevem a forma e espessura de algo circular.



Veremos ainda neste livro que as descrições de forma e tamanho dependem em grande parte da habilidade de percepção dos detalhes do objeto e da habilidade de usar as mãos configuradas em formas que indexem traços salientes dos referentes. Essa capacidade é culturalmente compartilhada. Por isso, aprendentes iniciantes precisam desenvolver a percepção e a destreza articulatória para executar essas descrições. De fato, pessoas que não conhecem a língua de sinais já apresentam essa capacidade descritiva, como vimos anteriormente, entretanto, por falta de bons estudos teóricos a respeito, não há uma reflexão profunda no que concerne essa habilidade tipicamente humana.

Veja o exemplo da Figura 12 fora do seu contexto.

FIGURA 12 – TRANSFERÊNCIA DE FORMA E TAMANHO DE REFERENTE DESCONHECIDO



FONTE: Acervo da autora com imagem do colaborador surdo prof. Deonísio Schmitt (UFSC).


A partir do exemplo, pode-se inferir que se trata de algo redondo de grande proporção, representado por variações da configuração de mão  e que se situa no alto, uma vez que ele é realizado acima do ombro e a direção do olhar indica um locativo <alto>. Não há dúvidas de que estamos frente a um exemplo de iconicidade mais ou menos opaca, porque a motivação pode ser recuperada parcialmente. Portanto, essas descrições classificadoras e especificadoras geralmente são genéricas, necessitando do contexto enunciativo ou de um estímulo ilustrado para se chegar ao sentido. Veja na Figura 13 qual foi o estímulo empregado.

FIGURA 13 – DESENHO DE UMA COLMEIA PENDURADA NUMA ÁRVORE



FONTE: A autora

Auxiliados pelo suporte ilustrado, o referente é rapidamente identificado, mas em narrativas sem o apoio de estímulos, certamente o narrador teria que soletrar C-O-L-M-E-I-A, ou ainda usar estratégias de criação de neologismos a partir do léxico existente, tais como ABELHA+CASA, antes de encadear a descrição propriamente dita.

Portanto, é preciso, absolutamente, complementar que essas descrições de forma e tamanho não se encontram isoladas nas narrativas ou sequências enunciativas, elas geralmente fazem parte da descrição de processos e ações, como os que são representados nas transferências de pessoa e de situação que serão abordados a seguir.

5 TRANSFERÊNCIAS DE SITUAÇÃO (TS) E DE PESSOA (TP)

Vejamos o que o próprio autor explica sobre esses fenômenos, lendo o quadro a seguir:

QUADRO 2 – OS TIPOS DE TRANSFERÊNCIAS

2.1.2. Transferências de situações (TS)

O locutor visa reproduzir iconicamente, no espaço situado a sua frente, as cenas que demonstram o deslocamento espacial de um agente em relação a um locativo estável que funciona como marcador. A mão dominada representa o locativo estruturalmente obrigatório, a mão dominante mostra a ação em curso de realização. O valor objetivo do “assim” das transferências de dimensões e/ou de formas (TF) caracteriza também as estruturas de transferência de situações (TS) que, da mesma maneira que as precedentes, são instaladas no espaço seguidamente suportados pelo olhar do locutor. Este emite um ponto de vista objetivo e a mímica que anima o seu rosto intervém, na ocasião, durante a execução do movimento da mão dominante, para caracterizar a natureza aspectual do deslocamento efetuado.

2.1.3. Transferências de pessoas (TP)

Essas estruturas reproduzem, pondo em cena todo o corpo do locutor, uma ou várias ações efetuadas ou sofridas por um agente do processo do enunciado, humano ou animal, mais frequentemente, mas podem também ser não animados. O narrador torna-se, por assim dizer, a pessoa que fala de forma que, em certos locutores, assemelham-se mesmo fisicamente. Para caracterizar essas estruturas, os Surdos utilizam um sinal da sua língua o que significa aproximadamente, um papel ou a tomada de um papel.

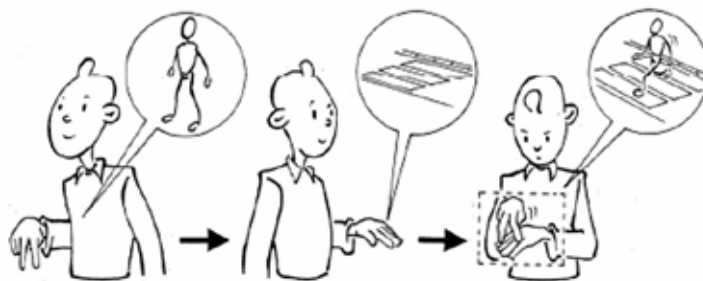
Ao contrário das TS, especializadas em deslocamentos e relações de localização, os TP são veículos da totalidade dos processos. A ação, específica, é encarada apenas no curso da sua realização. Contrariamente aos inúmeros linguistas que persistem em arranjar essas formas linguísticas na qualidade de pantomima, mantenho que é conveniente integrá-las nas línguas de sinais por pelo menos duas razões. Em primeiro lugar, enunciados absurdos, no entanto dizíveis em francês, como ‘o chocolate come o menino’ não podem ser traduzidos em LSF por meio de únicos sinais e estruturas padrão devido a bloqueios semânticos (não animado = não agente) que afetam certos verbos do léxico padrão. Para traduzir tal enunciado, o locutor deve utilizar uma transferência pessoal e “tornar-se” o chocolate. Além disso, os índices de mudança dos agentes transferidos são de tal delicadeza econômica (fechamento dos olhos, modificação ultrarrápida de postura) que não há nenhum motivo de não ver elementos linguísticos.

As estruturas de TP, consideradas em si mesmas, apagam o assunto da enunciação. Uma história inteira pode assim ser contada sem que emergja o ponto de vista do narrador em relação ao que ele diz. Quando o locutor é investido num TP, e desempenha o papel de um personagem transferido, o seu olhar é o mesmo do personagem em questão, agente, paciente ou beneficiário do processo do enunciado. Não deve evidentemente cruzar o olhar do interlocutor enquanto a referenciação não for concretizada, de outro modo, a transferência cessaria. No mesmo sentido, suas expressões faciais caracterizam tanto o estado de espírito do personagem transferido quanto a relação que se estabelece entre o personagem transferido e a ação que realiza.

FONTE: Cuxac (2001, p. 7-8, tradução da autora)

Para ilustrar os dois fenômenos anteriormente descritos, trazemos as Figuras 14 e 15 a seguir. Começamos pela TS.

FIGURA 14 – TRANSFERÊNCIA DE SITUAÇÃO (TS)



FONTE: Guitteny (2006, p. 136)

A sequência da Figura 14 mostra um exemplo de TS. As mãos do narrador ou enunciador desenvolvem a transferência, uma delas está ativa e a outra servindo de apoio. Note que há a presença de um CL de pessoa, representado pela configuração em V. A mão de apoio aciona um novo espaço mental <passagem de pedestres>, um locativo onde a mão ativa vai desenvolver o processo <atravessar>. Os movimentos dão conta de uma ação que o agente discursivo está executando.



Do mesmo modo, a Figura 2 também apresentou um exemplo de transferência de situação, representando o caminhar de um agente discursivo sobre uma superfície. Desta vez, o antebraço ativa um espaço mental, o locativo, cujo significado, construído no momento da enunciação, remete a uma <passarela>. É importante notar que nos dois exemplos, o olhar do enunciador está dirigido ao locativo onde está acontecendo a transferência.

Em relação à transferência de pessoa, reiteramos mais uma vez de que esse mesmo fenômeno é denominado como sub-rogado e já foram fornecidos vários exemplos, inclusive a Figura



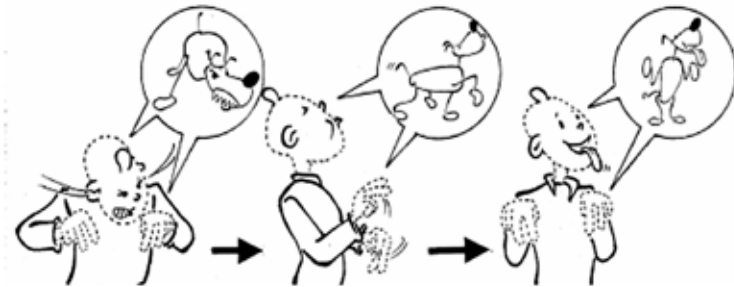
42 (Unidade 1 deste livro) foi criada pela autora motivada pelo exemplo que Cuxac (2001) trouxe ao citar a sentença em francês “*le chocolat mange le garçon*” (o chocolate come o menino), ou seja, não são somente ilustrações que servem de estímulos para a descrição e representação em língua de sinais, mas sentenças faladas, escritas ou imaginadas.



A Figura 38, anteriormente apresentada, representa a incorporação do personagem <menino>, o olhar sustentado para baixo e a leve inclinação da cabeça sugerem que ele olha alguma coisa que está abaixo dele. A expressão facial revela <admiração>.

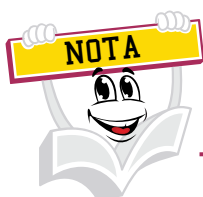
Vejamos outro exemplo somente para reforçar.

FIGURA 15 – TRANSFERÊNCIA DE PESSOA (TP)



FONTE: Guitteny (2006, p. 136)

Na ilustração da Figura 15, há a incorporação de um personagem, um cachorro. O corpo descreve tridimensionalmente as ações do animal que possui características humanas. As mãos representam as patas dianteiras e as expressões faciais inferem as demonstrações de <braveza> e <contentamento>.



É importante ressaltar que as ilustrações de Guitteny (2006), que foram tomadas para fornecer exemplos, foram produzidas por um surdo francês e adaptadas à Língua de Sinais Francesa, ou seja, elas são perfeitamente adaptáveis em Libras, pelo fato de que esse tipo de estratégia de transferência ter uma base perceptivo-prática comum em grande parte das comunidades surdas.

Como é possível depreender, as transferências de pessoa envolvem toda a parte superior do corpo do narrador ou do sinalizante, assemelhando-se muito a uma representação (DUDIS, 2008). De fato, no momento dessa transferência, o narrador assume o papel de um dos personagens e passa a interagir num cenário mental construído. Por isso, vale ressaltar que a melhor maneira de saber identificar essa transferência é observando para onde se dirige o olhar do sinalizante. A ruptura do olhar com o receptor marca a passagem de uma narração em terceira pessoa para a narração incorporada de primeira pessoa.

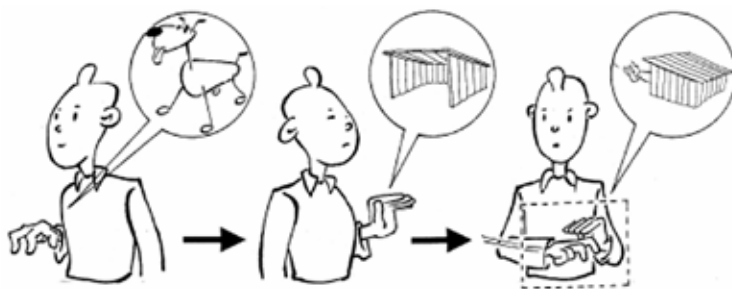
O assunto não se esgota aqui, pois veremos que as categorias não são tão separadas assim. Na próxima seção, vamos ver como elas se combinam, criando duplas ou triplas transferências.

6 MESCLAGEM DE TRANSFERÊNCIAS

Nas seções anteriores, vimos que há três maneiras de descrever e representar iconicamente as sequências discursivas em língua de sinais, segundo a teoria de Cuxac: as transferências de forma e tamanho, as transferências de situação e as transferências de pessoas. Embora tenhamos separado os três tipos, frequentemente eles se misturam nas narrativas em língua de sinais.



Como vimos, conforme a explicação do autor, há o envolvimento de elementos descritivos de forma e tamanho nas transferências de situação. Veja o exemplo da Figura 16 a seguir.

FIGURA 16 – TRANSFERÊNCIA DE SITUAÇÃO



FONTE: Guitteny (2006, p. 137)

Temos um CL que representa os membros dianteiros de um animal, seguido de um CL que representa a forma de um abrigo, a situação se concretiza com o deslocamento de uma sob a outra, ou seja, o articulador ativo configurado

em  é movimentado para baixo do articulador passivo em , construindo a sentença <um cachorro foi para baixo da cobertura/abrigo>. Assim, à primeira vista, as transferências de situação dependem de um outro tipo de transferência, ou seja, a própria definição já assume uma forma de mesclagem.

Pode-se inferir também que as TS envolvem, geralmente, seres animados que executam ações, entretanto, ao dizermos que “a bola rolou para baixo da mesa” teríamos, então, uma transferência de situação com ser inanimado. Outra interpretação plausível é que transferências de forma e tamanho geralmente se envolve em eventos que incluem seres animados e inanimados. Haveria, portanto, sobreposições de transferências possíveis, considerando que a TF é o tipo que mais participa nas construções de outras transferências.

Outra questão é que, quando se define que as TS descrevem “o deslocamento espacial de um agente em relação a um locativo estável”, fecha-se a categoria para aceitar outras construções que não possuem locativos visivelmente estabelecidos, mas mental e espacialmente recuperados. É o caso de exemplos como o que inclui um agente “o cachorro correu” ou um paciente como em “a bola rolou”. Essas e outras discussões serão revisitadas na próxima unidade. Por enquanto, acompanhe outros exemplos de mesclagem de transferências. Veja a Figura 17 a seguir.

FIGURA 17 – DUPLA TRANSFERÊNCIA (DT)



FONTE: <<http://tvines.org.br/?p=16376>>. Acesso em: 8 mar. 2019.

A imagem foi retirada de um contexto narrativo em que uma garota, filha de um cultivador de pomar, pega uma maçã e a come. A configuração em




é uma transferência de forma e tamanho e, embora o olhar esteja dirigido de frente para o receptor, a expressão facial indica que há uma incorporação do agente 'menina'. Se o evento fosse do ponto de vista do narrador, a ação teria sido descrita com itens lexicais convencionais MENINA + MAÇÃ + COMER e não pela representação do ato de comer.

A imagem a seguir foi retirada do conto do gato Viriato, no excerto, uma família de patos, que descansa à beira de um lago, é tomada de surpresa com a investida de Viriato sobre ela. Observe a Figura 18.

FIGURA 18 – TRIPLA TRANSFERÊNCIA (TT)



FONTE: <<http://tvines.org.br/?p=16332>>. Acesso em: 8 mar. 2019.

As mãos, ambas ativas, marcam o plural. Elas estão configuradas em variações de  que incorporam o traço mais saliente do animal pato, ou seja, o seu bico. Ao mesmo tempo, a expressão facial marca a concordância com a gravidade de tal situação e marca uma incorporação que não é individual, mas coletiva, uma vez que todos os patos tiveram a mesma reação e que esse plural estava marcado pelo classificador em ambas as mãos.



Na Figura 39 (Unidade 1), o uso das transferências foi motivado pela imagem. A sentença é introduzida pelo sinal BOTA, que é transferido para um CL de preensão, portanto, uma transferência, cuja forma não poderia ser inferida sem a imagem. Entretanto, a cabeça e o olhar dirigido do TP indicam que se trata de um objeto do qual é possível olhar o interior, o que poderia ser uma caixa, um vaso ou qualquer recipiente. Temos duas transferências ocorrendo, mas a significação se tornaria opaca se não houvesse o estímulo pictórico.

Os exemplos que seguirão se referem a transferências triplas, mas que se referem a dois personagens apenas. Na Figura 19, temos uma captura de tela da mesma história do gato Viriato. No contexto, Viriato, representado pela variação menos tensa da configuração 🖐️, passeia com o seu amigo pato nas costas, o corpo voltado ao espaço neutro a sua esquerda remete a um ponto do espaço designado a um grupo de gatos que zombava deles.

FIGURA 19 – TRIPLA TRANSFERÊNCIA COM CLOSE-UP



FONTE: <<http://tvines.org.br/?p=16332>>. Acesso em: 8 mar. 2019.

A informação da transferência de pessoa parece redundante, pois já há dois espaços mentais ativados nos classificadores. Mas a reação de desdém, marcada pela expressão facial, portanto um TP, não explicita qual personagem está incorporado, poderia ser do gato Viriato ou do pato. Se considerarmos que o classificador <bico de ave> está dirigido para o lócus atribuído aos gatos que observam e zombam, poderia se tratar de um recurso de *close-up*, muito comum em cinematografia, é importante quando se quer enfatizar detalhes. A simultaneidade é que permite esses pontos de perspectivas diferentes e de modo nenhum são redundantes, ambíguos talvez, mas complementam a contação narrativa, focando detalhes.

Essa ambiguidade interpretativa de transferências não existe na sequência da Figura 20. O contexto mostra o personagem Pedroca, um menino paraplégico que dá asas a sua imaginação e acredita estar voando preso a uma pipa.

FIGURA 20 – TRIPLA TRANSFERÊNCIA COM *CLOSE-UP*



FONTE: <<http://tvines.org.br/?p=18200>>. Acesso em: 8 mar. 2019.

Na sequência, a mesma configuração em V está associada a uma transferência de situação e uma transferência de forma, segundo a perspectiva de Cuxac (2001). Uma delas ativa o referente Pedroca, a direção do CL com ponta dos dedos para baixo é a mais provável, a outra ativa o objeto pipa. Por se tratar de um objeto, não há dúvida de que a expressão facial é uma transferência de pessoa que tem Pedroca como referente. Assim, o recurso de *close-up* serve para complementar a perspectiva de um personagem.


Com isso, todos os exemplos anteriormente apresentados se referem a transferências triplas, mas que se referem a dois personagens, sendo que um deles tem um aspecto colocado em evidência, geralmente por uma TP. Veja na figura a seguir um exemplo de transferência tripla.

FIGURA 21 – TRANSFERÊNCIA TRIPLA



FONTE: <<http://tvines.org.br/?p=17015>>. Acesso em: 8 mar. 2019.

O recorte foi feito da história mitológica de Teseu. No excerto, logo depois de ter matado o Minotauro, Teseu levou Ariadne para sua casa, mas um belo dia, ao acordar, a moça não o encontrou. Foi para fora e viu Teseu dentro de um barco indo embora. A partir do sinal barco, um CL designando uma de suas partes laterais é retido na mão esquerda. Em seguida, a mão direita configurada

em  é colocada ao lado da mão esquerda. Ao mesmo tempo, temos uma transferência de pessoa, representada pela expressão facial de alguém que olha ao longe. Movimentos para a frente transmitem a informação de que o barco está se movendo, a sentença é finalizada pelo sinal DESAPARECER.

Como é possível constatar, não é uma tarefa simples inserir análises de fatos linguísticos dentro de categorias predefinidas e, ao que tudo indica até aqui, as teorias são muitas vezes ineficazes em determinadas análises com usos linguísticos reais. Por isso vamos continuar a discussão no próximo tópico.

RESUMO DO TÓPICO 2

Neste tópico, você aprendeu que:

- Motivadas por pesquisas de diferentes áreas do conhecimento, as línguas humanas passam a ser analisadas a partir de perspectivas que incluem o referente, os aspectos paralinguísticos, dentre eles os gestos, e a iconicidade, problematizando a centralidade da língua falada como objeto de estudo.
- De acordo com alguns autores, tanto as línguas faladas quanto as sinalizadas são complementadas por gestos. Ambos os sistemas contribuem com o propósito maior de construir significados. Algumas sequências textuais, como as narrativas e as descritivas, são mais propensas a serem complementadas por gestos.
- A iconicidade não se apresenta apenas nos níveis mais aparentes, ela está implicada no campo semântico em processos metonímicos e metafóricos. Os indexadores icônicos ativam espaços mentais, ou seja, indexam ou apontam para as informações e traços salientes dos referentes físicos e processuais do mundo, de forma a contribuir para a construção do significado.
- Para Cuxac (1993), a iconicidade é dividida em primeira, segunda e terceira ordem. Na primeira ordem, há os elementos que fazem parte da estrutura de grande iconicidade, denominados de transferências. Na segunda ordem está o vocabulário padrão que seleciona uma parte do referente para representar o seu todo. Na terceira ordem estão outros fenômenos mais heterogêneos e opacos, dentre eles a apontação e a direção do olhar.
- As transferências podem ser de três tipos: de forma e tamanho (TF), de situação (TS) e de pessoa (TP). Na TF, temos uma descrição sobre as características mais salientes do objeto. Na TS, um referente indicado por um CL descreve um deslocamento em relação a um locativo estável. Na TP, o corpo do narrador incorpora o personagem, cujo discurso está sendo citado.
- As transferências geralmente são sobrepostas, assim é possível identificar mesclagens de TF sobre TS e TP ou, menos recorrente, a mesclagem tripla. Entretanto, pode haver confusão quando um TP e dois TFs ocorrem juntos e que dois indexadores se referem à mesma entidade animada. Na verdade, o que acontece se assemelha a um recurso cinematográfico chamado close-up, ou seja, o plano é fechado no TP para explicitar detalhes das emoções da personagem.
- Categorias e definições fechadas podem dificultar a análise linguística das línguas de sinais, sobretudo quando elas não utilizam dados reais de uso.



Com base no que foi discutido até aqui, observe as figuras a seguir e:

- 1 Narre a história dos ursos e do caçador. Não esqueça de usar os recursos de classificadores de tamanho e forma, incorporação de personagens, troca de papéis e todos os recursos possíveis de composição do cenário. Grave sua atividade em vídeo e envie da forma indicada pelo seu professor/tutor.



FONTE: Guitteny (2006, p. 272-273)

- 2 Use sua imaginação e descreva com classificadores adequados as formas de comer um grande sanduiche, uma maçã e sushi. Grave vídeo ou tire fotos para ilustrar. Lembre-se que há verbos que incorporam os objetos. O verbo COMER em Libras exige uma certa atenção em relação ao tipo de alimento e qual instrumento é usado para comer, como acontece com o verbo CAIR que foi explicado anteriormente na seção 3.

DESDOBRAMENTOS DAS TIPOLOGIAS

1 INTRODUÇÃO

Na Unidade 1, aprofundamos a noção de espaço sob diferentes perspectivas, dedicando um tópico para a discussão sobre os espaços mentais: espaço real, espaço token e espaço sub-rogado. Nos primeiros tópicos desta unidade, aprofundamos o estudo dos classificadores e das transferências de forma e tamanho, de situação e de pessoa. Esses aspectos da língua já tiveram vários desdobramentos, os quais veremos neste tópico. Vamos identificar também quais etiquetas foram usadas para definir fenômenos semelhantes e como reflexões mais aprofundadas podem levar a uma problematização dessas categorias e como é possível revisita-las, simplificando-as para fins didáticos.

Os estudos desenvolvidos nos Estados Unidos em relação à Língua Americana de Sinais e na Europa, sobretudo na França para a Língua de Sinais Francesa e Inglaterra para a Língua de Sinais Britânica serviram de modelos para a reflexão da Língua Brasileira de Sinais. Essa escolha leva o pesquisador a adotar as perspectivas teóricas e metodológicas desses trabalhos, mas, devido a questões sociolinguísticas, essas abordagens podem não se adequar às análises da Libras, embora haja um consenso de que todas as línguas de sinais compartilham uma gramática espacial e icônica, tornando possível, portanto, fazer uma aproximação.

Com efeito, ao adotarmos termos, conceitos e definições em língua estrangeira para as análises linguísticas da Libras, incorremos no risco de fazer interpretações errôneas, uma vez que necessitamos recorrer à tradução, ou seja, sujeitos às ambiguidades interlinguísticas e interculturais.

Somada a esses dois aspectos, há a questão das interpretações pessoais e subjetivas do leitor/pesquisador, que levam, muitas vezes, a conclusões precipitadas, a análises superficiais ou ainda a extrapolação de categorias que fere os princípios da economia e simplificação.

Essa discussão é necessária porque, na construção destas primeiras unidades, percebemos que a produção intelectual a respeito da gramática da Libras apresenta vários problemas:

- terminologias confusas ou redundantes;
- teorias complexas e pouco acessíveis, principalmente por estarem em língua estrangeira;
- análises que convergem para os mesmos aspectos, sobretudo lexicais e estruturais (geralmente sobre fonologia e sintaxe);
- as teorias adotadas não dão conta dos fenômenos, que são múltiplos e heterogêneos;
- os pesquisadores se enveredam todos para uma mesma área de concentração e dela não saem, não conversando com outras áreas;
- há uma reprodução exacerbada de informações, basicamente, um aglomerado de *fakes*.

Frente a essa problemática, é preciso esclarecer que todos os aportes que trazemos neste livro servem para lhe fazer conhecer as diferentes perspectivas existentes, embora nem sempre sejam claras e eficientes para sua futura atuação profissional. Por isso, reservamos este tópico para revisitar todas as categorias e teorias, a fim de esclarecer as redundâncias, extrapolações e omissões em relação aos temas propostos. Não se quer, contudo, erigir críticas aos trabalhos citados, pois acreditamos que todos cumprem o objetivo a que se destinam. Entretanto, pelo fato de a pesquisa em língua de sinais ser muito jovem, ela carece de aprofundamentos, pois os que estão disponíveis ainda não são suficientes para uma formação de qualidade.

Essa postura segue um princípio didático que você, enquanto futuro professor ou profissional da área de Libras, deve desenvolver, ou seja, tudo o que você lê, ouve ou vê precisa passar pelo crivo reflexivo, no intuito de não aceitar nada como verdade até que se tenha argumentos válidos de comprovação. Afinal, você também poderá colaborar com os avanços que precisamos fazer nessa área de conhecimento tão nova e apaixonante.

Em resumo, o conhecimento não é uma absorção completa dos ensinamentos e a sua transmissão não é uma refração exata do que aprendemos. Quando nos deparamos com um objeto de estudo, precisamos interpretar, reter o que é útil, empreender pontes com outros domínios e buscar formas de expressá-lo. Todo conhecimento deve, portanto, ser uma reconstrução e não mera reprodução.



Você deve ter notado que, para ilustrar o nosso livro, tivemos o cuidado de trazer exemplos concretos de uso, ou seja, as sequências que tomamos como exemplo são produzidas por surdos e ouvintes proficientes em língua de sinais como primeira ou segunda língua. Sempre que possível, acesse os conteúdos dinâmicos (vídeos) que são referenciados, pois, devido a sua diversidade, você poderá contemplar a variabilidade sociolinguística e reconhecer que a Libras não é homogênea. Além disso, é importante que você esteja sempre dialogando com os vídeos e o material didático, mas mais importante ainda é ter interlocutores proficientes em Libras, pois a melhor maneira de aprender e refletir sobre a língua é interagindo com ela.

Após essa breve introdução, vamos avançar no propósito de refletir um pouco mais sobre os conceitos e teorias estudados até aqui. Para isso, esse tópico será organizado com os temas e propósitos de:

- abordar as propostas de novos tipos de transferências;
- revisitar a tipologia dos classificadores;
- identificar termos que se referem ao processo de representação (incorporação);
- identificar termos que se referem ao processo de descrição;
- propor uma nova concepção terminológica e classificatória.

2 OUTROS TIPOS DE TRANSFERÊNCIAS

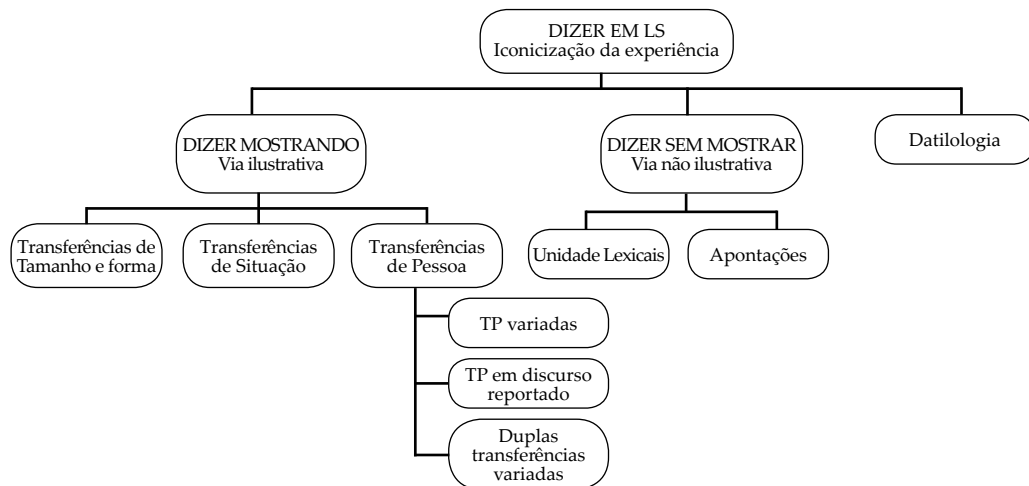
Tomando como base a teoria de Cuxac, alguns autores perceberam a necessidade de ampliar o leque das transferências. O próprio autor, entre 1985 a 2000, muda sua tipologia, chegando definitivamente a um número de 11 categorias:

1. Transferência de tamanho e forma (TF ou TTF).
2. Transferência de situação (TS).
3. Transferência de pessoa (TP). Esta foi subdividida em: TP dial, TP estereótipo, TP separada, semi-TP, pseudo-TP.
4. Dupla transferência (DT).
5. Léxico padrão ou unidade lexical (UL).
6. Apontação.

Ao todo, a tipologia de Cuxac (1985) compreendia 11 categorias, sendo que nove delas se referem às estruturas de grande iconicidade. Num artigo de 2001, ele retoma apenas as transferências clássicas (TF, TS e TP) e as duplas transferências (TS + TP).

Sallandre (2003), em sua dissertação de mestrado, aumenta as categorias de Cuxac (1985) de 11 para 24 categorias. A expansão se refere a subdivisões da categoria de transferência de pessoa e as duplas transferências. Em 2014, porém, no seu relatório de pesquisa para receber a titulação de orientadora para o ensino de pós-graduação, reviu essas categorias, condensando-as no esquema a seguir:

FIGURA 22 – MATRIZ DAS CATEGORIAS DE GRANDE ICONICIDADE E DE ELEMENTOS PADRÃO



FONTE: Sallandre (2014, p. 60)

Observando uma tabela dos dados quantitativos do seu estudo de 2003, constatamos que as subcategorias não são relevantes no corpus que abrangeu a produção sinalizada de treze adultos surdos que traduziram dois textos narrativos (gênero histórias ilustradas) e um explicativo (gênero receita de cozinha). Como era de se esperar, a receita gerou mais sinais padronizados que as histórias ilustradas. Essas, porém, geraram muito mais categorias de grande iconicidade, sendo as de transferência de pessoa as mais abundantes nas duas histórias. Isso corrobora o que já havíamos evidenciado e discutido. Efetivamente, as transferências são muito mais frequentes em sequências narrativas e descritivas, mas elas podem aparecer em maior ou menor proporção em outras sequências textuais.

Entra em questão, então, um equívoco que já acontece em relação às análises de textos em Português, o de confundir sequências textuais (descritivas, narrativas, argumentativas, injuntivas etc.) com gêneros textuais (contos, histórias, fábulas, receita, poema, sermão, entre outros). Em outras palavras, os gêneros, devido a sua especificidade, selecionam sequências textuais distintas, cumprindo o propósito a que se destinam: narrar, explicar, argumentar, orientar etc.

Como foi constatado, o trabalho de mestrado de Sallandre (2003) apresenta uma minuciosa transcrição das produções sinalizadas, mas o grande número de categorias não é didaticamente eficaz, pois a quantidade de etiquetas impõe dificuldade à compreensão. Mais à frente será exposta uma proposta mais simplificada.

No trabalho de 2014, Sallandre considera importante incluir gestos complementares na análise, mas entende que somente os gestos emblemáticos, ou seja, os gestos convencionados na comunidade ouvinte, como o sinal de positivo, podem ser incluídos na categoria. A autora, seguindo a etiquetagem de Cuxac (1985), também inclui uma categoria de gestos estereótipos como os de <chamar> ou <escutar>, como mostra a figura a seguir.

FIGURA 23 – GESTOS “CHAMAR” E “OUVIR”



FONTE: Adaptado de Maier (1969 *apud* CORREA, 2007, p. 96)

Entretanto, em sua pesquisa, Correa (2007) inclui ambos na categoria de gestos emblemáticos. Do mesmo modo, julgamos mais adequada essa etiquetagem, pois na cultura ouvinte esses gestos compartilham de uma certa convencionalidade, portanto, entram na categoria de emblemáticos.

No Brasil, alguns pesquisadores surdos, com base na teoria de Cuxac, expandiram as categorias das transferências. É o caso de Campello (2008) e Ramos (2017). Campello (2008) revê as categorias de Cuxac, substituindo algumas nomenclaturas e acrescentando outras. Permanece a transferência de forma e tamanho, a transferência de movimento (TM) e a transferência espacial (TE) parecem substituir as transferências de situação e a transferência de pessoa passa a ser denominada de transferência de incorporação (TI). Ela ainda acrescenta a transferência de localização (TL).

Embora as definições pareçam confusas, quando bem refletidas, elas parecem dar conta dos processos de uma forma mais eficiente que a proposta de Cuxac (2000, 2001), sobretudo no que concerne às transferências de situação que, por haver uma TF incorporada, apresentava dificuldade em ser identificada como TS. Assim, ao descrever que uma pessoa subiu numa pedra, de um ponto de vista externo, há um TF em V para representar parte do corpo da pessoa (as pernas), um locativo representado pela outra mão (a pedra) como transferência de localização e uma transferência de movimento para representar a ação de subir/escalar. A transferência espacial aconteceria no caso de não haver nenhum locativo visível, mas apenas subentendido. Veja um exemplo na figura a seguir.

FIGURA 24 – MESA + <SEGURAR PRATOS> + <COLOCAR SOBRE A MESA>



FONTE: <<http://tvines.org.br/?p=16376>>. Acesso em: 8 mar. 2019.

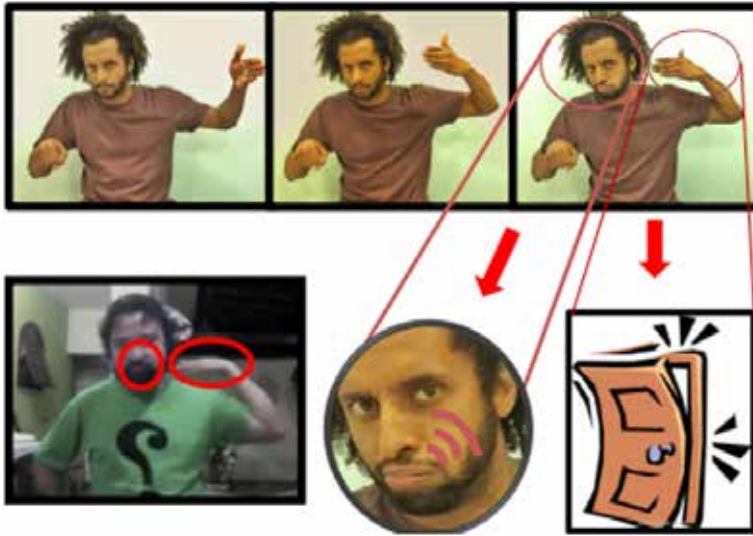
No exemplo da Figura 24, o narrador estabelece o sinal mesa a sua frente, em seguida, com as mãos como estivessem segurando pratos, coloca um e depois o outro sobre o espaço anteriormente designado. De certa forma, a transferência espacial recupera um espaço token. Na sequência temos, então: três TFs (a forma da mesa e as mãos espalmadas que seguram pratos), duas TMs, representadas pelas mãos sendo dirigidas em descida à TL, marcada como token <mesa>.

Ramos (2017), por sua vez, acrescenta uma categoria, uma vez que, por ser surdo, tem uma percepção diferente da dos ouvintes. Trata-se da transferência de vibração (TV) que, segundo o autor:

[...] pode ser definida como a expressão e representação de um determinado som produzido por uma pessoa, animal ou objeto inanimado, ou ainda, produzido por um evento ou acontecimento, que é imaginado pelo sinalizante e representado na língua a partir de seu caráter vibratório. Esse caráter vibratório pode ser observado em diferentes elementos linguísticos, não se restringindo somente às expressões da face, mas compreendendo também as expressões de todo o corpo do sinalizante (RAMOS, 2017, p. 96-97).

Ramos ilustra sua proposta de inclusão da categoria com vários exemplos, dentre eles o que está representado na figura a seguir.

FIGURA 25 – TRANSFERÊNCIA DE VIBRAÇÃO: PORTA BATENDO



FONTE: Ramos (2017, p. 101)

O esquema é bem claro, ele retoma a captura de tela da ocorrência da TV, reproduz em melhor qualidade com imagens estáticas, em que ele acrescenta flechas, grande plano da expressão facial e labial e um ícone que retoma o referente “porta”. Na sequência, uma porta se fecha atrás do narrador, fazendo um barulho, que, conforme a experiência surda, reverbera por vibrações em seu corpo. Essa vibração (na percepção de um surdo) ou barulho (na percepção do ouvinte) é representado pela mão que executa pequenos e firmes movimentos, como de algo que treme, os lábios produzem uma expulsão de ar e a bochecha é inflada.

Ainda não é certo se essa simplificação das categorias dá conta de todos as mesclagens que surgem nas produções sinalizadas, mas se assim for, temos na proposta de Campello (2008), sobretudo, uma tipologia que se adequaria muito mais a propósitos didáticos. Faremos mais testes com essa proposta mais à frente.

3 CLASSIFICADORES DESCRITIVOS, ESPECIFICADORES E TRANSFERÊNCIAS DE FORMA E TAMANHO E DE SITUAÇÃO

Como já foi dito, ainda não há um consenso sobre o termo ‘classificadores’, pois o mesmo objeto já recebeu várias denominações: *classifiers* (SUPALLA, 1978), sistema de classificadores (TAUB, 2001), marcadores de propriedade (SLOBIN *et al.*, 2002), configurações de mão descritivas (LIDDELL, 2003), proformas (SALLANDRE, 2003).

Segundo Sallandre (2003, p. 72):

Os diferentes tipos de classificadores utilizados para as LO (língua oral) são baseados no fato de que eles classificam as entidades a partir de classes semânticas definidas. Em LS, esses “classificadores” têm por função classificar no sentido de revelar uma propriedade da entidade. Ora, esta propriedade não marca a entidade como pertencendo a uma dada classe semântica, mas serve para designar esta entidade num contexto específico. O mesmo objeto pode ser designado por diferentes configurações, ou seja, selecionando diferentes propriedades do objeto para representá-lo, segundo o que é pertinente ou colocado em ‘foco’ no discurso (parênteses da autora).

Sallandre defende que o termo ‘classificadores’ não define a mesma coisa nas línguas faladas e nas línguas sinalizadas. Às vezes, este termo designa um conjunto icônico que serve para descrever objetos físicos, movimentos e localizações, outras vezes, refere-se somente à configuração da mão que retoma traços do referente ou ainda é entendido como uma estrutura completa que comporta um predicado (SALLANDRE, 2014).

Enfim, não é nossa intenção refazer todo um percurso para explicar o termo, mas salientar que concebemos como configurações classificadoras aquelas formas de mão que remetem a traços salientes dos referentes, seus manuseios ou suas preensões, as quais podem ser requisitadas para compor construções nominais ou verbais.

Na seção 5 do Tópico 1, foi comentado que Pizzio *et al.* (2009) haviam reformulado a tipologia dos classificadores de Supalla (1986), listando algumas categorias, dentre elas os classificadores descritivos e os classificadores especificadores que vamos agora comparar com as noções de Cuxac, como as transferências de forma e tamanho e as transferências de situação, discutidas nas seções 4 e 5 do Tópico 2.

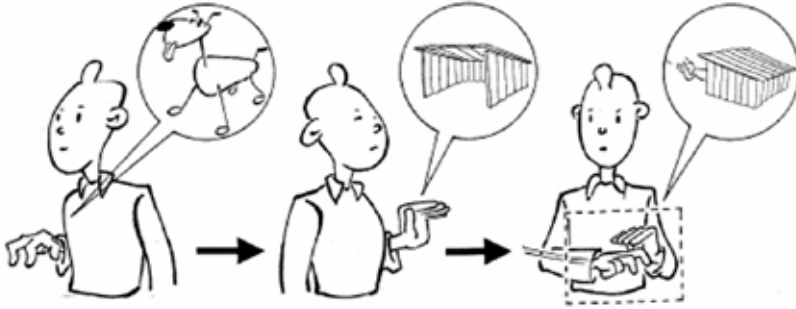
Na categoria de classificadores descritivos, Pizzio *et al.* (2009, p. 20) trazem alguns exemplos como “a forma, a textura e o tamanho da mochila” e “uma moto voando na pista” (PIZZIO *et al.*, p. 22). Não há dúvida de que o primeiro exemplo se encaixa na noção de transferência de forma e tamanho, mas o segundo se encaixa na noção de transferências de situação de Cuxac.

Isso porque, enquanto a imagem de uma mochila envolve apenas um objeto, a imagem de uma pessoa montada em sua moto dando um grande salto no ar aciona vários espaços mentais ao mesmo tempo. Todos estão, sim, na esfera da descrição, porém, no último exemplo, há um processo (uma ação) acontecendo.

Os exemplos demonstram que as concepções de classificadores e elementos descritivos são diferentes nas duas perspectivas. Para Cuxac (2001), a transferência de forma e tamanho envolve apenas a descrição isolada de objetos que possuem determinado aspecto e dimensão, já para Pizzio *et al.* (2009) não, pois

quando colocam uma imagem de “uma moto voando na pista” precisaríamos de duas configurações de mão, uma para a pessoa e outra para a moto, e de um processo (deslocamento espacialmente à frente e para o alto).

Entretanto, quando Cuxac (2001), para formular a sua noção de TS, envolve algumas configurações que remetem a forma e ao tamanho dos indexadores envolvidos, como foi ilustrado por Guitteny (2006) na Figura 16,



as coisas parecem ficar mais confusas. Na imagem, claramente, podemos visualizar duas TFs e um processo (o deslocamento espacial de uma para outra).

Quanto à classe dos classificadores especificadores (PIZZIO *et al.*, 2009), as autoras apresentaram imagens de vários modos de produção de fumaça. Aproveitamos o momento para revelar ao que se referiam as Figuras 7 e 8.



Como havia sido discutido, elas apresentam a mesma forma com algumas variações, mas ambas poderiam representar evaporações e elementos químicos gasosos. Por isso, a mesma configuração de mão classificadora (CMC) poderia ser usada para representar fumaça.

Perceba que, fora do seu contexto, não temos o significado da CMC, senão alguns traços recuperáveis no conjunto como: pouca densidade (abertura dos dedos), qualidade dispersiva (deslocamento horizontal e vertical), e volátil (movimentos dos dedos e labialização), ou seja, que possui a tendência de subir e se espalhar facilmente. Em outras palavras, os exemplos marcam processos. Na Figura 7, o elemento representado era o fogo que consumia tudo ao redor, na Figura 8, tratava-se da evaporação da água.

Veja que a noção de especificadores se perde, pois a CMC anteriormente discutida nem classifica nem especifica, são os elementos que interagem com ela que dão a noção do todo, mas ainda assim, o significado só poderá ser apreendido no contexto enunciativo, ou seja, nas relações entre esse conjunto e outros signos de outras naturezas, como as unidades lexicais.

Essa discussão visa demonstrar que as definições, categorizações e interpretações podem ser ambíguas e imprecisas. Vejamos o que acontece com outros termos e definições na próxima seção.

4 SUB-ROGADO, TRANSFERÊNCIA DE PESSOA, CLASSIFICADORES DE CORPO

Na unidade anterior, estudamos os espaços mentais, quando foi abordada a noção de espaço sub-rogado. Em seguida, já nesta unidade, foram trazidas as noções de transferência de pessoa (CUXAC, 2000) e classificadores de corpo (PIZZIO *et al.*, 2009; SUPALLA, 1986), ou seja, três termos que parecem denominar um mesmo processo: o de incorporação de entidade animada.



Quando Pizzio *et al.* (2009) trazem imagens e glosas como exemplos de classificadores de corpo, tais como: “o andar do elefante” e “leão bravo”, não é difícil fazer associações a estratégias de incorporação, pois o corpo todo pode ser solicitado para “descrever” o porte, o modo de andar, o estado de ânimo do ser animado que se busca retratar. Veja o exemplo na figura a seguir.

FIGURA 26 – INCORPORAÇÃO DO LEÃO, COM DETALHES CONFIGURAÇÃO METONÍMICA <GARRAS>



FONTE: Guitteny (2006, p. 176)

Entretanto, o exemplo “cabelo grande com faixa” é uma sequência descritiva de parte do corpo e do acessório que nele se encontra, não há, portanto, necessidade de recorrer a uma incorporação. Certamente, este exemplo não corresponde à noção de sub-rogado (LIDDELL, 2003), nem de transferência de pessoa de Cuxac (2000). Ele estaria efetivamente na categoria de transferência

de forma – mão em  –, e tamanho – deslocamento até certa altura do braço <cabelos lisos e compridos>; e, para representar a faixa, seria preciso a mão configurada em , para mostrar a largura do adereço, seguida de movimento de contorno na cabeça.

De fato, é fácil aceitar uma configuração de mão como um classificador, mas certamente quando o corpo está em ação, já entramos em outra dimensão, pois, como vimos com as duplas transferências, as mesclagens são recorrentes, senão frequentes. Foi por isso que Cuxac (2001) acrescentou outras categorias em sua análise, como as duplas transferências.

Mas o que dizer da noção de espaço sub-rogado? Que diferença concreta ele tem das transferências de pessoa e classificadores de corpo? Na verdade, os espaços mentais são evocações na nossa mente de pequenos pacotes de informação (ABRANTES, 2011) e estão mais ligados à construção de sentido por parte do receptor ou interlocutor, mas, para que espaços mentais sejam ativados, são necessários elementos de superfície aos quais é dado o nome de indexadores, são os criadores de espaço, ou seja, os diversos sinais ou conjunto de sinais, as diversas palavras e conjunto de palavras que apontam para determinada informação a fim de resgatá-las.

É certo que o enunciador também deve estar atento ao escolher os melhores indexadores para que o receptor consiga compreendê-lo sem muito esforço cognitivo, acessando os espaços mentais adequados para construir o significado.

Albres (2012), num artigo que visou descrever as escolhas linguísticas e tradutórias do profissional tradutor de uma literatura infantil, constatou que o “[...] material impresso composto também por imagens (ilustrações) é fonte rica a ser incorporado na enunciação em Libras construída pelo tradutor”. Ou seja, a opção de escolher usar incorporações tem a ver com o tipo de gênero, o tipo de público e os tipos de instrumentos que são usados para eliciar produções sinalizadas.

De fato, toda e qualquer variável interfere nos resultados e nas escolhas dos indexadores. Veja na captura tomada do seu artigo uma de suas constatações ao fazer uma análise do trabalho de tradução do livro infantil chamado *O homem que amava caixas*, de Stephen Michael King.

FIGURA 27 – TRECHO DE ARTIGO SOBRE O USO DE INCORPORAÇÃO EM TRADUÇÃO DE LIVRO INFANTIL

Constatamos que o intérprete não traduz apenas o texto, mas incorpora os personagens, os faz ter voz e incorpora os espaços mentais contruídos pelas imagens do livro.

Trecho 2:

No trecho 2, do sinal 1 ao 3 o olhar do tradutor está direcionado para o leitor (interlocutor), assumindo a voz do narrador. Do sinal 4 ao 6 o olhar está direcionado ao castelo que o personagem (incorporado) está construindo. No sinal 4 e 5 apesar de incorporar o “Homem” os sinais manuais correspondem ao texto escrito na língua fonte “fazer castelos”.

Sequência da sinalização apresentada na tradução

FONTE: ALBRES (2012, p. 6)

O excerto comprova que é pelo propósito de dar inteligibilidade discursiva que os indexadores de personificação (incorporação) são, muitas vezes, adotados, pois com eles é possível narrar em grande plano como determinado personagem se locomove e age no espaço. Além disso, é possível integrar outros espaços, uma vez que, ao usar o corpo, os outros articuladores estão livres para indexar outras informações simultaneamente.

Em suma, acreditamos ter esclarecido melhor essas nomenclaturas e o fenômeno de incorporação. Na próxima seção, iremos abordar as expressões não manuais e como ocorrem simultaneamente com outros aspectos da língua.

5 ASPECTOS NÃO MANUAIS NOS NÍVEIS LINGUÍSTICOS E DISCURSIVOS

Muitos dos exemplos ilustrados que apresentamos até aqui continham elementos muito importantes para as descrições e incorporações em língua de sinais: as expressões não manuais (ENM), ou seja, as expressões corporais

e faciais. Neste momento, vamos fazer uma breve abordagem sobre elas, ressaltando, sobretudo, as expressões faciais e os movimentos da cabeça. As ENM desempenham um papel preponderante em vários níveis da língua de sinais e são imprescindíveis para a construção do significado.

Do ponto de vista dinâmico, os músculos que permitem a expressão facial possuem várias funções e são regidos pelo nervo facial. Segundo Madeira e Rizzolo (2016), certos movimentos expressivos da face são inatos, outros, porém, devem ser aprendidos. O uso de expressões faciais faz parte dos traços culturais, alguns grupos usam mais outros menos.

Cada expressão como a exteriorização da atenção, a reflexão e a concentração, a surpresa e o espanto, o sorriso e o riso, solicitam determinados complexos musculares que, devido sua contração e distensão, produzem variações na superfície anatômica, provocando pregas e sulcos na pele que alteram a fisionomia.

Devido a sua complexidade e sutilezas, as expressões faciais são problemáticas para os desenvolvedores de programas, pois eles têm dificuldades de tratá-las computacionalmente. Diante disso, não são medidos esforços em pesquisas, cujos resultados podem ser aplicados na produção de jogos com avatares e animações. Evidentemente, essa aplicação tem se estendido nas análises faciais empregadas nas línguas de sinais (MERCIER, 2007). Veja a figura a seguir.

FIGURA 28 – EXPRESSÕES FACIAIS



FONTES: Mercier e Dalle (2007, p. 87)

Em língua de sinais, todo o mecanismo orofacial deve ser modalizado no intuito de passar informações gramaticais dos diferentes níveis linguísticos ou emotivos para a incorporação de personagens. Abordar esse tema, portanto, é de suma importância.

Primeiramente, no nível lexical, as expressões faciais compõem muitos sinais, sendo, em alguns casos, responsável pela distinção entre sinais semelhantes. São raros os sinais que se compõem apenas da expressão facial, tendo um significado autônomo, ou seja, independente de outros parâmetros. É o caso de uma variante da unidade lexical ROUBAR, como mostra a figura:

FIGURA 29 – SINAL DE ROUBAR



FONTE: <<https://youtu.be/-0m-KIFOWT4>>. Acesso em: 8 mar. 2019.

No exemplo, a língua passa, do fundo da cavidade oral até a boca, desenhando um semicírculo na parede interna da bochecha, formando uma saliência no lado externo. Há outro sinal que é acompanhado por essa ENM, mas esse é um jeito discreto e simplificado usado com propósitos específicos.

No nível morfológico, algumas expressões faciais têm a função de modificar o sinal que acompanham, atribuindo-lhe qualidades ou marcando a intensidade, tais como:

FIGURA 30 – EXPRESSÕES FACIAIS EM LÍNGUA DE SINAIS



<p>cantos dos lábios sugados <coisa plana ou vazia></p> 	<p>olhos apertados <coisa longínqua ></p> 
<p>língua entre os dentes + sopro de ar <algo flácido ou molhado></p> 	<p>lábios distendidos <algo muito pesado></p> 
<p>Sobrelhas franzidas <algo duro e difícil></p> 	<p>Sobrelhas semifranzidas e expulsão de ar <tipo de marcação de plural e advérbio - muitos></p> 

FONTE: Adaptado de <<https://youtu.be/Rbi1PEGmsmo>>; <<https://www.youtube.com/user/incluirtecnologia/videos>>; <<https://youtu.be/NbbNwVwdfGg>>. Acesso em: 20 mar. 2019.



As imagens dos quadros anteriormente apresentados foram retiradas das fontes que serão relacionadas a seguir. Sugerimos que você visite os canais para ver em plano dinâmico:

<https://youtu.be/Rbi1PEGmsmo> do canal Libras com Ciência da Universidade federal de Tocantins.

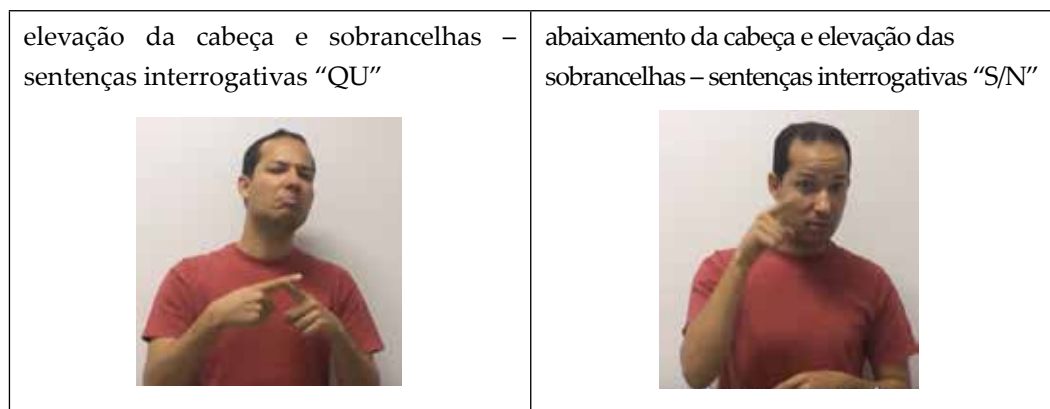
<https://www.youtube.com/user/incluirtecnologia/videos> do canal Incluir Tecnologias.

<https://youtu.be/NbbNwVwdfGg> do canal de Chad Shumaker para a Língua de Sinais Americana.

A última imagem faz parte do acervo da autora.

Outros tipos de ENM podem também ter função sintática, como nos exemplos de interrogativas a seguir:

FIGURA 31 – EXPRESSÕES INTERROGATIVAS



FONTE: Adaptado de <<https://youtu.be/UKoYmgL9d9E>>. Acesso em: 8 mar. 2019.

Uma explicação rápida se faz necessária. As interrogativas “QU” são aquelas que se referem a perguntas abertas feitas com QUEM, QUAL, QUANTOS etc. Por isso exigem respostas mais completas e extensas. As interrogativas “S/N” se referem a perguntas fechadas que aceitam apenas respostas simples com termos como sim ou não e seus equivalentes.

Ainda em relação às ENMs, já estudamos a importância da direção do olhar, que abrange pelo menos sete funções, dentre elas a recuperação de referentes no espaço e a distinção pronominal, acompanhamento na realização de transferências de situação. A direção do olhar também marca a distinção entre o narrador e os personagens nas sequências narrativas.

Algumas ENMs são muito produtivas no nível discursivo com sequências explicativas ou argumentativas. É o exemplo quando queremos informar que há vários itens a serem listados, que geralmente são marcados com expressões labiais que podemos chamar de pa-pa-pa, conforme a figura a seguir.

FIGURA 32 – ENM DE LISTAGEM OU TÓPICOS



FONTE: <<https://youtu.be/UKoYmgL9d9E>>. Acesso em: 8 mar. 2019.

Na imagem estática não é possível perceber, por isso vá até o link disponível na informação da fonte (timecode 00:01:02). Nitidamente, ao enumerar vários aspectos do tema que está discutindo, o enunciador acompanha a contagem de itens nos dedos acompanhado de uma sequência de produções bilabiais discretas que parece com uma sequência sonora <papapa>.

Para finalizar, ainda no nível discursivo, as ENMs são muito importantes nas incorporações, pois elas dão vida aos personagens, por meio das expressões afetivas e as posturas corporais. Aliás, em se tratando de expressões faciais, elas fazem parte do nosso dia a dia e até fazemos uso delas em nossos textos escritos nas redes sociais por meio de emojis.

FIGURA 33 – EXPRESSÕES FACIAIS INCORPORADAS AOS PERSONAGENS



FONTE: <<https://youtu.be/6B0NBVT6VP4>>. Acesso em: 8 mar. 2019.

Você percebeu como as expressões faciais são importantes para a Libras? Essa abordagem foi muito sucinta, mas já pode ajudá-lo a reconhecer algumas quando estiver frente a um interlocutor sinalizante ou um vídeo em Libras.

Na nossa última seção, vamos propor uma nova via de análise, no intuito de antecipar a nossa última unidade. Vamos lá?

6 EXPRESSÃO MANUAL, EXPRESSÃO CORPORAL E EXPRESSÃO FACIAL

Ao longo destas duas primeiras unidades, foi sendo construída toda uma discussão acerca das noções de espaços mentais, classificadores e transferências. Vimos que há muitas controvérsias, mas também muitas reflexões relevantes. Esta seção será tecida no intuito de apontar para possíveis respostas com vistas à simplificação.

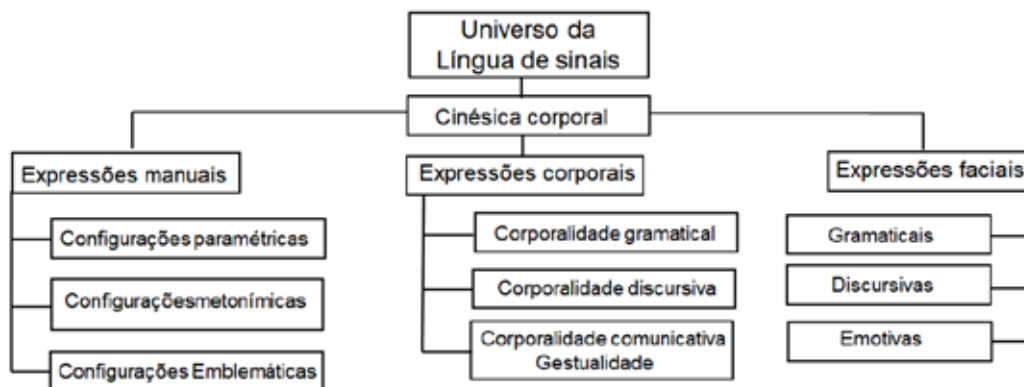
Queremos defender que há três processos maiores de análise: o do uso das mãos, o do uso do corpo e o do uso das expressões faciais. Eles estão constantemente acontecendo simultaneamente, mas possuem muitas vezes significações próprias.

As expressões manuais envolvem as configurações sem significado e as configurações com traços de significado que chamaremos de configurações paramétricas e configurações metonímicas (que substituem a noção de classificadores). As configurações emblemáticas também fazem parte do satélite das expressões manuais.

As expressões corporais podem ser de ordem linguística, de ordem discursiva e de ordem gestual. Na ordem discursiva se encaixam as personificações (que substitui o termo sub-rogado e vem se relacionar ao conceito de transferência de pessoa).

As expressões faciais podem ser gramaticais, discursivas ou emotivas. Veja o esquema a seguir:

FIGURA 34 – COMPONENTES DAS LÍNGUAS DE SINAIS



FONTE: A autora

De acordo com o esquema, a língua de sinais possui um universo a seu dispor, cujo grande astro é a cinésica corporal (tronco, cabeça e membros superiores são os componentes desta esfera). A partir do seu eixo, o tronco, no plano externo estão as mãos, que são os articuladores principais. Estes estão ligados pelos braços. No plano contíguo ao eixo está a cabeça, com os músculos da face que produzem as expressões faciais. Trata-se da parte anatômica que está a serviço de produção linguística e discursiva.

Toda a estrutura corpórea produz expressões que estão divididas em três aspectos:

- Da corporalidade gramatical, que se refere à posição, rotação, trajeto, amplitude, repetição, dinâmica, deslocamento, entre outros. Ou seja, uma constelação de aspectos que cooperam para estabelecer as relações entre as unidades lexicais e textuais.
- Da corporalidade discursiva, que se relaciona aos aspectos dos gêneros, da incorporação em narrativas e troca de papéis.
- Da corporalidade comunicativa, que relaciona gestos complementares e involuntários ao eixo discursivo.

Das mãos são produzidas as expressões manuais que são divididas em três categorias:

- As configurações paramétricas, que são usadas na composição de sinais convencionais, sobretudo os que não apresentam traços de iconicidade.
- As configurações metonímicas, que são aquelas formas de mão de caráter motivado, uma vez que carregam algum traço do referente discursivo.
- As configurações emblemáticas, que são aquelas envolvidas nos gestos culturais que foram estabilizados e que ora ou outra podem unir-se ao repertório sinalizado.

A face produz expressões que podem ser divididas em:

- Gramaticais – aquelas que distinguem unidades lexicais, as que fazem parte de alguns níveis estruturais – na criação, modificação e relação das unidades lexicais.
- Discursivas – as que estão envolvidas na ênfase de determinado aspecto da sentença, no aspecto prosódico e retórico.
- Emotivas – as que estão envolvidas na intertextualidade discursiva e as que acompanham as demonstrações afetivas de personagens incorporados.

A construção do sentido se dá na interação de todos esses aspectos desde os níveis mais básicos de superfície até os níveis mais profundos da significação. No plano orbital da língua de sinais estão também os gestos, que não são vistos como extralinguísticos, mas como coparticipantes da construção da compreensão comunicativa e pragmática. A partir dessa concepção, passamos a reconsiderar as noções e teorias estudadas até aqui.

Da teoria dos espaços mentais devemos reter as explicações que concernem à recuperação de referentes discursivos no espaço (tokens), pois, do domínio desse conhecimento é que se constrói um bom texto em Libras, uma vez que ele está imbricado tanto no aspecto semântico como no de coesão textual.

A noção de espaço sub-rogado também é válida, porém, como se trata de um aspecto mais ligado ao nível de sequência textual narrativa, vamos usar nomenclaturas mais palpáveis, como a de incorporação.

Porém, didaticamente, a concepção de espaço real não é relevante para o ensino e aprendizagem de Libras como L1 ou L2. Trata-se de um tema teórico e acadêmico, importante para a compreensão de como seu aluno e você mesmo aprendem, ativam e constroem o conhecimento a partir de dados linguísticos. Ou seja, ele não é aplicável no contexto de sala de aula com alunos do ensino fundamental ou médio.

Sobre os estudos dos classificadores em língua de sinais, é evidente que há configuração de mãos que apresentam traços salientes do referente, porém, o termo parece gerar grande controvérsia entre os pesquisadores. Entretanto, trata-se de um termo muito difundido e didaticamente bem aceito. Portanto, o termo CL pode ser usado com a ressalva de que não pode ser confundido com o todo, mas apenas com a configuração de mão que possui traços de significação, porque indica um aspecto saliente do referente de mundo.

O termo configurações metonímicas surge como um apoio teórico para compreender que o processo que desencadeia a existência de um CL é um recurso metonímico, ou seja, pega-se parte de um objeto de mundo para se referir ao todo. Por exemplo, para compor o sinal ÁRVORE adota-se a forma do tronco e dos galhos do referente de mundo “árvore” para representar toda e qualquer <planta vegetal formada de raiz, tronco, galhos, folhas, que pode ou não produzir flores e frutos>. Trata-se de uma atribuição genérica, pois não especifica a forma, o tamanho, o aspecto das folhas, que tipo de fruto produz etc. O antebraço virado para cima, que representa o tronco, e a mão espalmada, que representa os galhos, são elementos metonímicos.

Em relação à iconicidade, e não estamos falando da teoria, mas do processo em si, ela pode se tornar uma ótima ferramenta de ensino para a aquisição de Libras e aquisição de escrita da Libras, uma vez que é possível fazer jogos e brincadeiras, como a de identificar o aspecto de um referente que pode motivar a criação de um sinal. Entender como se constrói a representação mental de um objeto pode servir de base para a aprendizagem de elementos icônicos.

Sobre a teoria das transferências de Cuxac, é importante colocá-la em seu devido lugar, pois, quando esse autor descarta a possibilidade de convergência com os estudos linguísticos desenvolvidos nas línguas faladas, ele pode incorrer ao erro de omitir informações relevantes para a reflexão da gramática da língua

de sinais. As transferências realmente acontecem, mas se inserem no nível discursivo, basicamente na construção de determinados gêneros. Em Português, temos a área da literatura que se debruça sobre tipos de gêneros específicos. Sabemos, portanto, que a linguagem literária muitas vezes se distancia da língua que falamos no dia a dia.

As transferências serão usadas em maior ou menor grau na construção de gêneros literários e não literários. Esse trabalho ainda não está nem projetado para as línguas de sinais, haja vista que os manuais, apostilas e livros de ensino de Libras ou focam no vocabulário ou no aspecto estrutural. Muitos artigos têm sido feitos em relação à literatura infantil em Libras, mas pouquíssima produção na análise e catalogação de gêneros em Libras. Aprofundaremos, então, essa discussão na próxima unidade.

Assim, a noção de transferência pode ser ainda explorada, porém a tipologia deve ser retrabalhada, pois, como vimos na seção 2 deste tópico, há outras propostas que parecem plausíveis e merecedoras de uma análise mais detalhada.

Na nossa concepção, há duas categorias principais: a transferência de forma e tamanho por meio de especificadores manuais metonímicos e a transferência de pessoa, que se dá por meio de personificação. Esta pode ser vista do ponto externo e em pequeno plano, construída por configurações metonímicas e do ponto de vista interno em grande plano, por meio da incorporação de outrem pelo narrador/enunciador.

Assim, a ação se construiria da associação de outros elementos como transferências de movimento, espacial e vibração, conforme os ajustes sugeridos por Campello (2008) e Ramos (2017), com ressalvas ainda em relação à transferência de localização que deverá ser repensada.

Ao longo de nossas discussões, foram feitas críticas às análises das LSs que buscam a compatibilidade com as análises das línguas faladas. Contudo, acreditamos que não devemos jogar todo o constructo teórico e partir para uma análise voltada totalmente às línguas sinalizadas.

Acreditamos que seja possível a intersecção dos saberes de ambas as áreas, na construção de uma linguística bimodal. Vimos que isso é possível quando discutimos a noção de conceitualização. O que devemos evitar, sobretudo, é de não criar categorias estanques que atrapalhem a análise dos dados reais de uso e crie-se regras tão rígidas que possam tolher a criatividade linguística.

Como é possível depreender, nada está concretamente pronto no que concerne a um método e a uma gramática (compêndio) da língua de sinais, por isso assumimos o compromisso com um ensino coerente com a realidade que se apresenta, com vistas à construção de uma gramática reflexiva (internalizada).

De fato, quando aprendemos uma língua, queremos saber como usar o vocabulário, como estruturar as frases e como criar sequências textuais e gêneros discursivos nessa língua. Precisamos aprender a gramática da língua-alvo. É justamente sobre esse tema que vamos discorrer na próxima unidade, portanto, não podemos antecipar muito.

Esta seção encerra a Unidade 2. Como prometido, a próxima unidade estará organizada para contemplar um pouco mais sobre o tema da visualidade e gramática da língua de sinais. Tenha um ótimo estudo!

LEITURA COMPLEMENTAR

O LINGUÍSTICO E O GESTUAL NO DISCURSO DAS LÍNGUAS SINALIZADAS

Leland McCleary
Evani Viotti

A profícua parceria entre língua e gesto que se verifica nas línguas sinalizadas pode ser mais nitidamente apreciada em discursos. A título de exemplificação, trazemos para a discussão um trecho de uma das narrativas sinalizadas em língua de sinais brasileira a partir do filme da pera. Esse trecho conta uma sequência do filme que se refere ao episódio do roubo do cesto de peras. No filme, esse episódio pode ser subdividido em três cenas. A primeira reintroduz um dos personagens, o camponês, que já havia sido apresentado no início. Esse camponês está no alto de uma escada, envolto pela copa de uma árvore, dando continuidade a sua atividade de colher peras e colocá-las no bolso de seu avental. A segunda cena mostra um menino se aproximando do local em sua bicicleta. A terceira cena, a mais longa, mostra o menino ao pé da árvore, depois de deixar sua bicicleta no chão, considerando a possibilidade de pegar uma pera, olhando para o camponês, pegando um cesto inteiro, colocando-o em sua bicicleta e indo embora. Na terceira cena, há dois cut-aways mostrando o camponês distraído pela tarefa de colher peras. Em uma das narrativas que temos da história da pera em português brasileiro, essa sequência foi contada com 90 palavras, que incluem tanto palavras semanticamente plenas quanto palavras gramaticais e interjeições:

e ele [o camponês] lá continuando, continuava seu trabalho...
em determinado momento ele tava lá em cima da árvore pegando as peras
e: passou um garoto de bicicleta
e o garoto: viu aquelas cestas cheias de pêras né?...
e:
pensou né? será que eu devo pegar uma?...
ele desceu olhou pra cesta ficou pensando um pouco... olhou pro agricultor...
viu que ele não tava olhando...
em vez de pegar u:ma pêra... ele pegou logo a cesta inteira...
botou na bicicleta e saiu pedalando...
e o agricultor...
aparentemente tava muito concentrado no trabalho nem percebeu...

Na narrativa contada em língua de sinais brasileira que apresentamos aqui, foram usados os seguintes 30 sinais manuais: HOMEM SUBIR NÃO-VER OUTR@ HOMEM CRIANÇA JOVEM ANDARDE-BICICLETA VER PERA DELICIOS@ DESEJO PEGAR OLHAR HOMEM NÃO-VER HOMEM PEGAR-POR OLHAR NÃO-VER PEGARPOR LÁ HOMEM BICICLETA PENSAR EU PEGAR ANDARDE BICICLETA SAIR-DE-CENA¹⁵ Das 30 instâncias de sinais manuais, 05 são

sinais policomponenciais (SUBIR, PEGAR, PEGAR-POR, PEGAR-POR, PEGAR), 06 são verbos indicadores (NÃO-VER, VER, OLHAR, NÃO-VER, OLHAR, NÃO-VER), e 02 são pronomes (LÁ, EU). Como visto na seção anterior, sinais desse tipo já carregam um forte componente gestual, quer porque mimetizam a forma e ação de seus referentes (sinais policomponenciais), quer porque são apontamentos indexicais (verbos indicadores e pronomes). Além disso, os sinais ANDARDE-BICICLETA, PERA, BICICLETA, e SAIR-DE-CENA são bastante icônicos.

Mas o que nos interessa aqui é saber se a língua de sinais brasileira consegue, com apenas 30 sinais, expressar o conteúdo da sequência do filme, que requereu 90 palavras do português. Apenas com os sinais manuais, certamente não. Mais ainda, os 30 sinais nem dão conta de expressar, sozinhos, as relações gramaticais de temporalidade e causalidade, e a organização narrativa em figura e fundo, que é necessária para a compreensão do trecho da história. Do mesmo modo, os sinais manuais não marcam, por si só, as mudanças de vozes narrativas que passam do narrador para o personagem.

Mesmo assim, a narrativa sinalizada, em sua completude, é extremamente detalhada e surpreendentemente fiel ao filme. Essa riqueza é alcançada por um complexo sistema de contextualização mútua entre o reduzido componente verbal e o componente gestual, que se manifesta por meio daquilo que tem sido chamado ação construída (LIDDELL 2003a). Em ações construídas, parte do corpo do sinalizador se movimenta de maneira a representar iconicamente o corpo de um personagem humano ou animal, ou para representar a localização, o posicionamento e a movimentação de algum objeto ou entidade.

Há um grande número de propostas para explicar o uso substancial que as línguas sinalizadas fazem da ação construída, especialmente em gêneros como a narrativa. Boa parte das análises feitas sobre esse fenômeno tem se esforçado para dar a ele um tratamento morfossintático, mantendo, assim, as línguas sinalizadas sob o controle das rédeas da linguística tradicional. Liddell (2003a) mostra os limites desse tipo de tratamento e, mais uma vez valendo-se da teoria de integração de espaços mentais, descreve o fenômeno em termos daquilo que ele chama espaço sub-rogado, que é resultado da integração do espaço real com um espaço do evento. Como já visto, o espaço real é o espaço mental construído a partir de nossa conceitualização do contexto de enunciação, que inclui as pessoas, os objetos e o espaço que nos circunda. O espaço do evento é o espaço mental que corresponde à conceitualização da história a ser contada, abrangendo as pessoas que dela participam, seu espaço e os objetos nela descritos, além das ações realizadas por seus personagens.

Do espaço real, uma integração sub-rogada herda o espaço de sinalização e o corpo do sinalizador. Algumas partes desse corpo vão se integrar conceitualmente com participantes do espaço do evento para representar seus atos, seus pensamentos e suas vozes. Por meio da integração conceitual, o corpo do sinalizador, ou uma parte dele, se torna, então, um subrogado de alguém ou de alguma coisa do espaço do evento. Sub-rogados podem ser visíveis, manifestados

por parte do corpo do sinalizador, ou podem ser invisíveis. Nesse caso, sabe-se de sua existência conceitual pelo fato de que certos sinais podem ser direcionados a eles. Na condição de sub-rogado, o sinalizador pode usar expressões faciais e gestos, e pode fazer demonstrações mímicas para representar um determinado evento. É importante observar que essas demonstrações não são uma cópia direta das ações dos personagens de uma história, mas são essas ações, da maneira como foram conceitualizadas (e reconstruídas) pelo narrador.

Liddell apropriadamente observa que espaços sub-rogados não ocorrem somente nos discursos de línguas sinalizadas. Em línguas orais, é comum o uso de sub-rogados para descrever a localização de objetos, trajetos percorridos, ou ações feitas. Nesses casos, podem ser usados objetos do espaço real, como canetas e talheres, ou podem-se desenhar linhas imaginárias no espaço. Liddell comenta que o uso desse tipo de integração conceitual em discurso de língua oral, juntamente com o uso de uma combinação de língua e gesto em relação a um espaço mental integrado é muito eficiente. Quando integrações como essas não são criadas, o esforço linguístico necessário para expressar as localizações ou as relações espaciais entre os objetos é muito maior (LIDDELL, 2003a, p. 150). A diferença que existe entre as línguas orais e as línguas sinalizadas é que, nestas, o espaço sub-rogado é mais do que um recurso eficaz para a representação espacial propriamente dita; ele é essencial, tanto para a construção do conteúdo de um evento sendo descrito, como para a própria organização do discurso (QUINTO-POZOS, 2007).

Como visto acima, o trecho da versão sinalizada da história da pera que estamos analisando é organizado em torno das atividades de dois personagens (o camponês e o menino de bicicleta) e, naturalmente, do narrador. A nosso ver, o |narrador| 16 já é resultado da integração entre o espaço real (o corpo do sinalizador) e um espaço de narração contendo os papéis de narrador, narratário, a história e as expectativas culturais que os acompanham. Ele pode funcionar tanto como o |narrador| ele mesmo, ou pode emprestar parte de seu corpo para participar de outras integrações conceituais, criando personagens sub-rogadas, ou boias descritivas, que funcionam basicamente como marcadores de entidades sub-rogadas.

No trecho da narrativa em questão, o espaço de sinalização é organizado da seguinte maneira: o |narrador| é conceitualizado no que se chama espaço neutro, que é o espaço ocupado pelo corpo do sinalizador. O |camponês| é conceitualmente construído acima e à direita do corpo do sinalizador, pois ele tinha subido na árvore e estava colhendo peras. E o |menino de bicicleta| é conceitualizado abaixo, no nível do chão, e à esquerda, onde os |cestos de pera| tinham sido conceitualmente colocados em um segmento anterior da narrativa.

Logo no início da sequência, o |camponês|, a |pereira| e a |parafernália do camponês|, que haviam sido criados no começo da narrativa, são reativados pelo enunciado inicial do narrador, tornando-se assim acessível para uso nessa

sequência. Esse enunciado inicial do narrador inclui três sinais (HOMEM SUBIR NÃO-VER) e uma boia descritiva, que simboliza uma árvore, como descrito na seção anterior. Desses sinais, apenas HOMEM pode ser considerado um sinal convencional não-icônico. O sinal SUBIR é um sinal policomponencial, porque compreende uma parte gestual que representa iconicamente o modo do movimento de subir. Além disso, ele é um sinal que se direciona a alguma entidade sub-rogada. No caso da sequência sendo descrita, esse sinal é realizado em direção à boia descritiva que marca a |pereira|, conceitualizando o evento de subir na árvore.

Na segunda cena da sequência, o |narrador| cria o |menino de bicicleta|, usando quatro sinais (OUTRO HOMEM CRIANÇA JOVEM) e uma expressão híbrida (ANDAR-DEBICICLETA), que combina sinal e gesto. O sinal BICICLETA é um sinal icônico que representa as mãos segurando o guidão, enquanto os braços realizam um movimento que imita a ação de pedalar.¹⁷ Na narrativa, o |narrador| acompanha a sinalização de BICICLETA com um movimento rítmico do corpo, de um lado para o outro, imitando o movimento característico que se faz quando se anda de bicicleta. Ao mesmo tempo, a direção de seu olhar e sua expressão facial mudam: eles perdem a neutralidade do olhar e da expressão do |narrador| e assumem as características de alguém que está passeando de bicicleta e apreciando a paisagem. O |menino de bicicleta| é então criado tanto pela sinalização do enunciado OUTRO HOMEM CRIANÇA JOVEM, quanto pela movimentação do corpo, pelo olhar e pela expressão facial do sinalizador, que mimetizam a atitude do menino.

A ação em que o |menino de bicicleta| para sua |bicicleta| é expressa por uma pantomima. À medida que o |menino de bicicleta| se aproxima do momento de realizar essa ação, o |narrador| descruza as pernas e faz uma representação mimética de parar a |bicicleta|, levantando os dois pés para, em seguida, batê-los bruscamente no chão, ao mesmo tempo em que levanta os ombros. Seus braços e mãos estão representando o |menino de bicicleta| segurando o |guidão|. Se considerarmos que essa ação, em uma língua oral, seria expressa por uma sentença como O menino parou sua bicicleta, vemos que, em língua de sinais, uma pantomima pode servir para expressar toda uma proposição que é essencial para a conceitualização da história.

Ao parar a |bicicleta|, o |menino de bicicleta| volta seu olhar para baixo, para onde os |cestos de peral| tinham sido conceitualmente colocados. Somente depois dessa encenação é que a voz do narrador enuncia VER PERA DELICIOS@ VONTADE PEGAR, confirmando, com sinais, a interpretação que já tinha sido construída por meio de elementos não-verbais.

Durante a sinalização dessa sequência de palavras, o |menino de bicicleta|, com os olhos ainda voltados para baixo, adota uma expressão facial que mostra que ele está prestes a fazer uma traquinagem. Este é mais um exemplo do fenômeno de partição do corpo, desta vez sendo crucialmente usado para, de um

lado, expressar a voz do narrador, e, de outro, relatar a ação de um personagem. Assim, enquanto a mão direita realiza os sinais VER PERA DELICIOS@ VONTADE PEGAR, que expressam a voz do narrador, a mão esquerda mantém o formato icônico de uma mão segurando um guidão, e os olhos e expressão facial representam o menino. Como observa Liddell (2003a, p. 153-154), o mapeamento dos sinalizadores em personagens sub-rogados é apenas parcial.¹⁸ Se não fosse assim, nós interpretaríamos o enunciado VER PERA DELICIOS@ VONTADE PEGAR como sendo sinalizado pelo |menino de bicicleta|. Não é isso o que acontece. O menino está olhando para as peras e sentindo vontade de experimentá-las. Ele não está dizendo isso. Estamos aqui diante de um tipo particular de ação construída que vamos chamar pensamento construído. Dentro de uma integração sub-rogada, o |narrador| pode tanto representar o estado de espírito do sub-rogado com gestos e expressão facial, como pode articular, em sinais, o que o subrogado está pensando: VONTADE PEGAR.

Retomando a sequência narrativa, com a mesma expressão de traquinagem e segurando uma |pera| que ele tinha pegado do |cesto|, o |menino de bicicleta| vira sua cabeça para a direita e para cima, para olhar para o |camponês|. O |narrador| então sinaliza OLHAR HOMEM NÃO-VER, corroborando o significado que já tinha sido construído pela postura corporal, pela direção do olhar e pela expressão facial. Juntos, elementos verbais e não verbais cooperam para reativar referentes de discurso e construir significação. Outra vez, o corpo do sinalizador foi partido: a mão direita está sinalizando a voz do |narrador|; a postura, o olhar e a expressão facial estão representando o |menino de bicicleta|.

O segmento seguinte mostra uma complexa técnica narrativa. Com a cabeça ainda voltada para a direita e para cima, o |narrador| fecha os olhos e sinaliza HOMEM, indicando que ele vai deixar de emprestar seu corpo para o |menino de bicicleta|. Desse momento em diante, com uma ligeira mudança da postura das costas e um mínimo giro do torso à direita, seu corpo passa a representar o |camponês|. Ele muda sua expressão facial para mostrar que agora ele é o |camponês| e que está totalmente concentrado no trabalho, sem se dar conta do que está acontecendo no local onde estão os |cestos de pera|. Ele constrói novamente uma boia descritiva, repetindo o gesto icônico que simboliza a |pereira|, e sinaliza PEGAR-POR NÃOOLHAR NÃO-VER PEGAR-POR. Mais uma vez, o corpo do |narrador| foi partido: seu corpo e expressão facial simbolizam o |camponês|; suas mãos sinalizam como o |narrador|.

Logo após esse enunciado, o |narrador| relaxa sua postura, se vira para frente, e dirige seu olhar para seu interlocutor, mostrando que ele não é mais o |camponês|: agora ele é apenas o |narrador|. Ele sinaliza LÁ HOMEM BICICLETA PENSAR. Com a sinalização de LÁ, que é um pronome realizado como um gesto de apontamento, ele propõe que nós voltemos nossa atenção para o |menino de bicicleta|: a mão está apontando para baixo, para o lugar onde o |menino de bicicleta| está conceitualizado. Sua expressão facial começa a mudar, assumindo, mais uma vez, um sorriso de menino levado. Quando ele sinaliza

BICICLETA, ele olha na direção do |camponês|. Daí em diante, ele é claramente o |menino de bicicleta|. Vejam, então, que, para reativar o |menino de bicicleta|, o |narrador| usa um gesto de apontamento (LÁ), sinais manuais (HOMEM BICICLETA), e mudança na postura corporal e na expressão facial.

O verbo PENSAR é sinalizado pelo |narrador| ao mesmo tempo em que o |menino de bicicleta| assume uma expressão facial de alguém que teve uma idéia genial. O sinal lexical e a expressão facial atuam juntos como gatilhos para a construção de um novo espaço mental: o do pensamento do |menino de bicicleta|. O enunciado seguinte é EU PEGAR. Essa é a única vez, em toda a narrativa, em que vemos a voz de um personagem: é novamente o pensamento construído do |menino de bicicleta|. O pronome EU é um gesto de apontamento, dirigido ao corpo do enunciador. Sabemos que esse pronome se refere ao |menino de bicicleta| porque está sendo enunciado a partir do espaço do |menino de bicicleta|. PEGAR, que, como verbo policomponencial, representa a ação de alguém pegando algo, nesse caso, se aplica a um dos |cestos de pera|. Nós sabemos disso, tanto por causa do contexto de discurso, quanto por causa da organização do espaço de sinalização. Crucialmente, o |menino de bicicleta| está olhando para o local em que os |cestos de pera| tinham sido conceitualizados.

A continuação da narrativa exhibe uma sequência de gestos e pantomimas que descrevem as ações do |menino de bicicleta|: ele pega um dos |cestos de pera| e o coloca sobre a |bicicleta|. Durante essa sequência, o |menino de bicicleta| está olhando para baixo. Em um primeiro momento, o |narrador| faz um movimento circular com suas duas mãos, uma de frente para a outra, de modo a representar a borda de um cesto. Em seguida, o |menino de bicicleta| faz um gesto que representa alguém pegando um objeto que tem aproximadamente o tamanho de um cesto. Por fim, o |menino de bicicleta| faz um gesto que representa iconicamente alguém levantando um objeto pesado. Sua língua está para fora, índice da força que ele precisa fazer para realizar o movimento. O desfecho do segmento de roubo das peras é totalmente gestual.

A seguir, o |menino de bicicleta| assume uma expressão facial de felicidade, enquanto o |narrador| sinaliza ANDAR-DE-BICICLETA. Por fim, o |narrador| olha para seus interlocutores, mantendo a mão esquerda no formato e posição de quem segura um guidão, e sinaliza SAIR-DE-CENA.

A descrição dessa sequência narrada em língua de sinais brasileira revela que o discurso dessas línguas se apoia fortemente na organização espacial, que, por sua vez, se faz fundamentalmente pela movimentação do corpo do sinalizador, por sua postura, por sua expressão facial, pela direção de seu olhar, acompanhados da realização de um número reduzido de sinais. Além disso, a sequência mostra que algumas ações dos personagens são expressas por pura mímica desacompanhada de sinalização, mas integrada ao fluxo do discurso de maneira coesa e coerente.

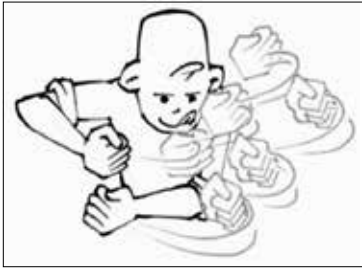
RESUMO DO TÓPICO 3

Neste tópico, você aprendeu que:

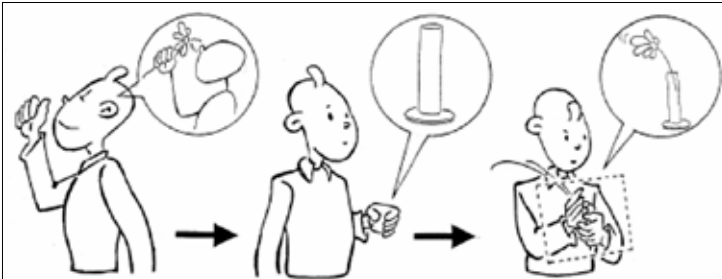
- Em se tratando de pesquisas de língua de sinais, há ainda muito trabalho a ser feito. As teorias oferecem modelos de análise que podem ser adotados, reproduzidos ou descartados. Elas também podem ser ampliadas por novas propostas. No que concerne à teoria da iconicidade de Cuxac (2000), alguns autores resolveram apresentar suas sugestões.
- Sallandre (2006) aumentou a proposta de Cuxac de 11 para 24 categorias, algo totalmente problemático sob o ponto de vista didático. Já Campello (2008) apresenta umas mudanças em algumas categorias e acrescenta outras. Sua proposta possui cinco categorias: transferência de tamanho e forma, de movimento, espacial, de localização e de incorporação. Ramos (2017) decide acrescentar as transferências de vibração, que basicamente se refere a uma experiência sensorial do ser surdo.
- A nebulosa que envolve os classificadores descritivos e especificadores, as transferências de forma e tamanho e de situação foi discutida à luz dos exemplos propostos pelos autores. Chegou-se à conclusão que, muitas vezes, as categorias são confusas e muitos exemplos podem se encaixar em mais de uma categoria. O mesmo acontece com os classificadores de corpo. Embora se remetam ao mesmo fenômeno de incorporação, os exemplos fornecidos parecem estar deslocados da definição proposta.
- Quanto ao termo sub-rogado, Liddell (2003) o concebe como um espaço mental integrado, que teve como base a teoria dos espaços mentais de Fauconnier.
- A incorporação é muitas vezes usada como estratégia do narrador ou tradutor de textos ligada ao tipo de gênero e o tipo de público para o qual o texto se destina. Incorporações são, assim, usadas em traduções para a literatura infantil, mesmo que o texto inicial não apresente a fala de personagens.
- As expressões faciais são elementos muito importantes que cumprem diversas funções. Tipos de expressões podem estar ligadas ao nível morfológico e sintático, podem ser empregados em descrições a fim reforçar atributos e qualidades aos signos que acompanham. Além disso, sob o ponto de vista narrativo, dão vida e emoções aos personagens incorporados.
- O universo da língua de sinais, inseridas no domínio da cinésica corporal, é formado pelas expressões faciais, pelas expressões corporais e pelas expressões manuais. As primeiras se apresentam no nível gramatical, discursivo e emotivo. As segundas se classificam em corporalidade gramatical, discursiva e gestualidade. As expressões manuais apresentam as configurações paramétricas, metonímicas e emblemáticas.



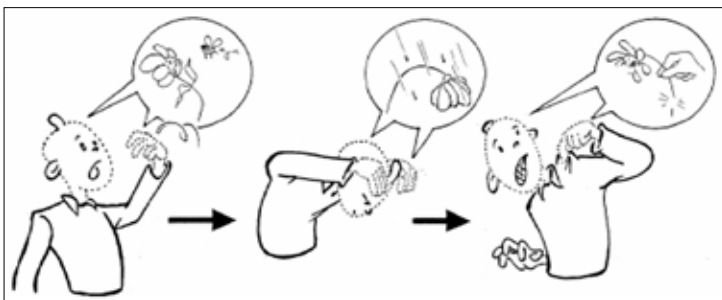
1 Observe as figuras e identifique os tipos de transferências, informando quais classificadores, se houver, aparecem como indexadores:



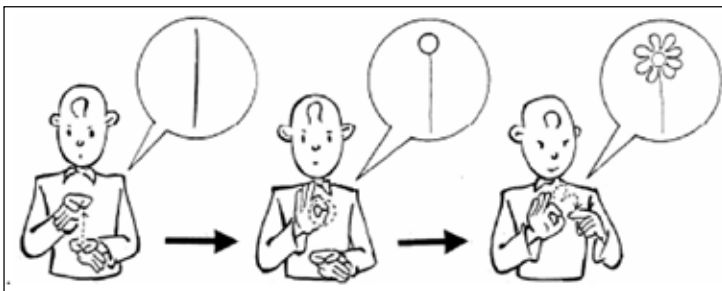
1.



2.



3.



4.

FONTE: Guitteny (2006, p. 213 - fig. 1 e p. 139 - fig. 2, 3 e 4).

2 Pesquise em um dicionário um sinal com as configurações seguintes:



VISUALIDADE, DESCRIÇÃO IMAGÉTICA E LÍNGUA DE SINAIS

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

A partir do estudo desta unidade, você deverá ser capaz de:

- conhecer os princípios da Semiótica e da Linguística Cognitiva;
- compreender o funcionamento do sistema sensorial e sua relação com a psicomotricidade;
- entender a diferença entre captação e percepção visual;
- estudar os pressupostos da Teoria da Gestalt;
- conhecer a onomástica (criação de nomes próprios) em Libras;
- diferenciar figuras, planos, esquemas e imagens;
- estudar as espessuras, perspectivas, direções, simetrias e trajetórias em Libras;
- investigar técnicas e habilidades em descrição visual;
- aprender sobre percepção visual e produções icônicas em língua de sinais por ouvintes;
- ter contato com as especificidades das descrições imagéticas;
- discutir a importância de uma gramática reflexiva da Libras;
- refletir sobre as concepções de língua e gramática;
- problematizar a noção de pensamento visual;
- estruturar os princípios de uma gramática reflexiva;
- analisar construções linguísticas da Libras com base no uso;
- conhecer alguns veículos tecnológicos de imagens dinâmicas em língua de sinais.

PLANO DE ESTUDOS

Esta unidade está dividida em três tópicos. No decorrer da unidade você encontrará autoatividades com o objetivo de reforçar o conteúdo apresentado.

TÓPICO 1 – POR UMA SEMIÓTICA DA VISUALIDADE NA LIBRAS

TÓPICO 2 – OS PRINCÍPIOS IMAGÉTICOS DA LIBRAS

TÓPICO 3 – GRAMÁTICA, COGNIÇÃO E USO

POR UMA SEMIÓTICA DA VISUALIDADE NA LIBRAS

1 INTRODUÇÃO

A língua de sinais explora grandemente os aspectos icônicos e espaciais, por isso é marcada por um grande potencial visual. Como salienta Cuxac (1993, p. 52-53):

Essas características comuns às Línguas de Sinais, baseadas em sua maior parte na gênese, a implantação e/ou a ruptura de formas, ajustam-se melhor à hipótese de uma ancoragem perceptual visual das representações linguísticas, postuladas em outros lugares para as línguas orais. Por outro lado, a especialização semântica dos parâmetros de formação de sinais (configuração de localização, orientação, movimento) deve estar ligada às descobertas mais recentes sobre o funcionamento do sistema visual, revelando as Línguas de Sinais como objetos de investigação particularmente férteis.

Confirmando essa conclusão positiva que reconhece o caráter natural e visual da língua de sinais e que obriga a ciência linguística a repensar seu arcabouço teórico para incluí-la no centro de sua investigação, há uma prática crescente de teorias que permitem repensar o caráter icônico, o caráter espacial e a categorização em língua de sinais sob uma perspectiva cognitiva. Trata-se da Linguística Cognitiva (FERRARI, 2014) e da Semiótica Cognitiva (MORENO-SILVA, 2015). A primeira, a partir de reflexões no domínio da Semântica, inclui investigações cujos temas abrangem categorização, teoria dos protótipos, linguagem corporificada, esquemas imagéticos, metáfora, metonímia, iconicidade, *frames*, *scripts*, *blending*, redes de integração, teoria dos espaços mentais etc. A segunda, em suas mais diferentes perspectivas greimasianas, inclui:

- uma abordagem inteligível – uma análise estruturalista dos ícones, índices e símbolos, todos estes tipos de signos que estão presentes na Libras;
- uma abordagem sensível – que investiga a percepção do mundo exterior por meio dos sentidos;
- uma abordagem cognitiva – que parte do princípio que o sentido nasce da interface entre língua, sociedade, história e cultura.

Essas interfaces que abrangem os aspectos sensitivos e perceptivos do homem estão nas fronteiras dos aspectos extracorpóreos com os aspectos fisiológicos e cognitivos. A atividade mental é, assim, um assunto frequentemente questionado. De fato, o pensamento humano é uma atividade mental e um conceito polissêmico. Ele foi e é estudado em várias áreas como a Filosofia, a Psicologia, a Linguística e as ciências cognitivas, mas pouca atenção foi dada à questão do pensamento do surdo e de como se dá o processo de categorização numa modalidade linguística visual como a língua de sinais.

Com efeito, como a língua de sinais é uma língua visual, facilmente se faz a inferência de que seus sinalizantes devam ter naturalmente ou devem desenvolver (no caso de segunda língua) um pensamento visual. Além disso, sabemos que, por causa da reciclagem neuronal, áreas do cérebro dos surdos passam a se especializar em competências visuais mais refinadas, como a visão periférica.

A partir dessa constatação, algumas generalizações são feitas. Por exemplo, Guitteny (2006) defende que o surdo possui um pensamento visual por excelência. Este autor é um dos que difunde a ideia de que a língua de sinais é uma forma de expressão cênica, ou seja, que precisa ser organizada num cenário. Gebert (2016) sustenta essa perspectiva, adotando como base os estudos de Arnheim (1997), psicólogo alemão behaviorista que discutiu longamente a temática do pensamento visual.

Ménager (2016, p. 19), no entanto, é reticente em afirmar tal premissa, trazendo discussões relevantes que esclarecem o funcionamento de sistema visual e de como o cérebro humano codifica e trata as informações físicas providas do ambiente. A autora salienta que é preciso questionar o entendimento de que um dos sentidos constrangeria a mente unicamente a sua modalidade e acrescenta que “[...] se uma região do cérebro é capaz de assumir uma atividade cognitiva que está além de sua competência, a nova concepção que emerge não seria sobretudo a do surgimento de uma mente multissensorial do que a de um pensamento dependente de um sentido?”.

Em seu texto, ela afirma que geralmente confunde-se a capacidade sensitiva da visão, ou seja, a captação dos estímulos visuais com um processo mais profundo e complexo como a percepção visual. Em outras palavras, pense-se que a modalidade cinésico-visual da língua de sinais restringiria os surdos a pensarem por imagens mentais e que por isso todos que aprendem a língua de sinais devem desenvolver essa capacidade.

Fato inegável é que a visão desempenha um papel importantíssimo no desenvolvimento humano em geral, e não somente na evolução psicofisiológica da pessoa com restrições auditivas. Entretanto, veremos que para além da captação sensorial, há outros processos mais profundos e complexos de seleção, tratamento, codificação e representação mental, que não são uniformes a todas as pessoas e são fortemente condicionadas por fatores como o conhecimento prévio, a cultura

e a quantidade, qualidade e frequência de estímulos, por exemplo. O movimento também é de extrema relevância nesse desenvolvimento, pois é responsável pela construção de todo um sistema de esquemas de assimilação, organizando a realidade vivida a partir de estruturas espaciais, temporais e causais.

Partindo das discussões introduzidas nesta seção, este tópico terá como objetivos:

- entender os princípios da Semiótica e da Linguística Cognitiva;
- compreender o funcionamento do sistema sensorial e sua relação com a psicomotricidade;
- aprofundar o conceito de percepção visual;
- estudar a Teoria da Gestalt;
- conhecer a onomástica em língua de sinais.

2 SEMIÓTICA E LINGUÍSTICA COGNITIVA

Os questionamentos sobre as formas de representar e significar sempre estiveram presentes no curso da história da humanidade, portanto, a reflexão sobre os signos foi, desde os primórdios, uma prática corrente. Antes mesmo que ela fosse assim denominada, a semiótica, como foi nomeada por Peirce (1995), já era investigada. Saussure ([1916] 2006) se referiu a ela pelo nome de Semiologia e a definiu como a ciência dos signos. Uma teoria tão abrangente não poderia deixar de ser complexa, mesmo porque tudo, desde as cognições, ideias, expressões artísticas e linguísticas e até mesmo o homem, são entidades e fenômenos semióticos.

Um signo geralmente é material e é captado por nosso aparato sensorial. Ele pode ser visual (uma placa, uma palavra escrita, um sinal da Libras), auditivo (uma sequência musical, uma campainha, uma palavra falada), olfativo (um perfume, o cheiro da fumaça), proprioceptivo (uma vibração), térmico (febre) etc. Em outras palavras, tudo o que substitui, indica ou representa algo ausente, concreto ou abstrato, é um signo. Uma placa informa algo, uma palavra ou sinal simboliza um conceito, a campainha remete à presença de alguém, a fumaça indica a sua causa, uma vibração relaciona-se a um fenômeno, o calor corporal supõe que algo não vai bem no organismo, enfim, cada um desses signos conduz a um significado.

Lembre-se de que, para Saussure, o signo é composto de significante e significado. Para Peirce (1995), no entanto, o signo é formado por uma relação triádica entre 1) uma face sensível, o *representâmen* (significante), 2) o que ele representa, o objeto ou referente e 3) o que ele significa, o interpretante (significado). Segundo Fernandes (2011, p. 174):

A semiótica é a ciência que tem por tarefa estudar todos os tipos possíveis de ações sígnicas, portanto, a semiótica é seu objeto de estudo. Na Semiótica, o pensamento é concebido como semiótica ou processo de formação de signos. O processo de conhecimento só acontece se houver a mediação de signos, ou seja, o que está fora do sujeito (os fenômenos, os objetos, os eventos) não existe até que seja nomeado. Portanto, para se conhecer e compreender qualquer coisa, a consciência produz um pensamento, que é uma relação entre o sujeito e o fenômeno. É isso, já ao nível do que chamamos de percepção, é um signo. Perceber não é senão traduzir um objeto captado pelos órgãos do sentido em um julgamento.

Como é possível depreender, enquanto na concepção diádica de Saussure o referente não é considerado, na concepção triádica de Peirce, ele é um dos vértices do signo. Em relação ao objeto, os signos podem ser de três tipos:



Ícone – é um *representâmen* que, em virtude de qualidades próprias, se qualifica em relação a um objeto, representando-o por traços de semelhança ou analogia, e de tal modo que novos aspectos, verdade ou propriedades relativas ao objeto podem ser descobertos ou revelados.

Índice – signo que se refere ao objeto designado em virtude de ser realmente afetado por ele. Tendo alguma qualidade em comum com o objeto, envolve também uma espécie de ícone, mas é o fato de sua ligação direta com o objeto que o caracteriza como índice, e não os traços de semelhança.

Símbolo – signo que se refere ao objeto em virtude de uma convenção, lei ou associação geral de ideias. Atua por meio de réplicas. Implica uma ideia geral. A palavra é o símbolo por excelência.

FONTE: FERNANDES, J. D. C. Introdução à semiótica. In: ALDRIGUE, A. C. de S.; LEITE, J. E. R. (Org.). **Linguagens**: usos e reflexões. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011, v. 8, p. 159-185.

Uma estátua, um desenho ou uma fotografia são icônicos porque entre eles há uma relação de semelhança com o que representam. A fumaça é índice do fogo, uma seta é índice de uma direção, um sintoma é o efeito de uma doença ou disfunção orgânica, ou seja, o índice opera uma conexão de contiguidade entre dois elementos. Uma logomarca representa simbolicamente uma empresa ou instituição, uma bandeira simboliza o país ou um time que representa, a cruz é uma réplica do movimento cristão.

Evidentemente, como todos os fenômenos substitutivos, representativos, indiciais e simbólicos, alguns signos podem estar em mais de uma categoria e isso se torna bem evidente com alguns sinais da Libras que se encaixam como ícones e símbolos. De fato, a Libras possui índices, que são os apontamentos, símbolos, as unidades lexicais motivadas e não motivadas e ícones, unidades lexicais motivadas.

A Semiótica, como toda ciência, foi evoluindo e repensando novas abordagens. Segundo Moreno-Silva (2015), Greimas foi um dos autores que, percebendo que o estruturalismo não dava conta do sentido, trilhou caminhos diferentes de reflexão sobre a produção do sentido por meio de signos. Contemplou, assim, uma abordagem inteligível, basicamente sob uma perspectiva estruturalista, uma abordagem sensível, que tem na estesia, a percepção do mundo exterior por meio dos sentidos, uma forma de compreensão da construção de sentido, e uma abordagem cognitiva, com o princípio de que o sentido nasce da interface entre língua, sociedade, história e cultura.

A abordagem semiótica cognitiva defende uma “cognição corporalizada”, ou seja, entre um significante e um significado há um operador, o sujeito que possui um corpo que dá entrada a um estímulo sensorial, trata-o por meio de operações cognitivas, atribuindo, assim, um julgamento, um ponto de vista, um sentido. “A questão do ponto de vista implica um ponto-chave que fundamenta a semiótica cognitiva: toda descrição supõe um sujeito observador” (MORENO-SILVA, 2015, p. 477). A semiótica cognitiva envolve, assim, a sensação e a percepção e um operador de sentido.

Esse recurso à semiótica, mais especificamente à semiótica cognitiva, tem o propósito de conciliar tudo o que estudamos até este instante, seja neste tópico quanto no tópico anterior. Identificamos a fragilidade das categorias, relatamos a importância do movimento humano na construção de espaços de significação, discutiremos a diferença entre sensação e percepção, em suma, fomos e iremos muito além dos aspectos linguísticos e discursivos do empreendimento humano na construção dos sentidos. Logo, esses aspectos não podem ser considerados no interior de um sistema de significação preexistente como a língua, por causa da sua complexidade e heterogeneidade.

Sobre as línguas de sinais, é possível depreender que a noção de ícone da semiótica tradicional não é suficiente para dar conta das semioses das construções com CLs e incorporações, embora tenha lucrado grande êxito na análise da imagem nas esferas da arte, da propaganda, da informática, entre outras. A noção de espacialidade talvez pudesse ser empreendida na vertente cognitiva da área, mas, até o momento, não identificamos trabalhos desse tipo.

Nota-se também que a linguística tradicional também não contemplou ambos os aspectos, mas a linguística cognitiva (LC) já tem permitido vislumbrá-los, fundamentados pela gramática cognitiva de Langacker (1987) e a teoria dos espaços mentais de Fauconnier (1997). Segundo Moreno-Silva (2015), a LC segue uma perspectiva integradora para a qual a linguagem verbal é uma faculdade que se relaciona a outras instâncias psicofisiológicas humanas como a visão, a memória, a afetividade, a reflexão mental. O autor complementa que:

Substituindo a perspectiva não modular pela perspectiva integradora, a cognição passa a ser enraizada nas experiências sensorio-motoras e corporais. Daí a importância do corpo, essa instância proprioceptiva com a qual se ocupa a semiótica sensível. Por conta dessa ancoragem

empirista e corporal, a LC está diretamente ligada ao estudo da percepção, “o lado mais ontológico e também psicológico da semiótica” (SANTAELLA, 1993, p. 16), pela ponte que estabelece entre linguagem, cérebro e o mundo natural.

[...] A categorização é um dos tópicos mais importantes da LC. Para Guignard (2012), o fenômeno de categorização ocupa um papel de interface entre linguagem e cognição. Categorizar é o processo pelo qual agrupamos entidades (no sentido lato do termo, incluindo objetos, animais, pessoas etc.) em dadas categorias (MORENO-SILVA, 2015, p. 482-483).

Defendemos, assim, que na intersecção dos saberes de várias áreas é que poderemos fazer análises que levem em consideração todos os aspectos da Libras, sejam eles gramaticais, estruturais ou discursivos. Entra, nessas instâncias, o corpo do sinalizante, que é o termo de referência pelo qual apreende o mundo sensível e as relações de espaço, é também o corpo biológico operante, que percebe, estrutura e categoriza a experiência, é um corpo discursivo comunicante, ligado ao contexto e ao tempo e que interage. Linguisticamente, é um corpo semiotizado, portanto, abstraído para expressar signos. Será com base nessa integração de saberes que construiremos as seções que seguirão.

3 SISTEMA SENSORIAL E PSICOMOTRICIDADE

A Psicomotricidade é uma disciplina recente que amplia os estudos do movimento, visto como elemento essencial no crescimento e no desenvolvimento do ser humano. A competência humana de mover-se, desenvolver-se e de relacionar-se com o entorno físico por meio do seu corpo pode ser investigada em consonância com inúmeras áreas. Assim, o movimento (*kinesics* – cinésica) é estudado na fisiologia, na neurologia, na neurofisiologia, na psicobiologia, na psicologia, na psiquiatria e na educação. De fato, a motricidade está intrinsecamente relacionada à expressão humana.

O movimento é o responsável pela construção de todo um sistema de esquemas de assimilação, organizando a realidade vivida a partir de estruturas espaciais, temporais e causais. A capacidade motora é um dispositivo inato que amadurece numa progressão muito rápida, junto a outras funções biopsicológicas.

Ao longo da leitura de Fonseca (1998), informações muito interessantes emergem, trazendo-nos a compreensão de como a visão se encontra em permanente relação com a motricidade, revelando fatos importantes no que tange à integração das funções do sistema sensorial. Este apresenta uma ordem específica de maturação no indivíduo, ou seja, as funções se desenvolvem na seguinte ordem: Tátil, Vestibular, Auditiva e Visual.

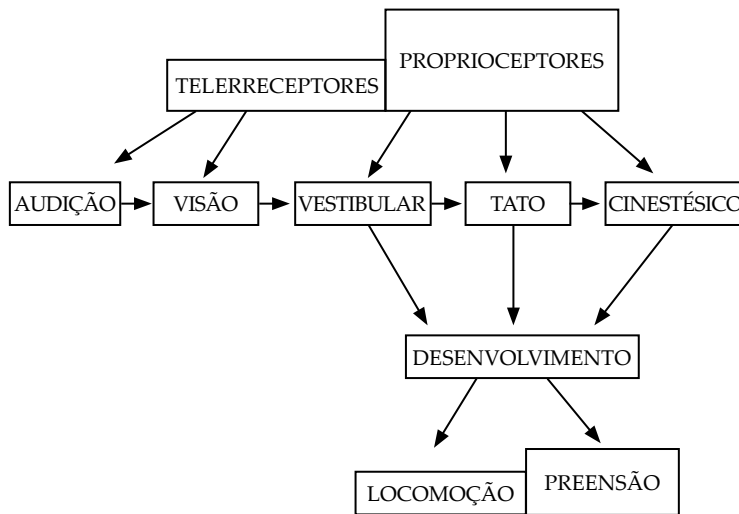
O sentido da visão está integrado com vários processos sensorio-motores, tais como os processos antigravíticos, o processo de localização corporal e o processo

de identificação. Nesse caso, a visão, processo sensorial mais hierarquizado do ser humano e cuja maturação é mais demorada na vida intrauterina, é que será a responsável por reunificar as outras maturações sensoriais que a precederam. Retomando as palavras de Fonseca (1998, p. 143):

A visão funciona como “plasma” neurológico integrador, do qual vai nascer a simbolização e a conceptualização, ou seja, todas as relações entre o espaço agido e o espaço representado, que compreendem a *práxis não verbal* (corporal e motora) e ação e como verdadeiro instrumento do pensamento.

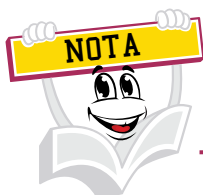
Entretanto, na vida extrauterina, a sensibilidade (funções sensoriais) precede a motricidade, ou seja, antes de colocar-se de pé, a criança deve manipular objetos, o que vai ser importante para o desenvolvimento das conexões visomotoras e auditivo-motoras. Acompanhe o esquema a seguir:

FIGURA 1 – ORDEM DO DESENVOLVIMENTO HUMANO



FONTE: Fonseca (1998, p. 146)

O esquema apresenta a hierarquia do desenvolvimento a partir da fase pós-natal. Os telorreceptores, audição e visão, e proprioceptores, também chamados de receptores proximais, o vestibulo, tato e a função cinestésica, precedem a locomoção e a preensão. Os telorreceptores podem captar as informações provindas do meio a distância, enquanto os receptores proximais só podem senti-las pelo contato com o corpo, isso implica as vibrações.



Para esclarecer, os captadores proprioceptivos se encontram nos músculos e em todas as articulações do corpo. Eles permitem às funções superiores saber onde se encontram as diferentes partes do corpo, umas em relação às outras.

Os captadores cinestésicos têm como função reconhecer a localização espacial do corpo, sua posição e orientação, a força exercida pelos músculos, informando o cérebro sobre os movimentos e segmentos corporais.

A função vestibular possui dois captadores que fornecem dados às funções superiores, informando se o corpo se move ou se encontra imóvel; em que direção se locomove ou se está inclinado, de que lado e de quantos graus se dá essa inclinação.

Como foi visto na Figura 1, o ser humano é dotado de dois telorreceptores, ou seja, captadores sensoriais externos, e outros mecanismos internos que transmitem informações diversas a todo o organismo. Nas palavras de Fonseca (1998, p. 173):

O Homem é, eminentemente, um ser prático e comunicativo, educável e sociável, não obstante da sua biologia ser insuficiente para explicar o que fez e o que faz ou venha a fazer, uma vez que está condenado a ser simultaneamente, agente e produto de cultura. Em síntese, a Evolução revela que nos seres humanos, a sua motricidade e sua linguagem, e concomitantemente o seu cérebro e concomitantes sistemas funcionais, desenvolveram-se a par.

Piaget (1986), o biólogo suíço que pesquisou o desenvolvimento das crianças, teve especial interesse em estudar as inter-relações entre motricidade e a percepção visual. Ele realça a importância do movimento como responsável pela assimilação e pela formação da imagem mental e na representação imagética. Segundo Fonseca (1998, p. 184):

Nesta impressionante integração sensorial (AYRES, 1982), a criança com base na mielinização, conquista o seu corpo, fazendo dele o espaço para a sua imaginação e o continente da sua ação, um instrumento vital para o seu desenvolvimento emocional e psíquico (autoestima), de onde surgirá a planificação motora que se encarregará de dar aos seus gestos e às suas mímicas, a atenção, a coordenação, o controle e a intencionalidade, que pré-figura, em termos não verbais, a emergência da linguagem propriamente dita.

Por isso, alguns autores veem o movimento como um facilitador de outros desenvolvimentos (cognitivo, afetivo, social e relacional). Assim, alguns autores fundamentaram o comportamento humano, traçando três vertentes: a

motora, a cognitiva e a afetiva e social (BUENO, 1998). Junto à potencialidade corporal “se desenvolve um sistema cognitivo extremamente potente e plástico e, simultaneamente, apropria-se da comunicação simbólica” (FONSECA, 1998, p. 179).

Por meio do equilíbrio cinético, a criança se relaciona com o meio, o que resulta numa série de representações psicológicas que antecedem o período pré-verbal. A visão piagetiana é de que a geração de estruturas se dá mediante uma organização de ações sucessivas, exercidas sobre objetos. A acomodação é a organização dos esquemas de assimilação. Conforme esse modelo, estágios sucessivos e sequenciais do desenvolvimento cognitivo seguem atualizações básicas lógico-matemáticas. Na sequência dos estágios descritos por Piaget, é o período sensório-motor que antecede a linguagem. A passagem da ação para a representação é desencadeada pela função semiótica que são imitações proteladas, jogo simbólico, imagem mental que é a imitação interiorizada, linguagem dos gestos etc.

Essas explicações são importantes para compreendermos que, embora o surdo não tenha acesso aos estímulos sonoros, o seu desenvolvimento não é afetado, mas, mesmo assim, destacamos a importância dos inputs linguísticos. A experiência dos ouvintes com o seu corpo e a relação deste com seu entorno passa pelas mesmas etapas. Já estudamos que as crianças surdas e ouvintes iniciam o processo interativo por gestos idiossincráticos e que depois de um certo tempo dão formas mais ou menos estáveis, construindo, assim, a intercompreensão.

Retomando o que já discutimos anteriormente, a estruturação espacial é parte integrante da vida do homem. O corpo humano está ligado ao espaço e ao tempo, de modo que todos os estímulos recebidos do mundo servem como fundamento básico para a construção da percepção espacial na qual o corpo é o termo de referência. Para isso, todo o sistema sensorial está em ação, enviando estímulos que serão tratados, discriminados, selecionados e armazenados em processos cognitivos de alta complexidade.

Esta seção teve por finalidade abrir a discussão sobre a psicomotricidade e sua relação com o sistema sensorial. Agora, vamos entender com detalhes como se dá a percepção visual humana.

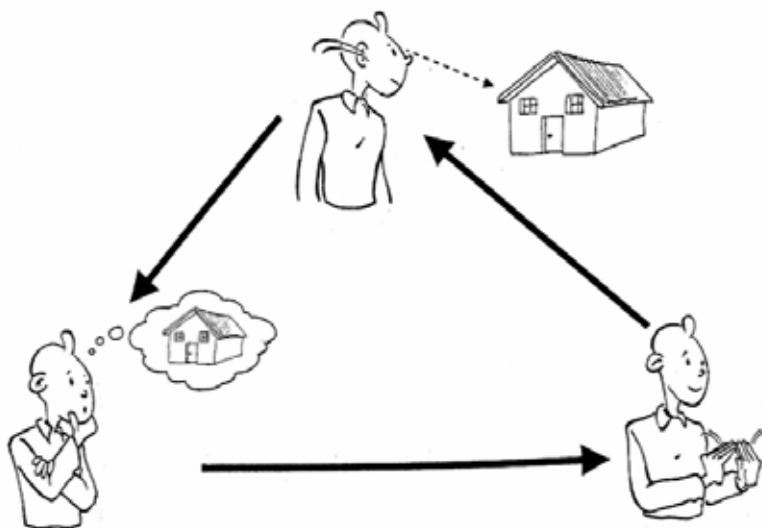
4 PERCEPÇÃO VISUAL

A percepção humana sobre o mundo exterior é alvo de muitos questionamentos. A atividade perceptiva do homem é concebida sob vários pontos de vistas filosóficos, mas é no seio das neurociências que, conforme Meyer (1997, p. 20), afirma-se que:

[...] a aptidão do cérebro humano em categorizar as sensações, e a receber milhares de estímulos caóticos, diferentes de um indivíduo a outro [...] assegura a criação de um mundo perceptual e semântico próprio a cada indivíduo, da qual deriva o pensamento e a linguagem.

Num esquema muito simplista, Guitteny (2006) retrata essa relação triádica entre sensação, percepção e denominação por meio da língua.

FIGURA 2 – ORGANIZAÇÃO TRIÁDICA DA SENSACÃO E PERCEPÇÃO HUMANA



FONTE: Guitteny (2006, p. 101)

Na imagem do alto da pirâmide, uma pessoa recebe um estímulo visual, essa é a fase da sensação. Num segundo momento ela reteria uma imagem mental do que foi visto para, em seguida, poder expressá-la em um sinal icônico. Um esquema como este pode levar a crer que o processo de percepção seja simples e que o surdo ou a pessoa que supostamente possui um pensamento visual é capaz de reter mentalmente uma cópia do referente físico apreendido pelo telerreceptor visual. Evidentemente há controvérsias a respeito dessa simplificação. É preciso ter muito cuidado para não confundir percepção com sensação visual, enquanto a primeira envolve operações mentais, a outra está no nível sensorial físico.

Para fornecer mais detalhes, certamente simplistas também, quando uma pessoa vê um objeto de mundo, é feita uma análise do estímulo que é codificado separadamente em termos de forma, cor e movimento. Trata-se de um primeiro momento, de um tratamento automático independente da atenção. Num segundo instante, acontece o tratamento no nível da percepção, momento em que se opera a relação do conjunto de códigos elementares, o que permite a elaboração das formas, segundo suas propriedades estruturais e não pelas suas propriedades semânticas. Trata-se de um nível de discriminação. Só então há um terceiro estágio, o tratamento cognitivo em que ocorre outras operações de

identificação e armazenamento. É o momento em que ocorre a associação dos dados computados aos conceitos disponíveis. Num sentido descendente, o ser humano recupera o material armazenado expressando-se por meio da linguagem verbal. Essa expressão pode apresentar gradações de motivações.

A fim de estudar a percepção humana, os psicólogos fazem uso de imagens com gradações de sombreado, formas camufladas por pontilhados, contrastes, deformações, entre outros. Veja a Figura 3 e a explicação do autor logo a seguir:

FIGURA 3 – IMAGEM COM GRADAÇÃO DE SOMBREADO CONTÍNUO



FONTE: <<http://inexusbr.blogspot.com/2012/02/vacas-e-manchas-ilusao-de-optica.html>>. Acesso em: 30 jan. 2019.

“[...] Antes de ter reconhecido a vaca, você percebeu todos os aspectos da figura, mas ainda não havia organizado essas sensações para formar um *percepto* mental da vaca, pelo qual poderia entender significativamente o que anteriormente tinha apenas sentido” (STERNBERG, 2000, p. 110). O exemplo dado é de um sombreado contínuo, mas outro exemplo com sombreado descontínuo se encontra na figura a seguir:

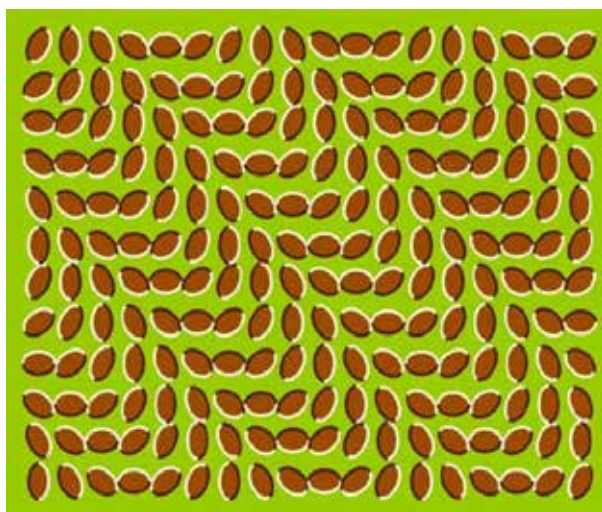
FIGURA 4 – IMAGEM COM GRADUAÇÃO DE SOMBREADO DESCONTINUADO POR PONTILHADOS



FONTE: <<https://jabaldaia.files.wordpress.com/2010/01/gestalt1.jpg>>. Acesso em: 30 jan. 2019.

A figura anterior é formada por pontos que escondem um objeto, dificultando a identificação imediata do conjunto. Seu cérebro certamente precisou fazer um esforço, prestar atenção seletiva para tirar uma informação que pudesse associar a algo já internalizado. Isso leva, muitas vezes, o seu cérebro a ver o que na realidade não está presente, trata-se de ilusões de ótica, conforme podemos ver ao visualizar a figura a seguir:

FIGURA 5 – ILUSÃO DE ÓTICA



FONTE: <<https://www.fatosdesconhecidos.com.br/wp-content/uploads/2017/05/9-28.jpg>>. Acesso em: 30 jan. 2019.

Neste exemplo, as folhas parecem se mexer, mas se centralizarmos fixamente o olhar ao centro, o movimento para ou diminui consideravelmente. Segundo Sternberg (2000, p. 110), as ilusões de ótica “[...] envolvem a percepção da informação visual não presente fisicamente no estímulo sensorial visual”. Esse mesmo autor diz que:

A existência de ilusões perceptivas sugere que o que percebemos não é necessariamente o que compreendemos. Nossas mentes devem estar captando a informação sensorial disponível e manipulando-a, de algum modo, para criar representações mentais de objetos, propriedades e relações espaciais de nossos ambientes (STERNBERG, 2000, p. 111).

Em Psicologia há duas abordagens fundamentais para explicar a percepção, que basicamente é “o conjunto de processos pelos quais reconhecemos, organizamos e entendemos as sensações recebidas dos estímulos ambientais” (STERNBERG, 2000, p. 110): a teoria da percepção direta e a percepção construtiva.

O ponto de vista da percepção construtiva (ou inteligente) sustenta que o perceptor constrói ou cria o estímulo que é percebido, usando tanto o conhecimento prévio e a informação contextual, como a informação sensorial. Em contrapartida, o ponto de vista da percepção direta afirma que toda informação de que necessitamos para percebermos está no input sensorial (como o da retina) que recebemos. Uma alternativa a ambas as teorias sugere que a percepção pode ser mais complexa do que os teóricos da percepção direta sugeriram, podendo, não obstante, envolver também o uso mais eficiente dos dados sensoriais do que os teóricos da percepção construtivista sugeriram (STERNBERG, 2000, p. 145).

Na próxima seção, vamos aprofundar este tema apresentando os pressupostos da Gestalt.

5 TEORIA DA GESTALT

A Teoria da Gestalt é contemporânea aos estudos comportamentalistas (behavioristas) aos quais ela se opõe. Lembre-se de que, para a Teoria Behaviorista, cujo foco é a experiência, o objeto de estudo é somente aquilo que pode ser observado e descrito de forma rigorosa e objetiva, ou seja, os behavioristas não fazem nenhuma referência a predisposições inatas, o ambiente é que age no indivíduo. Contrariamente, a Teoria da Gestalt acredita que é o indivíduo que estrutura e organiza o ambiente (BONNET, 1989). O conceito de forma (*Gestalt*, em alemão) é o centro da teoria.

Wertheimer (1938a; 1938b) Watson (1929) e Köhler (1947) consideram a percepção como um conjunto constituído de unidades autônomas, cujas propriedades dependem do todo, opondo-se, assim, às abordagens estruturalistas da época. Eles trazem a noção de figura e plano de fundo, sendo uma figura qualquer um objeto que é realçado quando comparado a um fundo que contrasta com ela. Observe a figura a seguir:

FIGURA 6 – FIGURA E PLANO DE FUNDO



FONTE: <<https://psicoativo.com/2017/01/percepcao-figura-fundo-psicologia-da-gestalt.html>>. Acesso em: 30 jan. 2019.

A figura apresenta ambiguidade ao ser observada, pois tanto pode ser um vaso branco contrastado por um fundo preto quanto duas faces femininas se entreolhando sobre um fundo branco. Note que você não pode olhar o todo simultaneamente, ou vai ver as faces e ignorar a forma do vaso ou vai olhar o vaso e ignorar as faces. Segundo Sternberg (2000, p. 120), “um dos motivos sugeridos quanto à razão pela qual cada figura faz sentido é que ambas as figuras adaptam-se ao princípio gestáltico de simetria, no qual as características parecem ter proporções equilibradas em torno de um eixo ou ponto central”.

A percepção visual possui alguns princípios gestálticos, tais como: pregnância da forma, proximidade, similaridade, continuidade, acabamento e simetria. Todos esses aspectos nos ajudam a perceber as formas. Vejamos o que cada um significa.

QUADRO 1 – ALGUNS PRINCÍPIOS GESTÁLTICOS

Figura-fundo (pregnância)	Quando se percebe um campo visual, alguns objetos (figuras) parecem proeminentes e outros aspectos do campo recuam para o plano de fundo (fundo). A percepção ocorre de forma mais fácil para as formas mais simples, regulares, simétricas e equilibradas.
Proximidade	Quando percebemos um arranjo de objetos, tendemos a ver os objetos que estão mutuamente próximos como formando um grupo.
Similaridade (semelhança)	Tendemos a agrupar objetos com base em sua similaridade. Assim, objetos que possuem tamanho ou cor semelhantes são mais facilmente interpretados como um grupo.
Continuidade	Tendemos a perceber formas suavemente harmoniosas ou contínuas, em vez de formas rompidas ou desarticuladas.
Acabamento	Tendemos a acabar ou completar perceptivamente os objetos que não estão, de fato, completos.
Simetria	Tendemos a perceber objetos como formadores de imagens especulares (espelhadas) em torno do seu centro.

FONTE: Adaptado de Sternberg (2000, p. 122) e Dickel (2015, p. 16-17)

Podemos inferir que os sinais icônicos das línguas de sinais são criados a partir de alguns desses princípios e que a mente do perceptor de uma língua sinalizada tende a fazer uso de alguns deles também, contudo para além de uma capacidade meramente sensorial e perceptual, há uma implicação cultural. Isso é de certa forma verificável nos diferentes aspectos de iconicidade selecionados que não são os mesmos para todas as comunidades sinalizantes, uma vez que cada comunidade surda escolhe os traços mais proeminentes que julga mais aceitáveis a sua cultura. De fato, a tendência do ser humano é categorizar a experiência, ou seja, tende a agrupar entidades, tais como objetos, ideias e ações pela semelhança e pela pregnância das formas, de modo que a cultura possa significar as categorias sem muito esforço cognitivo, interpretando-as pelos princípios de simetria, acabamento, continuidade e proximidade.

Segundo Lima (2010, p. 111), depois do advento das ciências cognitivas, houve uma mudança na concepção de categorização, pois, de um processo cognitivo individual passou a “um processo cultural e social de construção da realidade, que organiza conceitos, parcialmente baseados na psicologia do pensamento”. A categorização foi estudada por vários psicólogos e (neuro)linguistas.



Veja algumas definições de categorização, sob a perspectiva cognitivista, compilados por Lima (2010, p. 110):

Lakoff (1987, p. 5) diz que:

A maioria de nossas palavras e conceitos designam categorias [...] Categorização não é um processo que deve ser estudado superficialmente. Não há nada mais básico do que a categorização para o nosso pensamento, percepção, ação e discurso. Cada vez que nós vemos algo como “um tipo” de coisa, por exemplo, uma árvore, nós estamos categorizando. [...] A compreensão de como categorizamos é o ponto central para a compreensão de como nós pensamos, funcionamos e, conseqüentemente, um ponto central para a compreensão daquilo que nos faz humanos.

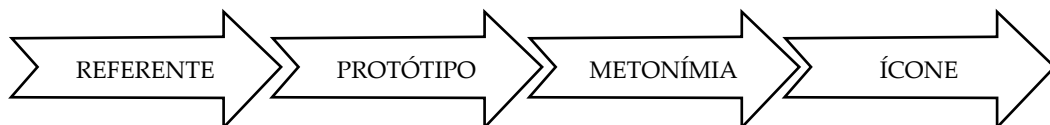
Jacob e Shaw (1998, p. 155) dizem que “categorização é um processo cognitivo de dividir as experiências do mundo em grupos de entidades, ou categorias, para construir uma ordem física e social do mundo”.

Markman (1989 *apud* JACOB; SHAW, 1998, p. 155) descreve a categorização como “um mecanismo fundamental que simplifica a interação individual com o ambiente: não somente facilitando o armazenamento e a recuperação da informação, mas, também, reduzindo a demanda da memória humana”.

Gardner (1996, p. 373) afirma que “as categorias têm uma estrutura interna, centrada em protótipos ou estereótipos, e outros exemplares são definidos como mais ou menos periféricos, dependendo do grau em que eles compartilham características cruciais com o protótipo central”.

Para Lima (2010), a percepção tem um papel relevante na categorização, que leva em conta vários aspectos e informações percebidos no mundo, de forma a agrupá-los, reconhecendo similaridades e diferenças. Em relação à Libras, Faria do Nascimento (2009) trouxe essa discussão para a criação dos sinais. Segundo a autora, o processo de criação de um sinal segue a seguinte sequência:

FIGURA 7 – FENÔMENOS PARCIAIS PRESENTES NO PROCESSO DE NOMINALIZAÇÃO EM LIBRAS



FONTE: Adaptado de Faria do Nascimento (2009, p. 43)

Faria do Nascimento (2009) traz o exemplo do sinal COELHO, explicando que as orelhas são eleitas como protótipo para o processo metonímico (parte pelo todo), uma vez que foram apreendidas sensorialmente como parte mais proeminente do referente “coelho”. As configurações metonímicas que remetem as orelhas do animal do mundo possuem traços de iconicidade: a forma (pregnância), a proximidade (na cabeça), a simetria (ambas as mãos, mesmo movimento), podendo ser considerado um ícone. Veja o sinal de COELHO na figura a seguir:

FIGURA 8 – SINAL DE COELHO



FONTE: <<https://www.youtube.com/watch?v=j9lQoElJ04A>>. Acesso em: 2 fev. 2019.

Schmaltz (2005, p. 25), Denny (1986) e Rosch (1977) entendem que

a categorização [...] depende da natureza da interação humana cotidiana, bem como do ambiente físico e da cultura. Os fatores envolvidos na categorização de nível básico incluem percepção gestáltica, interação motora, imagens mentais e importância cultural. Considerada conjuntamente, essas observações apoiam a visão de que o sistema cultural humano é dependente e intimamente ligado à experiência física e cultural.

Essa concepção vem ao encontro do que estamos defendendo em relação à língua de sinais e à comunidade sinalizante. Já falamos da importância da psicomotricidade, ou seja, da interação motora para o desenvolvimento das funções superiores e de como a percepção tem um vínculo preponderante

na criação dos conceitos, a conceptualização. Defendemos que, para a categorização, o fato sociocultural é muito relevante, pois os signos tendem a ser estabilizados, resguardando-se alguns princípios como o de estruturação perceptual e economia cognitiva.

Segundo Schmaltz (2005), a percepção não ocorre de maneira uniforme entre os organismos, por isso a categorização tem um papel imprescindível para a economia cognitiva, ou seja, os sistemas de categorização devem fornecer o máximo de informações, com o mínimo de esforço cognitivo. Dessa forma, ao perceber um sinal com grau importante de iconicidade, ele precisa forçosamente estar vinculado aos princípios gestálticos de continuidade, similaridade e de acabamento, vias pelas quais, sem muito esforço cognitivo se chega ao conceito, a sua significação. Isso significa que os aspectos irrelevantes para a diferenciação de estímulos são desconsiderados, uma vez que a estruturação do mundo perceptível leva em conta as necessidades funcionais, as interações psicológicas, os ambientes sociais e o nível cultural em dado período de uma comunidade linguística e do modo como interage com determinado objeto naquele espaço e tempo. Essa discussão é útil para adentrarmos na questão da criação de sinais pessoais, que será estudada na próxima seção.

6 ONOMÁSTICA EM LIBRAS

Onomástica é um ramo da Lexicologia que investiga nomes próprios. Ela se divide em Antroponímia, que estuda os nomes próprios de pessoas, e a Toponímia, que estuda os nomes próprios de lugares. Esse assunto é tratado aqui porque a comunidade surda tem como prática cultural criar nomes para designar pessoas, lugares, empresas, instituições públicas, aplicativos etc.

O sinal pessoal é como um nome de batismo e frequentemente tem uma base icônica. Geralmente, a característica mais saliente, um tique, um detalhe facial, a profissão, o modo de dispor o cabelo ou um acessório que alguém costuma usar podem ser adotados na criação do sinal. Delaporte (1998, p. 11-12) chama os sinais pessoais de nomes metonímicos, explicando que:

Os nomes das pessoas são construídos de várias maneiras. O primeiro conjunto que se impõe ao observador é ao mesmo tempo o maior, o mais heterogêneo e o mais atestadamente antigo. Embora pareça um vasto bricabraque, essas designações têm em comum um traço simples: todos se referem a uma característica do indivíduo denominado. A parte é usada para nomear o todo. Eu vou chamá-los de nomes metonímicos. Eles representam quase 90% do meu corpus de oitocentos nomes. A aparência física (incluindo penteado, roupas e acessórios) vem quantitativamente primeiro: OLHOS AMENDOADOS, PATAS DE GANSO, NARIZ DE TROMBONE, NARIZ TORTO, BOCHECHAS VERMELHAS, CICATRIZ NA TÊMPORA, BOCHECHUDO, ORELHA AMASSADA, CABELOS CHANEL, CABELOS CRESPOS, CABELOS ESPETADOS, TOPETE À LA ELVIS, PEITO PELUDO; GRAVATA BORBOLETA, CINTURÃO, AQUELE QUE PORTA UM APARELHO AUDITIVO COM FIO.

Nós encontramos algumas metáforas: TORRE EIFFEL para uma mulher alta, CISNE para alguém que anda sempre muito ereto, CAVALO para um homem aflito com uma mandíbula proeminente. Em seguida, vêm os nomes que concernem a hábitos, com o caráter: MEXE OS DEDOS DOS PÉS QUANDO DORME, MOVIMENTA AS SOBRANCELHAS QUANDO FALA, ACARICIA SEU LENÇO, PASSA A MÃO NOS CABELOS, SEMPRE ASSOANDO O NARIZ, SEMPRE COM O SEU CÃO; ESBARRA-SE EM TUDO (fig. 1), PENSA MUITO, TEM TENDÊNCIA A DAR A PALAVRA FINAL, PREGUIÇOSO, VÊ DEMAIS A TELEVISÃO ... Mais uma vez, algumas metáforas: RINOCERONTE (aquele que carrega esse nome é famoso por "ir sempre direto") O CHEFE (uma criança com personalidade de liderança), PERERECA (uma criança "que salta para todos os lados"), MADRE TERESA (uma moça muito séria na opinião de seus colegas), SOL QUE SAI DO CORAÇÃO (Emmanuelle Laborit) (fig 2).

FIGURA 9 – 1 (AQUELE QUE SE ESBARRA EM TUDO) E 2 (EMMANUELLE LABORIT) DE DELAPORTE



FONTE: Delaporte (1998, p. 12)

Devido a essas atribuições motivadas, não é raro buscar-se a qualidade icônica que os sinais pessoais ou de lugares portam, uma vez que é muito comum que eles tenham uma relação com algum princípio visual. Poderíamos citar muitas características que podem gerar sinais pessoais, mas o fato mais importante é que um sinal faz parte da identidade, marca um pertencimento e uma ligação com a comunidade surda. Por isso, um dos princípios mais importantes é que eles sejam atribuídos por pessoas surdas. É como um código cultural e ético que é importante observar.

E você, já recebeu um sinal? Se não, converse com um colega surdo, frequente uma associação ou um grupo que tenha membros surdos e peça para ser "batizado". Ele não poderá ser trocado e deverá lhe acompanhar para o resto de sua vida, por isso não pode ser esquecido.

A autora deste livro recebeu seu sinal em um dos primeiros cursos de Libras que frequentou. Ela tem uma pinta no rosto que é usada como ponto de articulação para a configuração , que remete à inicial de seu nome. Veja a figura a seguir:

FIGURA 10 – SINAL DA AUTORA



FONTE: A autora

Personagens de filmes também recebem sinais. Os sinais de heróis e vilões são criados e motivados por um atributo, um gesto, uma característica, como é o caso do Coringa, inimigo do Batman, cujo sinal icônico remete ao formato de sua grande boca, juntamente com sua expressão facial malévola. O sinal pode também ser designado pela imitação de um gesto que costuma fazer, como é o caso do Homem Aranha, cujo sinal reproduz o movimento e a configuração de mãos executados ao lançar suas teias. Veja a figura a seguir:

FIGURA 11 – SINAIS DO CORINGA E DO HOMEM ARANHA



FONTE: <<https://www.youtube.com/watch?v=OUyZWeVN6k8>>. Acesso em: 3 fev. 2019.

Um grupo musical, um time de futebol ou uma celebridade geralmente recebe um sinal que acaba sendo difundido e convencionado, às vezes até mesmo internacionalmente. No exemplo a seguir, temos o sinal da banda britânica *The Beatles*, que foi criado retrazendo iconicamente a marcha em filha indiana da capa de seu famoso álbum *Abbey Road*.

FIGURA 12 – SINAL DA BANDA MUSICAL THE BEATLES



FONTE: <https://www.youtube.com/watch?v=sepnwW16v_M>. Acesso em: 3 fev. 2019.

As redes sociais, evidentemente, também recebem seus sinais e algumas podem ter seus nomes criados a partir da forma ou detalhe de sua identidade visual. A rede social Twitter, cujo símbolo é um pássaro, recebeu o item lexical PÁSSARO como sinal. Por isso trata-se de uma dupla motivação, haja vista que esse sinal recebeu o traço icônico que remete ao bico de uma ave.

FIGURA 13 – SINAL DA REDE SOCIAL TWITTER



FONTE: <<https://www.youtube.com/watch?v=IBqRIVDeAUQ>>. Acesso em: 3 fev. 2019.

No que concerne aos sinais topônimos, não é muito comum que sejam icônicos, porém há sinais que partem de uma característica natural, um monumento típico ou o sinal da pessoa, cujo nome foi adotado para designar o lugar. Por exemplo, um dos sinais do Estado do Paraná, que está representado na figura 14, é motivado por um atributo natural, uma árvore típica do lugar, a Araucária, tomada como símbolo dessa Unidade da Federação.

FIGURA 14 – UM DOS SINAIS DO PARANÁ



FONTE: <https://www.youtube.com/watch?v=_tkHM-fxGSQ>. Acesso em: 3 fev. 2019.

Como você pôde constatar, a atribuição de sinais possui especificidades e muitos deles seguem os princípios da visualidade. Se você quiser conhecer outros sinais, acesse os links dos vídeos que são disponibilizados na atribuição das imagens.

Esta seção encerra o primeiro tópico da Unidade 3. Continuaremos a estudar os aspectos visuais da língua de sinais no próximo tópico.

RESUMO DO TÓPICO 1

Neste tópico, você aprendeu que:

- A visualidade é parte inerente da língua de sinais, por isso os aspectos icônicos e espaciais marcam sua especificidade e a sua diferença em relação às línguas faladas. Essas características, segundo alguns autores, pressupõem um campo fértil de análise que revelaria aspectos da percepção e representações humanas ainda não vislumbrados.
- A significação sempre foi alvo de muita investigação. Assim, o signo foi investigado em muitos campos do conhecimento até que uma disciplina própria foi criada, a Semiótica, também chamada de Semiologia. Saussure (2006) e Peirce (1995) contribuíram com suas teorias, a primeira diádica, formada pelo significante e pelo significado, a outra triádica, pois incluiu o referente como um dos vértices que compõem o signo.
- Dentro da semiótica tradicional, de cunho estruturalista, nascem as três categorias de signos: os ícones, índices e símbolos. O ícone possui um elo de semelhança com o referente, o índice aponta para um referente por ele designado, o símbolo representa uma ideia geral sobre o referente.
- Estudos em Psicomotricidade têm revelado a potencialidade corporal e o desenvolvimento concomitante com outros sistemas superiores. Assim, o movimento seria um facilitador de outros sistemas e funções (cognitivo, afetivo, social e relacional). O corpo, então, está ligado ao espaço e ao tempo, ele é o centro de referência na relação com seu entorno.
- A percepção humana é muitas vezes confundida com a captação dos estímulos externos. Entretanto, são níveis diferentes que estão em jogo. No momento da apreensão das informações provenientes do meio, há uma codificação básica e automática, em que a atenção não é solicitada. Na percepção, há uma fase discriminatória mais refinada em que os dados são tratados e interpretados, quando lhes será atribuído um significado.
- A Gestalt é uma teoria cujo centro de investigação é a forma. Para os seus precursores, a percepção é um conjunto constituído de unidades autônomas, cujas propriedades dependem do todo. Assim, ela defende que as formas são classificadas segundo os critérios de figura/plano de fundo, proximidade, similaridade, continuidade, acabamento e simetria.

- Onomástica é um ramo da Lexicologia que investiga nomes próprios. Ela se divide em Antroponímia, que estuda os nomes próprios de pessoas, e a Toponímia, que estuda os nomes próprios de lugares. Geralmente, a comunidade surda tem como prática cultural criar nomes/sinais para designar pessoas, lugares, empresas, instituições públicas, aplicativos etc. O sinal pessoal frequentemente tem uma base icônica, que se refere à característica mais saliente, um tique, um detalhe facial, a profissão, o modo de dispor o cabelo ou um acessório, ou seja, qualquer peculiaridade pode ser adotada na criação de um sinal, seja de pessoa, lugar ou instituições.



1 Pratique sua percepção visual e crie um vídeo descrevendo as imagens a seguir:



FONTE: <<http://altercacaodiaria.blogspot.com/2016/05/a-consonancia-paradoxal-de-um-discurso.html> <https://www.dokuprice.com/tupperware-eco-bottle-500-ml-169590>>. Acesso em: 2 abr. 2019.



FONTE: <https://br.freepik.com/fotos-gratis/longa-fila-de-livros-coloridos_894117.htm <http://www.aconfrriadasdivas.com.br/casa-e-decoracao/passo-passo-de-pintura-basica-de-paredes/>>. Acesso em: 2 abr. 2019.

2 A fim de expandir o seu vocabulário, encontre em dicionários on-line ou impressos os sinais que correspondam às seguintes palavras que foram retiradas desta unidade:

- a) Comportamento:
- b) Perceber:
- c) Psicologia:
- d) Cognição/cognitivo:
- e) Piaget:
- f) Icônico/iconicidade:
- g) Semiótica:
- h) Linguística:
- i) Humano:
- j) Ciências:

OS PRINCÍPIOS IMAGÉTICOS DA LIBRAS

1 INTRODUÇÃO

Em nosso primeiro tópico, aprendemos bastante sobre captação e percepção visual, sobre conceitualização e categorização, sobre a Gestalt e sua teoria sobre as formas. Agora estamos aptos a abordar mais detalhadamente a respeito das construções imagéticas na Libras. Para isso, vamos observar como são construídas as formas em Libras que implicam figuras, planos, esquemas, imagens, espessuras, perspectivas, direções, simetrias e trajetórias. Portanto, essa parte será considerada mais técnica e servirá para finalizar o nosso livro numa perspectiva mais aplicada à construção de uma gramática reflexiva para a língua de sinais.

Para iniciar, trazemos elementos importantes sobre a noção de “imagética”, que não está separada das noções de captação e percepção visual, dos princípios gestálticos, nem dos princípios visuais que regem as construções icônicas das línguas de sinais. Depois seguiremos para a compreensão de construções imagéticas em língua de sinais.

A imagem é estudada em vários campos do conhecimento, sobretudo na Semiótica e no Design da Imagem, que tem se caracterizado como o “centro dos grandes processos contemporâneos de reconfiguração da Imagem a [sic] nível cultural e tecnológico” (TEIXEIRA, 2014, p. 27). Ela também é estudada em áreas mais específicas como a Arte, Psicologia, Comunicação, Filosofia, Ciências, Educação, Publicidade, Fotografia etc., e também é usada como recurso para a representação de conceitos em disciplinas como: A História da Arte e da Escrita, Matemática, Biologia, Engenharia, Física e Química. Portanto, elas estão presentes na vida humana desde os primórdios da humanidade, mas, de fato, numa proporção cada vez maior à medida que novas tecnologias têm sido criadas.

A princípio, as imagens eram analisadas no domínio da iconografia que, segundo o site Significados:

É um substantivo feminino da língua portuguesa e define o estudo dos assuntos representados por imagens artísticas, obras de arte, relacionando com as suas fontes e significados.

A origem da palavra iconografia surgiu a partir da junção de dois termos gregos, "*eikon*" = "imagem" e "*graphia*" = "escrita", significando literalmente "a escrita da imagem".

A *iconografia* abrange o estudo de trabalhos imagéticos como estátuas, pinturas, gravuras, retratos etc.

Até o século XVI, a iconografia se referia apenas a trabalhos imagéticos ligados à religião ou inseridos em um contexto religioso (SIGNIFICADOS, ON-LINE, 2019, s.p.).

Atualmente, o conjunto de imagens que compõe determinada especialidade é denominado de imagística ou ainda imagética, do inglês *imagery* e do francês *imagerie*. Assim, temos a imagética da área medical, computacional, educacional, biológica (celular) química (molecular), entre outras. As definições de imagética, encontradas nos dicionários on-line brasileiros são um tanto quanto simplistas e não abrangem todos os conceitos. Por exemplo, no Dicionário Aurélio (2018, s.p.) (on-line) é possível encontrar: "1- Que se exprime por meio de imagens. 2- Que é relativo a imagens". Entretanto, no Dicionário Oxford (2019, s.p.), em inglês, trata-se de um nome que comporta pelo menos três significados: "1- Linguagem visualmente descritiva ou figurativa, especialmente em uma obra literária. 2- Simbolismo visual. 3- Coletivo de imagens visuais".

Segundo o dicionário Michaelis (on-line), há 11 definições para a palavra imagem, das quais foram escolhidas quatro:

- 1 Representação do aspecto ou formato de pessoa ou objeto através de desenho, gravura, escultura.
- 6 Percepção mental sobre alguém ou algo.
- 7 Reprodução dinâmica (ou não) de pessoa, coisa, paisagem através de câmeras de máquina fotográfica, de cinema, de televisão, de celular ou de computador.
- 10LIT Palavra, frase ou expressão literária que descreve algo ou alguém de maneira poética ou alegórica.

FONTE: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/imagem/>>. Acesso em: 2 fev. 2019.

As definições abrangem tipos de representações de forma e aspecto de entidades (seres ou objetos) por meio de imagens estáticas. Nessa lista estão incluídas as imagens dinâmicas veiculadas em diversos meios, trata-se de uma extensão dada ao termo, já que as tecnologias avançaram e com isso os conceitos também se expandem. A imagem, como expressão literária, se encontra no âmbito das descrições figurativas ou simbólicas. Incluídas também estão as imagens como fenômeno da percepção mental. De fato, uma imagem pode ser estudada por duas vias: a da recepção e a da reprodução, seja física ou mental. Na língua de sinais, todas essas concepções são importantes e serão tratadas ainda neste tópico.

As imagens, embora sejam incontestavelmente veículos de informação, possuem, muitas vezes, um caráter polissêmico e são dependentes da subjetividade do receptor, porque, como salientam Marcovich e Shinn (2011, p. 231), “[...] além dos obstáculos técnicos para distinguir entre o ruído e o alvo visado, persistem questões vinculadas à produção e à interpretação, e muito mais”.

A partir dessa compreensão, este tópico terá como objetivos:

- diferenciar figuras, planos, esquemas e imagens;
- estudar espessuras, perspectivas, direções, simetrias e trajetórias em Libras;
- investigar a percepção visual de intérpretes de língua de sinais;
- elencar as dificuldades que os iniciantes em Libras apresentam;
- aprender técnicas de descrição imagética em língua de sinais.

2 FIGURAS, PLANOS, ESPESSURA, SIMETRIA, DIAGRAMAS E DIMENSÕES

Na nossa introdução discutimos as definições de imagético e de imagem. Vimos que a imagem pode ser uma representação do aspecto ou formato de pessoa ou objeto através de desenho, gravura, escultura. Entretanto, o termo figura tem sido usado como sinônimo. Aqui entendemos que uma figura é algo que representa globalmente um objeto ou pessoa, sem apresentar os detalhes, enquanto que imagem é algo mais preciso e detalhado. Veja o exemplo a seguir:

FIGURA 15 – SILHUETA



FONTE: <<https://www.tenstickers-brasil.com/adesivos-decorativos/adesivo-silhueta-figura-bailarina-7773>>. Acesso em: 2 fev. 2019.

A figura representa a silhueta de uma bailarina, perceba que é a forma que permite identificar a entidade representada. Em língua de sinais, usa-se esse recurso para representar uma determinada forma de uma entidade, então, pode-se dizer que é uma estratégia figurativa. Veja o exemplo da figura a seguir:

FIGURA 16 – SINAL DE GRAVIDEZ



FONTE: <<https://www.youtube.com/watch?v=5TUBk1Qf4Sg&t=348s>>. Acesso em: 2 fev. 2019.

O sinal de GRAVIDEZ ou GESTANTE é formado com uma configuração metonímica de <peessoa> sobre a qual, com o dedo indicador da mão ativa, faz-se o contorno arredondado do ventre. Trata-se de um sinal convencionalizado que não tem o objetivo de descrever o ventre de uma mulher grávida, apenas é um sinal composto de dois elementos metonímicos, o da pessoa e de outra forma de semicírculo, compondo um todo, o conceito de “mulher que está em processo de gestação”. Perceba que, embora haja traços icônicos (motivados), o grau de opacidade é muito grande.

Caso houvesse a intenção de descrever o tamanho e a forma da barriga, a proporção poderia ser ampliada com a mão ou as mãos da sinalizante formando um semicírculo sobre o próprio ventre. O recurso figurativo geralmente leva em consideração os contornos que recuperam a forma do objeto, parte do corpo ou o corpo inteiro de uma entidade animada. Esse tipo de recurso pode envolver outros dois traços que é o de espessura. E, no caso de tratar de grandes proporções, o de simetria, uma vez que os contornos serão feitos com ambas as mãos.

FIGURA 17 – ESPESSURA



FONTE: <<https://medium.com/@wbcaoutreach/the-go-to-guide-for-drywall-size-and-thickness-a901081b9fc5>>. Acesso em: 30 jan. 2019.

A espessura, diferentemente da noção de tamanho, tem a ver com o grau de grossura ou densidade. Veja que a figura a seguir apresenta um objeto com as mesmas proporções, mas com níveis de densidade diferentes. Assim, como é possível depreender, a noção de espessura está, muitas vezes, relacionada com o tamanho da forma que se deseja figurar. Veja o exemplo a seguir:

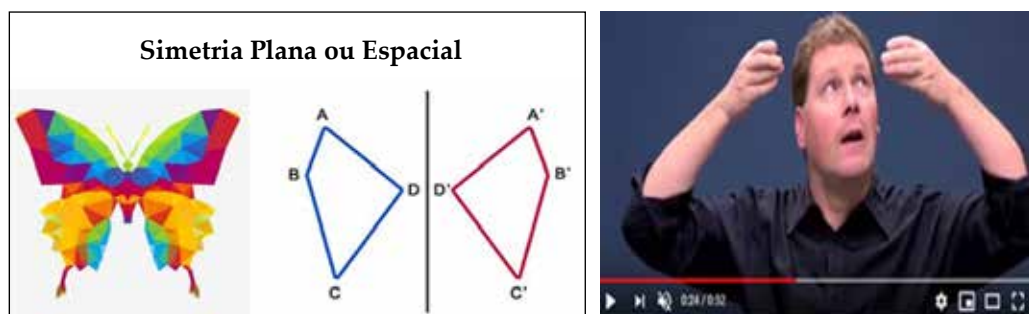
FIGURA 18 – FORMA, TAMANHO, ESPESSURA DO TRAÇO E SIMETRIA



FONTE: Adaptado de <<http://www.deafconnected.com.au/linguistics-of-auslan/>>. Acesso em: 2 fev. 2019.

Geralmente, contornos espessos exigem o uso simétrico de ambas as mãos, já contornos finos podem ser descritos com os dedos, geralmente os indicadores, mas também os polegares e os dedos mínimos. Sinais simétricos necessitam, portanto, a ação conjunta de ambas as mãos que executam o mesmo movimento, na mesma direção.

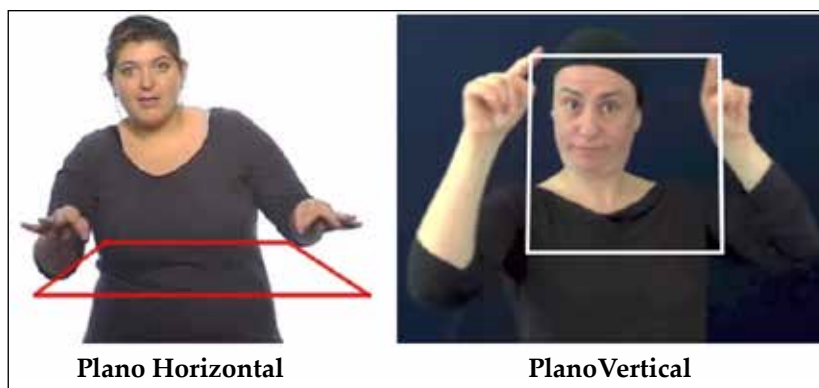
FIGURA 19 – SIMETRIA



FONTE: <<https://blogdoenem.com.br/wp-content/uploads/2016/12/simetria.jpg>> e <<https://youtu.be/Gl3vqLeOyEE>>. Acesso em: 5 fev. 2019.

Perceba, nesta figura adaptada, o exemplo de simetria pelo desenho da borboleta e sua representação geométrica. Do mesmo modo, essa noção em língua de sinais compreende o uso simultâneo das mãos que, configuradas similarmente, executam direções e trajetórias idênticas. São essas propriedades que contêm as duas imagens editadas logo a seguir, pelas quais são fornecidos exemplos de planos.

FIGURA 20 – PLANOS

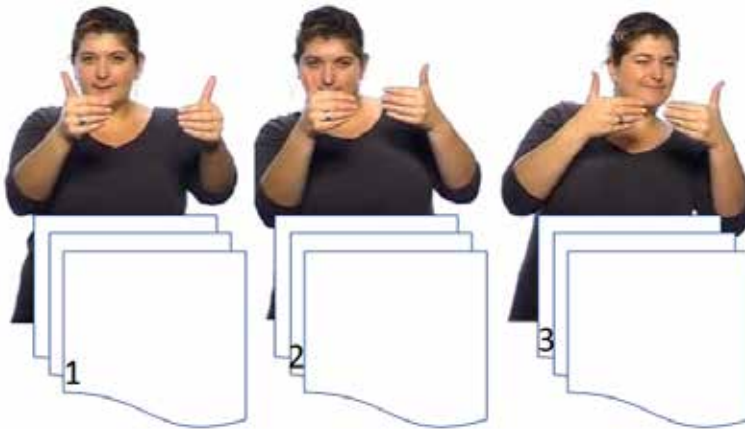


FONTE: <<https://www.elix-lsf.fr/dictionnaire/plan/article/plan-200359?lang=fr>> e <<http://www.deafconnected.com.au/linguistics-of-auslan/>>. Acesso em: 2 fev. 2019.

Os planos são figuras geométricas que podem ser descritos a partir de sua posição vertical ou horizontal ou pela sua perpendicularidade e sua obliquidade. A língua de sinais emprega basicamente dois planos: o vertical e o horizontal. O plano vertical é expresso em duas dimensões e o horizontal em três dimensões, uma vez que é possível fazer uso do espaço de sinalização à frente do corpo, que dá a noção de profundidade.

No exemplo do plano horizontal, a sinalizante está descrevendo a noção de plano, área ou superfície. Elementos poderiam ser colocados no espaço que foi delimitado para organizá-los e arranjá-los. A segunda sinalizante está descrevendo o uso do espaço no plano vertical que é muito útil para a criação de diagramas. A noção de profundidade no plano vertical só é possível com a repetição do sinal, fazendo um recuo das mãos e corpo, como se estivesse em camadas. No caso da Figura 21, a sinalizante explica os planos de uma pintura em tela: primeiro, segundo e terceiro plano.

FIGURA 21 – PLANO EM CAMADA – PROFUNDIDADE

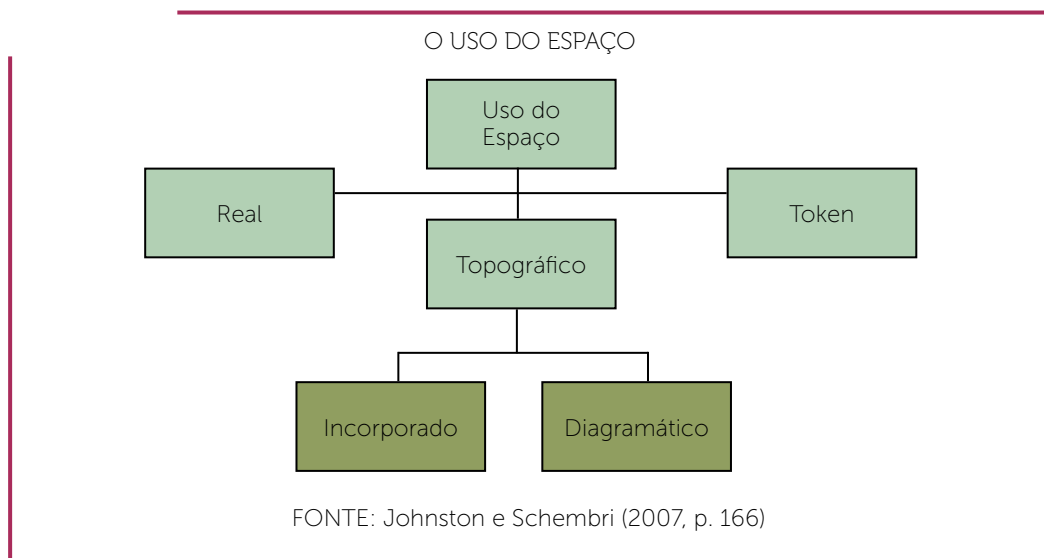


FONTE: <<https://www.elix-lsf.fr/dictionnaire/plan/article/plan-200359?lang=fr>>. Acesso em: 2 fev. 2019.

Note que as descrições de forma, espessura, planos e profundidade interagem entre si, como se fossem traços que se combinam na execução de determinados elementos. O plano visto na Figura 21 pode ser usado para dar a noção de perspectiva, que veremos na próxima seção. Por enquanto, vejamos uma nova noção que está sendo introduzida agora. A noção de diagrama.



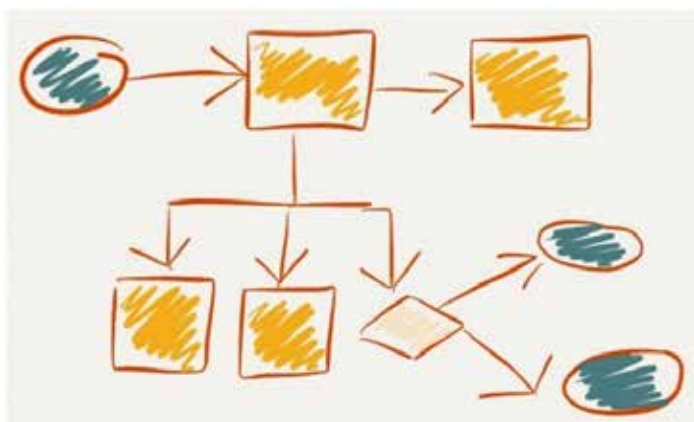
Lembre-se da Unidade 1, quando estudamos a distribuição e os tipos de espaços. Vimos como é organizado o espaço de sinalização, o espaço topográfico e outros conceitos da Linguística Cognitiva como o espaço real, o espaço token e de incorporação (sub-rogado). Vamos recordá-los observando a figura a seguir:



Note que Johnston e Schembri (2007) dividem o espaço topográfico em duas categorias, no qual inclui o espaço diagramático, que será visto a seguir.

Ao digitar a palavra diagrama no motor de busca do Google, temos a seguinte definição: 1. representação gráfica de fatos, fenômenos etc.; gráfico, esquema. 2. traçado em linhas gerais; delineação, bosquejo. 3. CINEMA • TV cenário em miniatura destinado a filmagens de estúdio. Origem ◉ ETIM lat. *diagrāmma, ātis* 'figura, representação'. Veja um exemplo na figura a seguir.

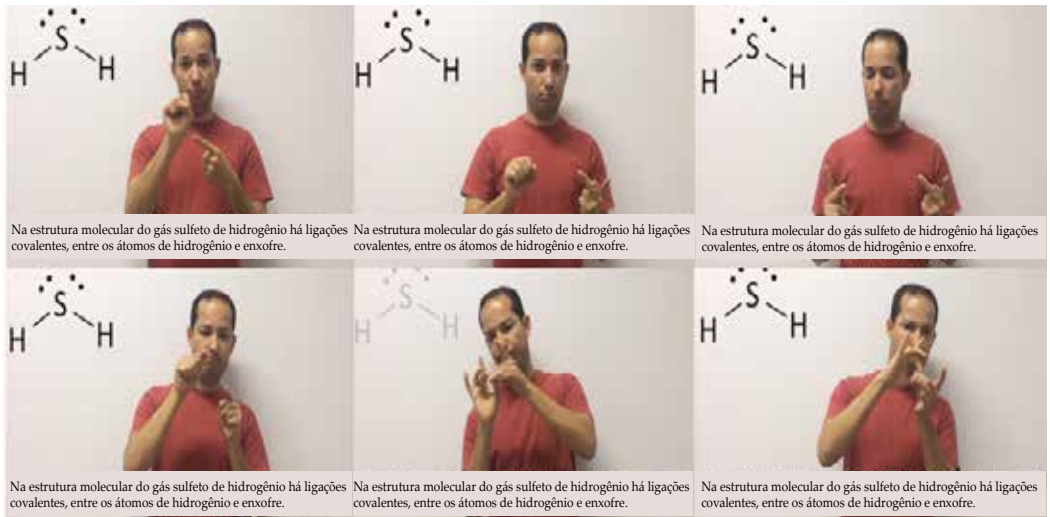
FIGURA 22 – DIAGRAMA OU ESQUEMA



FONTE: <<https://queconceito.com.br/diagrama>>. Acesso em: 30 jan. 2019.

Em língua de sinais, esse tipo de recurso explicativo e descritivo é realizado no plano vertical ou horizontal. No plano vertical, conforme a Figura 23, geralmente serão tratados conceitos temporais ou abstratos, como uma linha cronológica de um fato histórico, uma agenda de atividades dispostos no calendário semanal ou ainda a explicação de conceitos como uma composição química, como mostra a figura a seguir:

FIGURA 23 – O USO DIAGRAMÁTICO DO ESPAÇO



FONTE: <<https://youtu.be/UKoYmgL9d9E>>. Acesso em: 2 fev. 2019.

Perceba que os elementos são apresentados e em seguida ligados uns aos outros, estabelecendo as suas combinações. Neste momento, o olhar do sinalizante é neutro como se estivesse manipulando um suporte *screen touch*. Com isso, estamos tratando com aspectos microscópicos de uma forma tridimensionalmente ampliada. Aliás, as descrições compostas com os exemplos que foram dados aqui jogam com as dimensões a todo o momento. Não é incrível o que se pode fazer com a língua de sinais?

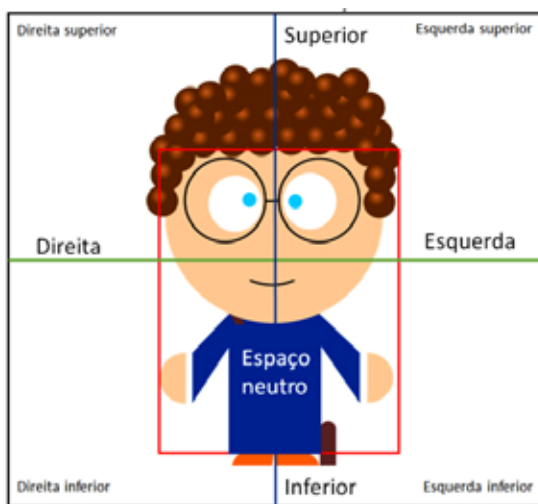
Vamos estudar as estratégias descritivas na seção 6, por enquanto outras noções ligadas ao movimento serão apresentadas na seção a seguir.

3 PERSPECTIVAS, DIREÇÕES, TRAJETÓRIAS E MOVIMENTO

O movimento (*kinesis*) é estudado em muitas áreas como a Física (mecânica, cinemática), a Filosofia, a Fisioterapia, a Educação Física, entre outras. Ele é imprescindível para a locomoção do corpo humano e todas as ações que podemos desempenhar. A língua de sinais, por ser cinésica e solicitar grandemente as variações de mudanças posturais e articulatórias dos braços, mãos e dedos, tem no movimento o centro de toda a sua expressividade.

Logo no início da Unidade 1, abordamos brevemente o movimento no sentido paramétrico (movimentos internos ao sinal) e sintático (movimentos que estabelecem as relações entre as unidades lexicais no eixo sintagmático). Nesse momento, foram fornecidos alguns exemplos de uso do movimento em verbos direcionais e espaciais. O objetivo agora é trazer elementos que podem ser considerados como traços mínimos na execução dos movimentos no espaço, pois eles são imprescindíveis para a construção da significação, também sob o aspecto semântico. Para isso, precisamos dividir o espaço de sinalização em porções menores, como na figura a seguir:



FIGURA 24 – DIVISÃO DO ESPAÇO SINALIZADO



FONTE: <<http://repositorio.sead.ufscar.br:8080/jspui/handle/123456789/970>>. Acesso em: 5 fev. 2019.

O retângulo vermelho mostra o espaço neutro, o espaço à frente do tronco e da cabeça, onde geralmente se realiza grande parte dos sinais lexicalizados (padronizados). No nível discursivo, esse espaço é ampliado dimensionalmente para a direita e para a esquerda, cuja divisão é marcada pelo traço azul no plano vertical e para a parte superior e inferior do espaço de sinalização, separados pelo traço verde no plano horizontal.

Movimentos executados acima da linha verde geralmente conotam aspectos positivos, enquanto que o espaço inferior tem uma conotação negativa. Essa linha é uma divisão mental que gera conceitualizações compartilhadas, ou

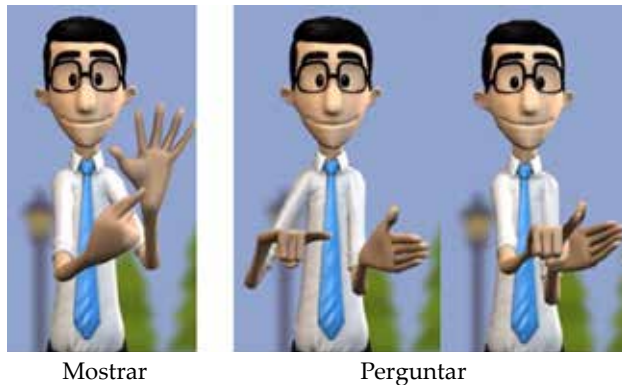
seja, *up* e *down*, céu e inferno,  e , para cima e para baixo tomam não só como ponto de referência a divisão horizontal do corpo como eixo de referência, como noções que se fundamentam em crenças e valores socioculturais.

Esse espaço também é aumentado tridimensionalmente, pois os articuladores principais podem avançar à frente, na distância do comprimento dos braços. Podem, assim, se deslocar para os níveis superiores e inferiores e laterais (direita e esquerda). Assim, traçados retos ou curvilíneos, noções de proximidade e distância e direção e sentidos distintos podem ser realizados. Vejamos, primeiramente, a questão da direção.

Na Física, a direção e o sentido são grandezas vetoriais que determinam a orientação dos corpos. A direção pode ser orientada nos planos horizontal e vertical. No plano horizontal, a direção pode tomar os sentidos da direita para a esquerda e da esquerda para a direita e no plano vertical, a direção pode empreender o sentido de baixo para cima e de cima para baixo. Na figura anterior, mostramos como essas orientações estão distribuídas no espaço de sinalização.

No nível sintático e semântico da Libras, os articuladores poderão tomar as mesmas direções, mas os sentidos dependerão do alvo que se pretende atingir. Assim, no plano horizontal, um sentido ao centro, na linha que separa direita e esquerda, pode ser tomado. Uma questão importante é que, neste nível não é a orientação da palma que vai indicar o sentido, mas o sinal inteiro, dependendo do verbo ou do nome. Como exemplos tomemos os verbos direcionais, MOSTRAR e PERGUNTAR.

FIGURA 25 – VERBOS DIRECIONAIS – MOSTRAR E PERGUNTAR

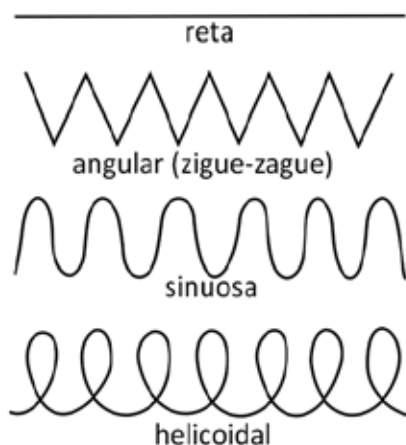


FONTE: <https://youtu.be/_xTBTVhr3qo>. Acesso em: 5 fev. 2019.

Os verbos MOSTRAR e PERGUNTAR são direcionais e podem ser orientados para espaços distintos à frente do sinalizante. No primeiro, o articulador ativo e o articulador de apoio se deslocam juntamente no mesmo sentido. No segundo, o articulador de apoio fica imóvel, mas está posicionado no mesmo sentido que o articulador ativo, o qual se desloca, com o dedo apontado para o alvo.

Os deslocamentos no espaço executam trajetórias que podem ser retilíneas, sinuosas, em zigue-zague, helicoidais, entre outras.

FIGURA 26 – TRAJETÓRIAS, CURVAS E MOVIMENTOS




FONTE: A autora

Na figura, há algumas trajetórias possíveis na execução de deslocamentos. Elas acontecem concomitantemente à orientação, ou seja, um sinal toma determinado sentido e ao mesmo tempo, ao longo do percurso, vai realizando uma trajetória.

Aproveitando o ensejo, queremos falar sobre perspectiva, que é o ponto de vista que se tem de um objeto, segundo a sua proximidade ou distância. Como foi adiantado anteriormente, a noção de perspectiva em Libras é realizada pela execução de sinais em sobreposições de planos. Veja um exemplo:

FIGURA 27 – PERSPECTIVA

FONTE: <<https://youtu.be/4PeYpRbg18Y>>. Acesso em: 30 jan. 2019.

A perspectiva inicia com o ator incorporando uma borboleta, ainda com os braços próximos ao corpo, ele altera para o ponto de vista externo, quando a borboleta passa a ser representada por CL em , à medida que as mãos se afastam do corpo, pelo alongamento dos braços, a configuração passa a ser com apenas os dedos indicadores. Essa estratégia de sobrepor planos, afastando os braços e diminuindo o número de dedos, dá a noção de distanciamento e profundidade.

Com isso, encerramos aqui esta seção. Traremos mais elementos sobre a percepção de elementos icônicos na próxima seção.

4 PERCEPÇÃO IMAGÉTICA POR OUVINTES

No nível da percepção, Lucchi (2017), em sua dissertação de mestrado, investigou a compreensão de estruturas de grande iconicidade por dois intérpretes ouvintes. Os participantes eram bacharéis formados em curso de interpretação e possuíam experiência na área. Para o teste, que se deu em duas etapas, eles precisaram desenhar as descrições de objetos feitas por um sinalizante surdo e tiveram que interpretar da Libras para o Português falado um vídeo inédito no qual um surdo contava histórias, descrevendo aspectos de animais e objetos.

O referencial teórico utilizado foi a tese de Campello (2008) sobre descrições imagéticas que apresentamos anteriormente. Assim, foram propostos aos intérpretes os cinco tipos de transferências: Transferência de Tamanho e Forma (TTF), Transferência Espacial (TE), Transferência de Localização (TL), Transferência de Movimento (TM) e Transferência de Incorporação (TI).

Para a realização da primeira etapa, foram tomadas imagens que haviam sido descritas em imagens dinâmicas pelo colaborador surdo. A partir da visualização da produção do sinalizante surdo, os intérpretes deveriam elaborar desenhos, conforme o que haviam compreendido. As imagens escolhidas remetem a variedades do tema “ÁRVORE”.



Não vamos discutir sobre a escolha das imagens para representar as categorias, vamos apenas nos concentrar nos resultados dos intérpretes A e B, salientando as dificuldades e diferenças que podem ser encontradas na execução da tarefa de interpretação, no sentido de compreender cada imagem. Todas as discussões sobre os dados aqui apresentados não são influenciadas pela interpretação do autor, mas conclusões a partir dos estímulos que o autor trouxe.

Discutiremos apenas a primeira parte do trabalho, no que concerne à percepção da descrição dada e à produção desenhada. Vale ressaltar que os desenhos não conseguem decalcar as imagens mentais, mesmo porque há um grande abismo entre o que se passa na mente e o que realmente é exteriorizado. Há também a questão da competência do intérprete em relação ao desenho. Acompanhe as figuras e a discussão sobre cada uma.

FIGURA 28 – TRANSFERÊNCIA DE TAMANHO E FORMA

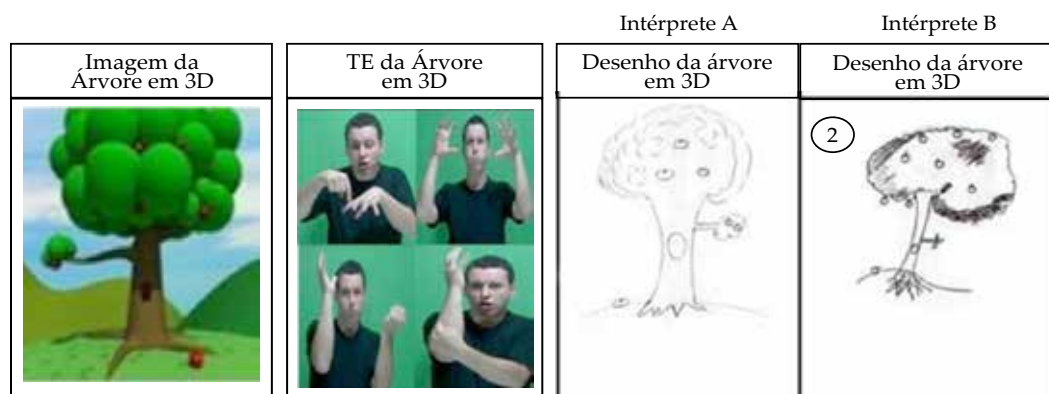


FONTE: Lucchi (2017, p. 76, 82)

As descrições são importantes, pois, como já foi discutido, o sinal **ÁRVORE** é apenas um protótipo que nomeia as diversas espécies de árvores existentes no mundo, portanto, um nome genérico. Se queremos falar do tipo de árvore, suas formas, posições e características, precisamos forçosamente usar descrições imagéticas. No exemplo da figura acima, temos uma araucária, cujo nome científico dificilmente será recuperado pela descrição. Em sinalização normal, se fosse necessário dar ênfase ao nome da árvore, seria preciso soletrar o nome antes de descrevê-la.

No exemplo sinalizado, temos a descrição de uma árvore com caule fino e comprido (1), cuja copa é formada por diversos galhos (2) que apresentam maior concentração de folhas nas pontas (3), formando um todo com forma ovalada (4). Perceba que o intérprete A conseguiu reproduzir um desenho parecido com a descrição, mas o intérprete B não conseguiu captar as sutilezas da descrição. Vale ressaltar que o autor permitiu a reformulação do desenho e a repetição da visualização. Na figura a seguir, temos um outro resultado:

FIGURA 29 – TRANSFERÊNCIA ESPACIAL (TE)



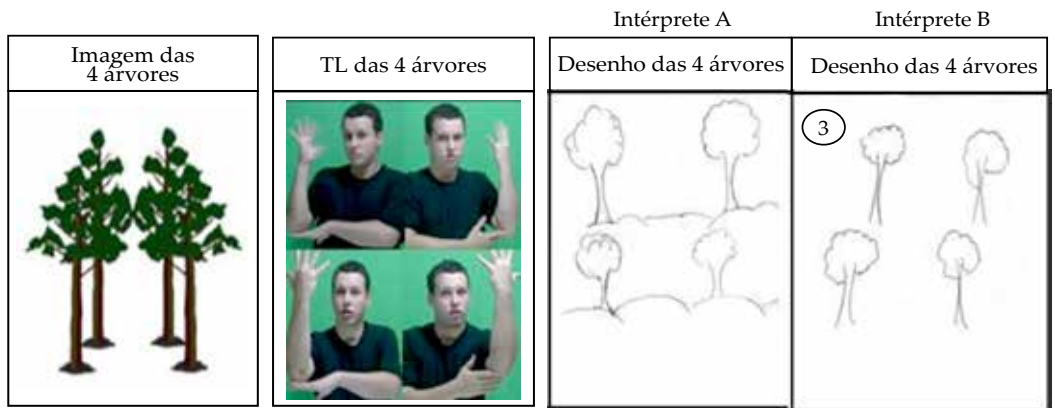
FONTE: Lucchi (2017, p. 78, 83)

Na figura empregada para representar uma TE, vemos uma árvore vetorizada com detalhes tridimensionais. Na sinalização, podemos observar a descrição de uma árvore com raízes aéreas com um ponto próximo a elas (1), a copa é frondosa (2), mas note que não há informações de que ela é formada por vários blocos esféricos de folhas, no tronco maior, há um pequeno galho (3) e um buraco (4). Note que, por restrições articulatórias, o sinalizante não pode descrever o galho no lado esquerdo como mostra a figura, o que não acontece com o fruto no chão, uma vez que o detalhe foi transmitido na primeira sequência. Assim, houve o espelhamento da figura, mas a oposição dos lados do galho e do fruto no chão foi preservada.

A questão do espelhamento é algo bem específico em língua de sinais, pois, enquanto o sinalizante está produzindo os sinais de um lado, o perceptor está vendo invertidamente. Isso acontece também em fotografias.

A terceira transferência, uma TL, foi representada por uma figura com quatro árvores em perspectiva. Essa ocorrência foi compreendida sem muitos problemas, uma vez que o que se queria especificar era a organização espacial dos elementos e não suas características.

FIGURA 30 – TRANSFERÊNCIA DE LOCALIZAÇÃO (TL)



FONTE: Lucchi (2017, p. 80, 84)

Ambos os intérpretes representaram exatamente o que foi descrito. Na sequência, vemos o sinal ÁRVORE reproduzido à direita (1) e depois à esquerda (2). Para a noção de perspectiva, o corpo do sinalizante é projetado para a frente, quando repete o sinal do lado direito (3) e esquerdo (4). É essa estratégia que leva os intérpretes a entender que as árvores estão localizadas umas à frente das outras.

FIGURA 31 – TRANSFERÊNCIA DE MOVIMENTO (TM)

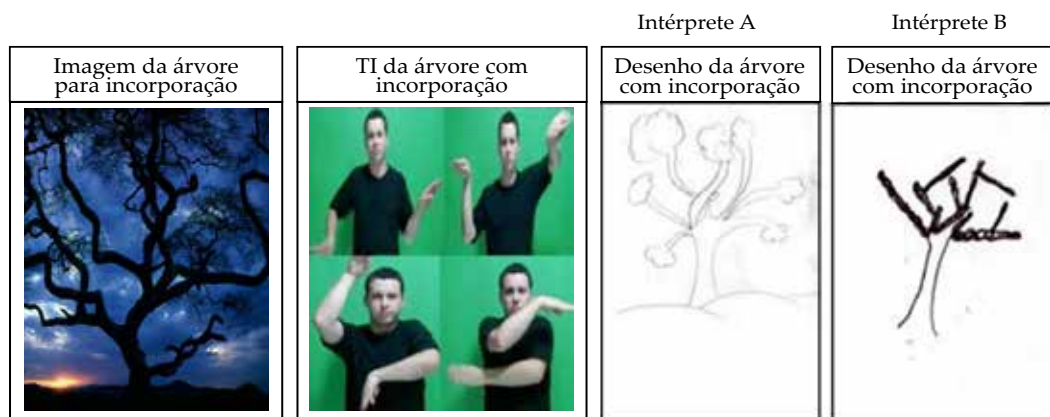


FONTE: Lucchi (2017, p. 80, 84)

A imagem escolhida para a TM representa uma árvore sendo violentamente agitada pelo vento. Vemos, assim, o sinalizante dando ênfase na intensidade do fenômeno pela expressão facial de soprar com as bochechas infladas. O braço inclinado representa o tronco que se verga à força do vento, os galhos acompanham esse movimento. Perceba que o intérprete A expressa a envergadura do tronco, mas não o dos galhos, o vento foi representado pelos símbolos de traços, comumente empregados em ilustrações. Entretanto, o intérprete B expressa pictoricamente o movimento apenas pelos símbolos de traços retos e helicoidais, além do detalhe das folhas caindo. A ênfase foi na ação do vento e não na envergadura da árvore e dos galhos provocadas pela ação dele.

Por fim, o exemplo de TI apresenta uma árvore com múltiplos galhos retorcidos. O sinalizante opta por incorporar o objeto e descreve-o como se o seu corpo fosse o tronco principal e os braços fossem os galhos:

FIGURA 32 – TRANSFERÊNCIA DE INCORPORAÇÃO



FONTE: Lucchi (2017, p. 81, 85)

Num jogo de movimentos e formas diferentes dos braços, o sinalizante surdo descreve a árvore. O intérprete A novamente descreve com certa precisão as formas dos galhos, acrescenta, porém, a informação sobre as terminações desses galhos que conteriam aglomerados de folhas. O intérprete B, embora apresente dificuldade com representações pictóricas, consegue dar ênfase na forma da árvore cheia de galhos, porém, a característica retorcida deles foi ignorada.

Essa dificuldade de desenhar poderia ser um bom argumento para supor que esse intérprete tivesse uma percepção mais clara do que a que pode representar no papel. Porém, na sequência da leitura sobre a segunda parte em que ambos foram solicitados a interpretar a história, pode-se comprovar que o intérprete B tem dificuldades na compreensão de descrições imagéticas, pois de 21 ocorrências com transferências, ele omitiu 12 delas, enquanto que o intérprete A omitiu apenas quatro. Ou seja, embora ambos os participantes tenham se formado no mesmo curso, a diferença das habilidades é evidente. Entretanto, há variáveis a serem verificadas, tais como: o contato anterior ao curso com a Libras, o tempo de atuação de cada um, a frequência de interação com a comunidade surda, entre outras. Somados a esses fatores, há o fato de que muitos intérpretes têm pouca ocasião de interpretar no sentido sinal/voz, ou seja, da Libras para o Português, geralmente a atuação é no sentido oposto. Isso leva a complementar que, diferentemente do que acontece com o maior número de línguas estrangeiras, as línguas de sinais apresentam mais dificuldade no modo de percepção do que de produção.

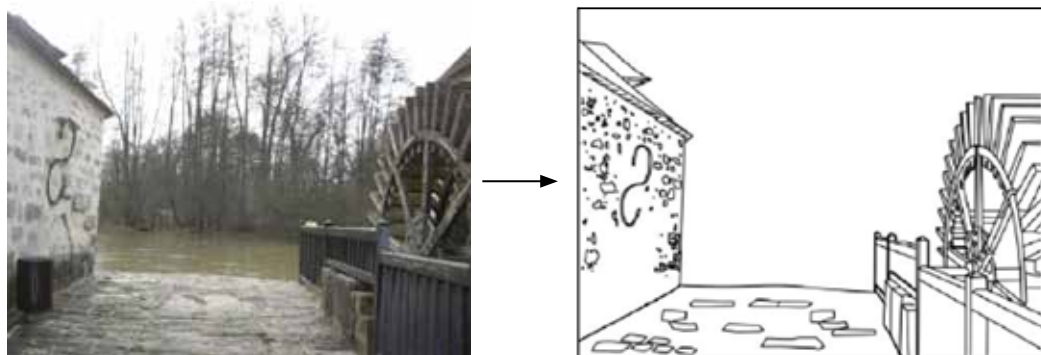
Todas essas informações levam a considerar a importância de se trabalhar técnicas de habilidades de percepção visual (será contemplado na seção 6). Enquanto isso, entendamos quais as dificuldades que iniciantes ouvintes enfrentam na aquisição intermodal.

5 COMPREENSÃO E PRODUÇÃO SINALIZADA POR OUVINTES

No nível da produção sinalizada, Alain Gebert (2016), um professor surdo francês, discute sobre o ensino de língua de sinais como segunda língua, colocando ênfase na necessidade de os professores e instrutores aprofundarem seus conhecimentos a fim de favorecer a aprendizagem de aprendentes ouvintes. Ele defende que o aprendente deve trabalhar a organização visual como requisito imprescindível para desenvolver sua habilidade em uma modalidade cinésico-visual.

O autor analisou as produções de três alunos ouvintes iniciantes em língua de sinais francesa, sobretudo para investigar como eles fazem uso das estruturas de grande iconicidade e do espaço (GEBERT, 2016). Para isso, ele forneceu uma imagem como estímulo, a qual os participantes deveriam descrever com as estratégias de que dispunham, sinais e gestos.

FIGURA 33 – ESTÍMULO USADO POR GEBERT EM SEU TESTE



FONTE: Gebert (2016, p. 27)

Segundo o autor, dois aprendentes possuíam uma capacidade natural para 1) produzir sinais icônicos usando as estruturas de transferências, 2) explorar o uso do espaço, 3) direcionar a localização de entidades no espaço, 4) utilizar o corpo para descrever os eventos corretamente, 5) uso da direção do olhar (GEBERT, 2016). Entretanto, o terceiro aprendente não possuía esses domínios e tinha grande dificuldade em se afastar da ordem sintática da língua falada. Ao fazer isso, ele perdia a capacidade de usar as transferências e o uso do espaço.

Gebert (2016) não fornece detalhes sobre os aprendentes, mas supõe-se que eles estavam sendo submetidos a métodos diferentes de ensino. Diante disso, ele se questiona sobre a prática pedagógica, pois entende que o ensino de vocabulário dos sinais lexicais é um dos motivos que leva ao uso do francês sinalizado.

Sua conclusão é a de que a aprendizagem de uma língua visual reconcilia o locutor ouvinte com o seu corpo, permitindo-lhe desenvolver novas competências, como a descrição de eventos e entidades. De fato, não se trata somente da aquisição de uma língua espacial, mas também a apropriação de competências para representar o mundo diferentemente. Cada aprendente tem especificidades próprias a sua vivência. Uns são mais desenvoltos, outros menos, portanto, o trabalho com expressão corporal é muito importante para a Libras, mas tão importante quanto é despertar a consciência sobre os detalhes do mundo, o que é imprescindível em língua de sinais.

A investigação sobre a aprendizagem de língua de sinais também foi conduzida por Leite e McCleary (2009). Os autores, ao se questionarem sobre as dificuldades que enfrentam os ouvintes ao aprenderem uma língua de sinais, procuraram informações em estudos internacionais, citando o nome de Jakobs (1996), no contexto de aprendizagem da Língua de Sinais Americana. Segundo eles, esta autora, identificando a carência dos estudos na área de ensino e aprendizagem de ASL como segunda língua, fez uma reflexão que teve como base sua própria experiência de mais de dez anos de contato com a língua de sinais como segunda língua. Ela elencou como principais dificuldades: a) a própria

modalidade da língua; b) a datilologia ou soletração manual; c) os classificadores e d) os sinais não manuais.

No contexto da aprendizagem de Libras por ouvintes, Leite e McCleary (2009) partem da própria experiência do primeiro deles. Assim, usando a metodologia de estudos em diário, Leite registrou cotidianamente sua experiência de aprendiz de Libras como segunda língua em contextos formais e informais. Os autores explicam que:

Periodicamente, esses registros eram submetidos a uma análise em busca dos fatores complicadores e facilitadores encontrados durante o processo – não apenas aqueles relativos à dimensão linguística propriamente dita, mas também às dimensões social, pedagógica e psicológica envolvidas (LEITE; MCCLEARY, 2009, p. 248).

Além dos fatores de dificuldades elencados por Jakobs, os autores levantam outros aspectos como a morfossintaxe, o uso gramatical do espaço e a semântica lexical. Entretanto, em nível extralinguístico elencam também questões sociolinguísticas, como a falta de padronização da língua, a ausência de um sistema de escrita e as ideias equivocadas sobre a língua de sinais. Além disso, alguns fatores socioculturais são destacados, tais como a dificuldade de entrada na comunidade surda, devido a razões históricas e possivelmente culturais, mas, por outro lado, como pontos favoráveis, a proximidade geográfica que oportuniza o contato com a comunidade surda e o empenho das pessoas envolvidas em minimizar os impactos das barreiras de comunicação.

Vamos nos abster a descrever sucintamente os aspectos linguísticos:

- A modalidade – os autores destacam a necessidade de “refinamento da visão”, o que vem de encontro ao que Gebert (2016) também destacou em seu artigo. De fato, a experiência do pesquisador-autor mostra a tendência de todo o iniciante no que concerne à focalização dos sinais. Geralmente, os iniciantes tendem a observar as mãos dos sinalizantes e isso os faz perder informações. À medida que toma consciência de que é preciso focalizar o rosto, ganhando, assim, na qualidade da captação e percepção.
- A datilologia – elemento aparentemente fácil que, no entanto, exige certo ritmo quando inserido no discurso espontâneo. Conforme a experiência do pesquisador-autor, é reservado pouco espaço à prática de soletração manual nos cursos de Libras.
- A morfossintaxe – corroborando com a conclusão de Gebert (2016), a ênfase no ensino de vocabulário, sem a devida contextualização em construção de sentenças, leva o ouvinte a produzir os sinais na estrutura linear de sua primeira língua e, por isso, a realização de uma interlíngua, muitas vezes estigmatizada, chamada de Português sinalizado.
- Os classificadores – devido a uma abordagem simplista sobre esses elementos por parte dos professores, os ouvintes tendem a ficar confusos quanto ao seu uso e sua semelhança com as unidades lexicais estabilizadas e, por vezes, muito parecidos com pantomimas.

- As unidades não manuais – devido a sua complexidade e diferentes usos já abordados, essas unidades são difíceis de produzir, sobretudo porque, como os cursos privilegiam o ensino de lista de sinais e que nesse nível as expressões são apenas para a distinção de determinados itens lexicais, as explicações para o uso prosódico e sintático ficam comprometidas.
- O uso do espaço – como temos demonstrado, no espaço ocorrem vários processos de recuperação referencial, de estabelecimento das relações entre as unidades numa sentença, dispensando a necessidade de artigos e preposições no estabelecimento de certas relações gramaticais e coesivas (RINFRET, 2009).
- A semântica – o ensino de vocabulário geralmente compreende uma lista de sinais com sua tradução em Português, levando a crer que todos os sinais têm um equivalente em Português, mas que também algumas palavras do Português podem ter várias acepções de sinais, como no caso do verbo CAIR. Essas ocorrências, quando mal explicadas, geram muitas confusões.

Como é possível depreender, as dificuldades de aprendizagem de língua na modalidade cinésico-visual por ouvintes são constatadas nas diferentes línguas de sinais. Geralmente, elas estão atreladas aos métodos de ensino ineficientes, mas muitas vezes estão fundadas em processos cognitivos e, embora não se tenha mencionado, afetivos também.



Como já foi salientado, a melhor maneira de aprender Libras é na interação, mas você pode ser autodidata e assistir aos vídeos que estão disponíveis na internet, especialmente os de sites confiáveis e que possuam vários gêneros discursivos. Pratique a soletração; assista a muitos vídeos e repita a sinalização, percebendo as localizações das entidades no espaço; analise sentenças para entender a ordem dos elementos, perceba os contextos de uso de expressões faciais etc. Consulte os links a seguir, neles você pode acessar bons conteúdos bilíngues:

- <https://universidadedalibras.com.br/sinais-em-libras/>
- <http://tvines.org.br/>

Aqui termina esta seção que teve por objetivo elencar as dificuldades de pessoas ouvintes em compreender e produzir discursos em Libras. Se você já é professor de Libras, aproveite para conhecer quais são as precauções que se deve tomar ao ensinar esta língua como L2, evitando os erros recorrentes que dificultam a aprendizagem dos iniciantes.

6 TÉCNICAS E HABILIDADES EM DESCRIÇÃO VISUAL

Como vimos na seção anterior, a aprendizagem de língua de sinais como segunda língua exige habilidades como o desenvolvimento da percepção visual e espacial, o uso do corpo para representar entidades, a capacidade de fazer descrições icônicas e de transmitir informações simultaneamente, entre outras. A este respeito, Neves (2011, p. 19) declara que:

A necessidade de fazer uso da iconicidade bem como da simultaneidade e de expressões faciais singulariza o aprendizado da LIBRAS em relação ao aprendizado de outras línguas orais, pois para aprendê-la o aluno precisa desenvolver habilidades específicas para o uso de uma língua visuoespacial.

Como já foi estudado, a simultaneidade em língua de sinais abrange vários fenômenos que podem se sobrepor no discurso. As sequências descritivas e narrativas solicitam as expressões faciais e corporais, articuladores manuais representando mais de uma unidade lexical ou CL, deslocamentos dos articuladores no espaço para dar conta dos aspectos morfossintáticos e semânticos. Já a iconicidade solicita habilidades de percepção. Vale ressaltar que as expressões faciais podem tanto ser gramaticais (semânticas) como podem fazer parte das emoções do personagem que está sendo incorporado.

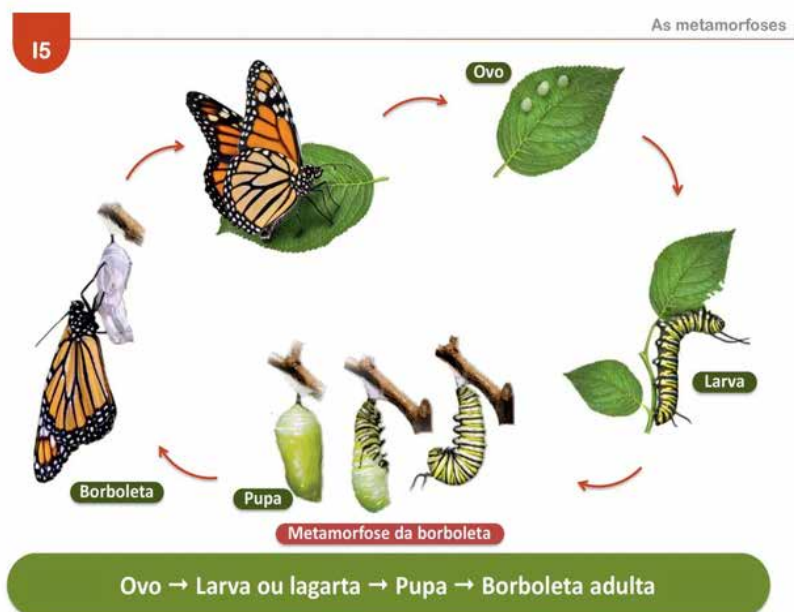
Na sua dissertação, Sylvia Lia Grespan Neves (2011) fez muitas reflexões importantes para os professores e futuros professores de Libras como segunda língua. Ela não hesitou em apontar suas fragilidades metodológicas quando iniciou sua atividade de professora dessa língua. Aliás, ela demonstra uma progressão na construção de sua atividade docente. Segundo a autora:

[...] para que se realize um trabalho efetivo na perspectiva bilíngue, faz-se necessário repensar propostas pedagógicas não apenas para a educação da pessoa surda, mas também para a formação dos profissionais ouvintes que atuarão junto aos surdos, sejam professores, intérpretes ou outros profissionais que utilizarão a LIBRAS em suas profissões (NEVES, 2011, p. 17-18).

Sob esse ponto de vista, acreditamos que, para além de aprender a Libras, é preciso ter a responsabilidade profissional e social de não oferecer qualquer ensino ao surdo, não de qualquer maneira como muitos o fazem. É preciso ter consciência de que o trabalho com surdos requer dedicação e estudo. Pensando nessa importante questão, vamos abordar alguns aspectos linguísticos e discursivos da Libras, sob o ponto de vista didático, a fim de que, com algumas orientações, você venha a ser proficiente, ou caso já seja, fornecer-lhe insumos para o seu conhecimento.

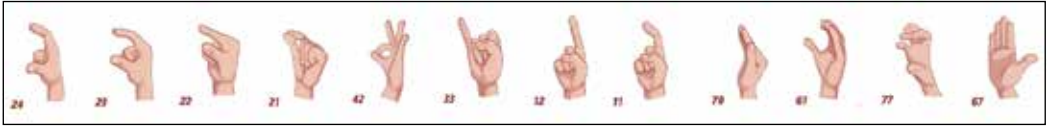
Como foi visto, a percepção exige uma ação consciente que vai além da captação visual, por isso, essa faculdade é um processo cognitivo que está associado à atenção, à memória e às linguagens. Queremos aqui defender que, como há peritos em analisar um filme, avaliando suas técnicas, enredo, atuação dos atores etc., para, então, construir uma crítica; assim como uma pessoa pode desenvolver um paladar diferenciado para a degustação de vinhos, tornando-se um profissional sommelier, assim o atuante em Libras precisa desenvolver técnicas e habilidades. Então, vamos partir do ponto da percepção, pois é dela que depende também a produção. Observe a figura a seguir:

FIGURA 34 – METAMORFOSE DA BORBOLETA



FONTE: <<https://slideplayer.com.br/slide/12687455/>>. Acesso em: 6 fev. 2019.

Você seria capaz de descrever a figura apenas com construções de grande iconicidade? Que tipo de transferências você precisaria usar? Certamente, elas envolvem a forma, o processo e pode até solicitar a incorporação, não é mesmo? Observe a sequência no sentido horário a começar da folha com os ovos. Primeiramente, preste atenção nas formas: folha, pequenos ovos, galho fino, lagarta, galho seco, lagarta pendurada, lagarta e pupa se formando, pupa completa, borboleta com asas retesadas, borboleta com asas abertas. Você precisará das seguintes configurações metonímicas, na ordem:



Depois de identificadas as formas, pense no processo, fique atento aos detalhes, retirando o que não é relevante do cenário. Por exemplo, ambos os elementos de folha e ovos são importantes para a primeira figura; na segunda, as folhas já se tornam acessórias, pois o suporte é o ramo fino, onde desliza a lagarta; na terceira, ambos os elementos são necessário, mas, na quarta, o galho já não é importante, pois o foco é a lagarta e o processo de formação da pupa; para a quinta sequência, somente a forma da pupa é relevante, mas você pode mesclar as informações, para isso, deve manter parte da pupa com uma mão e representar o galho com a outra. Há uma lacuna no evento que você pode acrescentar que trata-se da borboleta começando o processo de saída da pupa, neste caso, o foco será parte da pupa realizada por uma mão e parte da borboleta com a outra; na sexta sequência as asas da borboleta estão coladas, a pupa já é irrelevante e na sétima, elas estão completamente abertas, neste caso, a folha é irrelevante. Agora dê asas à imaginação e torne-se uma borboleta, usando a incorporação.

Você notou que para fazer uma boa descrição em Libras é preciso mais do que apenas saber que tipo de configurações metonímicas usar? Pois bem, o conhecimento de mundo é imprescindível. Para descrever qualquer evento, você precisa conhecer como ele acontece. Conhecendo o inventário de configurações possíveis, sabendo o que é importante descrever para retirar o que é irrelevante, sabendo quando ir de uma representação interna (incorporação) para uma representação externa (uso manual), mesclar ambos se necessário e tendo um bom conhecimento de causa e efeito do evento, é possível fazer uma ótima descrição. Quando à produção? Bom, isso é questão de treino. Desenvolva sua dexteridade observando, informando-se, praticando e repetindo. Trata-se de um processo de metamorfose, tão trabalhoso como o da borboleta, mas cujo resultado é tão belo quanto.

E por falar em belo, observe a fotografia da escultura que narra quando o personagem mitológico Laocoonte e seus filhos foram atacados por duas serpentes. Observe os detalhes das fisionomias, da musculatura, das formas empregadas que dão uma espécie de movimento à imagem estática:

FIGURA 35 – ESCULTURA DA MITOLOGIA GREGA



FONTE: <<https://resenhasdefilosofia.files.wordpress.com/2012/12/schopenhauer-laocoonte.jpg?w=660>>. Acesso em: 6 fev. 2019.

Marcovich e Shinn (2011), ao estudarem a estrutura e função das imagens na ciência e na arte, descrevem pontos interessantes sobre as descrições imagéticas na ciência, cujos desenhos, esboços e esquemas se propõem a demonstrar e comunicar informações, às vezes abstratas, sobre determinado processo ou fenômeno. Entretanto, eles sugerem que as imagens podem ser fontes de informações cognitivas. Segundo os autores, “[...] presume-se que as imagens oferecem uma sólida fonte de informação concernente a algumas características tangíveis do objeto físico que se estuda” (MARCOVICH; SHINN, 2011, p. 230).

Agora, do ponto de vista didático para explicar conceitos abstratos, vamos levantar algumas discussões. Primeiramente, leia a descrição da imagem da Figura 35 por Marcovich e Shinn (2011, p. 249):

A escultura *Laocoonte* [...] foi talhada no início do século I a. C. na escola de Rodes (cf. Petitot, 2004). Esta obra de arte exibe uma relação entre as propriedades de forma, força coercitiva e perturbação equivalente às imagens da ciência. A escultura representa três pessoas – um pai e seus dois filhos – sob o ataque de duas serpentes. O pai que é a figura mais alta e poderosa encontra-se no centro do grupo. Ele é franqueado pela direita por seu filho mais novo que está quase que totalmente dominado por uma serpente constritora e parece não ser mais capaz de resistir. À esquerda do pai, o filho mais velho é o menos atacado dos três. Os dois constritores estão tão inter-relacionados que eles constituem uma forma difícil de diferenciar. As três figuras estão conectadas pelas serpentes entrelaçadas e dirigem-se uma à outra, o que pode ser observado na forma da postura corporal recíproca de seus corpos e na mútua consciência implícita. É isso que gera uma impressão de coesão e completude na escultura.

Numa situação hipotética em que fosse necessário interpretar a citação anterior em língua de sinais, seria preciso lançar mão da imagem para entender o conjunto de explicações em Português, sobre os detalhes da escultura. Após ser traduzido para a Libras, as ideias seriam mais explicitamente mostradas pelas descrições visuais que a língua proporciona. Isso não significa dizer que descrever uma imagem em Libras seja suficiente para dar as noções de forma, forças coercitivas e perturbações, de peso (massa), potência (poder), flexibilidade (elasticidade) e outros conhecimentos de mundo como os tipos de ataque de serpentes, por constrição e mordida.

Em outras palavras, uma imagem pode ser útil para explicar determinado fenômeno, mas ela não é autoexplicativa. É preciso separá-la em seus elementos constitutivos. Marcovich e Shinn (2011, p. 250) explicam:

Nota-se que a massa dos animais deve ser apreciável, pois eles imobilizam os humanos em virtude, em parte, ao peso de seus adversários. A força e a contraforça, o movimento e o contramovimento, entre o homem e a serpente permite-nos dizer muito acerca da forma dos músculos, tendões, ligamentos e ossos de cada pessoa. A força da serpente é revelada como ondulações do poder dos músculos e pele do animal, que são particularmente visíveis no caso dos constritores. A forma da anatomia reativa, os contornos e o volume da musculatura abdominal do pai e os músculos de seus braços em contração reativa são tornados visíveis como perturbações que emanam do exercício pelas serpentes da força constritora. A força exercida, em outro campo de movimento, pode ser vista nas constrições de pressão causadas pela compressão coletiva produzida pela serpente, que supera a resistência do pai e das duas crianças, tal como aparece pela morfologia, claramente resistente, protuberante e marcante, de todos os atributos externos das figuras.

A agilidade também pode ser representada pela dificuldade que Laocoonte teve em conter a serpente pela cabeça, deixando evidente a interpretação de que ele será mordido por ter sido menos ágil. Para interpretar a imagem e apresentar as noções abstratas da física, Marcovich e Shinn (2011) fizeram uso de conhecimentos provindos de outras imagens científicas.

Esta discussão é importante tanto para o aprendente de Libras como para o futuro professor ou intérprete que trabalhará com pessoas surdas. É preciso muito mais que conhecimento linguístico para ensinar, traduzir ou dialogar em Libras, é preciso ampliar o conhecimento de mundo, internalizando como os fenômenos ocorrem e relacionando aspectos mais observáveis aos abstratos. Ou seja, a Libras exige um esforço cognitivo visual (atenção e percepção) e solicita muitas descrições visuais (linguística e imagética) e isso só é possível pela experiência prática.

Encerra-se aqui o segundo tópico que teve como objetivo discutir as propriedades imagéticas da Libras, o próximo tópico versará sobre uma gramática reflexiva da Libras.

RESUMO DO TÓPICO 2

Neste tópico, você aprendeu que:

- A imagética pode ser definida como uma linguagem visualmente descritiva ou figurativa, especialmente relacionada às obras literárias. Significa também um coletivo de imagens visuais e conexões simbólicas entre imagem e seu significado. Os estudos em língua de sinais se apropriaram do termo para, especificamente, relacionar os aspectos icônicos e figurativos expressos nessa língua.
- Os princípios da imagética da Libras estão intrinsicamente ligados às noções de captação e percepção visual, dos pressupostos gestálticos e das estratégias de grande iconicidade. Questões essas que estão relacionadas às áreas da Semiótica e da Psicologia.
- A imagem é, assim, o termo genérico que abrange as representações do aspecto de pessoa ou objeto por meio de descrições icônicas; a percepção mental que o indivíduo pode ter a respeito de um evento, objeto ou pessoa; engloba também a questão das reproduções dinâmicas da Libras, além de, no sentido alegórico, estar associado à incorporação.
- Em termos de construções imagéticas descritivas, há de se considerar os planos, as figuras, a espessura, simetria, diagramas e dimensões daquilo que se deseja descrever. A estes são associados os movimentos, que se expandem em perspectivas, direções, sentidos e trajetórias.
- No nível perceptivo, alguns ouvintes, mesmo os intérpretes formados, podem ter maior dificuldade em compreender certas sutilezas em relação às descrições que fazem uso de transferências. De fato, para adquirir fluência em língua de sinais é preciso refinar a visão, para que, além da captação, aconteça a percepção.
- No nível da produção da língua de sinais, alguns ouvintes apresentam dificuldades específicas em relação à exploração do espaço, a direcionalidade e organização das entidades no espaço, a produção de sinais icônicos, o uso do corpo e a da direção do olhar.
- É preciso muito mais que conhecimento linguístico para ensinar, traduzir ou dialogar em Libras, é preciso ampliar o conhecimento de mundo, internalizando como os fenômenos ocorrem e relacionando aspectos mais observáveis aos abstratos. Ou seja, a Libras exige um esforço cognitivo visual (atenção e percepção) e solicita muitas descrições visuais (linguística e imagética) e isso só é possível pela experiência prática.



Esta autoatividade é, de fato, um teste que está dividido em duas partes. Leia a primeira parte, responda-a e só então passe para a segunda parte. Não faça pesquisas, pois elas poderiam interferir nas suas respostas.

1 Leia a definição da palavra “narcisismo” e depois relate se o texto desencadeou alguma relação com um conhecimento prévio ou se na sua mente apareceu alguma imagem por causa de alguma palavra ou sentença.

Texto 1: Narcisismo

Muitas vezes a palavra “narcisismo” é utilizada no senso comum de maneira pejorativa, para designar um excesso de apreço por si mesmo. Para a psicanálise, trata-se de um aspecto fundamental para a constituição do sujeito. Um tanto de amor por si é necessário para confirmar e sustentar a autoestima, mas o exagero é sinal de fixação numa identificação vivida na infância.

A ilusão infantil de que o mundo gira ao nosso redor é decisiva nessa fase, mas para o desenvolvimento saudável é necessário que se dissipe, conforme deparamos com frustrações e descobrimos que não ser o centro do universo tem suas vantagens. Afinal, ser “tudo” para alguém (como acreditamos, ainda bem pequenos, ser para nossa mãe) é um fardo pesado demais para qualquer pessoa. Alguns, no entanto, se iludem com o fascínio do papel e passam sua vida almejando o modelo inatingível de perfeição.

FONTE: <http://www2.uol.com.br/vivermente/artigos/o_que_e_narcisismo_.html>. Acesso em: 4 fev. 2019.

Pergunta 1 – Você conhece o mito de Narciso que originou essa palavra?

- Sim
 Não

Pergunta 2 – Alguma(s) palavra(s) do texto desencadeou(aram) na sua mente a lembrança de um conceito ou fato? Se sim, qual(is)?

- Sim
 Não

Pergunta 3 – Alguma(s) palavra(s) ou sentença(s) do texto suscitou(aram) na sua mente alguma imagem visual? Se Sim, qual(is)?

- Sim
 Não

2 Leia o mito de Narciso, que deu origem à palavra “narcisismo”. Preste bem atenção em cada detalhe e depois responda às perguntas.

Texto 2:

Eco era uma bela ninfa, amante dos bosques e dos montes, onde se dedicava a distrações campestres. Era favorita de Diana e acompanhava-a em suas caçadas. Tinha um defeito, porém, falava demais e, em qualquer conversa ou discussão, queria sempre dizer a última palavra.

Certodia, depois de uma traição, foi condenada por Juno com estas palavras: – Só conservarás o uso dessa língua com que me iludiste para uma coisa de que gostas tanto: responder. Continuarás a dizer a última palavra, mas não poderás falar em primeiro lugar.

Um dia, a ninfa viu Narciso, um belo jovem, que perseguia a caça na montanha. Apaixonou-se por ele e seguiu seus passos. Desejou dirigir-lhe a palavra, mas isso estava fora de seu poder. Esperou, com impaciência, que ele falasse primeiro, a fim de que pudesse responder. Certo dia, o jovem, tendo se separado dos companheiros, gritou bem alto:

– Há alguém aqui?

– Aqui – respondeu Eco.

Narciso olhou em torno e, não vendo ninguém, gritou:

– Vem!

– Vem! – respondeu Eco.

– Por que foges de mim? – perguntou Narciso

Eco respondeu com a mesma pergunta.

– Vamos nos juntar – disse o jovem.

A donzela repetiu, com todo o ardor, as mesmas palavras e correu para junto de Narciso, pronta a se lançar em seus braços.

– Afasta-te! – exclamou o jovem, recuando. – Prefiro morrer a te deixar possuir-me.

– Possuir-me – disse Eco.

Mas foi tudo em vão. Narciso fugiu e ela foi esconder sua vergonha no recesso dos bosques. Daquele dia em diante, passou a viver nas cavernas e entre os rochedos das montanhas. De pesar, seu corpo definhou, até que as carnes desapareceram inteiramente. Os ossos transformaram-se em rochedos e nada mais dela restou além da voz. E, assim, ela ainda continua disposta a responder a quem quer que a chame e conserva o velho hábito de dizer a última palavra.

Além de Eco, Narciso desprezou todas as ninfas. Certo dia, uma donzela que tentara em vão atraí-lo implorou aos deuses que ele viesse algum dia a saber o que é o amor e não ser correspondido. A deusa da vingança (Nêmesis) ouviu a prece e atendeu-a.

Um dia, Narciso, fatigado da caça, e sentindo muito calor e muita sede, chegou perto de uma fonte clara, cuja água refletia como espelho. Debruçou-se para desalterar-se, viu a própria imagem refletida. Ficou olhando com admiração para os olhos brilhantes, para os cabelos anelados, o rosto oval, o

pescoço de marfim, os lábios entreabertos e o aspecto saudável e animado do conjunto. Apaixonou-se por si mesmo. Baixou os lábios, para dar um beijo e mergulhou os braços na água para abraçar a bela imagem. Esta fugiu com o contato, mas voltou um momento depois, renovando a fascinação. Narciso não pôde mais conter-se. Ali ficou até que, pouco a pouco, foi perdendo as cores, o vigor e a beleza que tanto encantara a ninfa Eco. Esta se mantinha perto dele, contudo, e, quando Narciso gritava: “Ai, ai”, ela respondia com as mesmas palavras. O jovem, depauperado, morreu.

O seu nome foi dado a uma flor que nasce em solos úmidos, geralmente perto de lagoas.

FONTE: <<https://www.mitografias.com.br/2016/03/eco-e-narciso/>>. Acesso em: 2 fev. 2019.

Pergunta 4 – Você já experienciou ou já aprendeu sobre o fenômeno do eco?

- Sim, já experienciei ou aprendi sobre o assunto.
- Não, nunca experienciei, mas já aprendi sobre o fenômeno.
- Não, nunca experienciei nem aprendi sobre o fenômeno.

Pergunta 5 – (para ouvintes) A história de Eco desencadeou na sua mente algum fenômeno sonoro?

- Sim
- Não

Pergunta 5 – (para surdos) O mito de Eco fez você entender como acontece o fenômeno do eco ou fez você lembrar de alguma explicação que você já teve antes?

- Sim
- Não

Pergunta 6 – O mito de Narciso faz você lembrar de alguma ilustração ou pintura de algum artista?

- Sim
- Não

Pergunta 7 – No excerto:

“Um dia, Narciso, fatigado da caça, e sentindo muito calor e muita sede, chegou perto de uma fonte clara, cuja água refletia como espelho. Debruçou-se para desalterar-se, viu a própria imagem refletida”.

As palavras escritas desencadearam na sua mente uma sequência de imagens? Quais?

- Sim
- Não

Pergunta 8 – No excerto:

“Ficou olhando com admiração para os olhos brilhantes, para os cabelos anelados, o rosto oval, o pescoço de marfim, os lábios entreabertos e o aspecto saudável e animado do conjunto”.

Você consegue imaginar como seriam os traços e características do personagem por causa da descrição?

Sim

Não

Pergunta 9 – Comparando o Texto 1 com o Texto 2, qual deles suscitou mais imagens na sua mente?

Texto 1

Texto 2

Pergunta 10 – Explique o motivo de um dos textos ter desencadeado mais imagens na sua mente ou permitido fazer mais referências com outros conhecimentos que você já possui.

GRAMÁTICA, COGNIÇÃO E USO

1 INTRODUÇÃO

A concepção de gramática está intrinsecamente ligada à concepção de língua e, conseqüentemente, ambas estão ligadas a perspectivas diferentes sobre um mesmo objeto. Já foi estudado que, para Saussure (2006), a língua é uma convenção social, estabelecida por contratos entre os falantes, sendo que cada um deles possui o acervo necessário para comunicar. A língua é psíquica e imaterial e, enquanto sistema autônomo, segue leis internas próprias a esse sistema, logo, a língua é um sistema fechado em si mesmo. Dentro da concepção estruturalista, a gramática tende a descrever a estrutura da língua, identificando os elementos que a constituem e as relações que se estabelecem entre eles, sem considerar as influências externas à língua. A vertente chomskyana defende que a gramática é um sistema de regras que atribui descrições estruturais a frases e cabe a ela atribuir uma descrição da competência do falante, ou seja, o conhecimento intuitivo que ele tem de sua língua.

Essas duas concepções marcaram um período em que a língua era entendida como instrumento de comunicação, mas elas implicavam uma concepção racionalista, ou seja, uma abordagem que apaga os fatores externos, as relações entre os falantes e o contexto comunicativo.

De fato, as concepções a respeito de língua e gramática mudam com o tempo e à medida que as práticas sociais e educativas evoluem. Assim, veremos como três concepções de língua e gramática marcaram períodos de tempo específicos, sabendo, de antemão, que uma ou outra concepção, mesmo as consideradas “antigas”, pode ser adotada no ensino até hoje. Vamos ver também que as últimas concepções corroboram para uma gramática dita reflexiva e internalizada que teria como base as práticas discursivas nas interações humanas.

Na progressão das ideias sobre os fatos linguísticos, na década de 1980, a Linguística cognitiva acentua o interesse na significação, fazendo uma conexão entre língua e experiência humana, pois é a partir das experiências que o homem “cria formas de expressão que estão relacionadas às formas de organização cognitiva de interpretação dos eventos sociais” (ALBRES, 2012, p. 60). Foi essa

perspectiva que levou Cuxac (2000) a empreender sua teoria das estruturas de grande iconicidade, cujos princípios foram seguidos por outros autores que passaram a conceber a existência de um pensamento visual do surdo (GUITTENY, 2006; GEBERT, 2016). Veremos que é preciso muito mais que a evidência da modalidade visual para sustentar essa concepção.

Segundo Franchi (1991), uma grande parte de estudiosos tem uma atitude negativa em relação ao ensino de gramática, sugerindo, às vezes, a sua completa exclusão das práticas em sala de aula. Isso porque durante muito tempo a gramática foi concebida como um apanhado de regras e de noções que não davam conta de abranger todos os aspectos da língua. A língua mutável e dinâmica não é de fato o que se apresenta nos compêndios.

Para alguns, a gramática tolheria a criatividade linguística e por isso apenas a prática da língua seria suficiente para desenvolver as competências comunicativas necessárias. A criatividade, assim, foi tomada no sentido alegórico muito próximo à improvisação. Entender, assim, que gramática é, na verdade, o estudo das condições linguísticas que levam em conta a significação, dá lugar ao entendimento de que a criatividade é condicionada a algumas leis naturais da linguagem verbal e culturais da comunidade linguística.

E, como já sabemos, a significação se constrói na prática linguística, mas a prática também pode ser refletida a fim de tirar dela os princípios que estão subjacentes. Esses mesmos princípios que orquestram uma gramática internalizada fornecem os julgamentos necessários para compreender quando uma sentença é convenientemente inteligível para a situação comunicativa, para os perceptores e para o propósito comunicativo.

Partindo das discussões introduzidas nesta seção, este tópico terá como objetivos:

- trazer três concepções de língua e gramática;
- problematizar a noção de pensamento visual;
- abordar os princípios da gramática reflexiva em Libras;
- analisar a língua com base no uso;
- discutir a importância da tecnologia para a Libras.

2 CONCEPÇÕES DE LÍNGUA E GRAMÁTICA

A concepção de gramática está estreitamente ligada ao modo de conceber a língua. Assim, as diferentes perspectivas vão determinar o fazer pedagógico do professor ao ensinar uma língua materna ou uma segunda língua. Por isso, é importante definir o ponto de vista adotado e as implicações que decorrem de cada escolha.

Geraldi (1984, Travaglia (2007) e Matêncio (1994) identificam três concepções de língua (que, numa relação de sinonímia, também chamam linguagem). São elas:

1. A língua como expressão do pensamento, que vigorou desde a tradição gramatical grega até os postulados Saussurianos, no início do século XX. Essa concepção traz consigo alguns preconceitos, pois parte do princípio de que aquele que não se expressa pela fala não pensa. A gramática, chamada de teórico-normativa ou prescritiva, é, por isso, entendida como um compêndio de regras para o bem falar e escrever, caracterizado pela distinção entre “certo” e “errado”. A língua é tida como homogênea, imutável e rígida. Os modelos escolhidos geralmente são textos clássicos consagrados e que gozam de grande prestígio.
2. A língua como instrumento de comunicação, que vigora desde Saussure até a década de 1960, é uma concepção fundamentada na noção de sistema de códigos para a qual o contexto da língua não é considerado. A noção de valor está atrelada a essa concepção, baseando-se na análise das relações estabelecidas entre as partes que constituem a estrutura do sistema linguístico. A língua, desse ponto de vista, cumpre funções sob três aspectos: em relação ao emissor, ao receptor e ao referente. A gramática, chamada de descritiva, ainda atrelada à norma culta e seu ensino, objetiva a internalização de hábitos linguísticos por meio de exercícios estruturais. Assim, poucas mudanças são efetivamente feitas em relação à abordagem anterior, mas os erros não são mais o foco, pois é priorizado o conhecimento sobre o funcionamento da língua.
3. A língua como processo de interação, desde 1960 até os dias atuais, essa concepção leva em consideração o contexto comunicativo e concebe o usuário como alguém marcado pela intencionalidade e ocupando um lugar social. A interação gera possibilidades para a significação, uma vez que a língua apresenta um caráter social, histórico e coletivo que, segundo Bakhtin (2003), organiza a atividade mental por meio da interação verbal. Portanto, essa concepção percebe a língua como heterogênea, que apresenta variações, influenciadas tanto por fatores internos como por fatores externos, sujeita a mudanças e dialógica. Desse modo, a Sociolinguística e a abordagem sócio-histórica fundamentam essa concepção. A gramática funcional tem especial lugar nessa perspectiva, uma vez que passa a conceber a língua com seus componentes internos e externos, abrangendo o nível discursivo. A gramática internalizada, que é como se chama a abordagem que adota essa concepção, abrange o trabalho com a oralidade, a escrita e a leitura, os diferentes gêneros, valorizando, assim, as práticas discursivas, como preconizado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998).

No espaço pedagógico, pode-se dizer que uma nova perspectiva começa a ser delineada em Franchi, no seu artigo *Criatividade e gramática*, de 1987, título esse que se tornou um livro em 1991. Em relação ao ensino da gramática, Franchi (1991, p. 8) defende que:

Há muita coisa mais por fazer, certamente tão ou mais importante, envolvendo outros aspectos da produção e compreensão do texto, o desenvolvimento da interação social na oralidade, o conhecimento e representação da realidade, a eliminação de preconceitos e discriminações sociais na linguagem.

Mas propõe, de todo modo, refletir sobre o ensino da gramática no sistema educacional. Para Franchi, “gramática é o estudo das condições linguísticas de significação” (MOURA, 1992, p. 99), que está atrelada à noção de criatividade, caracterizando-se como a “capacidade que o usuário tem de produzir diferentes interpretações da realidade” (MOURA, 1992, p. 102), usando os recursos expressivos da língua e produzindo efeitos de sentidos diferentes. O aluno deveria, assim, ser estimulado a desenvolver a criatividade linguística, por meio de jogos linguísticos diversos, a fim de exercitar-se para o seu papel na sociedade.

A concepção acima descrita parece estar muito próxima do que Travaglia (1996) chama de gramática reflexiva. O autor defende que o ensino de língua materna deve dar oportunidade para que os usuários desenvolvam a competência comunicativa, ou seja, que sejam capazes de usar diferentes recursos linguísticos de forma a produzir e compreender textos adequadamente em diferentes circunstâncias das práticas sociais.

Quando os autores teorizam sobre as concepções de gramática e língua, eles o fazem em relação ao Português, mas é possível questionar se essas concepções cabem à língua de sinais também. Com efeito, os estudos da Libras estão apenas no início, por isso não há compêndios de regras aplicáveis ao bem sinalizar. Entretanto, a noção de erro muitas vezes ressoa nos julgamentos dos usuários ao se referirem à determinadas maneiras de articular os sinais ou mesmo ao criticarem a presença de marcas de interlíngua nos discursos de surdos oralizados ou ouvintes.

Por outro lado, parece haver mais consenso sobre a concepção de gramática descritiva, uma vez que as obras, as teses e dissertações mais recentes remetem com mais frequência às explicações do funcionamento e uso da Libras. Vale ressaltar que ainda há pouca ou talvez nenhuma pesquisa que declaradamente adote a concepção de uma gramática internalizada para a língua de sinais. Isso se deve ao fato de os construtos teóricos da Libras se erigirem a partir das análises da língua falada, havendo, assim, uma transferência das concepções que foram adotadas para o Português sobre ela.

A adoção da concepção de língua como lugar de interação e a noção de gramática a ela associada pode trazer grandes contribuições para o ensino de Libras. Nessa perspectiva, o sujeito é tido como uma entidade psicossocial, cuja compreensão, longe de ser apenas uma representação mental ou uma decodificação de mensagem, é uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos. Certamente, esse processo se realiza com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual sinalizada e na sua

forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes (enciclopédia) e sua reconstrução no interior do evento comunicativo (KOCK, 2006).

Essa gramática, concebida como um mecanismo da própria língua que o sinalizante domina, está, como concebe Travaglia (1996), ligada à questão de identidade, (uma identidade que é visual em Libras), mas não é, de modo algum, uma identidade estanque e imutável. O mesmo autor ressalta que é preciso ter consciência sobre o significado sociocultural identitário das variedades linguísticas, (os diferentes sinalares da Libras), pois permitem a ampliação da competência comunicativa sem apagar as marcas de pertencimento social ou grupal, de outro modo, pode-se culminar em preconceitos linguísticos. Isso vale também na relação entre repertórios, ou seja, uma língua nunca pode ser considerada inferior à outra, nem uma gramática prescritiva ou descritiva pode subjugar a gramática internalizada dos sinalizantes.

Uma gramática da Libras deve abrir, assim, o entendimento de que tipos de sequências discursivas podem ser adotadas em determinado contexto de uso, sem, contudo, tolher a inovação da linguagem verbal, contanto que ela esteja sujeita a determinados princípios de inteligibilidade sociocomunicativa e coesão textual. Será que para isso precisaríamos desenvolver um pensamento visual? Vamos entender essa noção na próxima seção.

3 PENSAMENTO VISUAL

Na introdução do tópico anterior, iniciamos uma discussão sobre o conceito de pensamento visual. Foi, então, dado a entender que o conceito é controverso, pois nem todos concordam em associar pensamento à modalidade linguística visual. Vamos aprofundar os pontos de vista que o defendem ou o rechaçam, oferecendo uma perspectiva conciliatória que toma os pontos principais de ambas as posições.

Segundo Guitenny (2006), o vínculo entre imagem e pensamento já estava presente nas reflexões de Platão que defendia que algumas pessoas fazem uso de figuras para compreender e pensar sobre um conceito, os especialistas em geometria e cálculo são bons exemplos. Pitágoras também falava de figuras para exprimir certos aspectos da vivência humana. As estruturas dos objetos são formadas por elementos mínimos, tais como pontos, linhas, figuras geométricas. Enfim, grande número de pintores, filósofos e poetas representaram visualmente pensamentos e retrataram a realidade física por meio de diagramas, esquemas e imagens.

Guitenny (2006) cita o neurofisiológico Jacques Patty (2000), que apresentou a diferença entre pensar por palavras e pensar por imagens, complementando que:

Existe um sistema semiológico para as informações verbais e um outro para as informações imagéticas. As pesquisas atuais em neurofisiologia se orientam nesse sentido. Durante muito tempo, as ciências se construíram na supervalorização do ‘pensamento por palavras’ e denegrindo o ‘pensamento por imagens’. Entretanto, cada vez mais os cientistas mesmos se dão conta dos limites do ‘pensamento por palavras’ e recorrem cada vez mais às imagens para expressar o que descobriram no domínio científico [...] assim, por exemplo, os sistemas ditos caóticos (turbilhões) são muito complicados de serem descritos verbalmente. A estrutura própria do ‘pensamento por imagens’ os permite muito mais confortavelmente (GUITTENY, 2006, p. 108).

O autor segue sua argumentação citando Pinker (1999) e um grande número de cientistas que teriam feito uso de imagens para expressar seus pensamentos, dentre eles Albert Einstein. Em seguida discute a oposição imagem versus verbal, trazendo exemplos em ciências cognitivas, em que foram feitos testes usando uma ilustração a ser descrita por grupos de pessoas. Os resultados indicam a existência de duas classes de pessoas, conforme o funcionamento cognitivo: aquelas que pensam de um modo visual e aquelas que organizam o pensamento de um modo prioritariamente verbal. Ele salienta que:

[...] algumas descrevem essa imagem segundo um modo visual, apresentando os elementos espacialmente, uns em relação aos outros, anotando seus tamanhos, cores, formas etc.; outras apresentam esses elementos segundo uma ordem cronológica, incluindo esses elementos numa descrição do tipo narrativo (GUITTENY, 2006, p. 109).

Após essa exposição das razões que levam a crer que há, de fato, um pensamento visual e um pensamento verbal, o autor tece alguns exemplos de uso da língua de sinais, destacando que uma representação imagética deve seguir um esquema actancial (de ações), partindo do que é mais perceptível do ponto de vista geral para depois se dirigir para os pontos de vista mais específicos, mostrando as relações entre os agentes no espaço. Ele relaciona, assim, essa habilidade de delimitar, compor e descrever as relações espaciais com uma competência visual, associando-a diretamente a um pensamento visual. Já estudamos essa estratégia sob a denominação de cenarização ou *mise-en-scène*.

Como já dissemos na introdução do tópico anterior, Ménager (2016) é reticente quanto à defesa de um pensamento visual. Ela se manifesta nas seguintes palavras,

Pensar visualmente em língua de sinais se confunde majoritariamente nessa análise com a iconicidade oferecida pela língua. É plausível que o recurso operado para afirmar a existência deste pensamento encontra sua origem na confusão com a modalidade visual (MÉNAGER, 2016, p. 27).

A autora questiona, desse modo, se a semelhança entre a forma linguística usada na descrição e reconstrução de um evento, salientando as proeminências e as relações espaciais dos elementos, estaria sendo associada a um pensamento

visual. Complementa, então, que a iconicidade não é um objetivo a buscar porque ela é intrínseca à própria origem da língua de sinais. Nesse sentido, o pensamento visual não é uma competência a adquirir, de outro modo pode-se acreditar que quem não é visual na sua expressão linguageira não pode ser proficiente nessa língua. Ménager (2016) então reelabora a definição de pensamento como uma faculdade de construir representações a fim de conceitualizar o mundo. Na seção que tratamos sobre a conceitualização, vimos que as línguas usam meios próprios para expressar determinados conceitos, sobretudo os espaciais, logo, parece evidente que o que difere é apenas o nível de superfície e a modalidade empregada, restam como níveis profundos, as operações cognitivas que subentendem seguir a mesma lógica.

Tendo delimitado os dois pontos de vista, estamos prontos para discutir o tema, apoiando-nos no que foi estudado até agora:

- Existe diferença física e cognitiva entre a simples captação sensorial e a percepção visual.
- As pessoas sem impedimento auditivo, geralmente fazem uso, em maior e menor grau, de expressões faladas e gesticuladas, entendendo, pois, que elas fazem uso de recursos verbais e imagéticos. A variabilidade resulta no fato de que provavelmente uma modalidade seja individualmente mais confortável e mais culturalmente aceita do que outra, logo, uns usam mais gestos e outros menos.
- Não é somente a fala que se pode expressar verbalmente. Na verdade, a língua de sinais também é verbal, no sentido de que, como sistema semiótico, expressa a competência humana da linguagem verbal.
- A modalidade linguística não deve ser o parâmetro de comprovação da existência de um pensamento visual.
- Nem todas as sequências textuais são propícias à ativação de representações imagéticas (POINTURIER-POURNIN, 2014; MÉNAGER, 2016).

Guitteny (2004, 2006) comete um equívoco ao tomar como exemplo os testes que colocam as pessoas ouvintes em dois grupos, aquelas com pensamento verbal e aquelas com pensamento visual. Parte do equívoco se refere às próprias pesquisas tomadas como argumento e que generalizam os grupos, sendo que, na verdade, as pessoas podem usar os dois modos de expressão, mas priorizar um modo ou outro, de acordo com sua intencionalidade comunicativa. As análises dos resultados também julgam que o tipo de expressão ‘por palavras’ ou ‘por imagens’ manifesta um tipo específico de pensamento. Outra parte do equívoco é quando usa os exemplos para fazer generalizações com as pessoas surdas, uma vez que, ao afirmar que o surdo tem unicamente pensamento visual, ele o coloca em desvantagem em relação aos ouvintes que supostamente apresentam os dois modos de pensamento. Do mesmo modo, ao adotar como aporte os estudos de Cuxac (2001), ele não considerou que nessa teoria são citadas duas vias: a via lexical e a via de grande iconicidade. Entendemos, assim, que nem tudo na língua de sinais é motivada ou carrega traços dos referentes, com isso, a iconicidade

abrange apenas uma face da moeda. O autor comete um erro epistemológico ao separar verbal e imagem, desse modo é quase como admitir que a língua de sinais não é verbal.

Não obstante, é preciso considerar o fato de que surdos que são expostos tardiamente a uma língua sinalizada conseguem se apropriar dela bem mais rapidamente que os ouvintes, mesmo que as condições de exposição e frequência sejam as mesmas. Com efeito, estamos frente a uma situação de exposição linguística inusitada e jamais vista em nenhum outro grupo humano. Ou seja, nenhum outro grupo, salvo raras exceções, foi privado dos estímulos precoces em uma língua natural, portanto, os surdos são as raras pessoas sujeitas a tal condição de exposição tardia a uma língua plena e confortável. Não temos explicação para isso senão a hipótese de que, antes de ter contato com LS, o surdo já tem desenvolvido mecanismos de categorização e conceitualização a partir de dados meramente visuais, enquanto que o ouvinte tem dois sistemas sensoriais competindo entre si, enviando dados auditivos e visuais ao mesmo tempo. Acreditamos que isso exija um esforço cognitivo mais significativo. Não raro, ouvintes iniciantes em Libras afirmam sentir um grande cansaço e uma sensação de tontura de ficar expostos durante muito tempo à sinalização. Do mesmo modo, surdos sinalizantes, mas que oralizam e fazem leitura labial e usam aparelhos auditivos ou implantes cocleares se queixam de fadiga, preferindo intercambiar as modalidades. Além disso, ao adquirirem uma segunda língua, os ouvintes possuem uma língua materna que muitas vezes interfere na aprendizagem, pois o cérebro está constantemente tentando associar os novos dados com os dados já armazenados. Por isso, os iniciantes recorrem muitas vezes à tradução sinal/palavra, o que nem sempre é possível nem indicado.

Efetivamente, com exceção de crianças, alguns adolescentes ou algumas pessoas superdotadas, nenhum grupo humano, tendo uma primeira língua, adquire rapidamente e sem entraves outra língua. Isso leva a crer que, sim, o surdo tem especial propensão a tratar mais facilmente os estímulos visuais e que há implicações cognitivas que facilitam ou restringem a internalização dos processos visuais da Libras por ouvintes. Como supõe Ménager (2016, p. 17), “[...] os Surdos utilizam mais a visão do que aqueles que ouvem e isso teria consequências sobre o modo de organização cerebral”.

Entretanto, é prudente considerar que colocar muita ênfase na visualidade da pessoa surda, pode levar a confusões e generalizações que culminam em erros didáticos que prejudicam a sua aprendizagem. Sabendo que itens imagéticos tais como: diagramas, fotos, imagens e esquemas, são polissêmicos e que não basta a simples visualização para se chegar ao percepto, não basta oferecê-los aos alunos, acreditando que eles entenderão os conceitos imediatamente. A significação só é possível quando o estímulo oferecido é acompanhado de uma explicação ou pistas que os alunos possam relacionar com o seu conhecimento prévio. E nesse ponto, a língua é uma mediadora incontestável.

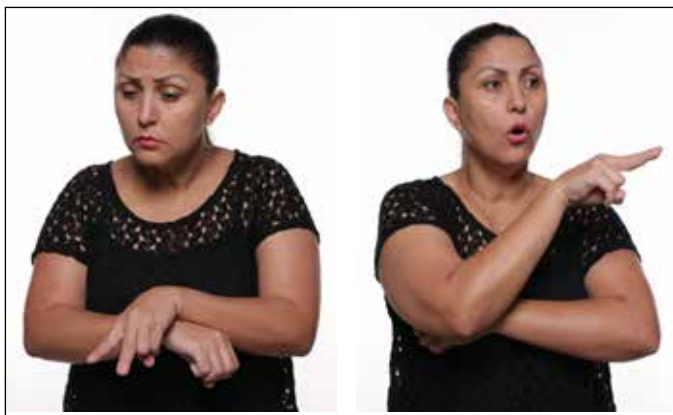
Por outro lado, sob a perspectiva do ensino de Libras como segunda língua, é importante ressaltar a necessidade de resgatar as habilidades corporais dos ouvintes, uma vez que, no decurso do desenvolvimento humano, a motricidade, a espacialidade e a visualidade são exploradas. Do mesmo modo, como falantes de uma língua, cuja estrutura se realiza num eixo linear, os aspectos simultâneos são mais dificilmente automatizados. Assim, a hipótese de que ouvintes precisam desenvolver uma expressão visual é válida e que invariavelmente todos já possuem, em maior ou menor grau, imagens mentais visuais.

Na próxima seção, vamos propor uma gramática reflexiva da Libras.

4 GRAMÁTICA REFLEXIVA DA LIBRAS

Sallandre, em seu relatório de 2014, realizou uma extensa pesquisa comparando corpus de sinais em cinco línguas de sinais diferentes. Afirmou ter encontrado a categoria de semitransferência pessoal, uma categoria mista que envolve incorporação e unidades lexicais. Ela identificou esse tipo de construção no seu corpus, mas acreditava não poder encontrar a mesma ocorrência em outras línguas de sinais. Entretanto, ela as encontrou em Língua de Sinais Italiana (LIS), na narração de uma estória pictórica sobre um menino que tinha um sapo de estimação que fugiu. Eis a ilustração de dois colaboradores:

FIGURA 36 – EXCERTO DA NARRATIVA DE FROG EM LIS



FONTE: Adaptado de Sallandre (2014, p. 110)

Ela explica:

Trata-se do agente principal, um menino, que olha pela janela para ver seu sapo que acabou de escapar. O agente é representado pelo corpo do locutor em papel de transferência de pessoa, enquanto que o processo é representado pela unidade lexical VER, codificada pela sua mão ativa configurada 'V'. Apenas a orientação do olhar e da mão ativa é diferente entre os dois sinalizantes, a expressão facial de espanto e o restante dos parâmetros são idênticos (SALLANDRE, 2014, p. 110).

Essa conclusão, embora otimista da parte da pesquisadora, esconde, porém, uma variável que ela não considerou, o estímulo que foi utilizado para a produção das narrativas. Correa (2007) fez o mesmo experimento, apresentando a estória do Frog para três colaboradores brasileiros que a contaram em Libras. Os três produziram sequências muito semelhantes às dos italianos. Observe a Figura 37:

FIGURA 37 – O MENINO VAI ATÉ A JANELA, CHAMANDO PELO SAPO



FONTE: Reprodução de dados do acervo da autora.

Tendo recebido o mesmo estímulo do desenho ao lado, todos mantêm o antebraço congelado que recupera o sinal de janela anteriormente sinalizado. Eles também incorporam o menino, todo o corpo está envolvido na representação, igualmente, o sinal VER é produzido concomitantemente.

A semelhança está no fato de que o mapeamento da informação partiu da mesma imagem e, como o sinal VER é articulado do mesmo modo nas duas línguas, não é surpreendente que tenham usado as mesmas estratégias. Kapitaniuk (2011, p. 62) explica o processo nas seguintes palavras:

A mediação semiótica permite ao surdo ir além de sua limitação sensorial para desenvolver os processos superiores, baseados nas suas experiências visuais. Os três participantes desta pesquisa não narraram de forma idêntica, cada um possui juízos de seleção linguística do que pode ter mais probabilidade de êxito. No entanto, todos reconstruíram os eventos percebidos no estímulo a eles apresentado, utilizando recursos icônicos e referenciais próprios da modalidade cinésico-visual de sua língua.

Recorde que Schmaltz (2005) considerou que a categorização é fortemente condicionada à interação humana, o ambiente físico, a cultura, a percepção gestáltica, a interação motora e que todos esses fatores e vivências resultam em imagens mentais. Essas comparações de produções em língua de sinais de comunidades diferentes corroboram que a experiência visual pode realmente ter consequências sobre o modo de organização da percepção e, portanto, na construção das imagens mentais. Certamente, o surdo mapeia com especial escrutínio os detalhes de mundo físico, mas talvez não seja acertado generalizar que todos apresentem a mesma habilidade, assim como não são todos os ouvintes que possuem habilidades de discernir as notas musicais.

Seguindo essa cautela e sendo reticentes em fazer generalizações, uma proposta de gramática reflexiva em Libras deve levar em consideração a língua em uso a partir de diferentes gêneros e diferentes contextos discursivos. Os gêneros mostram-se mais flexíveis que as formas da língua, pois eles variam conforme as circunstâncias, o tipo de registro e a relação entre enunciadores. Assim, as unidades lexicais a serem utilizadas no discurso são selecionadas dependendo da especificidade do gênero; elas espelham outras unidades lexicais e discursivas, pois são tiradas de outros enunciados e de outros discursos (do próprio enunciador e dos de outros). Se o gênero é semelhante quanto ao tema, a composição e o estilo, eles apresentarão uma certa estabilidade na forma, como foi possível verificar nas produções dos surdos de diferentes lugares, que foi discutido anteriormente.

Lembre-se de que toda a teoria com base cognitivista, que é a que mais anima as reflexões contidas neste material, parte do princípio de que o sentido nasce da interface entre língua, sociedade, história e cultura, contudo, poderíamos complementar que o modo de percepção (visual ou auditivo) produz impressões cognitivas diferentes e, portanto, resulta em efeitos de sentidos próprios a cada modalidade e comunidade linguística. Partir de análises da Libras em uso pode levar-nos a entender os princípios que regem a gramática internalizada dos sujeitos que a têm como língua de conforto (natural).

Os gêneros em Libras, por sua instrumentalidade sócio-histórica, quando bem explorados, podem elucidar as competências cognitivas no uso da linguagem verbal, nos seguintes aspectos:

1. O *savoir* (saber), que envolve o desenvolvimento da experiência, como o conhecimento de mundo necessário para empreender um discurso sinalizado e as diferentes temáticas e scripts que elas envolvem.
2. O *savoir-être* (saber ser/agir), que envolve as atitudes em relação aos diversos contextos de produção sinalizada, ou seja, o lugar de enunciação: na família, na escola, no teatro, no restaurante etc.
3. O *savoir-faire* (saber fazer), que se refere à prática e à intenção comunicativa: (narrar, argumentar, descrever etc.), à estrutura e organização textual, ao emprego de recursos linguísticos e estilísticos etc.
4. O *savoir* interagir (saber interagir), relacionado à adequação necessária do discurso a depender dos interagentes/receptores envolvidos.

Dessa forma, para julgar se um discurso está contemplando a funcionalidade comunicativa, precisamos estar atentos a alguns fatores, como a coesão e a coerência, a intencionalidade dos produtores e a aceitabilidade dos perceptores, a situação e a intertextualidade, ou seja, as relações que esse discurso mantém com outros discursos. De fato, há fatores mais ligados à língua, outros com a cognição e outros com o contexto social, mas na verdade, todos esses fatores estão inter-relacionados.

Para adquirir a gramática da Libras, que é fortemente ancorada em uma imagética cognitiva (compêndios de representações mentais sobre as experiências), é preciso desenvolver uma percepção para a identificação dos seguintes aspectos:

- Formas: figura e fundo, relevância ou irrelevância, continuidade ou descontinuidade, proximidade ou distância; características [qual configuração metonímica, espessura, simetria, tamanho].
- Planos: diagramáticos, sobreposições e de perspectiva.
- Posições: do corpo [para frente, para trás, para as laterais], das mãos [locações paramétricas, orientações da palma].
- Movimentos: sem significado [nível articulatorio ou comportamental], interno [paramétrico, dos dedos, das mãos, dos braços] ou externo (com significado) [no nível da combinação e relação das unidades lexicais], direcionais [das mãos, do olhar], deslocamentos espaciais, ampliado ou reduzido; tenso ou relaxado; de repetição [de modo, plural, aspecto].
- Mudanças: de posição do corpo [rotação, orientação] das mãos [orientação da palma, de locação, de seleção de dedos] dos articuladores no espaço [trajetória, direção].
- Congelamentos: boia [o sinal foi executado e todo ou parte dele foi mantida imóvel, enquanto outras unidades são produzidas pelo outro articulador].

É preciso também saber articular todos os aspectos anteriormente apresentados, a fim de construir sentenças coesas e coerentes em Libras. Portanto, o sinalizante proficiente e que já internalizou a gramática possui as seguintes competências:

- Articula os parâmetros de configuração manual (incluindo produção e recepção de soletração do alfabeto).
- Constrói de modo coerente as sentenças com configurações metonímicas (classificadores).
- Sabe a ordem dos sinais no sintagma, dependendo do tipo de verbo que é utilizado.
- Explora o espaço sinalizado de forma coesa [na recuperação de referência, na concordância dos verbos direcionais e espaciais; na troca de papéis; nas construções morfossintáticas etc].
- Adota as construções diagramáticas.
- Usa adequadamente as expressões faciais, sabendo empregá-las nos diferentes níveis.
- Orienta e adota postura corporal para executar trocas de papéis e incorporações.
- Sabe quando usar e como mesclar as transferências internas (incorporação) ou externas (de configuração metonímica).
- Consegue narrar, descrever, argumentar, explicar em Libras.
- Produz gêneros discursivos em Libras (poemas, receitas, contos, diálogo, tutorial etc.).
- Sabe adaptar o gênero discursivo à situação comunicativa e aos interagentes.



Para atingir os objetivos anteriormente expostos, é importante um empenho pessoal. Você pode ampliar o seu vocabulário pesquisando em dicionários: <http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras/> ou canais: https://www.youtube.com/channel/UCcV5uq10UQMV_ELLgivlcvA. Atualmente, há grupos no WhatsApp criados especificamente para trocar informações sobre Libras e sinais. Mas você precisa, absolutamente, ver imagens dinâmicas sempre que tiver oportunidade, pois a Libras, uma língua tridimensional e caracterizada pelo movimento, não pode ser contida no papel.

Encerramos aqui esta seção, esperando ter dado a você uma linha condutora dos aspectos que você deve ter como meta, tanto na aprendizagem pessoal, quanto para o seu atual ou futuro trabalho com Libras. A próxima seção apresentará algumas análises a partir do uso linguístico em gênero digital informativo.

5 ANÁLISE LINGUÍSTICA COM BASE NO USO

Para se refletir a gramática que refrata as competências comunicativas dos sinalizantes, é preciso uma grande quantidade de dados armazenados (corpus) que contemple vários contextos de usos e propósitos comunicativos. Infelizmente, os corpora de Libras são ainda incipientes e partem de textos geralmente traduzidos do Português. Mesmo assim, lançando mão dos que estão disponíveis, passamos a fazer algumas análises.

Tomando como base uma sequência sinalizada expositiva, vejamos que tipo de estruturas e elementos podemos elencar, observando a Figura 38:

FIGURA 38 – SEQUÊNCIA INTRODUTÓRIA DE TEMA

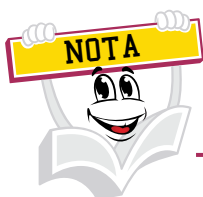




FONTE: <<http://tvines.org.br/?p=18546>>. Acesso em: 9 fev. 2019.

A sequência traduz a frase: “Você já deve ter percebido, nós herdamos dos pais e dos avós características físicas, como a forma do nariz, a cor dos olhos ou o formato da boca. Como isso ocorre?”.

A sentença começa com uma pergunta retórica marcada pela expressão facial e a leve inclinação da cabeça. O sinal JÁ marca o tempo verbal de passado. O sinal EXEMPLO funciona como uma conjunção integrante (que). A variedade sinalizada apresentada no excerto é do Rio de Janeiro que apresenta mais ocorrências de sinais soletrados do que em outras localidades brasileiras. Assim “pais” é composto pela soletração P-A-I e M-A-E. Com já foi discutido no tópico anterior, quando o nome que está sendo referido estiver próximo, usa-se a apontação direta e isso implica as partes do corpo. É o caso de nariz e olho da sinalizante que foram apontados, já a boca foi referida pelo seu contorno executado diretamente sobre a área concernida. Só depois de introduzir esses elementos é que é produzido o sinal HERANÇA, seguida do sinal IGUAL que foi repetido três vezes. A sentença se encerra com a expressão facial e leve inclinação de cabeça concomitantemente ao sinal COMO, marcando o fim da pergunta retórica.



Segundo o Dicionário Significados Online, a pergunta retórica “é uma interrogação que não tem como objetivo obter uma resposta, mas sim estimular a reflexão do indivíduo sobre determinado assunto”. Esse tipo de pergunta é constantemente usado nos discursos sinalizados.

FONTE: <<https://www.significados.com.br/pergunta-retorica/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

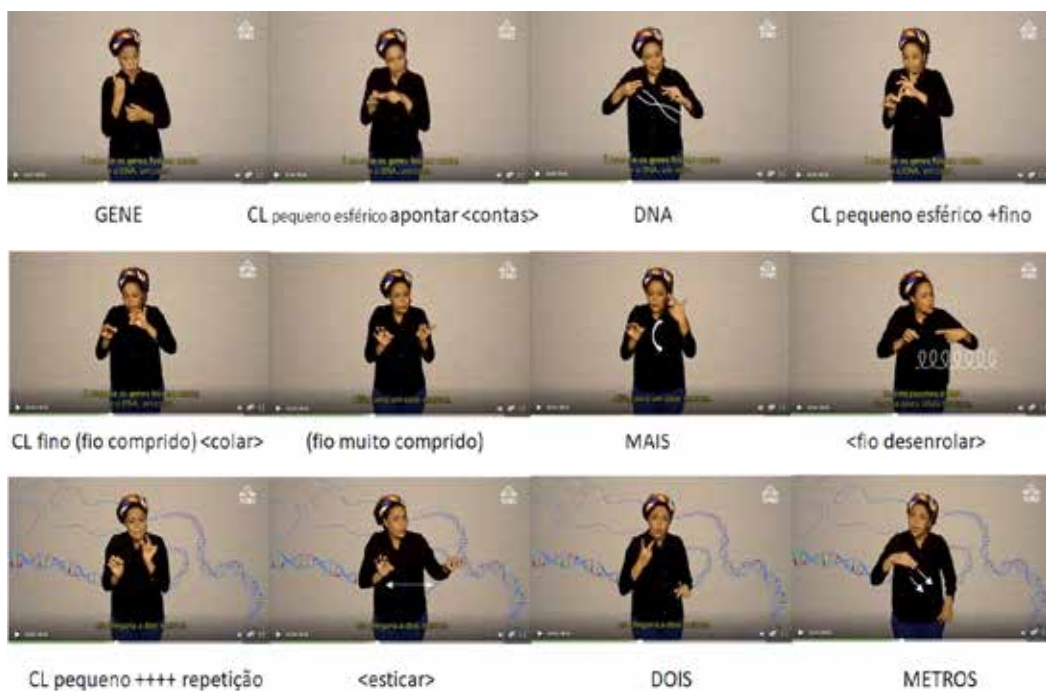
FIGURA 39 – O SINAL DNA EM DOIS TIPOS DE SENTENÇA



FONTE: <<http://tvines.org.br/?p=18546>>. Acesso em: 9 fev. 2019.

Note a diferença das três posturas e das três expressões faciais. O sinal de DNA é produzido em todas as capturas das sequências, mas o primeiro está na sentença afirmativa “Graças ao DNA.” e outro na sentença interrogativa, “Mas, o que é exatamente o DNA?” e a terceira na sentença topicalizada “DNA é uma abreviação de um nome enorme.”. Neste último caso, o sinal de DNA é o tópico do qual se deseja fazer um comentário, sua marca são as sobrancelhas arqueadas. Assim, ele se parece muito com a interrogativa S/N explicada anteriormente, a diferença é que no tópico a marcação facial será restrita ao sinal, enquanto que na interrogativa S/N, a marcação se estende a outros elementos da sentença. Os três exemplos mostram a importância das expressões faciais no nível sintático e prosódico.

FIGURA 40 – CONSTRUÇÃO DE SENTENÇA DESCRITIVA



FONTE: <<http://tvines.org.br/?p=18546>>. Acesso em: 9 fev. 2019.

A sequência traduz a frase: “É como se os genes fossem contas e o DNA, um colar. Aliás, seria um colar enorme. Se esticássemos o DNA de uma única célula humana, ela chegaria a dois metros!”.

Perceba que, nesse momento, a sinalizante passa a descrever as formas, tamanho e espessuras e, então, faz uso de transferências por meio de configurações metonímicas. Assim, o texto, que faz parte de um gênero digital informativo de um tema científico, é composto por sequências textuais expositivas e descritivas, por isso seleciona unidades lexicais e imagéticas.

Em análises com base no uso, encontramos construções combinatórias inéditas. Veja a Figura 41:

FIGURA 41 – CONSTRUÇÃO INOVADORA



FONTE: <<http://tvines.org.br/?p=18546>>. Acesso em: 9 fev. 2019.

A primeira captura contém o sinal CROMOSSOMO, a segunda o sinal DENTRO. Perceba que na terceira captura ambos os sinais são combinados criando o significado de <dentro do cromossomo>. Isso é possível porque omite-se uma parte de cada um dos sinais, preservando seu significado original, um exemplo de criatividade linguística. O perceptor certamente receberá tal inovação como aceitável porque os princípios não ferem sua gramática internalizada e pelo fato de atribuir significação adequadamente porque conhece os sinais que compõem o sintagma. Se este for aceito por grande número de sinalizantes, ele entrará nos compêndios do uso social da língua.

Assim, uma gramática reflexiva para a Libras parte de textos, onde são recuperados os contextos de ocorrência das unidades lexicais, as estratégias discursivas adotadas, as relações entre as unidades, pois prioriza as análises voltadas a uma perspectiva discursiva. Desse modo, é possível ter a dimensão da complexidade do sistema gramatical, uma vez que as escolhas são feitas a partir de propósitos comunicativos de uma pessoa ou de uma comunidade discursiva.

Para finalizar, é importante ressaltar que as comunidades discursivas desenvolvem gêneros próprios que avançam com as tecnologias. Com a internet, houve a evolução de alguns gêneros (e-mails, comentários, blogs, chat, hipertextos etc.). Cada gênero se configura por um tipo de conteúdo temático, uma estrutura composicional, um estilo que requer escolhas de unidades lexicais e construções específicas. Os dados com base no uso linguístico em meio digital são úteis e acessíveis para refletir a gramática da língua.

Na próxima seção, vamos abordar a visibilidade e a visualidade da Libras por meio das novas tecnologias. Esses aparatos tecnológicos têm permitido aos surdos uma participação mais intensa nas discussões que lhes concernem. Os dados ali encontrados podem, certamente, servir para compor corpus linguísticos, a fim de favorecer não só a visibilidade da Libras, mas as bases para a reflexão dos usos linguísticos.

6 TECNOLOGIA A SERVIÇO DA LÍNGUA DE SINAIS

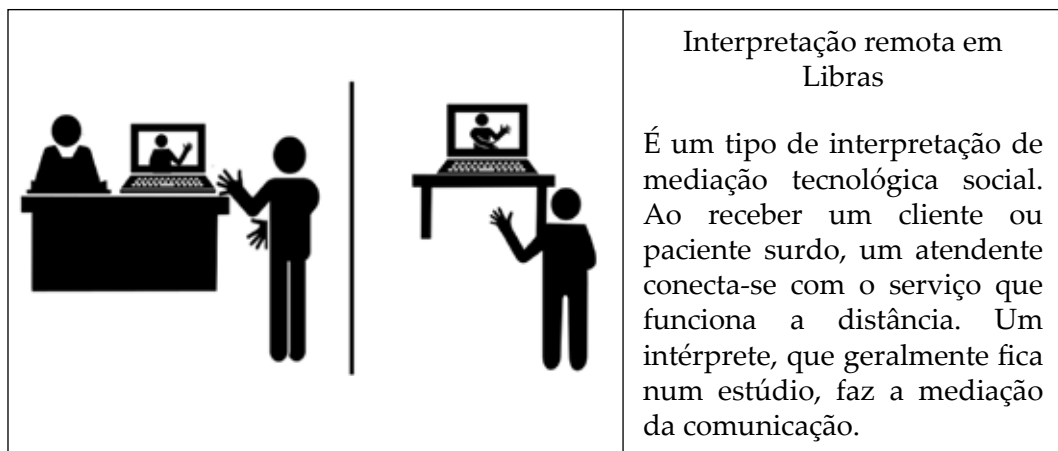
Desde que você começou a estudar no curso de Libras, você passou a ter contato com o uso de várias tecnologias para fins de aprendizagem e prática, não é mesmo? Achamos imprescindível, assim, falar um pouco de como a tecnologia é útil para a difusão, a interação e a aprendizagem de Libras. Para compor nossos livros fazemos constantemente recurso a videorregistros disponíveis nas redes sociais. Temos aí dois tipos principais de veículos de transmissão visual e dinâmica dessa língua. Segundo Stumpf (2010, p. 2), o termo tecnologia se originou na palavra grega "*Téchné*", que significa "saber fazer". A autora constata que:

Do ponto de vista dos surdos, o uso do computador e da Internet inaugurou uma nova dimensão às suas possibilidades de comunicação, pois são tecnologias acessíveis visualmente. Se, para os ouvintes, elas abriram perspectivas que levaram a modificações profundas nos usos e costumes de toda a sociedade, para os surdos, essas mudanças podem ser ainda mais significativas. [...] Porém, se as novas tecnologias revolucionam o mundo das comunicações e podem fazer com que ele seja mais acolhedor para os surdos, permanecem grandes dificuldades quanto à incorporação desses avanços a vida da maioria deles (STUMPF, 2010, p. 2).

De fato, há muitas problemáticas a serem vencidas e, embora as tecnologias tenham aberto um caminho para a socialização do saber, ainda não há garantias de que todos tenham a oportunidade de explorar esses aparatos socioculturais de forma eficaz e acessível.

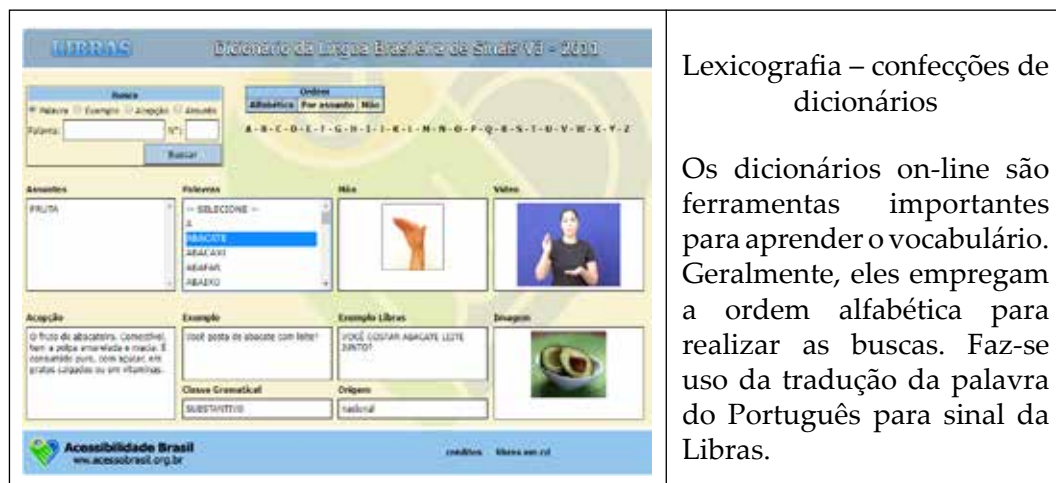
De um ponto de vista global, podemos citar, não exaustivamente, algumas tecnologias associadas a Libras e sua visualidade:

FIGURA 42 – EXEMPLO DE INTERPRETAÇÃO REMOTA



FONTE: A autora

FIGURA 43 – SITE COM DICIONÁRIO ON-LINE



FONTE: <http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras_3/>. Acesso em: 9 fev. 2019.

FIGURA 44 – REVISTA DE ARTIGOS ACADÊMICOS EM LIBRAS




FONTE: <<http://revistabrasileiravrlibras.paginas.ufsc.br/>>. Acesso em: 9 fev. 2019.

FIGURA 45 – DOCUMENTÁRIO

	<p style="text-align: center;">Dublagem de filmes e documentários</p> <p>Outra inovação é a tradução que se assemelha à técnica <i>voice over</i> usada para as línguas faladas, só que desta vez em Libras. O texto é traduzido e sobreposto ao filme de forma dinâmica e respeitando as falas dos personagens ou interagentes.</p>
---	---

FONTE: <<https://youtu.be/6p7cic-LhyQ>>. Acesso em: 9 fev. 2019.

FIGURA 46 – JORNAL WEB TELEVISIVO DO INES

	<p style="text-align: center;">Jornal web televisivo</p> <p>O Instituto Nacional de Educação de Surdos possui uma plataforma televisiva na qual disponibiliza vários programas, tais como notícias, entretenimento, entrevistas, documentários, tudo acessível em Libras.</p>
--	--

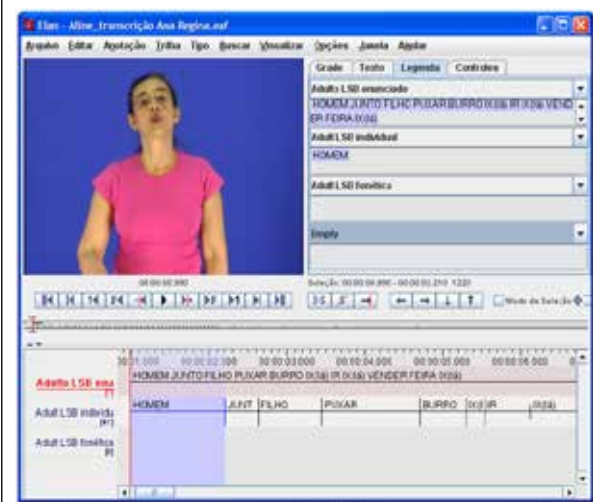
FONTE: <<http://tvines.ines.gov.br/?p=16659>>. Acesso em: 10 fev. 2019.

Todos esses recursos tecnológicos necessitam de conexão à internet e aparelhos como computadores, tablets e smartphones e, com exceção dos aparelhos de interpretação remota, todos podem ser úteis para o aprendizado de Libras, mesmo para iniciantes, pois geralmente apresentam conteúdos bilíngues.

As redes sociais são atualmente um lugar profícuo para a manifestação pública em língua de sinais, desse modo, grande parte da comunidade surda tem participado mais ativamente das discussões que lhes concernem como a educação bilíngue, política e cidadania, entretenimento, estudos acadêmicos entre outros temas.

Há outros recursos tecnológicos específicos às línguas de sinais. O ELAN, uma ferramenta de transcrição de vídeos e o sistema de escrita SignWriting.

FIGURA 47 – EUDICO ANOTADOR (ELAN)

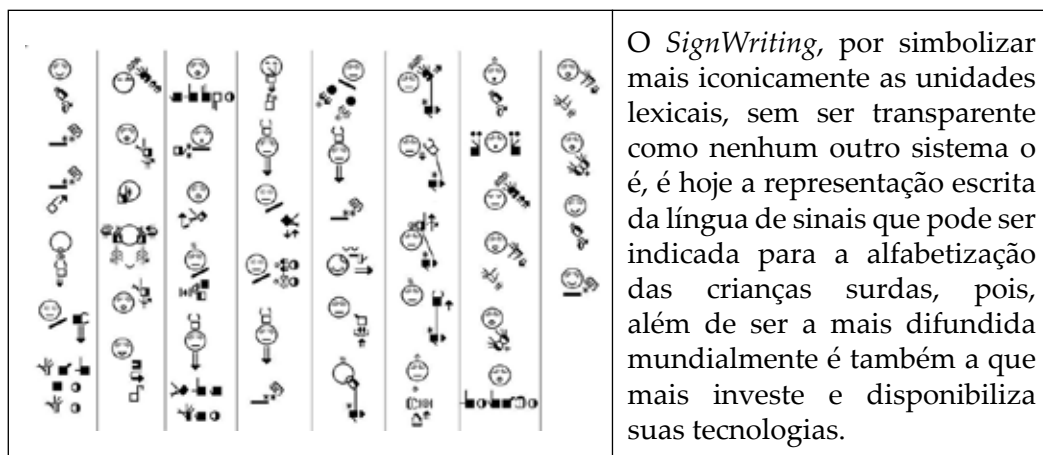


O ELAN é uma ferramenta de transcrição que permite a visualização de um vídeo sinalizado, disponibilizando espaços para anotações. Ele é um recurso compatível com computadores e é distribuído gratuitamente na internet. Trata-se de uma tecnologia que tem auxiliado muito os pesquisadores da área, pois permite o sistema de buscas e opera com até quatro câmeras simultaneamente. Ele tem sido usado na construção de corpus em línguas de sinais de todo mundo.

FONTE: <<http://aneste.org/licenciatura-e-bacharelado-em-letas-libras-na-modalidade-a-di.html>>. Acesso em: 10 fev. 2019.

Embora não pareça, uma escrita pode ser considerada uma tecnologia. Alguns esforços têm sido feitos para sistematizar sistemas de escrita em língua de sinais, uns com mais êxito do que outros. A mais antiga escrita de sinais que se tem conhecimento é a Mimographie de Bébien (início do século XIX), mas há outros como o sistema de notação de Stokoe: ELS (escrita de língua de sinais) e o Hamnosys é o nome dado a um sistema de notação desenvolvido por Prillwitz e colaboradores, em 1987. No Brasil, ELis é um sistema mais desenvolvido na região de Goiás, mas ainda não é usado em escolas. Todos esses sistemas seguem uma organização linear. Há também o SignWriting, o qual está representado na figura a seguir:

FIGURA 48 – TEXTO EM SIGNWRITING



FONTE: <<http://coral.ufsm.br/arco/Imagens/Noticias/alfabeto.png>>. Acesso em: 10 fev. 2019.

Com isso, chegamos ao fim de nosso livro didático, foi um longo trajeto cheio de descobertas, não é mesmo? Leia o resumo do tópico e faça as autoatividades sugeridas, volte ao texto sempre que necessário e tenha bons estudos!

Sobre a visualidade do surdo, alguns autores a concebem como parte da cultura que se tornou o ponto central da criação literária, denominada de literatura visual. Aprofunde seus conhecimentos sobre o tema, lendo o excerto a seguir do artigo de Carilissa Dall’Alba e Marianne Stumpf (2017).

LEITURA COMPLEMENTAR

3 CULTURA SURDA

A temática da literatura surda é muito importante por fazer parte da cultura surda. A cultura surda pode ser entendida como a maneira de o surdo interpretar o mundo por meio da experiência visual, ou seja, a partir dessa experiência utilizamos no cotidiano artefatos visuais, fotos, vídeos e obras produzidas pelos sujeitos surdos. A primeira língua dos surdos, a língua de sinais, é o elemento principal da cultura surda e se faz muito presente na literatura surda.

Em 1960, o pesquisador americano William Stokoe afirmou que a língua de sinais é uma língua, e não uma linguagem, ele também revolucionou o campo de estudos da área de linguística nos anos 1960, já que naquela época só havia pesquisas sobre línguas orais, ou seja, línguas faladas. Mostrou ao mundo linguístico que as línguas de sinais têm estruturas e funções semelhantes às línguas faladas. “[...] a língua de sinais dos surdos tem estrutura e função semelhante às demais línguas” (STOKOE, 1960, p. 3). Cada país tem a sua língua de sinais, assim como acontece com as línguas orais, por isso não existe uma língua de sinais.

Dentro do universo linguístico dos surdos, existe a literatura surda, que é diferente da literatura da língua falada, pois é a visualidade que possibilita a existência de literatura surda como uma representação dos sujeitos surdos. Segundo Mourão (2011):

Não é fácil definir a Literatura Surda. Assim como não há uma única conceituação para literatura geral, também não há uma definição única para Literatura Surda. Quando se fala nela, especificamente, vemos que está relacionada às representações produzidas por surdos, em que se produzem significados partilhados em forma de discurso – sem eles, não há representação surda. Os significados são modificados dentro do círculo da cultura, e o sujeito não cria sozinho a cultura, já que sempre há o coletivo produzindo significados. (MOURÃO, 2011, p. 73).

Como explica Mourão, não há uma única conceituação para a literatura geral, por isso não há um único conceito para a literatura surda. Por isso não é fácil definir a literatura surda. Ocorreram mudanças ao longo dos tempos que hoje nos possibilitam pensar sobre os processos de transformações que vêm ressignificando a língua de sinais dentro da literatura surda. O que podemos ressaltar é que ela se articula com a língua de sinais e com o mundo surdo, ou seja, é uma forma de arte articulada com a língua de sinais que resultam nas produções de obras literárias, tanto como poesias, contos, teatro e traduções de outras obras, mas vinculadas à língua de sinais. Os livros de literatura surda são considerados artefatos culturais, pois além do caráter informativo, eles ajudam a construir a

identidade desses sujeitos. Para entendermos melhor, basta pensarmos que na aquisição da linguagem de crianças surdas é fundamental o contato com esses materiais para que elas possam se identificar com elementos de sua cultura e assim aprender sua primeira língua – Libras.

O artefato cultural dos Surdos é organizado de acordo com a visualidade e utiliza uma estratégia para substituir a ausência do som. Pela ausência do som, criamos as nossas informações sobre cultura do seu criador em detrimento da maioria da comunidade surda e seus usuários que perderam ou nunca tiveram contato com a Língua de Sinais. O artefato varia e é acrescido ao longo do tempo, dependendo da evolução da tecnologia, de novas descobertas e dos recursos que nós necessitamos para viver por meio da visão. E destes criam-se um pertencimento cultural que, por meio da visualidade, se apropria, se media e transmite a cultura proporcionando vários significados capazes de promover a sociabilidade e a identidade através da visualidade e da “experiência visual” como protagonistas dos processos culturais da comunidade surda (CAMPELLO, 2008, p. 91).

A literatura surda é uma das marcas da cultura surda, bem como a exaltação da diferença surda e a identidade surda combativa, que traz em si um forte traço de oposição entre surdos e ouvintes e organiza o movimento dos surdos por direito a legendas em filmes brasileiros e a presença de intérpretes em vários lugares. Outra marca é a vida dentro da comunidade surda, constituída também por ouvintes – professores, intérpretes e familiares – que dominam a língua de sinais (LOPES, 2007).

A noção de comunidade surda é atravessada pela experiência visual e mediada pela língua de sinais. A comunidade surda é, para seus integrantes, um lugar seguro onde todos partilham de códigos semelhantes. Nesse espaço que não é geográfico não há necessidade de ILS, não há disputa de poder com ouvintes. Em muitas cidades há um local onde os surdos se encontram para conversar em sua língua. A maioria dos surdos se relaciona emocionalmente com surdos. Pais, ILS e amigos de surdos frequentam as associações. Para muitos surdos a comunidade é um porto seguro onde a surdez pode ser narrada através de um outro lugar (FORMOZO, 2008, p. 42).

A cultura surda está dentro de cada pessoa que faz parte da comunidade surda e não se resume somente a materiais visuais, cada um tem um modo de vivenciar a cultura surda e tem um olhar próprio, sua própria maneira de vivenciar a experiência visual, e no conjunto de experiências visuais essa cultura vai se fortalecendo. Bauman (2003) afirma que a comunidade, em um primeiro entendimento, remete a um lugar aconchegante onde seremos acolhidos, compreendidos e confortados quando estivermos em apuros. Estaremos em um lugar onde todos se parecem conosco e onde todos se querem bem, onde há amizade, cumplicidade e sentimento de pertencimento. É na comunidade surda que são produzidas as identidades surdas, portanto, cultura e comunidade surda estão relacionadas, uma está presente na outra.

Uma vez que a cultura é o que possibilita a criação de espaços em que as pessoas podem se sentir ‘seguras’ e ‘em casa’, a Cultura Surda é mais do que um ajuntamento de ideias, narrativas e materiais. Ela é fundamentada na diferença que funciona como recurso (KARNOPP; KLEIN; LUNARNDI LAZZARIN, 2011, p. 28).

A cultura surda é importante para as pessoas surdas, principalmente no que se refere à construção de identidades. O espaço dos encontros surdos intensifica os laços culturais. Segundo Gomes (2011, p. 131), “saliento esse espaço porque é nele onde muitos surdos começam a se ‘ver’ surdos, a ‘abrir as suas gavetas’ de culturas, onde são narrados, se narram, se constituem e são inventados”.

A inserção do termo cultura surda nas discussões acadêmicas é imensa. Gomes (2011) afirma que cultura surda é um termo “caro” por ser uma “verdade” absoluta na comunidade surda. A cultura surda abrange toda área de arte e os artefatos de cultura surda, são representados por obras de arte, peças de teatro, literatura, narrativa de histórias, poesia, pintura, teatro, fotografia, cinema e música, tudo articulado com a literatura surda. Os surdos exploram os elementos visuais nas produções artísticas, educacionais e culturais e a literatura surda é reconhecida como uma forma de produção artística.

Os surdos são sujeitos da experiência visual. Segundo a autora surda Karin Strobel (2008, p. 39), “Os sujeitos surdos, com a sua ausência de audição e do som, percebem o mundo através de seus olhos, tudo o que ocorre ao redor dele [...]”. E complementam essa ideia os autores surdos Perlin e Miranda (2003):

Experiência visual significa a utilização da visão, em (substituição total à audição), como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a Cultura Surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico. A Cultura Surda comporta a língua de sinais, a necessidade do intérprete, de tecnologia de leitura (PERLIN; MIRANDA, 2003, p. 218).

A visão é o meio de comunicação mais representado para pessoas surdas. A “experiência visual” também é um “espaço de produção” (QUADROS, 1997). Com as experiências visuais, as produções são ricas em cores e formas, visto que os sujeitos surdos imaginam como seria o mundo em língua de sinais, ou seja, eles traduzem o mundo para a língua de sinais. Isso significa que as produções surdas têm capacidade de transmitir os conhecimentos através da língua de sinais. A expressão “literatura surda”, então, é utilizada para caracterizar histórias que apresentam em sua narrativa a questão da identidade e da cultura surda, além da presença da língua de sinais (KARNOPP, 2006). A literatura surda é expressada também na forma de poesia, história de surdos, piadas, literatura, contos, lendas e outras manifestações da cultura. A literatura surda representa as produções dos surdos.

Assim como é difícil fazer um conceito de Literatura em geral, também não há uma definição única para Literatura Surda. Ela envolve representações produzidas por surdos, onde se produzem significados partilhados em forma de discurso – sem eles, não há representação surda. Os significados são modificados dentro do círculo da cultura e o sujeito não cria sozinho a cultura, já que sempre há o coletivo produzindo significados (MOURÃO, 2011, p. 2).

A literatura surda, além de cumprir seu papel dentro da arte – o prazer da leitura –, pode ser utilizada como um recurso importante para a Educação de Surdos, ocupando um espaço fundamental para a construção de identidades surdas, juntamente com outros artefatos culturais que remetem à experiência visual.

FONTE: DALL'ALBA, C.; STUMPF, M. Literatura surda: Contribuições linguísticas para alunos surdos, os sujeitos da experiência visual na área da educação. *Leia Escola*, Campina Grande, v. 17, n. 1, 2017. Disponível em: <revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/Leia/article/download/851/500>. Acesso em: 29 mar. 2019.

RESUMO DO TÓPICO 3

Neste tópico, você aprendeu que:

- A concepção de língua influencia o modo de se conceber gramática. Essas concepções, por sua vez, orientam a maneira de como entender os processos de ensino e aprendizagem. Desse modo, certas concepções podem excluir o uso linguístico, privilegiando as regras internas da língua, outras, porém, podem aproveitar os dados das interações comunicativas para repensar a gramática da língua.
- Há pelo menos três concepções mais conhecidas e difundidas: a língua como expressão do pensamento, que implicaria numa gramática prescritiva, para a qual faz-se compêndios cujas regras devem ser levadas à risca; a língua como instrumento de comunicação, cuja gramática é descritiva em que se prioriza o conhecimento sobre o funcionamento da língua; a língua como processo de interação verbal no centro do qual uma gramática internalizada estaria atuando na construção da significação.
- Muitos surdos e alguns intérpretes, dentre eles Guitteny (2006), acreditam que os sinalizantes possuem um pensamento exclusivamente visual. Entretanto, essa afirmação é fruto da confusão de associar a modalidade visual dessa língua a um tipo de representação mental. Esquece-se, portanto, que a língua não é composta somente por elementos icônicos e que nem todas as sequências textuais exploram esse aspecto.
- De acordo com Franchi (1991), uma gramática é o estudo das condições linguísticas de significação, portanto, o estudo de uma gramática reflexiva em Libras precisa levar em conta o saber necessário para empreender um discurso sinalizado, o saber agir nos diferentes contextos de enunciação, o saber fazer, ou seja, como organizar textualmente um discurso e o saber interagir em que se pese a adequação do discurso aos receptores e ao propósito comunicativo.
- A criatividade discursiva em Libras consiste no fato de apresentar inovações de uso para cumprir um objetivo comunicativo. Mas isso não é feito de qualquer modo, pois há de se atentar para a aceitabilidade de determinadas inovações, de modo que os perceptores possam compreender a informação. Assim, é possível criar novas sentenças pela transformação de determinados aspectos de sinais ou usos já estabilizados, a fim de ampliar o sentido do que já está, cognitivamente, dado.
- Com o advento da internet e das novas tecnologias, o comportamento e as trocas sociais mudaram drasticamente. O surdo pode, mais facilmente, expressar-se e interagir em língua de sinais. Também lhe é oferecida mais acessibilidade a conteúdos diversos em Libras por meio de aplicativos e redes sociais. Esses recursos servem como fontes de pesquisa sobre o funcionamento da Libras.



- 1 Visualize o vídeo que explica sobre as barragens de rejeitos, associando, em fotos ou vídeo, os sinais às palavras listadas a seguir, informe LX para unidades lexicais e CM para construções metonímicas com classificadores:



Barragem
Morte
Negociar
Ver
Material
Doença
Rejeitos
Guardar
Mineração
Rompimento
Saber
Água

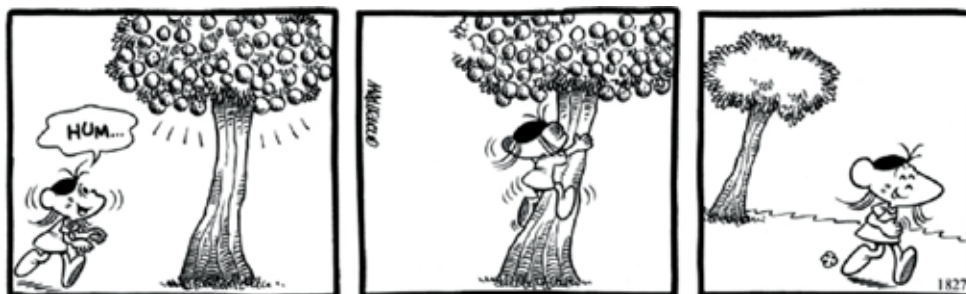
FONTE: <http://tvines.org.br/?page_id=15847>. Acesso em: 5 mar. 2019.

- 2 Coloque em prática alguns aspectos estudados, realizando filmagens das seguintes atividades práticas:

- a) Soleturação de 10 palavras aleatórias:



b) Narração da imagem a seguir:



FONTE: <<http://turmadamonica.uol.com.br/tirinhas/index.php?a=45>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

c) identificação na sequência de: 1 transferência de forma, 1 incorporação, 1 mesclagem de transferências e forma e movimento (com configurações metonímicas), dizendo qual referente e qual processo está sendo descrito.



FONTE: <<https://youtu.be/4PeYpRbg18Y>>. Acesso em: 5 mar. 2019.

d) Na seção 6 do Tópico 2 foram apresentados alguns elementos importantes a considerar na descrição de eventos, oportunidade em que citamos a metamorfose da borboleta. Dispondo das informações fornecidas, faça um vídeo descrevendo todo o processo do ciclo apresentado na Figura 34.

FIGURA – METAMORFOSE DA BORBOLETA



FONTE: <<https://slideplayer.com.br/slide/12687455/>>. Acesso em: 6 fev. 2019.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, A. M. **Introdução à semântica**. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2011.

AIKHENVALD, A. Y. **Classifiers: a typology of noun categorization devices**. Oxford: Oxford University Press, 2000.

ALBRES, N. A. Integração entre metáfora, metonímia e iconicidade: estudos da linguística cognitiva. *In*: ALBRES, N. A.; XAVIER, A. N. (Org.). **Libras em estudo: descrição e análise**. São Paulo: FENEIS, 2012.

ALLAN, K. **Natural language semantics**. Oxford: Blackwell Publishers, 2001.

ALLAN, K. Classifiers. *In*: **Language**, Baltimore, v. 53, n. 2, p. 285-311, jun. 1977.

ANCHIETA, E. V. B. **Incorporação e partição do corpo: o espaço sub-rogado no discurso narrativo de uma tradução de literatura infantil do Português para a Libras**. Dissertação em Linguística, Florianópolis, 2017.

ARAÚJO, P. J. P. Uma linguística de línguas orais e sinalizadas. **Letras Raras**, v. 5, ano 5, n. 1, 2016.

ARAÚJO, M. N. O. **O espaço em Libras**. Tese de Doutorado em Linguística, UNB Brasília, 2016.

ARNHEIM, R. **La pensée visuelle**. Paris: Champs – Flammarion, 1997.

AURÉLIO. **Dicionário do Aurélio Online**. 2018. Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com/imagetico>. Acesso em: 29 mar. 2019.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. *In*: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.

BARROS, T. do P. **Experiência de tradução poética de Português/Libras: três poemas de Drummond**. Dissertação de mestrado, 2015. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/19313/1/2015_ThatianeDoPradoBarros.pdf. Acesso em: 7 mar. 2019.

BERNARDINO, E. L. A. O uso de classificadores na Língua de Sinais Brasileira. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, v. 10, n. 19, 2012.

BIRDWHISTELL, R. L. **Kinesics and context: essays on body motion communication**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1970.

BIRDWHISTELL, R. L. **Introduction to kinesics**: an annotation system for analysis of body motion and gesture. Washington, DC: Department of State, Foreign Service Institute, 1952.

BOLGUERONI, T.; VIOTTI, E. Referência nominal em língua de sinais brasileira (Libras). **Todas as letras**, v. 15, n. 1, p. 17-50, 2013.

BONNET, C. La perception visuelle des formes. In: **Traité de psychologie cognitive**, v. 1, Perception, Langage, Paris: Dunod, 1989.

BRANDÃO, A. P. A incorporação de nomes e classificadores em Paresi-Haliti (Aruák). **Revista Línguas Indígenas Americanas – LIAME**, v. 16, n. 2, 2016, p. 271-283. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/liames/article/view/8646341/pdf>. Acesso em: 22 mar. 2019.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN**. Brasília-DF: Secretaria de Educação Básica – MEC, 1998.

BUENO, J. M. **Psicomotricidade**: teoria e prática: estimulação, educação e reeducação psicomotora com atividades aquáticas. São Paulo: Lovise, 1998.

CAMPELLO, A. R. **Pedagogia Visual na educação dos surdos**. 2008. Tese doutorado em Educação. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

CÂNDIDO, G. V. Propriedades de sistemas de classificadores numéricos em algumas línguas do mundo. **SIGNÓTICA**, v. 15, n. 2, p. 195-222, jul./dez. 2003.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MAURICIO, A. C. **Novo DEIT-Libras**: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira. V. 1 e 2. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2013.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. **Dicionário enciclopédico ilustrado trilíngue da língua de sinais brasileira**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

CARNEIRO, B. G. Corpo e classificadores nas línguas de sinais. **Revista Sinalizar**, v. 1, n. 2, p. 118-129, jul./dez. 2016.

CARNEIRO, B. G. **A concepção de evento em construções representativas na língua de sinais brasileira**. Dissertação de mestrado em Estudos Linguísticos, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás, Goiânia – GO, 2012.

CARNEIRO, B. G.; OLIVEIRA, C. C. O evento e o estado dos participantes na língua brasileira de sinais. **Via Litterae**, Anápolis, v. 9, n. 1, p. 41-58, jan./jun. 2017.

CHOMSKY, N. **Aspects of theory of syntax**. Cambridge: MIT Press, 1965.

CHOMSKY, N. **Syntactic structures**. The Hague: Mouton, 1957.

CORREA, R. B. S. **A complementaridade entre língua e gestos nas narrativas de sujeitos surdos**. Dissertação de mestrado em Psicolinguística, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis – SC, 2007.

CRAIG, C. (Org.). **Noun classes and categorization**. Amsterdam: John Benjamins, 1986.

CUXAC, C. Les langues des signes: analyseurs de la faculté de langage, *In: Acquisition et interaction en langue étrangère*, n. 15, 2001, dez. 2005. Disponível em: <http://aile.revues.org/536>. Acesso em: 11 fev. 2019.

CUXAC, C. La langue des signes française. Les voies de l'iconicité. *In: Faits de Langues* 15/16, Paris: Éditions Ophrys, 2000.

CUXAC, C. Iconicité des Langues des Signes. *In: Faits de langues*, Motivation et iconicité, n. 1, Mars 1993. p. 47-56.

CUXAC, C. Esquisse d'une typologie des Langues des Signes. **Journée d'études**, n. 10, 4 junho 1983. Université René Descartes, Paris, p. 35-60, 1985.

DALL'ALBA, C.; STUMPF, M. Literatura surda: contribuições linguísticas para alunos surdos, os sujeitos da experiência visual na área da educação. **Leia Escola**, Campina Grande, v. 17, n. 1, 2017. Disponível em: revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/Leia/article/download/851/500. Acesso em: 29 mar. 2019.

DELAPORTE Y. Des noms silencieux. Le système anthroponymique des sourds français. *In: L'Homme*, 1998, tome 38, n. 146, p. 7-45.

DENNY, J. The Semantic role of noun classifiers. *In: CRAIG, C. (Org.). Noun classes and categorization*. Amsterdam: John Benjamins, 1986. p. 297-308.

DICKEL, M. T. Matemática e ilusão de óptica: construções com o geogebra. Trabalho de conclusão de curso. Centro de Ciências Naturais e Exatas e Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2015.

DIXON, R. M. W. Noun classes and noun classification in typological perspective. *In: CRAIG, C. (org.). Noun classes and categorization*. Amsterdam: John Benjamins, 1986, p. 105-112.

DIXON, R. M. W. Nominal classification. *In: DIXON, R. M. W. Where have all the adjectives gone? – and other essays in Semantics and Syntax*. Berlin: Mouton, 1982. p. 157-233.

- DOWNING, P. The anaphoric use of classifiers in Japanese. In: CRAIG, C. (Org.). **Noun classes and categorization**. Amsterdam: John Benjamins, 1986, p. 345-375.
- DUDIS, P. Tipos de representação em ASL. In: QUADROS, R. M.; VASCONCELLOS, M. L. B. (Orgs). **Questões teóricas das pesquisas em línguas de sinais**. Petrópolis: Editora Arara-azul, 2008, p. 159-190.
- DUQUE, P. H. Discurso e cognição: uma abordagem baseada em frames. **Revista da Anpoll**, n. 39, p. 25-48, Florianópolis, jul./ago. 2015.
- DWORCZAK, F. **Neurosciences de l'éducation**: Cerveau et apprentissage. Paris: L'Harmattan, 2004.
- EBERHARD, D. M. Os classificadores nominais da língua mamaindê. **SIL, in progress**, 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/285206609_Os_Classificadores_Nominais_da_Lingua_Mamainde. Acesso em: 18 jan. 2019.
- ECO, U. **Tratado de semiótica geral**. Tradução: Antonio de Pádua Danesi e Gilson César Cardoso. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1976.
- EFRON, D. **Gesture and Environment**. Morningside Heights, NY: King's Crown Press, 1941.
- EPPS, P. O nascimento de um sistema de classificação nominal. **ReVEL**, Edição especial n. 3, 2009.
- EMMOREY, K. (1999) Do Signers Gesture? In: MESSING, L; CAMPBELL, R. **Gesture, speech and sign**. Oxford University Press, 1999.
- ENGBERG-PEDERSEN, E. From pointing to reference and predication: pointing signs, eyegaze, and head and body orientation in Danish Sign Language. In: KITA, S. (ed.), **Pointing**: where language, culture, and cognition meet, 269-92. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 2003.
- ENGBERG-PEDERSEN, E. **Space in danish sign language**: the semantics and morphosyntac of the use of space in a visual language. Hamburg: Signum Verlag, 1993.
- FARIA DO NASCIMENTO, S. P. de. **Representações lexicais da língua de sinais brasileira**: uma proposta lexicográfica. Brasília: UnB/ Instituto de Letras, Departamento de linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP, 2009.
- FAUCONNIER, G. **Mappings in thought and language**. New York and Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- FAUCONNIER, G.; TURNER, M. Blending as a central process of grammar. In: GOLDBERG,

A. **Conceptual structure, discourse and language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996, p. 113-129.

FELIPE, T. A. Sistema de flexão verbal na Libras: Os classificadores enquanto marcadores de flexão de gênero. **Libras em Contexto: curso básico: livro do estudante**. 8. ed. Rio de Janeiro: WalPrint Gráfica e Editora, 2007, p. 1-16.

FELIPE, T. A. Sistema de flexão verbal na Libras: os classificadores enquanto marcadores de flexão de gênero. **Anais... do Congresso Surdez e Pós-Modernidade: novos rumos para a educação brasileira**. Rio de Janeiro: INES, Divisão de estudos e Pesquisas, p. 37-58. 2002.

FERNANDES, J. D. C. Introdução à semiótica. *In*: ALDRIGUE, A. C. de S.; LEITE, J. E. R. (Org.). **Linguagens: usos e reflexões**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011, v. 8, p. 159- 185. Disponível em: www.cchla.ufpb.br/clv/images/docs/modulos/p8/p8_4.pdf. Acesso em: 11 mar. 2015.

FERRARI, L. O que é a linguística cognitiva? *In*: FERRARI, L. **Introdução à linguística cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2014, p. 13-30.

FERREIRA-BRITO, L.; LANGEVIN, R. Sistema Ferreira-Brito e Langevin de Transcrição de Sinais. *In*: FERREIRA-BRITO, L. **Por uma gramática das línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

FERREIRA-BRITO, L. **Por uma gramática das línguas de sinais**. Tempo Brasileiro. UFRJ. Rio de Janeiro, 1995.

FERREIRA, G. A. **Um estudo sobre os verbos manuais da língua de sinais brasileira**. Tese Doutorado em Linguística, Brasília, UNB, 2013.

FONSECA, V. da. **Psicomotricidade: filogênese, ontogênese e retrogênese**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

FRANCHI, C. Linguagem – atividade constitutiva. **Revista do GEL**, número especial, 50º Seminário em memória de Carlos Franchi (1932-2001). São Paulo: Contexto, 2002 [1977].

FRANCHI, C. **Criatividade e gramática**. São Paulo: SE/Cenp, 1991.

FUSELLIER-SOUZA, I. La création gestuelle des individus sourds isolés, **Acquisition et interaction em langue étrangère** [En ligne], 15, 2001.

FUSELLIER-SOUZA, I. Création et développement du langage gestuel chez les personnes sourdes en situation d'isolement. *In*: **Actes du Colloque de la Journée d'Études sur la LSF** du 19 nov. 1999. Université du Mirail, Toulouse.

GEBERT, A. Le développement de la pensée visuelle chez l'apprenant entendant dans um cours de LSF. **MOARA** – Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras, n. 45, p. 18-31, 2016.

GERALDI, J. W. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1984.

GOLDIN-MEADOW, S.; BUTCHER, C. Pointing toward two-word speech in young children. In: KITA, S. (Ed.). **Pointing: where language, culture, and cognition meet**. Hillsdale NJ: Erlbaum, 2003.

GOLDIN-MEADOW, S. **Hearing Gesture: how our hands help us think**. Belknap Press of Harvard University Press, 2003.

GOLDIN-MEADOW, S. Semantic relations in a manual language created by deaf children of hearing parentes. **Presented at the Conference on Sign Language and Neurolinguistics**, Rochester, NY, set. 1976.

GOLDIN-MEADOW, S. When does gesture become language? A study of gesture used as a primary communication system by deaf children of hearing parents. *In: Gibson, Kathleen Rita Ingold, Tim (Eds.). **Tools, language and cognition in human evolution**, 63-85. Cambridge Univ. Pr, Cambridge, 1991.*

GOLDIN-MEADOW, S. Spontaneous communication systems in Chinese and American deaf children. **Address presented to the Academia Sinica**, Taipei, Taiwan, jul. 1994.

GOLDIN-MEADOW, S. When does gesture become language? A study of gesture used as a primary communication system by deaf children. **Paper presented at a conference sponsored by the Wenner-Gren Foundation for Anthropological Research, Tools, Language and Intelligence: Evolutionary Implications**, Cascais, Portugal, mar. 1999a.

GOLDIN-MEADOW, S.; FELDMAN, H. The development of language-like communication without a language model. **Science**, v. 197, p. 401-3, 1977.

GONÇALVES, L. A. de A.; BARONAS, J. E. de A. Concepções de linguagem: gramática de língua portuguesa e ensino de língua materna. **Entretextos**, Londrina, v. 13, n. 2, p. 243-265, jul./dez. 2013.

GRINEVALD, C. Typologie des systèmes de classification nominale. In: **Faits de langues**, La catégorisation dans les langues, n.14, Octobre 1999. p. 101-122.

GUITTENY, P. **Le passif en langue des signes**. Linguística. Tese de Doutorado em Ciências e Tecnologia. Universidade Michel de Montaigne – Bordeaux III, 2006.

GUITTENY, P. Langue des signes et schémas. **TAL**, v. 48, n. 2, 2004, p. 205- 229.

HICKOK, G.; BELLUGI, U.; KLIMA, E. How does the human brain process language? New studies of deaf signers hint at an answer. In: **Scientific American**: INC, edição especial, out. 2002.

HOIJER, H. Navajo Phonology. University of New Mexico Publications. **Anthropology 1**. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1945.

JOHNSTON, T.; SCHEMBRI, A. **Australian Sign Language**: an introduction to sign language linguistics. Cambridge University Press, 2007.

KANEKO, M.; MESCH, J. Eyegaze in Creative Sign Language. **Sign Language Studies**. V. 13:3, 2013.

KAPITANIUK, R. B. S. Cognição, cultura e funções sógnicas: uma análise da mediação semiótica no desenvolvimento histórico, social e linguístico do sujeito surdo. In: **Ciências & Cognição**, 2011, v. 16, n. 2, p. 50-64. Disponível em: <http://www.cienciasecognicao.org>. Acesso em: 10 fev. 2019.

KENDON, A. Gesticulation and speech: two aspects of the process of utterance. In: M. R. Key (Ed.). **The Relationship of Verbal and Nonverbal Communication**, p. 207-227. The Hague: Mouton and Co, 1980.

KENDON, A. Some relationships between body motion and speech. In: A. Siegman & B. Pope (Eds.). **Studies in Dyadic Communication**, p. 177-210. New York: Pergamon Press, 1972.

KLIMA, E. & BELLUGI, U. **The signs of language**. Cambridge: Harvard University Press, 1979.

KOCK, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

KÖHLER, W. **Gestalt psychology**. New York: Liveright, 1947.

LAKOFF, G. Classifiers as a reflection of mind. In: CRAIG, C. (Org.). **Noun classes and categorization**. Amsterdam: John Benjamins, 1986, p. 12-51.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. University of Chicago Press, 1980.

LANGACKER, R. W. **Foundations of Cognitive Grammar**, 2 v. Stanford, CA: Stanford University Press, 1987.

LEITE, T. A. **A segmentação da língua de sinais brasileira (Libras)**: um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos. 2008. 280f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade São Paulo, São Paulo, 2008.

LEITE, T. A.; MCCLEARY, L. Estudo em diário: fatores complicadores e facilitadores no processo de aprendizagem da Língua de Sinais Brasileira por um adulto ouvinte. *In*: QUADROS, R. M.; STUMPF, M. R. **Estudos Surdos IV**. Petrópolis: Arara Azul, 2009.

LIDDELL, S. K. **Grammar, gesture and meaning in American Sign Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

LIDDELL, S. K. Indicating verbs and pronouns: Pointing away from agreement. *In*: EMMOREY, K.; LANE, H. (Orgs.). **The signs of language revisited: an anthology to honor Ursulla Bellugi and Edward Klima**. Mahway, N. J.: Erlbaum, 2000, p. 303-320.

LIDDELL, S. K. Spatial representations in discourse: comparing spoken and signed language. *Lingua*. v. 98, p. 145-167, 1996.

LIDDELL, S. Real, Surrogate, and Token Space: Grammatical Consequences in ASL. *In*: EMMOREY, K.; REILY, J. (org.) **Language, gesture and space**. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.. 1995, p. 19-42.

LIDDELL, S. K. Four Functions of a Locus: Re-examining the Structure of Space in ASL. *In*: LUCAS, C. (ed.): **Sign language research: theoretical issues**. Washington DC: Gallaudet University Press. 1990, p. 199-218.

LIMA, G. A. B. de O. Modelos de categorização: apresentando o modelo clássico e o modelo de protótipos. **Perspectiva em ciência**, Belo Horizonte, inf. v. 15 n. 2, maio/ago. 2010.

LUCCHI, M. **Interpretação de descrições imagéticas da Libras para a língua portuguesa**. Florianópolis: DIOESC, 2017.

LURIA, A. R. **Pensamento e linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

MARCOVICH, A.; SHINN, T. Estrutura e função das imagens na ciência e na arte: entre a síntese e o holismo da forma, da força e da perturbação. **Scientiae studia**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 229-65, 2011.

MATÊNCIO, M. L. **Leitura, produção de texto e a escola**: reflexões sobre o processo de letramento. Campinas: Autores Associados, 1994.

MCCLEARY, L.; VIOTTI, E. Língua e gesto em línguas sinalizadas. **Veredas**. Juiz de Fora, v. 1, p. 289-304, 2011. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2011/05/ARTIGO-212.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2019.

MCNEILL, D. **Thought, imagery and language**: how gestures fuel thought and speech. Chicago: University of Chicago Press, 2005.

MCNEILL, D. **Hand and mind**: what gestures reveal about thought. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

MEIER, R. P. Why different, why the same? Explaining effects and non-effects of modality upon linguistics structure in sign and speech. In: MEIER, R. P.; CORMIER, K.; QUINTO-POZOS, D. **Modality and structure in signed and spoken languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

MEIER, R. P.; KEARSY, C.; QUINTO-POZOS, D. (eds.). **Modality and structure in signed and spoken languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

MEIER, R. P.; KEARSY, C.; QUINTO-POZOS, D. (Eds.). **Modality and structure in signed and spoken languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

MÉNAGER, S. **La place de la pensée visuelle pour l'interprétation français ✱ LSF**: retour sur une évidence. Dissertação de Mestrado em Ciências Humanas da Universidade de Universidade de Lille III, 2016.

MERCIER, H. Modélisation et suivi des déformations faciales: applications à la description des expressions du visage dans le contexte de la langue des signes. **Interface homme-machine** [cs.HC]. Université Paul Sabatier – Toulouse III, 2007.

MEYER, P. **L'oeil et le cerveau**. Paris: Idile Jacob, 1997.

MORENO-SILVA, F. A proposal for the study of perception: around the cognitive semiotics. **Alfa**, São Paulo, v. 59, n. 3, p. 471-500, 2015.

MOURA, H. M. M. Análise crítica do artigo criatividade e gramática de Carlos Franchi. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 22, jan./jun., 1992, p. 97-107.

NEVES, S. L. G. **Um estudo dos recursos didáticos nas aulas de língua brasileira de sinais para ouvintes**. Dissertação de mestrado em Educação da UNIMEP: Piracicaba, 2011.

NOVAK, P. **A política do corpo**. Texto apresentado no V Encontro de Performance do Instituto Hemisférico. Belo Horizonte. 2005.

ÖSTLING, R.; BÖRSTELL, B.; COURTAUX, S. Visual Iconicity Across Sign Languages: Large-Scale Automated Video Analysis of Iconic Articulators and Locations. **Front Psychol.** 2018, v. 9, n. 725. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5962887/>. Acesso em: 22 mar. 2019.

PEIRCE, C. S. **Semiótica e filosofia**. Seleção e tradução de: Octanny Silveira da Mota e Leônidas Hegenberg. São Paulo: Editora Cultrix, 1995.

PEIRCE, C. S. **Collected Papers Charles Sanders Peirce**. Ed. por: HARTSHORNE C.; WEISS, P. (V. 1-6); BURKS, A. (v. 7-8). Cambridge, MA: Harvard University Press, 1931-58. 8 v.

PIAGET, J. **A linguagem e o pensamento da criança**. Trad. de Manuel Campos. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

PIZZIO, A. L. *et al.* **Língua brasileira de sinais III**. Material didático do curso de Letras LIBRAS a distância. (Revisado). Florianópolis: UFSC, 2009.

POINTURIER-POURNIN, Sophie. **L'interprétation en Langue des Signes Française: contraintes, tactiques, efforts**. Linguistique. Université Paris 3 - Sorbonne Nouvelle, Thèse de doctorat en traductologie, 2014. Disponível em: <https://tel.archives-ouvertes.fr/tel-01077924/document>. Acesso em: 10 nov. 2018.

QUADROS, R. M de. **Educação de surdos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. **Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos**. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

QUADROS, R. M.; SOUZA, S. X de. Aspectos da tradução/encenação na Língua de Sinais Brasileira para um ambiente virtual de ensino: práticas tradutórias do curso de Letras Libras. In: QUADROS, R. M.; SOUZA, S. X de. (org.). **Estudos Surdos III – Petrópolis, RJ : Arara Azul. 2008, p.168-207**

QUADROS, R. M. de; PIZZIO, A. L.; REZENDE, P. L. F. **Língua Brasileira de Sinais II**. Material didático do curso de Letras LIBRAS a distancia. (Revisado), Florianópolis: UFSC, 2009b.

QUER, J.; STEINBACH, M. Ambiguities in sign languages. **The Linguistic Review** 2015; 32(1): 143-165.

ROSCH, E. Human categorization. *In*: N. WARREN (Ed.). **Advances in Cross-Cultural Psychology**. New York: Academic Press, I, 1-49, 1977.

SALLANDRE, M-A. **Compositionnalité des unités sémantiques en langues des signes**. Perspective typologique et développementale. Trabalho como requisito para se tornar orientadora em Linguística. Universidade Paris 8, 2014.

RAMOS, B. **O uso de transferências em narrativas produzidas em língua brasileira de sinais**. Dissertação de Mestrado. Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Florianópolis: UFSC, 2017.

RECTOR, M.; TRINTA, A. **Comunicação não verbal: a gestualidade brasileira**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1985.

REHG, K. **Ponapean reference grammar**. Honolulu: University of Hawaii Press, 1981.

RINFRET, J. **L'association spatiale du nom en langue des signes québécoise: formes, fonctions et sens**", tese de doutorado, Linguística. Montréal: UQAM, janvier, 2009.

RISLER, A. Parenthèses et ruptures énonciatives en langue des signes française. **Discours** [En ligne], 14 | 2014, mis en ligne le 16 septembre 2014, consulté le 30 décembre 2018.

RIZZOLO, R. J. C.; MADEIRA, M. C. **Anatomia facial com fundamentos de anatomia geral**. 5. ed. São Paulo: Editora Sarvier, 2016.

SALLANDRE, M-A. **Compositionnalité des unités sémantiques en langues des signes**. Perspective typologique et développementale. Trabalho como requisito para se tornar orientadora em Linguística. Universidade Paris 8, 2014.

SALLANDRE, M-A. **Les unités du discours en Langue des Signes Française**. Tentative de catégorisation dans le cadre d'une grammaire de l'iconicité. Tese de Doutorado em Linguística. Universidade Paris VIII, Vincennes-Saint Denis, 2003.

SALLANDRE, M-A. (2001). Va et vient de l'iconicité en langue des signes française. **Acquisition et interaction en langue étrangère**, 15. Disponível em: <http://aile.revues.org/1405>. Acesso em: 7 mar. 2019.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. Trad. Bras. Antonio Chelini *et al.* 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHEMBRI, Adam. Rethinking 'Classifiers' in Signed Languages. *In*: EMMOREY, K. **Perspectives on classifier constructions in sign languages**. London: Lawrence Erlbaum Associates, 2003.

SCHWALTZ, M. **Classificadores nominais chineses: uma abordagem semântico-cognitiva experiencialista**. Dissertação de Mestrado em Estudos da Linguagem (Aquisição de Linguagem): Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

SÉRO-GUILLAUME, P. **Langue des signes, surdit  & acc s au langage**. Editons du Papyrus, p. 202, 2008.

SIGNIFICADO. Dicionário online. **Iconografia**. 2019. Disponível em: <https://www.significados.com.br/iconografia/>. Acesso em: 29 mar. 2019.

SIMIÃO, J. D (org.). **Grava o de materiais em Libras na SEDIS/UFRN**. Natal: EDUFRN, 2017.

SLOBIN, D. I. **Psicolinguística**. Traduzido por Rossine Sales Fernandes. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.

SLOBIN *et al.* A cognitive/functional perspective on the acquisition of "classifiers". *In*: EMMOREY, K. (ed.), **Perspective on classifier constructions in sign languages**. Lawrence Erlbaum Assoc. p. 271-296, 2002.

STERNBERG, R. J. **Psicologia Cognitiva**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

STOKOE, W. **Sign and culture: a reader for students of american sign language**. Silver Spring, MD: Listok Press, 1960.

STUMPF, M. R. **Educação de Surdos e Novas Tecnologias**. Texto-base do curso de Letras-Libras, 2010.

SUPALLA, Ted. The classifier system in American Sign Language. *In: CRAIG, C. Typological studies in language: noun classes and categorization*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamin Publishing Company, 1986.

SUPALLA, T. **Structure and acquisition of verbs of motion and location in American Sign Language**. Dissertação de mestrado. University of California, San Diego, La Jolla, CA, 1982.

SUTTON-SPENCE, R.; WOLL, B. **The linguistics of BSL: an introduction**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

TAI, J.; CHAO, F. A semantic study of the classifier zhang. **Journal of the Chinese Language Teachers Association**, Hawaii, v. 29, n. 3, p. 67-78, 1994.

TAI, J.; CHAO, F. A semantic study of the classifier tiao. **Journal of the Chinese Language Teachers Association**, Hawaii, v. 25, n. 1, p. 35-56, 1990.

TALMY, L. **Toward a cognitive semantics**. Cambridge, MA: MIT Press, 2000.

TALMY, L. The representation of spatial structure in spoken and signed language. *In: EMMOREY, K. (Eds.), Perspectives on classifier constructions in sign language* (pp. 169-195). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 2003.

TANG, G.; SZE, F. Y. B. Nominal expressions in Hong Kong sign language: does modality make a difference. *In: MEIER, K.; CORMIER, K.; QUINTO-POZOS, D. Modality and structure in signed and spoken languages*, p. 296-319. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

TEIXEIRA, P. S. **Construções imagéticas: ensaios da relação espaço-tempo na imagem fixa**. Tese de Doutorado. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Belas Artes no domínio do Design da Imagem, 2014.

TRAVAGLIA, L. C. A gramática na escola / Língua Portuguesa: o ensino de gramática. **Salto para o Futuro – Boletim**, v. 3, p. 73-97, 2007.

TRAVAGLIA, L. C. Tipologias textuais literárias e lingüísticas. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 146-158, 2004a.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. São Paulo: Cortez, 1996.

TV INES. A história das coisas - DNA. 2006. Disponível em: http://tvines.org.br/?page_id=12. Acesso em: 26 jul. 2018.

VOGHEL, A. **Le système des verbes a classificateur de la Langue des Signes Québécoise**. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Linguística. Universidade de Montreal, Quebec/CA, 2016.

WATSON, J. B. **Psychology from the standpoint of a behaviorist**. Philadelphia, PA: J. B. Lippincott, 1929.

WERTHEIMER, M. **Gestalt theory**. In: ELLIS, W. D. (Condensador e tradutor). **A source book of Gestalt psychology** (p. 1-11). London: Routledge & Kegan Paul, 1938a.

WERTHEIMER, M. Laws of organization in perceptual forms. In: ELLIS, W. D. (Condensador e tradutor). **A source book of Gestalt psychology** (p. 71-88). London: Routledge & Kegan Paul, 1938b.